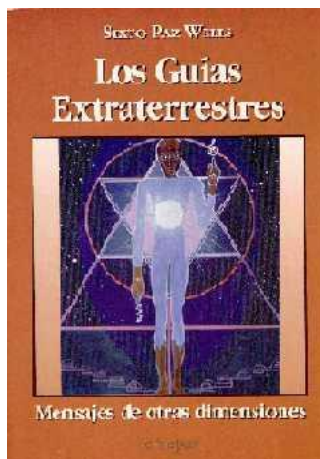


OS GUIAS EXTRATERRESTRES



SIXTO PAZ WELLS

Este livro foi passado para o formato digital para facilitar a difusão e com o propósito de que, assim como você o recebeu, possa fazê-lo chegar a alguém mais.

HERNÁN



Para baixar da Internet:

"ELEVEN" – Biblioteca do Novo Tempo Rosario – Argentina

Anexado ao diretório promineo: www.promineo.gq.nu

Livros de Luz: <http://librosdeluz.tripod.com>

Tradução e revisão: Edemilson Mendes – men.design@hotmail.com

ÍNDICE

CAPÍTULO I

De Astrônomo aficionado a eminente Ovniologista.

CAPÍTULO II

O Projeto OZMA e os Sons do Espaço.

CAPÍTULO III

O Avistamento que confirmaria tudo.

CAPÍTULO IV

Retomando a Marcha: O Caso Belevan.

CAPÍTULO V

O Umbral do Tempo: Os Xendras.

CAPÍTULO VI

Os Cristais Piramidais de Césio e o Conselho dos 24 Anciãos.

CAPÍTULO VII

Os Nomes Cósmicos.

CAPÍTULO VIII

O Contato Físico.

CAPÍTULO IX

A Primeira Viagem a Marcahuasi: Revelações Incríveis.

CAPÍTULO X

O Governo Interno Positivo do Planeta.

CAPÍTULO XI

O Guardião da Caverna.

CAPÍTULO XII

O jornalistas da Agência E.F.E.

CAPÍTULO XIII

O Mistério das Pedras Gravadas de Ica.

CAPÍTULO XIV

O Testemuno de Benítez.

CAPÍTULO XV

Só Se Dá Valor Ao Que Se Perde.

CAPÍTULO XVI

As Comunicações do Novo Tempo.

CAPÍTULO XVII

Objetivo Sillarhuasi.

CAPÍTULO XVIII

A Décima Chamada de ANRRROM.

EPÍLOGO

RESUMO CRONOLÓGICO DO CONTATO EXTRATERRESTRE E SEUS ANTECEDENTES.

DICIONÁRIO RAMA.

PRÓLOGO

Hoje em dia é comum escutar e ler nos meios de comunicação, notícias sobre estranhos relatos de supostos avistamentos e contatos com objetos voadores, que desafiam as leis da física conhecida, tripulados a maioria das vezes por seres de aparência humanóide. Isto, que ao princípio não conseguiu mais do que a indiferença dos cientistas que deduziam de imediato que tais versões procediam de ilusões, histeria coletiva, sugestão ou falsos testemunhos hoje vão se convertendo no problema número um que preocupa os governos, os sociólogos, os psicólogos, os teólogos e às pessoas comuns.

A presença dos Ovnis no céu ao longo de todas as épocas da humanidade, sugere ao homem, exceto a razão do mito de sua solidão no Universo construído por sua própria soberba, a possibilidade do contato desde que enfrente, por sua vez, o temor e os interesses criados.

A proximidade em um futuro próximo com a realidade palpável da pluralidade de mundos habitados, nos permitirá redescobrir nossa própria identidade e, por que não, reestruturar a própria história sem esquemas nem prejuízos para superar definitivamente a ignorância.

Este livro trata de um novo contato com seres extraterrestres e das razões, até agora expressas superficialmente, de sua presença na Terra. O narrado aqui não é um caso isolado nem é o caso mais importante que se conheça, porém, é o único que em nível mundial tem dado uma prova objetiva de sua veracidade, ao permitir a presença de jornalistas durante as experiências.

A notícia dos primeros encontros ocorridos no Peru em 1974 — e que foram vividos por um grupo de jovens, com idades que flutuavam entre os 14 e 18 anos — foi difundida por uma notícia da agência espanhola de notícias "EFE" datada de 22 de Agosto desse mesmo ano, sendo confirmada a informação pouco depois, ao ser convidados os jornalistas para um encontro marcado com antecipação no deserto de Chilca, a 60 quilômetros ao sul da cidade de Lima, encontro que culminou com o avistamento dos Ovnis à hora fixada previamente e que foi descrito contundentemente e com grande honestidade, em um livro publicado em

1975, por um daqueles jornalistas, Juan José Benitez, e que se intitula "Ovnis: S.O.S. à Humanidade" (Editorial Plaza & Janés, S.A. - Barcelona, España).

Como a informação de nossos contatos foi revelada inicialmente através do I.P.R.I. (Instituto Peruano de Relaciones Interplanetárias), os jornalistas assumiram que pertencíamos ao tal Instituto, pelo que aproveitaremos para fazer a distinção correspondente e depois, nos capítulos seguintes, ampliando.

Começarei por dizer que por intermédio da aproximação gradual que fomos conseguindo com base no trabalho de preparação a que nos submetemos, chegamos a saber que havia, atrás da experiência, toda uma maravilhosa e comprometida Missão, que identificaríamos como "Missão Rahma".

Missão Rahma é um grupo de contato, despertado por estímulo extraterrestre para apoiar o ser humano em seu momento crucial de provação e mudança. É, pois, um movimento que tem se mantido ao longo destes anos sem reconhecimento algum, nem existência institucional e que contém uma mensagem sem ser uma religião, que propõe uma mudança de atitude sem ser uma filosofia existencial. No entanto, requer que o que a ela chegue venha identificado e comprometido com sua própria religião e filosofia de vida. Somente assim o homem poderá por em ação todos os elementos que estimulem e que RAHMA lhe ajudará a recordar que sempre os tivemos, porém adormecidos, para que estes lhe sirvam como novos argumentos à disposição de seu serviço e integração com os demais.

Diferente do RAMA, o I.P.R.I. foi fundado por iniciativa de Carlos Paz García Corrochano, meu pai, no ano de 1955, sendo sua natureza de uma associação cultural e científica, reconhecida juridicamente, que surgiu com o propósito do crescente interesse que os Ovnis despertaram em nível científico no Peru. O Instituto se dedica a estudar e abarcar diversos campos como a Astronomia, a Exobiologia, a Parapsicologia etc. O único nexo que existe entre o I.P.R.I. e o RAMA pode-se notar então a simples vista, e que não é outro que o vínculo familiar, já que o Presidente do primeiro é o progenitor dos três jovens que iniciaram o contato. Além disso, ambos surgiram na mesma casa, porém em épocas distintas, guardando desde o início suas distâncias, porque apresentam enfoques diferentes de uma mesma realidade. O Instituto busca a demonstração e comprovação científica do fenômeno Ovni, enquanto que o RAMA o faz público sem esforçar-se por demonstrá-lo, porque consideramos que é uma realidade que se demonstra por si mesma, sendo apenas questão de tempo sua verificação.

RAMA sem uma organização aparente, sem locais nem as limitações próprias da institucionalização, se expandiu pelo mundo, repetindo-se em outros lugares as mesmas experiências vividas pelo grupo inicial, porém sem uma busca de proselitismo, porque neste os extraterrestres foram bem claros quando disseram' "Não buscamos quantidade de pessoas senão qualidade, e para isso, cada um está sujeito ao seu próprio processo de auto-seleção, no que não triunfa o que tem caminhado, senão o que persevera até o fim...

Na atualidade são poucas as pessoas que têm continuado a partir daquele primeiro grupo, porém, em contrapartida, os grupos têm proliferado ultrapassando as fronteiras que, neste momento, se contam em mais de 30 os países que têm grupos de contato Rama.

Não pretendo com este livro dar uma informação oficial e completa da Missão Rama, já que para achar esta, em sua totalidade, haveria que buscá-la no conjunto de todas as mensagens recebidas. Para muitos talvez não seja um relato inédito, porquanto é a mesma história que se vem repetindo durante estes anos, seja em jornais, revistas, conferências e entrevistas de televisão ou rádio. História, que como é evidente, se baseia em uma aproximação ou resumo do contato e de minha própria experiência como contatado, sem

mais detalhes dos que permitam o presente meio. Por isso, esta será a primeira vez que me estendo sobre pontos antes tocados superficialmente, e os dei a conhecer transcrevendo-lhes o mais fielmente possível.

Com respeito à informação Rama, o relato incluirá anexos de comunicações ou mensagens recebidas que complementarão enriquecendo o texto, lançando luz sobre temas por demais controvertidos, como aqueles que têm sido profetizados, porém mal interpretados, e que constituem grande preocupação para a humanidade.

Peço desculpas de antemão se em algumas passagens do texto prescindo do significado etimológico das palavras e as utilizo com liberdade, fazendo decomposições engenhosas e originais. Isto o farei somente para evitar que as limitações da linguagem possam impedir que chegue a expressar as exatas idéias, tal qual foram transmitidas pelos extraterrestres aos que nomearemos ao longo da narração como "Irmãos Maiores e Guias".

Finalmente, espero que o leitor encontre neste livro uma motivação para comprometer-se com seu despertar pessoal de consciência e com o papel que lhe corresponde, após refletir sobre o fato de que o Universo em nenhum momento tem sido alheio e indiferente ao destino da humanidade e menos agora, quando a Terra está a ponto de transformar-se irreversivelmente para bem, entrando em um terreno de trânsito até a Quarta Dimensão, a custa da destruição desta Civilização.

Com Amor Divino, O primeiro dos antigos, um servidor mais do caminho.

CAPÍTULO I

A sala de cirurgias havia se convertido em uma torrente de pessoas, o equipamento estava amontoado sobre as mesas dispostas em ambos os lados do paciente, que se debatia naqueles instantes, entre a vida e a morte. Fazia pouco tempo que o haviam trazido. Seu corpo, vítima de um acidente de moto, achava-se destroçado e ensangüentado. As possibilidades de salvar-lhe a vida tornavam-se, com o transcorrer dos minutos, cada vez mais remotas.

Os frascos de soro haviam se acumulado exageradamente na medida em que havia transcorrido a operação, esta duraria, ainda, várias horas antes que se pudesse lançar um mínimo de esperança, enquanto, na cozinha, os parentes eram reféns dos nervos e do desconsolo.

O que havia sido até esse momento um jovem invejado por sua posição e fortuna, assim como de seu apego aos outros, nesse momento não era mais que um despojo humano, irreconhecível, sujeito a lástima. Três longos meses esteve em estado de coma. Seus amigos de festas e aventuras lamentavam sua ausência, já não tinha ele nem a saúde, nem o dinheiro que o havia feito popular. A clínica, como é costume, cobraria de acordo com a categoria do paciente, no entanto, os negócios do acidentado quebrariam em pouco tempo, pois na ausência do arruinado dono, as obrigações assumidas e não pagas, trariam problemas.

Acima da desgraça, a recuperação foi mais que milagrosa e chegou então o momento de abandonar a clínica. Em seu rosto ainda se notavam os estragos dos golpes, os olhos que haviam ficado estrábicos — até posterior intervenção — se escondiam vergonhosamente atrás de óculos. A cabeça, coberta por uma tímida venda, ocultava o rapado crânio, no qual se haviam praticado mais de meia dezena de trepanações.

José Carlos estava ainda alheio ao ocorrido, ainda que se repetissem constantemente nas ruínas de sua memória, cenas fugazes que não faziam mais que lastimá-lo. Ali apareciam as imagens daquela curva fatal, na qual o experimentado competidor perdera o controle de sua motocicleta devido a um buraco camuflado no asfalto.

Ao ir se recobrando, já em sua casa e fora de todo perigo, José Carlos Paz Garcia Corrochano, de 27 anos de idade, refletia sobre o sentido de sua vida. Órfão de pai desde muito pequeno, filho primogênito de uma família de 4 filhos, que ainda não havia se recuperado da marcante perda de outro filho homem — seu irmão Sixto — que fazia poucos anos havia morrido em um acidente da força aérea, em que era cadete.

Pouco depois, quando sua saúde permitiu, pôde inteirar-se da cruel realidade que, em sua convalescência, sua mãe havia tido que cobrir as dívidas contraídas, a tal ponto que sua loja de eletrodomésticos e motos se havia somado integralmente aos valores de pagamento. Tinha perdido tudo! Nada mais lhe pertencia!

Incapacitado e abandonado por aquelas amizades eventuais que sempre acompanham o dinheiro, isolou-se em si mesmo. No entanto, nem todos os que o admiravam o abandonaram. Uma esbelta jovem de família norte-americana, silenciosa, seguidora do até então altaneiro e petulante galã de bairro, sentiu-se comovida pelo infortúnio que se abateu sobre ele e tornou-se freqüente, oferecendo-lhe sua sincera amizade. Não era fácil permanecer na presença do conhecido de antes que havendo sido reconstruído pela perícia médica — ainda não recobrava sua aparência anterior — Seu rosto desfigurado, inibia Carlos, porém Rose Marie, a amiga fiel, não permitia que este se deprimisse tão facilmente, ainda que soubesse que aquele ano de 1951, deixaria marcas indeléveis em todo seu ser.

Desta amizade surgiu um romance que culminaria em matrimônio, lá por 1953. Recuperado o casal das dívidas que se vinham arrastando desde o acidente, conseguiram seguir adiante, permitindo que no seio desta união nascessem três filhos: Charlie, Sixto e Rose Marie, porém o acidente não só havia afetado a existência do inquieto jovem para o repouso da vida doméstica, senão que também lhe havia feito interessar-se pelo estudo profundo de temas como a Astronomia e a Religião, esta última, fazendo-o vincular-se a toda classe de grupos e seitas religiosas, procurando com isso, encontrar uma verdade que lhe satisfizesse o interior. Foi assim que em pouco tempo havia abraçado, veementemente, tudo o que o homem sabe de si mesmo e do Universo que o rodeia. Porém, ainda se sentia incompleto e ansioso por saber mais. E naquele momento tomou parte da "Associação Peruana de Astronomia", na qual chegou a ser Secretário e Tesoureiro, até que chegaram a seus ouvidos as primeiras notícias procedentes do exterior sobre as investigações oficiais que se faziam nos Estados Unidos, sobre o tema que hoje em dia constitui o problema número um da ciência moderna: "Os Objetos Voadores Não Identificados" (OVNIs).

A denominação inicial de "Discos voadores" procede da notícia que fizera o piloto civil Kenneth Arnold de uma esquadrilha de objetos estranhos que teriam tal forma e que foram observados sobre o monte Rainier no Estado de Washington, Estados Unidos da América do Norte, no ano de 1947. Posteriormente, e ante a grande diversidade de formas reportadas por testemunhos dignos de crédito, o termo foi substituído pelo de OVNIS⁽¹⁾, porém, na atualidade, muitos são os cientistas que se aventuram a utilizar a denominação "VED"⁽²⁾ (Veículos Extraterrestres Dirigidos).

Como a Associação de Astronomia era composta por cientistas, estes não quiseram aceitar que se introduzissem investigações ou estudos que não se considerassem sérios, especificamente se descartando o dos Ovnis. Por esse motivo, ao não encontrar um ambiente favorável para desenvolver aquilo que constituiu, desde o primeiro momento, seu objetivo

fundamental e máximo interesse – provar que seres inteligentes procedentes de outros mundos nos visitam – separa-se definitivamente daquela instituição e funda por sua vez, em 31 de janeiro de 1955, o Instituto Peruano de Relações Interplanetárias (I.P.R.I.). O nome era por demais atrevido para o momento em que foi concebido, porém claramente via José Carlos em tal denominação, a visão profética das possibilidades que se desprendiam do fato de crer na existência de seres extraterrestres e de um iminente contato inteligente com eles.

Carlos Paz García, convertido pelas circunstâncias da vida em um homem maduro e responsável, estava sendo guiado voluntariamente por uma idéia que de imediato lhe havia obcecado: “sim, o homem descobria que não estava só, que há um universo de possibilidades, em existências superiores e inferiores, com processos diversos e distintos. Se acaso pudesse demonstrá-lo e chegar a criar as condições para predispor um contato com eles, se sentiria realizado”. Por todo o descrito anteriormente, não temeu enfrentar-se com o estabelecido, suportando a zomba e o escárnio, assim como a intolerância das mentes inquisitivas que se refugiam em seus esquemas e preconceitos por temor em ter que aceitar que cada dia tem que se recomeçar do zero, e que os sonhos e visões do presente são, na verdade, a realidade do futuro. Porque certamente não sabemos nada, porém podemos aprender buscando e dando-nos sim, oportunidade.

Rodeado inicialmente por um grupo de pessoas amigas, simpatizantes de suas idéias, cativadas por sua intensa vontade e carismática veemência, encontrou a força para propagar a pleno pulmão aquelas verdades que considerou óbvias e que ao longo de todos esses anos – desde sua solitária tribuna pública – procurou demonstrar com as evidências que chegaram a suas mãos.

Sua ousadia lhe granjeou inicialmente o respeito e a admiração dos entendidos, a imprensa e o público em geral se renderam a ele, porém com o passar do tempo o desenvolvimento da Astronáutica trouxe consigo descobrimentos relativos às possibilidades de vida em outros planetas, sobretudo em nosso sistema solar. Os satélites enviados ao espaço foram, um a um, descartando oficialmente⁽³⁾ condições de vida similares à nossa, mas não assim outras que dariam formas distintas acondicionadas a elas. As viagens espaciais, sondas, satélites e demais, causaram desinteresse no então numeroso grupo que auxiliava a José Carlos. Em pouco tempo, as críticas e os debates científicos minimizavam todo esforço por fazer pensar que houvesse alguma forma de vida e companhia para o homem no Universo conhecido, o mesmo que é calculado em uns 100.000 milhões de Galáxias, cada uma formada por aproximadamente 400 milhões de estrelas tão grandes ou maiores que nosso Sol.

Não passou muito tempo para que comesçassem as deserções e que o número de integrantes se reduzisse a sua mínima expressão, tudo isto para que se cumprisse aquilo que se encontra tão belamente referido na Bíblia que diz: “São muitos os chamados, porém poucos os escolhidos”.

O I.P.R.I. terminou por ser o que sempre foi na realidade: “Um homem só, um visionário convencido de uma verdade que considerava evidente e que o impulsionava a procurar abrir os olhos dos demais”. O I.P.R.I. é, pois, Carlos Paz García e ele é o I.P.R.I.⁽⁴⁾

Com os anos, muita gente viria procurá-lo ou chegaria a ele sedenta de informação e orientação, recebendo a todos com muita tolerância e respeito, o que merece especial menção porque para aqueles que temos estado perto dele, aprendemos de seus próprios lábios o seguinte:

“Se espero ser escutado em minha verdade e opiniões, também devo aprender a escutar a verdade de outros, por mais cabeluda que esta pareça, porque se não for autêntica,

(1) Segundo o Projeto Livro Azul, da Base Aérea Norte-americana, Wright Patterson, o termo oficial é O.V.N.I. que significa Objeto Voador Não Identificado, em Inglês o termo é U.F.O. (Unidentified Flying Object).

(2) Antonio Rívara e Rafael Farriols. “Um Caso Perfeito”.

(3) As informações oficiais não garantem que se mantenha o critério de honestidade e verdade nos dados submetidos à opinião pública, por que é por demais conhecido que existem por detrás destes, interesses criados pelas grandes potências.

cairá por seu próprio peso, além do mais, quem é dono da verdade?... ainda que, creio em uma verdade única, penso que todos têm sua própria percepção da mesma, a qual é incompleta, o homem amplia seu critério com base no diálogo".

Com os anos, o prestígio de meu pai como buscador da verdade foi crescendo em âmbito internacional, sendo convidado a muitos congressos mundiais sobre o tema dos Ovnis. Da mesma maneira, muitas organizações estrangeiras se sentiram honradas de incorporá-lo como membro honorário⁽⁵⁾. Na atualidade, o I.P.R.I. se encontra associado à Federação Internacional de Astronáutica, com sede em Paris, como membro votante. Pertence também à *Intercontinental UFO Research And Analytic Network* (ICUFON), de Nova York, representando a América do Sul. É também Vice-presidente da Federação Panamericana de Estudos Científicos e Filosóficos da Vida Extraterrestre, com sede em Buenos Aires. E ainda, afiliado à Frente Única de Investigadores do Brasil e à Sociedade de Parapsicologia Latino-americana de Buenos Aires.

Muitas são as revistas dedicadas ao tema da vida extraterrestre que o incluem entre seus colaboradores e outras que também o incluem em entrevistas. Entre seus mais célebres amigos se encontra o professor Herman Oberth – pai da Astronáutica – e o mestre de Werhner Von Braun, inventor dos Saturno V, – que levaram o homem a Lua – Da amizade que os uniu se desprende o interesse destes cientistas alemães pelo tema extraterrestre. O próprio Von Braun durante uma conferência sobre os alcances da corrida espacial, pronunciou as seguintes palavras:

"Cremo-nos gênios, porém só somos discípulos. De quem? Não sabemos a ciência certa. Encontramo-nos frente a seres extraterrestres muito mais inteligentes que nós. De onde procedem? Do espaço, de qualquer lugar. Talvez de Vênus, talvez de Marte... Ou talvez de um planeta desconhecido..."

Citando justamente algumas amizades que nasceram daquela busca, deveremos falar de certo engenheiro arequipenho⁽⁶⁾ que em 1968 contou a Carlos Paz García uma insólita experiência, a qual foi respaldada pela sinceridade e honradez do testemunho.

Segundo relatou ele mesmo, havia encontrado na auto-estrada uma estranha pessoa que recolheu e deixou muitos quilômetros mais adiante, dizendo-lhe durante o caminho que procedia do espaço. De regresso a sua casa, apareceu a sua porta essa mesma pessoa, hospedando-se por um mês inteiro, ao cabo do qual se despediu revelando-lhe futuros acontecimentos de sua vida pessoal. Deduzindo pelo tratamento e outros detalhes, bem como por sua aparência, a veracidade da afirmação sobre sua suposta procedência. A este primeiro relato, se somou em 1969 outro, narrado por um diplomata dominicano em trânsito por esta capital, que contou diante de Carlos Paz García e seus mais chegados, liberando-se do peso de uma experiência guardada por muito tempo, por temer um repúdio.

O que ocorre é que em uma auto-estrada, lá na República Dominicana, teve um encontro com uma estranha luz que o cegava. Pouco depois que o carro se deteve ao morrer inexplicavelmente o motor e interrompesse a corrente elétrica, distinguiu que a luz que se encontrava a pouca distância, era como um farol, por detrás do qual se encontrava como um grande objeto em forma de disco. Ao baixar a intensidade do resplendor, pôde observar como que dois seres que se aproximavam, os quais lhe falaram tranquilizando-o e dizendo-lhe que procediam de Ganimedes. Convidando-o à nave, pôde entrar nela e posteriormente voltar a seu automóvel, ficando profundamente impressionado com o vivido.

Alguém do grupo, que havia algum tempo que seguia mais de perto toda esta classe de informações através das conexões de Carlos Paz García e que tinha um alto grau hierárquico na Ordem Rosacruz, assim como em uma comunidade espírita, recolheu tudo o tinha ouvido,

redigindo, bem ao estilo de certos escritores sobre o esotérico Tibet, um livro sobre supostos contatos e que alcançou um êxito editorial inesperado. A aparição de meias verdades como as expressas nesta classe de livros – que depois se pretende passar por verdades – trazem tanto de bom como de mau. Por um lado estimulam as pessoas à preocupação sobre os discos voadores e o destino da humanidade, e por outro confundem, criando expectativas falsas, procurando uma mudança no homem motivado por um suposto “fin do mundo”. O homem constrangido por presságios de desgraça e de um tempo limite não alcançará jamais uma mudança de mentalidade sincera e duradoura, antes, se rebelará reagindo negativamente. Com tudo isto, quanto mais conseguirá um adiamento da metamorfose que se evidencia como imprescindível para a sobrevivência do gênero humano.

O surgimento do livro mencionado, no ano de 1972, ocasionou uma acalorada polêmica nos meios de comunicação, despertando especial interesse nos grupos esotéricos, dos quais meu pai recebeu múltiplos convites para que em suas conferências o comentasse, por ser ele a pessoa mais entendida para dar uma opinião sobre a veracidade do mesmo. Teve quem até chegasse a crer que meu pai poderia ser o autor de tal publicação, já que o autor se escondia atrás de um pseudônimo e o personagem tinha o mesmo primeiro nome.

Foram dezenas as conferências que se realizaram a respeito do livro e as que aceitou ir José Carlos, porque todas elas serviam de uma forma ou de outra, para divulgar as últimas investigações e criar uma consciência favorável frente à presença extraterrestre. Recordo aquela muito especial no começo de 1973 que tive que assistir com meus irmãos, acompanhando meu pai, porque nossa mãe se sentia insegura de que ele fosse só. Ainda contra nossa vontade fomos e suportamos estoicamente toda a reunião, e digo suportamos, porque respeitávamos as investigações do I.P.R.I. sobre os Ovnis e até críamos nas possibilidades de vida fora de nosso planeta. No entanto, dali a ter que padecer por isso, escutando o que na casa ouvíamos diariamente até a saturação, já era demasiado.

A palestra foi na Sociedade Internacional de Realização Divina (SIRD), Associação Oriental Yoga, transmissora dos ensinamentos de Swami Guru Devanand Maharaj, coordenada no Peru pela Senhora Silvia Rivera de Marmanillo. Ela havia organizado uma esperada reunião com a participação de grande quantidade de pessoas influenciadas positivamente por seu mestre espiritual. Via-se claramente no ambiente a curiosidade por conhecer de uma fonte científica, as supostas histórias de contatados que afirmavam haver chegado a viajar a outros planetas.

Ao terminar a conferência, depois de responder a uma série de perguntas, meu pai foi rodeado por um grupo de interessados em aprofundar ainda mais o tema, enquanto outras pessoas se aproximaram de nós iniciando uma animada conversa. Sabendo que éramos os filhos de Carlos Paz García, nos interrogavam a respeito de nossa relação com ele e de nossa opinião sobre as afirmações vertidas durante a palestra. A mesma senhora Marmanillo, representante do mestre em sua ausência, me confiou que muitos são os santos da Índia e do Himalaya que mantêm comunicação com os “mestres do espaço”, que pertencem às altas esferas celestes, em outros planetas, que por sua vez são diferentes planos de existência, e que o contato o estabelecem através de viagens astrais, projeções mentais, desdobramentos e também comunicando-se mentalmente. Como nos achávamos em sua casa, que era o local que servia de centro de reunião da Sociedade, desculpou-se para rapidamente trazer do cômodo que utilizam como santuário de meditação, alguns livros envoltos em celofane. Sentou-se com extrema rapidez, muito entusiasmada pela conversa e pelo material que tinha entre as mãos. Havia então várias folhas marcadas em cada um dos textos e as leu diante de

(4) Esta tem sido a história daqueles primeiros anos na mudança operada na vida de meu pai, a que tem tido acesso de sua fonte direta e da confrontação de relatos de parentes e amigos.

(5) “Ninguém é profeta em sua própria terra

(6) Daquele que guardaremos seu nome em segredo. A pedido dele.

mim e de todos os que se aproximaram. Primeiro citou o poema épico do autor hindu Valmiki, chamado o "Ramayana", do século V a.C. que em uma de suas partes diz:

"...É parecido com o sol e pertence a meu irmão, foi trazido pelo poderoso Ravan. Este magnífico veículo aéreo (Puspaka Vimana), pode ir a qualquer lugar que alguém o conduza, e está preparado para o Rama. É semelhante a uma nuvem que brilha no céu... E o monarca subiu ao carro que, comandado por Ragbira, se elevou muito alto no céu..."

A seguir, a senhora Silvia, muito alegre pelo assombro que despertou aquela leitura em mim continuou, porém desta vez citou o Samarangana Sutradhara, que dizia:

"Devem se instalar em seu interior quatro sólidos recipientes de mercúrio. Depois de aquecidos pelo fogo contido em recipientes de ferro, a Vimana adquire força com estrondo, graças ao mercúrio. Imediatamente ascende, convertendo-se em uma pérola no céu. Graças a estas máquinas, os humanos podem voar pelos céus e os seres celestiais podem descer a Terra".

Como já era tarde, meu pai nos chamou para que nos despedíssemos e nos retirássemos para nossa casa. Meus irmãos e meu pai não voltaram mais a esse lugar, porém eu me identifiquei tanto com as pessoas que pertenciam a essa comunidade que voltei. Assim foi que na semana seguinte me aproximei do local da associação na hora e dia em que eles costumavam fazer suas reuniões. Bati à porta e imediatamente me abriram. Havia muita gente dentro e a senhora Silvia se aproximou, então, sorrindo, surpreendendo-me quando me disse: "Sixto, sabia que alguém de sua família voltaria..." Isto, além de inquietar-me – porque como sabiam que alguém voltaria? Ou o diziam apenas para me agradar? – produziu em mim uma imensa alegria. Sentia-me realmente bem ali. Respirava-se no ambiente, fora o incenso, um aroma muito agradável de fraternidade e espiritualidade que desgraçadamente não duraria muito. Ao crescer mais a Associação e conseguir sua definitiva pessoa jurídica, deu-se maior ênfase às atividades sociais, as mesmas que desvirtuaram a mensagem e o objetivo final da auto-realização.

A partir desta data fui assíduo colaborador e aluno de yoga, aprendendo o que até esse tempo havia recusado, por crer que era coisa apenas de "velhinhas". Estive todo o ano de 1973 participando continuamente e assimilando, sem o saber, muitas coisas que depois me seriam de suma utilidade, porque predisporiam o contato. Entre as técnicas que me ensinaram naquela época estão: A Respiração, o Relaxamento, a Concentração e a Meditação.

É incrível que, necessitando respirar para viver não saibamos fazê-lo adequadamente, e desperdicemos grande parte da capacidade de nossos pulmões, porque com a respiração ativamos e carregamos o sistema elétrico interno, que é o sistema nervoso. Para aprender a respirar devemos começar por saber que uma boa respiração deve ser profunda, lenta e rítmica, sempre pelo nariz, buscando encher ao máximo de capacidade os pulmões, pondo em funcionamento todo o aparato respiratório.⁽⁷⁾

Uma correta respiração oxigena nosso sangue, energizando nosso organismo, dando-nos maiores forças e energia para transformá-la em trabalho. Também uma ótima respiração nos permite desenvolver maior atenção para o estudo e possibilita um adequado relaxamento.

O relaxamento é o passo imediato para que, aproveitando a energia que dá a respiração possamos liberar o organismo da tensão e então dirigir toda a atenção à mente. Para relaxarmos é recomendável aprender a fazê-lo em grupo, estendidos no chão, de costas, sobre um tapete ou cobertor, totalmente horizontais. Começa-se com respirações profundas, com os olhos fechados, os braços se colocam ao lado do corpo com as palmas para cima e os tornozelos tocando-se ligeiramente. O trabalho a realizar-se consiste em visualizar ou

imaginar cada parte de nosso corpo, começando pelos pés, imaginando que vamos massageando cada uma das partes do organismo com nossas mãos, passando pelos músculos, ossos e órgãos, até chegar finalmente à cabeça e ao cérebro.

Uma vez que a pessoa aprende a relaxar-se na posição horizontal, fica mais fácil fazê-lo sentado e até parado. Chegando a livrar-nos totalmente da tensão, poderemos descansar melhor independentemente da quantidade de horas que se durma, além do que isto facilitará chegar conscientemente ao desdobramento astral durante o sono.

Segue-se à respiração e relaxamento, o aprendizado da concentração, porque só se chega preparado a esta quando contamos com a energia suficiente e superamos as distrações que vêm pelo desconforto do corpo. A concentração permite por ordem à multidão de pensamentos que atormentam nossa mente.

Em um tempo de velocidade em que vivemos com pressa, pensando em tudo ao mesmo tempo, sem resolver nada e deixando que as idéias que se acumulam obsessivamente - semeando tensão - materializem sua negatividade sobre nosso corpo, trazendo úlceras, cálculos, constipação, insônia etc.⁽⁸⁾, se faz necessário um controle da mente e um fortalecimento da vontade. Isso se pode conseguir, e é recomendável que assim seja, por meios naturais, descartando as drogas e estimulantes de qualquer tipo que absorvam a pessoa em um deprimente estado de dependência, debilidade e engano, porque os problemas não se resolvem assim, senão que se adiam para vir com maior força e encontrarmos incapazes de enfrentá-los.

Mediante a concentração, aprendemos a reconhecer nossas próprias idéias na medida em que as procuramos dominar. Deste reconhecimento poderemos diferenciar quando cheguem à nossa mente, imagens distintas, pensamentos que poderiam proceder de uma entidade alheia a nós.

Como quarto passo em nossa aprendizagem no caminho espiritual e no caminho da auto-realização através do autoconhecimento, está a meditação. Não chegaremos a conhecer jamais nosso potencial mental se não nos dermos antes um momento de solidão e silêncio em nossa busca. Aí poderemos realizar distintos tipos de meditação, entre eles, a contemplação ou identificação com objetos externos mediante uma delicada observação dos mesmos. Outra forma de meditação é a Mântrica, que consiste na realização de vocalizações ou repetições mentais de chaves vibratórias que elevem a frequência pessoal, levando-a a ter experiências conscientes em planos sutis mais elevados.

A meditação finalmente, depois de romper nossas barreiras espirituais e ensinar-nos o ilimitado do aprendizado humano, nos submerge em um estado de perfeita paz interior, assim como na plenitude da integração com a harmonia. Em nenhum caso pretende uma evasão das responsabilidades da vida diária, senão que ao contrário, nos compromete com a verdadeira realidade e nos permite ser conscientes do transitório, do que é só uma ilusão, uma montagem no qual cada um assume um papel a representar, como em "O Grande Teatro do Mundo". A meditação, durante milhares de anos, tem dado a oportunidade ao homem de enfrentar de forma madura e com correto discernimento, as provas que atravessam na evolução, da que a vida é só um elo de uma cadeia interminável de experiências.

O ponto máximo da meditação é chegar a por a mente em branco, ou seja, sem nenhum pensamento que irrompa em nosso cérebro porque se tende comumente, a buscar através do relaxamento, o aliviar o corpo da tensão, porém nos esquecemos sempre da mente, que também deve relaxar-se cessando dentro dela todo pensamento.

(7) São recomendáveis os exercícios estando sentado, ao pé da cama, com a coluna reta, sem roupa apertada nem objetos metálicos, fazendo inalações lentas, retendo primeiro o ar e finalmente exalando também lentamente. Isto se fará várias vezes de manhã ao levantar-se.

Até aqui temos preparado nosso cérebro para receber idéias que não sejam nossas, podendo distingui-las das próprias, mas, sobretudo, nossa vontade será fortalecida para impedir que nada se imponha sobre nós e nos impeça de fazer uso de nosso livre arbítrio.

CAPÍTULO II

O PROJETO OZMA E OS SONS DO ESPAÇO

Durante todo um ano, de forma muito intensa, dediquei boa parte de meu tempo à prática da Yoga e ao desenvolvimento da Meditação. Não quero dizer com isso que havia alcançado já algum grau superior de evolução, mas ao menos já começava a despertar do sono no qual me encontrava, tratando de vencer-me a mim mesmo para avançar em meu próprio caminho e, quem sabe, algum dia encontrar um sentido transcendente, talvez até um plano para mim.

Graças aos exercícios mentais e ao domínio que se aprende a exercer sobre seu próprio ser, mudei em muitos aspectos negativos, eliminando a tensão, o pessimismo, a timidez e até os nervos herdados de minha mãe que me causavam em determinadas ocasiões uma desagradável taquicardia emotiva.

Uma das aplicações práticas de como toda esta preparação influenciou positivamente minha vida, o demonstra o ter ingressado na Universidade Católica em meados de 1973, com magnífica pontuação.

O período na Universidade transcorreu rápido e ao começar 1974 – nos primeiros dias do mês de Janeiro – apareceu uma notícia no jornal que causaria desconfortos polêmicas no ambiente das reuniões de meu pai. A notícia dizia o seguinte: "que no final da década de sessenta haviam se acumulado múltiplas evidências sobre a possibilidade de vida extraterrestre, entre elas estavam, a captação de grande quantidade de ondas de rádio, de sons procedentes do cosmos. Com os vôos tripulados se tinha descoberto que o espaço não era um silêncio sepulcral como se cria, senão que, ao contrário, estava saturado de rumor. Ruídos que poderiam ter uma origem na sujeira espacial, em satélites espiões inimigos, e por que não, em mensagens irradiadas, enviadas como sinais de planetas próximos ou distantes de adiantadas civilizações ou naves exploratórias desconhecidas. O projeto OZMA – tal era seu nome – manteria permanentemente as antenas rastreadoras do Estado de Virginia (EUA), voltados a todo som proveniente do Espaço. Uma vez captado, se registra em computadores, de tal maneira que pode ser rastreado e decodificado. No caso de ser uma mensagem de outros mundos, poderá ser posto em uma frequência conhecida, dentro da qual originará uma imediata resposta terrestre.

Este projeto tem sido atualizado ao incorporar-se a ele uma comissão mista nomeada pelo Pentágono, que trabalhará diretamente com o registro de sons e as possibilidades potenciais de um contato com alguma civilização extraterrestre. A comissão seria formada por uma seleta equipe de engenheiros eletrônicos, técnicos, cientistas, especialistas em decifração e ainda um grupo de "paranormais". Isto é, pessoas que têm desenvolvida a percepção extra-sensorial, ou seja, exercem controle voluntário sobre as faculdades paranormais potenciais em todo ser humano, quer seja porque nasceram assim ou se prepararam para isso.

Enquanto que os cientistas e técnicos captavam os sinais tratando de interpretá-los, os parapsicólogos se reuniam para concentrar-se e enviar uma onda mental ao espaço. Pensava-

se então que se realmente existiam seres superiores e avançados no Universo que desejassem comunicar-se com seus semelhantes, talvez não somente estariam buscando-o através de ondas de rádio, mas também poderiam estar tentando-o com comunicações mentais do tipo telepático.

A percepção extra-sensorial abarca muitas capacidades, entre as quais se encontra a telepatia, que consiste na transmissão e comunicação por meio do pensamento ao nível de idéias, sem necessidade de idioma algum. A pessoa comum, apesar de possuir inerentes tais capacidades porque nasceu com elas, não as desenvolve, ou por ignorar sua existência, ou por desconhecimento das orientações para despertar seu domínio. Apesar de não estarmos preparados para emitir nossos pensamentos com força para que alguém os capte, é interessante lembrar como aumentam as piadas familiares sobre idéias ouvidas antes de serem ditas, qualificadas comumente de "adivinhações ou coincidências". A explicação disto é simples, já que os laços familiares ou de amizade servem como ponte de contato, que certas condições especiais estabelecem o enlace, como naqueles momentos de tranquilidade ou sobressalto.

Com esta capacidade encontramos a possível explicação para algumas das grandes idéias surgidas nas mentes dos grandes homens, que antecedem a significativas mudanças na orientação da civilização, e que se poderiam atribuir a inspirações de alguns daqueles seres do espaço que haveriam dedicado sua vida a uma missão de ajuda e orientação do homem.

Outras faculdades potenciais de serem desenvolvidas pela mente do homem são:

- A Clarividência ou visão mental, que permite a quem a domina, enxergar com clareza as formas do pensamento, a aura das pessoas, eventos que ocorrem à grande distância (noutros países, noutros planetas), e até fatos que têm ocorrido em um lugar e que se tenham gravados neles, impregnados das imagens até no último objeto.

- A Premonição ou visão futura, mediante a qual desfilam por nossa mente, seja de forma consciente ou no astral, acontecimentos que hão de ocorrer no futuro e que em muitas religiões se conhece como o dom da profecia.

- A Telecinesia, que faculta à pessoa que tem desenvolvido sua mente, mover toda classe de objetos à distância. É conhecido pelos interessados neste tema, que os jovens durante a puberdade tendem a liberar grande quantidade de energia psicocinética que pode originar o movimento involuntário de objetos e que estes podem ser interpretados enganosamente como produzidos por fantasmas ou elementais.

- A Bilocação, ou dom de deslocamento, é a capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, criando para isso duplos mentais que podem ser vistos e tocados. São diferentes os fenômenos de bilocação e de desdobramento, já que o segundo ocorre durante a viagem astral e não pode ser contemplado à simples vista.

- A Dermótica, que significa visão através da pele. Esta capacidade se manifesta pela sensibilidade do tato, que chega a evocar na mente imagens que se desprendem das vibrações contidas nos objetos. É incrivelmente prática para o rastreio de pessoas ou coisas que se achem extraviados. Capacidades como estas são treinadas e desenvolvidas conscientemente nos paranormais para que estes amplifiquem os potenciais com que nasceram e ajudem a resolver casos policiais que não podem ser solucionados pelos métodos convencionais, como por exemplo, raptos e seqüestros, sendo que os governos nunca faltam em explorá-los na espionagem.

- O dom de Cura, que não é outra coisa que a grande capacidade de absorção de energia do cosmos e da essência criadora, e igual capacidade de transmissão e canalização até outros,

purificada pelo desinteresse. Esta capacidade de estimulação mediante eletromagnetismo permite o apoio da sugestão e da auto-sugestão.

Aquele que possui o dom da cura (imposição de mãos) deve estar também na capacidade de inspirar confiança na pessoa que receberá a ajuda ou em seus parentes, e igualmente ter a convicção e segurança de possuir a força que representa naquele momento. O que nos aproxima da fonte do poder, que nos utiliza como instrumentos, é o desinteresse, a pureza de intenção e a solidariedade humana.

- A capacidade de Sintonia ou dom de Línguas (Xenoglossia), que se refere a poder estabelecer uma relação da vontade com o Registro Askáshico. Como bem se sabe, tudo vibra e no ambiente fica registrado tudo, tanto o sucedido como o pensado e falado. Por isso, se chégássemos a nos conectar com o plano Akáshico⁽⁹⁾, poderíamos falar em qualquer idioma e até evocar uma história veraz da humanidade.

Todo homem possui estes dons, que como capacidades a ciência vai redescobrimo, os quais requerem inicialmente um fortalecimento da vontade e um processo de autoconhecimento e de definição pessoal. Se não fosse assim, também se poderia chegar a ativar estas forças internas, mas como um cavalo sem controle nas rédeas que terminaria por pisotear alguém, voltando-se contra seu próprio dono. É por isto que é importante não perder jamais o sentido e orientação de nossa preparação até o objetivo final.

Existem muitas faculdades e diversidade de manifestações destas que poderiam chegar a incentivar-se com exercícios muito simples de respiração e concentração, mas que exigem uma condição prévia que é a de crer que estas existem e, sobretudo, que podem chegar a controlar-se a vontade, quando as condições assim o exijam. É uma exigência de fé, e a fé é a convicção do que não se vê, é acima de tudo uma atitude de abertura mental frente a tudo isto, um sair da ignorância e da dependência dos padrões e preconceitos que limitam nosso cérebro.

Se não chegamos a desenvolver a comunicação mental ou quaisquer dos outros potenciais da percepção extra-sensorial, é porque ninguém jamais nos instruiu sobre sua existência, não nos disseram que poderíamos chegar a desenvolvê-la e, menos ainda, como controlá-la, e que, descobrindo-a em nós mesmos, nos converteríamos em "super-homens". Porém, é até certa idade da vida que mais facilmente podemos utilizar estas aptidões, pois as glândulas endócrinas do sistema nervoso das quais isto depende, são mais sensíveis ao estímulo em tenra idade. Mais tarde, as glândulas, por seu pouco ou nenhum uso, vão se calcificando o atrofiando até anular-se quase por completo. Já em idade madura é mais difícil ampliar nosso terreno de experimentação mental, já que com as dificuldades e problemas da vida, o homem tende a assumir padrões que o impedem de absorver novas capacidades que o obriguem a replanejar o caminho de elevação.

Resumindo, a Percepção Extra-sensorial, como seu próprio nome diz, vai além dos sentidos físicos, propriamente define os sentidos astrais que dependem de glândulas físicas que se acham em estado latente e que o não trabalhar-se com elas, impedirá um posterior trabalho sensitivo.

O tantas vezes chamado Sexto Sentido, se encontra concentrado no sistema nervoso e corre como uma torrente de pulsos elétricos pelas trinta e três vértebras da coluna. Entre as glândulas regentes da atividade sensitiva se encontram a Glândula Pituitária ou Hipófise (terceiro olho) e a Glândula Pineal (antena natural do homem).

Certamente que, regulando e controlando a atividade sexual chegamos a acumular grande quantidade de energia que pode ser convertida em energia mental e espiritual. Isso

(9) Receptáculo universal de vibrações e impressões da vida.

ajudaria a estimulação das glândulas no corpo e as ativaria permitindo-nos a aprendizagem e o domínio dos poderes paranormais.

Na atualidade escutamos muitas recomendações para o progresso espiritual e, sobretudo, aquilo que oferece o despertar do sexto sentido. Entre estas, como dissemos, encontra-se o controle da energia sexual, a aprendizagem da correta respiração, a alimentação vegetariana, a oração, certas técnicas de concentração, meditação, Yoga etc. Porém, em tudo isso, encontramos o cumprimento daquele adágio Hindu que diz: "Mestres há muitos, mas discípulos nenhum". Com isto vemos que formas há várias, ou seja, que muitos são os que querem ensinar formas e sistemas, porém não há quem ponha em prática o ensinado. Há até aqueles que subestimem as práticas espirituais para assim formar sua consciência e enganar-se para não ter que ver-se no compromisso de realizá-las, e dizer: "É mais fácil negar a altura que sangrar as mãos por alcançá-la..."

O controle sexual não quer dizer abstinência total, mas sim consciência administradora da energia liberada e o primeiro passo na superação dos níveis densos materiais. Se não somos capazes de conter-nos e impor nossa vontade sobre os instintos, não poderemos alcançar uma vibração mais sutil e elevada. Estando no plano material manteremos as funções de reprodução, da mesma maneira que continuaremos alimentando-nos e dormindo à noite para descanso corporal, mas sem nos propormos seriamente ao caminho espiritual. Cada uma destas funções adquirirá um novo sentido, pelo que não poderemos permitir que estas nos dominem, senão que as dominemos nós mesmos e as ponhamos a serviço de nossos interesses mais elevados.

A alimentação vegetariana é justificada por muitas razões, algumas das quais pecam por serem meros esquemas moralistas preconceituosos, seguindo algumas correntes de origem religioso-oriental, mas para a pessoa que opta pelo vegetarianismo e o naturismo científico, significa escolher as vantagens reais de uma alimentação consciente de acordo com a projeção espiritual que se espera alcançar. Sabemos que a maioria come o que lhe agrada e não o que lhe faz bem, porque o segredo da boa alimentação não está em comer muito, mas em uma adequada dieta que seja bem balanceada. No caso de ser vegetariana, que não se circunscreva exclusivamente em viver à base de "saladas", como por ignorância se pensa. Nem tampouco nos condene a comer comida desagradável ou sem sabor, porque para isso existe a arte culinária, que sem nos empanturrarmos demasiado – sacrificando o organismo frente a condimentos, muitos deles nocivos em excesso – nos permita ingerir os alimentos agradando o gosto de maneira comedida.

Em meu próprio caso sou um vegetariano por convicção e não por religião, já que esta não me proíbe, mas inclui um mandamento que diz: "Ama a teu próximo como a ti mesmo..." Isto, que em nenhum caso sugere narcisismo algum, indica o dever de respeitar-nos e cuidar de nós mesmos e de nosso corpo que nos foi dado para cuidar, procurando seu justo descanso e adequada alimentação. Já sabemos o que se sucede com os excessos que chegam a converter nosso corpo em uma massa cevada, que não responde depois aos estímulos. Igualmente, quando o maltratamos, rebela-se ou se acostuma ao sofrimento, tornando-se indolente.

Se em alguma ocasião vejo-me na necessidade de ingerir carne, porque não tenho acesso a outro alimento, faço-o sem ir contra minha consciência. Além do mais, nem todas as vitaminas são encontradas nos vegetais que estão ao nosso alcance, por isso se recomenda fazer alguma concessão para não chegar a extremos de fanatismo que debilitem desnecessariamente nosso organismo, combinando a cada certo tempo a alimentação com peixe.

Biologicamente falando, a célula vegetal mediante a fotossíntese se constitui numa fábrica de vida, pois gera seu próprio alimento. Por outro fenômeno, da "turgidez", a planta retém água, de tal maneira que ao ser ingerido o vegetal, este se encontra vivo. Diferente do vegetal, a célula animal é uma célula parasita dependente, e incapaz de fabricar alimento, além disso, ao morrer, o animal imediatamente entra em processo de decomposição, gerando uma toxina que se chama "putrina". Assim, comemos o vegetal vivo, enquanto que o animal, o fazemos estando morto e em processo de putrefação. Enquanto que em um incorporamos ao nosso organismo síntese de vida, com o outro ingerimos morte e toxinas.

No animal fica mais marcada a imagem e vibração de angústia pela morte que no vegetal, daí que com a carne estamos absorvendo tensão e angústia. O vegetal aceita nobremente o ato de servir como nosso alimento, incorporando-se ao nosso organismo através de uma comunhão sagrada na qual sua cessação serve para que o homem permaneça existindo, além disso, também eleva sua vibração ao integrar-se a nosso ser. O vegetal é consciente de tudo isto, tal como revelam os experimentos feitos com plantas que demonstram sua reação aos diferentes estímulos e situações, fazendo-nos ver que sentem com certa intensidade.

É evidente, também, a influência da alimentação carnívora, especialmente das carnes vermelhas sobre os instintos e a agressividade das pessoas. Por todas estas razões e muitas mais, nos vemos atraídos sem fanatismo algum para o vegetarianismo consciente, lacto, ovo vegetariano (ovos, leite e vegetais diversos) e que exige uma aprendizagem gradual para a correta combinação de alimentos e dieta.

Como recomendação final, é conveniente o consumo durante o verão, de alimentos naturais especialmente frutas frescas que não fermentem e verduras cruas, tratando de ingerir poucos alimentos e mais líquidos como água fresca e corrente, suco de limão e sucos diversos. Tudo isto para evitar o calor estomacal (estomatite), a desidratação por diarreias etc. Durante o inverno se impõem as verduras cozidas, os cereais, as frutas secas e demais frutos como nozes, castanhas, assim como sementes de girassol entre outras, ricas em calorias.

Voltando à notícia que chegou naquele mês de Janeiro de 1974, ela motivou dias depois que o I.P.R.I. organizasse uma conferência como comentário que servisse de esclarecedora explicação sobre os avanços da investigação científica com respeito ao fenômeno OVNI. A esta reunião fomos meu irmão Charlie e eu, convidados pelo expositor, Doutor Víctor Yáñez Aguirre, médico ginecologista do Hospital Militar e especialista investigador no que se refere à Parapsicologia, além de Presidente da Sociedade Teosófica. Poucos dias antes da palestra o havíamos conhecido na casa de meu pai. Seu olhar claro e profundo que atraía, irradiando simplicidade e também sabedoria, ia acompanhado de um rosto amigável que em nada faria duvidar que pudesse ocultar um mestre do caminho. O doutor Yáñez, conhecido de meu pai pela afinidade de interesses, havia aceitado dar uma palestra no local de reuniões do I.P.R.I., àquele tempo no centro de Lima, esperando que meu pai, por sua vez, aceitasse posteriormente outra igual, mas em sua organização. Escutei com atenção o dia em que se poriam de acordo da hora e os detalhes do tema. Sentia-me realmente estranho em sua presença, era algo que nunca antes havia experimentado com pessoa alguma. Sentia claramente que o conhecia, mas não pelo nome com que se apresentou, mas sem dúvida sabia que nunca antes nesta existência o havia visto. Quando me dirigiu a palavra pude reafirmar em meu interior que o afeto que desmedidamente sentia por este desconhecido, era correspondido com expressões carinhosas que correspondiam senão a uma amizade de sempre.

Citando um livro que me recomendou que lesse, me disse:

"Se em teu caminho te encontras com alguém que não sabe e, não sabe que não sabe, evita-o! Se achas depois alguém que não sabe, e sabe que não sabe, e se ele mesmo te pede para saber, ensina-o! Mas somente aquele que não possa descobrir por si mesmo. E, finalmente, se encontras alguém que sabe e, sabe que sabe, observa-o e escuta-o que terá muito que dizer-te".

Terminando a conversa insistiu conosco para que não deixássemos de ir à palestra que ele daria, além de me convidar para suas reuniões, coisa que não me atraiu – apesar de que queria voltar a vê-lo – pois intuía que ainda teria que receber muito dele.

Pensávamos em ir à conferência meu irmão e eu, mas nada além de cumprir com o convite feito pelo doutor. Críamos que a concorrência poderia ser fraca em sua palestra, no entanto, lhe serviríamos enchendo a sala. Qual não foi nossa surpresa ao chegar, encontrarmos um salão abarrotado de gente. Apesar de nossa pouca idade, pelo fato de sermos convidados do expositor, sentamo-nos à frente de todos, em um lugar preferencial. Ainda recordo cada um dos ensinamentos compartilhados com os presentes naquela noite quando citou uma variedade de exercícios para fortalecer o poder da vontade e, sobretudo, para gerar uma consciência mais ampla frente ao desconhecido. Como a conferência tratou do tema "A Telepatia como Comunicação além dos Sons", se fizeram demonstrações práticas da Telepatia, que nos impressionaram tremendamente. Foi fascinante descobrir que existia uma capacidade de diálogo ao nível do pensamento, sem idioma que nos separe, nem lugar à hipocrisia que pode praticar-se quando pensamos uma coisa e dizemos outra. Com a comunicação mental só cabe a possibilidade de manifestar o que se pensa, sem engano, nem confusões ou erros de interpretação ou mal-entendidos, daí sua grande vantagem e interesse.

Pensava naqueles momentos naquela passagem bíblica em que as línguas dos homens foram confundidas na Torre de Babel. Interpretação semítica da existência dos diferentes idiomas. As palavras não chegam a expressar em sua totalidade nossos pensamentos nem conseguem refletir nossos sentimentos, pelo que muitas vezes os artistas manifestam em obras esta angústia pelas limitações da linguagem e incapacidade para fazer-se entender. Porém, será acaso que naquele relato bíblico, que deve ter ocorrido em algum lugar da Mesopotâmia milhares de anos antes de Cristo, se esconda o momento em que o homem perdeu o conhecimento e o domínio da comunicação mente a mente e caíra em um estado de ignorância que teria tido seus antecedentes nos momentos críticos narrados no Genesis?

Finalmente, a palestra citou três interessantes casos de contatados com entidades extraterrenas. O primeiro era a experiência de Eugenio Siracusa na Itália, quem em meados dos anos sessenta manteve comunicação com Adoniesis, ser da 5ª dimensão de origem solar. Depois se falou do Engenheiro Castillo Rincón, que na Colômbia chegou a contatar-se com os extraterrestres Cromacan e Krisnamerk, das Pleiades. Para terminar o doutor leu uma comunicação que havia sido recebida de forma telepática, e logo transcrita, na Venezuela, que seguia a linha de Eugenio Siracusa, na que um Guia chamado Antar Sherant dava um aviso à humanidade para que estivessem atentos aos acontecimentos, pois predizia desastres que acelerariam o processo de definição do homem.

Ao terminar a reunião me sentia emocionado. Era como se eu já soubesse tudo isso e que naquele instante me faziam recordá-lo exigindo de mim uma reação e resposta. Queria ajudar à humanidade pelo qual estava disposto a assumir minha responsabilidade e ficar à disposição das forças de Luz, onde quer que se encontrassem, pondo-me sob a coordenação de seus intermediários, fossem quem fossem. No entanto, como avisar-lhes de que me sentia preparado para isso?

Sabia que haveria um trabalho para mim, mas não seria mais ou menos importante ou transcendental que a responsabilidade que outros poderiam estar assumindo, só que seria distinta e que, por realizá-la, me faria ocupar um lugar na harmoniosa disposição do Universo, onde cada coisa tem seu lugar e um papel, como engrenagens de um relógio perfeito. A hora havia soado!

Já era tarde quando regressei essa noite para casa, absorto em minhas reflexões. A palestra à que havia assistido – quem sabe guiado por fios invisíveis – deixava em mim uma inquietude que iria aumentando com o transcurso das horas e que me levaria a tentar minha própria comunicação.

Não me deixei desencorajar pelo pessimismo nem pelos pensamentos negativos que surgiam de meu pouco conhecimento do assunto. É certo que não havia em mim maior aptidão para isso que a de uma pessoa comum, sem nenhum desenvolvimento extra-sensorial. Porém, no que não havia pensado, era que podia existir uma predestinação pela predisposição para o tema por parte de minha família e a preparação intensa que havia seguido tão laboriosamente um ano antes.

Examinava cuidadosamente os detalhes da notícia no recorte do jornal que tinha na casa, e discorria que todas as tentativas de contato que se fazia do lado científico se achavam condicionadas pelos preconceitos e pelos padrões científicos. Pensava naquelas pessoas escolhidas por suas faculdades paranormais, preparadas para emitir uma mensagem, que se supunha, deveria ser captada pelas grandes civilizações do cosmos e que até o momento não havia obtido resultado algum. Não seria acaso, o momento de mudar de sistema e variar a forma? Não os chamando nós mesmos, senão deixando que eles nos chamem e nos encontrem preparados para o contato?

Era questão de tentá-lo em vez do que se propunha, ou seja, não enviando nada senão preparando-nos para receber algo, o que quer que fosse, e eles com sua evidente técnica avançada nos rastrearão, encontrando as mentes afins. Era óbvio que não se podia pensar em sermos emissorres porque para isso haveria que dominar a telepatia. Mas por que não sensibilizar-se para captar o que os seres extraterrestres poderiam estar emitindo desde muito? Quer dizer, sermos simplesmente receptores.

Se partirmos da idéia de que estes seres existem, que estariam nos visitando desde sempre e que possuem uma maior evolução e desenvolvimento como o confirma a refinada e avançada tecnologia dos Ovnis rastreados, também seu avanço poderia manifestar-se no desenvolvimento do poder mental. De tal maneira, então, não só não se limitariam a enviar mensagens irradiadas, senão que também poderíamos supor que o estariam fazendo telepaticamente ao nível de idéias e inspirações.

Dentro das especulações que naquele momento invadiam meu cérebro, estava a de pensar que se estes seres haviam avançado em sua percepção, não só poderiam comunicar-se a grandes distâncias com suas poderosas ondas mentais para que pudessem ser captados, senão que, quiçá, até saberiam em que momento, por quem e onde haviam sido escutados, estabelecendo de imediato o vínculo e fortalecendo o vínculo com aproximações graduais. Até aqui era aceitar que no caso de um tipo de comunicação assim, eles fariam todo o trabalho pesado enquanto que o único requisito na antena, fora sua boa vontade e predisposição, seria certa preparação que servisse para afinar a recepção. Além do mais, não há antena perfeita que aquela natural que constitui nosso cérebro e as glândulas endócrinas do sistema neurovegetativo (nervoso).

Minha teoria do ser receptor, por falta de capacidade como emissor, não previa que os extraterrestres pudessem escolher seus receptores e que pudessem prepará-los à distância. A experiência demonstraria este último.

Não esperei nem um instante para por em prática minhas intenções de contato para o qual chamei minha mamãe e minha irmã menor, para que reunidos na sala tentássemos uma recepção. Ambas, durante toda a época de minha participação na yoga, haviam sido como minhas discípulas, porque com elas recordava o aprendido, fazendo-as praticar junto comigo.

Eram 9 da noite de 22 de Janeiro de 1974, quando nós três nos pusemos ao redor da mesa sobre a que havia colocado, previamente, umas folhas de papel em branco e um lápis. Seguimos o processo costumeiro de nossas práticas, pelo que começamos fazendo exercícios de respiração, logo nos relaxamos e realizamos uma breve concentração. Haveriam passado uns quinze minutos, quando de repente me senti tremendamente inquieto e impulsivamente peguei o lápis. Meu braço tremia como dominado por uma estranha força desconhecida. Dirigi-o de imediato para os papéis, que começaram a ser rabiscados incontrolavelmente por minha mão que permanecia relaxada. Minha mãe rapidamente foi trocando as folhas uma atrás da outra. Ela, apesar de estar surpresa, tratava de ajudar-me mantendo a concentração de apoio.

Limitava-me a observar a caótica recepção que aparecia independente de minha vontade, ainda que consciente em todo momento do que ali ocorria. De repente detive-me com o lápis na metade da página e deixei de fazer traços sem sentido e surgiram rapidamente palavras escritas muito claras em letras de forma que diziam:

"Sala de estar boa para fazer a comunicação, podemos falar sobre Ovnis em seu país. Chamo-me Oxalc, sou de Morlen, satélite de Júpiter. Podemos nos comunicar mais adiante..."

Ao deter-se bruscamente minha mão, soltei violentamente o lápis. Meu braço ainda tremia pela eletricidade que havia canalizado. Enquanto estive escrevendo, um sem fim de imagens havia passado por minha mente. Claramente recordava algumas, como a de um homem já maduro, sentado em uma espécie de escritório branco opaco, com suas mãos tocando-se nas têmporas. E outra imagem de um grupo de meninos dançando em uma roda, vestidos com túnicas brancas.

O que havia ocorrido comigo era uma variação do fenômeno de percepção que conhecemos como Telepatia e que pode dar-se de forma ou maneira instrumentalizada, isto quer dizer que, enquanto o cérebro capta as imagens ou ondas mentais, interpretando-as segundo o próprio código de memória da antena-receptora, parte do corpo – neste caso precisamente o braço e a mão – atuam sensivelmente como uma agulha de sismógrafo ou eletroencefalograma, transcrevendo automaticamente as idéias já traduzidas em palavras. São as mesmas idéias que, sendo poderosas ondas mentais emitidas à distância, estimulam eletricamente o sistema nervoso, o corpo e a mente do contatado. Igual fenômeno ocorre no caso da "ouija" e da vasografia.

Tudo havia sido concluído às 21h30, sendo nós três testemunhas presenciais e partícipes da manifestação da "escrita automática ou psicografia". Ao reagir, senti-me muito contrariado pelo fato de que tivesse sido tão fácil e simples. Imediatamente declarei-me incrédulo diante de minha mãe a quem carinhosamente chamamos de "Mochi". Ao parar e começar a refletir em voz alta, não me dei conta do momento em que minha irmã deixou a sala para ir chamar pelo telefone nossos amigos para dar-lhes a notícia, e o que disse foi: "Sixto comunicou-se com um ser extraterrestre, venham todos amanhã..."

Mochi, ao escutar-me, censurou meu ceticismo porque segundo ela, havia experimentado na própria pele durante a recepção muitas das sensações que eu havia tido.

Além do mais, havia presenciado uma mudança em mim durante a experiência. Mas tudo isto não pôde me convencer, e me sentia defraudado comigo mesmo por haver-me prestado a semelhante palhaçada. Cria, sinceramente, que estávamos nos enganando, crendo haver podido captar mensagens, sendo pessoas simples, seres humanos comuns e normais sem o menor preparo espiritual nem extra-sensorial. Aceitar que aquilo foi real, não era mais que reconhecer que tínhamos uma soberba gigantesca. Dizia a mim mesmo que era óbvio que havíamos caído em nosso próprio jogo, pois pessoalmente estava influenciado por muitas coisas naquele momento, por um lado a notícia, as investigações de meu pai e minha veemência. E por outra parte, a palestra que verdadeiramente havia me impressionado. Não podia ser real algo tão maravilhoso, chegando tão fácil, só com o pedi-lo.

Com o tempo chegaríamos a compreender “que são eles os que se comunicam conosco e não nós com eles”.

No dia seguinte, quando já havia procurado esquecer a experiência da noite anterior, começaram a me chamar todos os que haviam de estar presentes em uma nova reunião, pelo que inicialmente me confundiram. Até que soube que aquilo tinha sido organizado pela Mochi e minha irmã Rose. Incomodei-me com elas, mas já era tarde. Começaram a chegar os participantes e nos reunimos num total de 20 pessoas, todos amigos do colégio e da universidade. Também se acharam presentes as mães de alguns deles que conheciam Mochi.

Inicialmente não queria me dispor à outra comunicação para não cair no ridículo e não enganá-los. Mas depois cedi a pedido da Mochi que insistiu para que esclarecêssemos de uma vez por todas a autenticidade do fato.

Ao começar a reunião, surpreendi-me ao ver que era minha mãe quem se levantou de seu assento para dirigir ela mesma a reunião, começando por um relaxamento que dirigiu muito bem. Mal tinha ela se sentado, novamente se repetiram as sensações da noite anterior e então chegou a comunicação. A mensagem dizia o seguinte:

"Sim. Oxalc, sou de Ganimedes, nós lhe chamamos Morlen, podemos manter contato com vocês e para provar que é real nosso contato, e não produto de vosso subconsciente, façam-nos as perguntas que desejem, que todas serão respondidas..."

Assim começou uma série de perguntas diversas que na medida em que se foram fazendo, iam recebendo respostas sem nenhum equívoco ou erro. A segunda vez variou na forma devido a uma proposta de Guillermo Duffó, que era conhecido de todos pelo diminutivo de "Mito". Agora as perguntas se faziam sem dizer-se oralmente com cada um escrevendo sua pergunta em um papel que não mostraria a ninguém e se concentraria nela. Depois se constataria a resposta recebida na comunicação psicografada com a pergunta mentalmente formulada. O que se buscava era não dar oportunidade a que se pudesse adivinhar as respostas por meu conhecimento prévio das pessoas integrantes do grupo, no caso de que tudo fosse coisa minha. Isto que se fez, contou com a aprovação do suposto extraterrestre.

Apesar de que eu não lhe atribuí toda a seriedade que lhe dispensavam os demais, me entusiasmava ver que tudo coincidia e que a totalidade das respostas era correta. Cheguei a pensar, então, que se era improvável que fosse um ser extraterrestre de um Ovni, ou de outro planeta que estivesse se manifestando através de minha recepção, poderíamos estar presenciando o descobrimento de um novo sensitivo, que seria eu, pelo que me enaideci e tomei mais confiança em mim mesmo.

A mãe de um dos garotos, que tinha vindo para observar a reunião, como pensava que o que via e escutava podia ser um fenômeno de histeria coletiva, sugestão mental,

alucinações ou qualquer outra coisa incompreensível, quis participar perguntando-me se podia responder-lhe, através da comunicação, sobre um livro que teria guardado em sua bolsa de mão. Queria que lhe dissesse o nome do autor, o título do livro e a página marcada na qual se encontrava sua leitura.

Os olhos de todos se dirigiram para mim e aos papéis que se encontravam sobre a pequena mesa, esperando que a resposta fosse suficientemente contundente para crer definitivamente. A resposta do extraterrestre não se deixou esperar e não só completou o pedido, como também chegou ao extremo de expressar o que a senhora pensava do lido. Impressionada a senhora tremulamente tirou o livro da bolsa e o mostrou. Ninguém podia crer, era tal qual aparecia escrito. Isto já era mais do que o esperado...!

Acalmando o alvoroço que havia se formado entre os presentes, Charlie, meu irmão mais velho – por demais intrigado – exigiu que Oxalc nos desse uma data e um lugar onde pudéssemos confirmar definitivamente a autenticidade do contato e sua natureza extraterrestre. A resposta veio de imediato e dizia:

“Vão a 60 quilômetros ao Sul de Lima, no dia 7 de Fevereiro, mas só os que aqui se encontram e às 9 da noite nos verão e isto confirmará que o contato é real e necessário...”

Entusiasmados pelo acontecido naquela noite e ansiosos pela promessa de um encontro próximo, o grupo se uniu e se organizou para realizar o que seria a primeira saída com tais questionamentos. Eu pessoalmente continuava resistindo a crer e por isso queria de uma vez por todas esclarecer a natureza e procedência das mensagens.

Sabia bem que se nesse momento aceitasse o improvável, significaria dar asas à imaginação, correndo o conseqüente risco de causar-nos dano criando e crendo em tudo quanto fosse ocorrendo conosco, que é o mesmo que brincar com fogo. Tinha medo de equivocar-me e levar outros a erro, por isso apoiei desde o princípio o acampamento que se fez na área indicada que correspondia à localidade de Chilca, e assim sair das dúvidas.

Minha mãe e meus irmãos insistiram comigo para que contasse a meu pai, coisa que não queria fazer até que estivesse certo do que tínhamos em mãos e que se comprovasse que o contato era real e pudéssemos demonstrá-lo depois, coisa que se via muito remota. Mas eles não puderam mais se conter e lhe contaram sobre as mensagens dizendo que se considerava cético a tais sistemas de comunicação, embora não duvidasse da existência da Telepatia, sobretudo quando estivesse se produzindo em pessoas preparadas.

Foi então que meus irmãos insistiram novamente para que lhe desse uma prova através de uma comunicação. Mesmo que não sentisse que as condições eram adequadas, pela ausência da energia que acompanhava a recepção, aceitei fazê-lo e recebi uma pseudo-mensagem pouco consistente, que nem a mim mesmo convencia. Meu pai, incrédulo, pediu que lhe respondêssemos através da comunicação uma difícil pergunta de Astrofísica, que segundo ele, os extraterrestres poderiam responder facilmente. Como não recebia nada, forcei a situação – estava nervoso – e escrevi qualquer coisa que me ocorreu e que evidentemente era uma resposta errada. Ao ver nosso fracasso, sorriu e tratou de consolar-nos dizendo: "Deixem estas coisas aos cientistas e investigadores, somente eles têm capacidade para se preparar algum dia para contatar com seres extraterrestres, e despertar seu interesse. Na atualidade muita gente afirma ter essa ou aquela capacidade, e o não poder demonstrá-la é o mesmo que não possuí-la".

Meu pai não entendeu naquele momento que não alardeávamos capacidade alguma, nem queríamos ridicularizar suas investigações, entretanto, tomei aquele desafortunado incidente como uma lição, já que compreendia que não havíamos sido precisos com as condições necessárias de comunicação. Com o tempo compreenderíamos que não viriam as

mensagens quando queríamos, senão que teríamos que aprender a esperar, saber encontrar a ocasião e a correta disposição pessoal de recepção. Como um resumo de quais devem ser as condições adequadas de comunicação e, por sua vez, um conselho para aqueles que desejam seguir um processo de preparação e predisposição para ter contato, enumero as seguintes orientações, fruto da experiência destes anos e das comunicações a respeito. As mais importantes são:

- O que deseja assumir a condição de antena-receptora, deve ser uma pessoa equilibrada e de ferrenha vontade, sem problemas psicológicos ou nervosos de qualquer tipo. No caso de alguém desequilibrado buscar comunicação, apenas o que conseguiria seria intensificar mais sua condição, ainda que no princípio, aparentemente, isto lhe trouxesse benefícios como paz e serenidade passageira. Digo isto, porque se alguém não tem seu organismo preparado para uma maior vibração, acontecerá a ele o mesmo que se a um circuito de 110V, conectarmos eletricidade de 220V. Sabemos que se fundiria, pois sua resistência não teria capacidade de suportar um fluxo maior de energia.

- Ser objetivo é também importante, sobretudo para poder avaliar as mensagens e as experiências que se vivem. Isto significa que a pessoa deve estar aberta à crítica de grupo, assim como ser capaz de desenvolver a autocrítica mais sincera.

- A pessoa deve criar as condições para predispor o contato, para o qual deve cultivar os exercícios e práticas necessárias para o estímulo do poder mental e fortalecimento da vontade.

- É importante esclarecer que a comunicação mental telepática é muito mais simples e fácil do que se pode pensar quando existe a prática e a suficiente concentração que se consegue no trabalho pessoal constante. Há que se determinar a diferença abismal que existe com a comunicação que estabelece o Espiritismo, Mediunismo ou Espiritualismo, na qual a pessoa é abordada por uma consciência externa, vindo deslocar a própria vontade. Isto é muito perigoso, porque apesar da crença de se estar em contato com espíritos elevados, de seres desencarnados, o que está se fazendo é abrir a porta à toda classe de entidades que se apoderam do corpo do médium chegando a dominar sua consciência que pouco a pouco se debilita e, a cada vez, tem menos possibilidades de opor-se. Igualmente com o hipnotismo se cria dependência de vontades externas como também com a Psicofonia que é um canal porta-voz de uma mensagem verbal, não estando plenamente consciente do mesmo.

Os mesmos Guias extraterrestres nos previnem de todas estas formas de comunicação que produzem mais dano que o alcance positivo que se busca.

- As pessoas que se sentirem propensas à recepção, deverão gozar da confiança dos outros, ou seja, inspirar segurança e tê-la em si mesmas e em seu próprio trabalho.

- A comunicação se dá com a pessoa totalmente consciente, sem que se veja diminuída sua vontade um mínimo sequer, já que a telepatia ou idioma universal das idéias se dá no nível mental à distância, comparável com uma chamada telefônica entre seres concretos e materiais.

- É desejável estar bem descansado, livre de tensões, relaxado e abstraído de problemas de qualquer tipo, buscando o momento e o lugar mais adequado e tranquilo, tendo feito a digestão, ou seja, várias horas depois de haver ingerido alimentos, o melhor ainda, em jejum. A hora não é tão importante, porque a comunicação pode se feita a qualquer momento, mas como chega com aviso, isto é, acompanhada de uma ansiedade e necessidade de escrever, podemos situar-nos no lugar escolhido e esperar um pouco até chegar a hora mais propícia. Não há necessidade de receber-se imediatamente, suspendendo o que estamos fazendo naquele momento, embora isto fique a critério do receptor.

- Para evitar mentalizações que não sejam outra coisa que sugestões ou afloramentos de nosso subconsciente, é preferível manter um horário e dias fixos para nossas recepções em comum acordo com os Guias. Assim, não se cai presa da veemência, também nos abstendo de abordar temas muito pessoais com nossas perguntas e que derivem em pseudo-comunicações com opiniões e conselhos que, por serem nossos disfarçados pela rubrica de um Guia, não contem com a devida maturidade. Também é recomendável que não se suscitem na comunicação, assuntos dos que já tenhamos uma idéia prefixada, pois isto também predisporia as mentalizações.

- É aconselhável que a comunicação se realize na presença de outras pessoas que apoiem o receptor através de sua concentração, e que estas reuniões em grupo sejam realizadas em um horário preestabelecido, que em nenhum caso deverá afetar nosso normal desenvolvimento diário.

Temos visto até aqui quais seriam os requisitos na pessoa que desejará receber comunicação e preparar-se para isso, sendo objetivo, equilibrado, crítico, e de ferrenha vontade. Porém então se perguntará todo aquele que tente: mantendo tudo isto, obterei o contato? E se o obtenho, como saberei reconhecer que a mensagem é autêntica e não mera sugestão?

Como já foi esclarecido antes, são eles que se comunicam conosco e não nós com eles. Quer dizer que os Guias fazem a maior parte do esforço para nos induzir à recepção estimulando nosso desejo de conhecer estas coisas. Mas, apesar de escolherem com quem manter contato, para através dessa pessoa chegar a muitos outros, também pode se facilitar as coisas, preparando-se. Agora, nem todos poderemos obtê-la além de que não haveria necessidade disso, porque bastaria que um ou dois de cada grupo de pessoas o fizesse – depois de tentado por todos – e uma vez adquirida a comunicação, se esforçassem por mantê-la observando as orientações dadas, e acima de tudo, que continuassem contando com o apoio do grupo do qual faz parte. Faz-se necessário que aquele que recebe as mensagens dentro de uma reunião de pessoas inspire confiança nos demais e, por sua vez, tenha confiança em si mesmo demonstrando-o com o esforço que dedica em sua preparação. Quando os Guias determinam o momento adequado para a instrução, selecionam a antena e facilitam-lhe a recepção abrindo-lhe o Terceiro Olho e ativando a antena mental.

Com respeito ao saber distinguir nas comunicações as mentalizações e complementos e separar as verdadeiras mensagens das adulteradas ou falsas, existe uma série de características que mantêm toda verdadeira comunicação e que a destaca frente a qualquer pseudo-mensagem e que se poderia resumir nas seguintes:

- Toda verdadeira comunicação é atemporal, ou seja, que sempre que se volta a ler terá algo que dizer-nos e a compreensão dela variará com a maturidade que ganhemos no caminho espiritual. Não se esgota o conteúdo de suas mensagens em uma só leitura.

- O recebido terá sempre caráter grupal, não havendo possibilidade de comunicações pessoais. Não vamos nos equivocar em julgar uma mensagem como pessoal, quando o procurar o trabalho desse ou daquele irmão, se está cuidando da projeção da Missão de contato e se está se conseguindo com isso um bem geral.

- As comunicações são sempre construtivas, edificantes, jamais destrutivas nem ameaçadoras. Procuram o bem geral e nunca o mal de ninguém.

- O conteúdo de cada mensagem se acha enriquecido por novas contribuições e não se limita nunca a ser a repetição de outras anteriores, menos ainda de opiniões pessoais de integrantes dos grupos.

- Toda comunicação é confirmativa, isto é, que os Guias sabem melhor que nós a necessidade da corroboração da realidade do recebido, sobretudo de sua procedência e boa intenção de ajuda. As confirmações podem variar de acordo com as pessoas e circunstâncias, porém a mais comumente aceita é a do avistamento à hora marcada com antecedência, na presença de várias testemunhas que atestem a relevância e veracidade do confirmado.

Se tivermos em conta todas estas contribuições vindas dos conselhos recebidos e da experiência, teremos uma maior capacidade para discernir dentre o recebido, o quanto e o que procede dos Guias extraterrestres.

CAPÍTULO III

O AVISTAMENTO QUE CONFIRMARIA TUDO

O lugar escolhido para o contato que confirmaria a comunicação era um declive entre montes em uma área desértica, típica da costa peruana onde ainda se podiam ver os restos de um canal de rio quando essa região, no passado, recebeu água das torrentes da Serra, que com as mudanças climáticas sofridas foram se extinguindo totalmente. Próximo se achava um povoado em estado de abandono chamado Papa Leão XIII, lugar este que nos serviria de quartel general para as saídas posteriores. Ali vivia um dos integrantes daquele primeiro grupo, Juan Acervo, estudante do Programa de Arquitetura da Universidade Ricardo Palma de Lima. Sua mãe nos receberia sempre com muitíssimo carinho e entusiasmo toda vez que voltássemos a sua bem cuidada casa de campo ou de temporada, próxima ao mar.

As noites no deserto peruano são frias e silenciosas, características estas que pareciam amplificar-se com a ansiedade, que crescia com o passar lento das horas.

Como havíamos chegado no dia anterior ao marcado para a experiência, aproveitamos a noite para avançar o mais que pudéssemos, internando-nos no deserto pelo antigo caminho que sobe as montanhas para Santo Domingo de los Olleros, explorando pela primeira vez aquela área. Com as mochilas nas costas iniciamos a caminhada com o ambiente bastante fresco, pelo que adiantamos bastante. Mas nossa inexperiência em acampamentos nos fez sobrecarregar nossas mochilas acima do que podíamos carregar, pelo que logo o entusiasmo deu lugar ao esgotamento que terminou por fazer-nos cair estatelados sobre a terra e pedras do leito de um antigo rio. Naquela depressão permanecemos até que amanheceu, descansando e dormindo um pouco.

Com as primeiras luzes da alva despertamos e depois de comer algo reiniciamos nossa marcha. Mais adiante vimos um caminhão parado recolhendo cactos que ali abundam. Pedimos então que nos desse uma carona, ao que concordou o motorista, sendo bastante o que avançamos aquela manhã com a ajuda daquele eventual transporte. Mais adiante detivemo-nos despedindo do caminhoneiro que regressava a Chilca, avançando por uma quebrada onde Mito, Charlie e Juan se esforçaram em levantar as barracas, lutando contra o implacável vento que começou a assolar aquela manhã. Já no alto de uma colina, nos sentamos para conversar sobre as razões de nos encontrarmos ali e da importância de que tudo pudesse vir a confirmar-se, demonstrando que a sinceridade e simplicidade, assim como o esforço, acompanham a todos os grandes empreendimentos.

A partir da localização em que nos encontrávamos, dominávamos todo o vale que se estendia ante nossos olhos, mas na medida em que foram passando as horas, a temperatura foi aumentando, fazendo escassear a pouca água que em nossa provisão havíamos levado.

Não havia nada que nos ofecesse sombra em meio àquele descampado a exceção da barraca. No entanto, nela ninguém agüentaria muito tempo, porque dentro se concentrava mais o calor. Nomeamos uma comissão que procurasse água para os demais, para o qual partimos quatro de nós com os cantis vazios nas mãos. Nem bem havíamos caminhado um quilômetro sob o implacável sol, encontramos uma árvore solitária no meio daquele deserto. Correndo, fomos até ela para desfrutar do frescor da sombra e tivemos que compartilhar seus benefícios com uma colméia de abelhas. Rapidamente fomos expulsos fazendo-nos um favor, porque a uns 50 metros mais adiante encontramos fendas com parreiras de uva Itália, com uns cachos convidativos. Que era isto? Videiras no meio do nada? Depois compreenderíamos que em alguns períodos chega a acumular-se boa quantidade de umidade e até a cair alguma água pelo barranco próximo por onde havíamos caminhado mais abaixo. Isto era por si só um milagre. Arrancamos quanto pudemos e os levamos até os demais, celebrando um festim até faltar-nos. Naquele instante voltou o vento da manhã e derrubou a barraca deixando-nos sem abrigo pela noite. Como aquilo diminuiu nosso espírito de aventura, que já se achava bastante deteriorado pelo excessivo calor e cansaço da caminhada da noite anterior, resolvemos regressar com todas nossas coisas a Papa León XIII e esperar ali que se desse em seus arredores o suposto avistamento.

Nem bem havíamos terminado de levantar acampamento, passou repentinamente um caminhão do exército que ia descendo a ribanceira em direção a Chilca. Detivemo-lo com sinais e aceitou levar-nos. Subimos com os soldados que estiveram fazendo provas de tiro nas áreas altas. De Chilca nos trasladamos a Papa León, à casa de Juan onde descansamos e nos refizemos, preparando-nos para a noite.

A velada noturna começou com uma revigorante refeição servida carinhosamente pela mãe de Juan. Na sobremesa aproveitamos para conversar. A idéia generalizada era: "não esperar nada". Certamente a grande maioria tinha a segurança do que poderia ocorrer, ou melhor dizendo, "de que nada aconteceria". Porém, tudo isso não era preocupação para o grupo, pois se tomava a saída como um passeio e por sua vez como uma aventura alucinante.

Entre todos os presentes, eu me considerava entre os mais céticos. Seguia rechaçando em meu interior a facilidade com a que se havia dado tudo, não podia ser factível um contato extraterrestre através de pessoas tão simples como nós. Era para mim mais fácil pensar que tudo obedecia a minha própria imaginação ou, quem sabe, a alguma entidade brincalhona.

Quando nos aproximávamos da hora marcada na comunicação, os ânimos pareciam exasperar-se. Guillermo Duffó, amigo dos tempos de colégio que estava presente, aproximava-se para comunicar-me sua impressão sobre aquela saída, dizendo-me que estávamos perdendo tempo, por que de acordo com as probabilidades, nada fora do comum poderia suceder naquela noite, a menos que confundíssemos uma estrela, algum meteoro ou até um satélite com o esperado avistamento de um OVNI. E me dizia que sinceramente pensava que tudo era produto de um engano perpetrado por mim em acordo com outro do grupo. Respondi-lhe tratando de convencê-lo até ao cansaço que deveríamos aguardar já que faltava tão pouco para que todos saíssemos de dúvidas.

Escutava falar como entre os do grupo se fazia referência a muitos antigos homens que no passado também haviam sido selecionados pelos então chamados deuses ou anjos – tal como aparece em diversos livros sagrados e lendas – estes eleitos eram gente simples, mas com algo em comum que lhes fazia sobressair do resto e que nós não tardaríamos a descobrir e valorizar.

Faltavam poucos minutos para a hora fixada da confirmação das mensagens. A ansiedade em alguns havia chegado a seu máximo, enquanto que em outros era o pessimismo

o que ganhava mais e mais terreno. A dúvida também crescia e junto com ela, um desejo até então oculto, de que tudo fosse verdadeiro. Éramos conscientes das limitações tanto grupais como pessoais que nos distanciavam das condições ótimas que supúnhamos necessárias para algo de tal envergadura, mas ali estávamos nós em meio ao deserto e em plena noite de sábado quando poderíamos estar fazendo outra coisa, passando bem o tempo no cinema ou em alguma festa.

Quanta não seria nossa surpresa, quando detrás de uma cerra – que não chegaria a mais de 100 metros de altura – ia surgindo lentamente uma luz prateada que inicialmente confundimos com a Lua. Era, quando muito, umas 9 da noite. E a luz terminou por sair de seu esconderijo, iluminando somente o lugar onde nos encontrávamos como se fosse dia. Foi-se aproximando lentamente do grupo, deixando-nos apreciar sua peculiar forma de hambúrguer. Em ambos os lados daquele grande objeto metálico acendiam e apagavam luzes laranjas, azuis e amarelas que pareciam, estabilizadores, porque pouco a pouco a nave foi ficando imóvel a escassos 80 metros acima de nós.

Na parte de cima do aparelho discóide, podiam distinguir-se claramente meia dezena de janelinhas, alguns puderam até apreciar silhuetas de pessoas nelas.

O calor que irradiava o aparato era tremendo. Entre nós havia aqueles que não podiam crer no que viam e não paravam de esfregar os olhos, e mais de um chegou até a pedir que lhe beliscassem o braço para assegurar-se de que não estavam sonhando. Foi neste momento em que Mito se pendurou em mim para suplicar-me quase histericamente que me comunicasse com eles e lhes dissesse que fossem embora, já que todos nos encontrávamos aterrorizados.

Eu também tinha um medo incontrolável, mas este não era tanto como o desconcerto em que me achava envolvido, devido a ter sucedido o inimaginável, quer dizer, aquilo que não estava dentro do quadro de possibilidades que havia pensado, mas que: Tudo havia sido real! Verdadeiramente existia contato e havia sido assim simples.

A insistência de todos para que me comunicasse com a nave determinou que me sentei para tentar manter comunicação através de papel e lápis, da maneira acostuada, ou seja; psicograficamente. A resposta não se deixou esperar apesar de meu nervosismo. Esta dizia:

“Não descemos neste momento porque vocês não sabem controlar suas emoções. Haverá uma preparação um tempo e um lugar...”

Mensagem esta que coincidia com o que a grande maioria havia captado mentalmente.

Sem tirar nossas vistas da nave, que permanentemente mantinha um intercambio de luzes – como querendo comunicar-nos seu total controle da situação com nossas lanternas que ao cabo de minutos haviam se descarregado totalmente, perdendo energia – optamos por comentar o que sentíamos e por sua vez, o que víamos para dissimular o temor e para nos assegurar daquela visão. A astronave se manteve 15 minutos sobre nós até que começou a girar sobre si mesma e a grande velocidade se dirigiu rumo ao mar, de onde posteriormente nos revelaria que existia uma base submarina, especificamente frente às praias de León Dormido e Puerto Viejo, quilômetros 80 e 82 da Estrada Panamericana Sul.

Depois que a perdemos de vista, tive que passar uns instantes até que começássemos a reagir, apreciando em toda sua dimensão e contundência do acontecido.

O regresso foi triunfal para os meninos, que não podiam conter sua alegria, mas eu me sentia comovido e esgotado pela tensão que havia me envolvido minutos antes de tudo o que se verificara e depois pela confirmação tão evidente e impressionante.

Toda aquela mescla de temor e alegria fez-me refletir durante o regresso para casa. Sentia-me abrumado pela responsabilidade que ainda sem compreendê-la, sabia que se

desprendia irremediavelmente dos acontecimentos presentes e futuros, pelo que não podia compartilhar os gritos de júbilo e risos dos demais.

Mochi nos aguardava atrás da guarnição de vidro da porta principal da casa de meu pai. Ela se mostrava complacente... Não sabia o que havia ocorrido, mas o pressentia. Recebeu-nos com uma succulenta refeição e como se compadecendo de nosso cansaço, não nos fez perguntas, mas seu sorriso nos confirmava que de uma forma especial – que costuma ser tão natural de todas as mães – havia estado nos acompanhando, sendo consciente, mesmo sem detalhes, do êxito obtido.

No dia seguinte, durante o almoço, informamos a nossos pais da transcendência dos acontecimentos. Meu papai nos escutou respeitosamente, mas sabíamos que nele existia um preconceito, formado já pelo primeiro engano, que ele tomara como uma burla para sua pessoa e também pelo fato de que não queria crer que seus filhos ou outra pessoa jovem sem a experiência nem o conhecimento necessários que ele julgava como indispensáveis, pudessem desenvolver e manter qualquer tipo de contato com aqueles seres nos que cria e aos que havia dedicado grande parte de sua vida de investigador.

Havia, pois, um delicado problema de amor próprio ou orgulho, porém o que meu pai e todos os investigadores sérios do fenômeno não haviam previsto era que independentemente de uma preparação completa ou capacidade para o contato, este, em última instância está sujeito à vontade dos extraterrestres, os quais sob um planejado sistema de seleção determinam a quem se escolherá, quem cumpre com os requisitos que eles consideram indispensável para uma missão conjunta com eles.

Para meu pai, não somente era pouco provável nosso contato, senão que o tomava como uma fantasia, que de ter algo real, isto lhe fazia entender que de nada haveria valido o esforço de longos anos devido a que à primeira oportunidade se lhe haveria deixado de lado. A dúvida haveria ficado semeada em seu interior, mas ele não pensava em que sem seu trabalho preparando o caminho, jamais haveria constituído em útil instrumento e teria que seguir sendo-o, sobretudo, desinteressadamente, o qual constitui a chave do progresso espiritual.

Como persistia a incredulidade em meu pai, esperamos a que chegasse a hora habitual de receber comunicações, mais ou menos 9 da noite, para consultar os guias sobre o que poderíamos fazer para convencê-lo. A resposta deles foi algo duro para nossa intenção, mas por sua vez denotava sinceridade e dizia:

“Não devem buscar convencer a ninguém, menos a seus próprios parentes. As experiências e confirmações se darão somente aqueles que com a abertura mental e a humildade necessárias, se apresentem ou cheguem onde vocês, dispostos a comprometerem-se consigo mesmos, porque já criam isto e estavam na idade evolutiva, idade do entendimento e tão somente esperavam o chamado solitário.

Sejam conscientes de que não se espera uma fé submissa no trabalho a desenvolver, menos ainda me nós ou em nossa existência, já que isso não tem tanta importância, pois nossa presença é uma realidade evidente e demonstrável.

Pretende-se encontrar gente que saiba achar o aspecto de fundo, a razão de nossa aparição sobre o planeta e o possa entender sem preconceitos. Necessita-se de gente jovem de espírito que creia que pode começar cada dia de novo, desde nunca se fosse necessário, pessoas que estejam dispostas a renunciar a todo o passado e mudar sua vida, as prioridades da existência e o verdadeiro valor das coisas. Gente que saiba distinguir as ofuscações da realidade e que vivendo no mundo não pertença a ele nem compartilhe sua podridão. Não buscamos quantidade de gente, senão qualidade de pessoas.

Se nos oferecem sua amizade, saberemos correspondê-la, compartilhando com gosto nossa responsabilidade de desenvolver a Missão de orientação da humanidade, assim como lhes asseguramos nossa ajuda e apoio frente às dificuldades que se podem apresentar. Finalmente saibam que a Missão recairá totalmente no homem, porque este é vosso plano de evolução e deveis evoluir com ele e responder por ele.

Seremos verdadeiros com vocês irmãos nossos, a seu tempo lhes proporcionaremos os meios de transporte, porque sereis removidos de sobre a face da Terra, mas de imediato daremos orientações de preparação.

Com amor Oxalc.”

Apesar do contundente da mensagem, nós insistimos com os guias pedindo algum tipo de confirmação para nosso pai ao que com muita paciência acederam, dando-nos um avistamento. Oxalc marcou o sábado seguinte, 14 de fevereiro, como data da saída a Chilca, a que deveríamos irmos nós com ele mas sem ninguém mais.

Ao informar a Papai o dito por eles, este se deu conta da enorme ilusão que aquilo representava para nós, pelo que depois de pensar aceitou ir, mas nos disse que nos adiantássemos, porque com os detalhes que lhe havíamos dado do lugar, ele saberia chegar antes da hora marcada.

Ao chegar ao lugar de costume, subimos a um monte de onde se divisava o caminho de acesso. O lugar era solitário e desértico, ponto adequado para um contato extraterrestre. Eram 6h45 da noite, quando – como nos havia assegurado – eles chegaram: sete pessoas compunham nosso pequeno grupo de caminhada e todos notamos a aparição sobre nossas cabeças de duas naves de forma discoidal, de pelo menos 15 metros de diâmetro cada uma, com luzes laranja e azuis.

Os relógios marcavam exatamente 7h00 da noite quando à distância pelo caminho de terra se viam as luzes de um automóvel. Saltamos de alegria ao ver que tudo estava se cumprindo exatamente como se esperava para aquela ocasião. E mais, mal acabamos de nos alegrar quando, às nossas costas, apareceu uma nave-mãe ou noviça – daquelas que atuam como bases aéreas ambulantes – de pelo menos 150 metros de largura, abarrotada de luzes brancas ao redor.

Imediatamente, nossa emoção se viu interrompida ao ver como pelo caminho por onde se supunha devia vir só meu pai se avistavam, agora, as luzes de mais de um automóvel. Temendo que tudo se pusera a perder por uma indiscrição, Mito e eu corremos costa abaixo para ir de encontro aos inesperados intrusos. Nem bem havíamos chegado à parte baixa, pudemos observar a nosso redor, pelo menos uns dez automóveis estacionados e uma grande multidão de pessoas estranhas que haviam descido dos carros para instalarem-se comodamente em barracas, mesas e cadeiras portáteis a espera de um espetáculo. Outros, ainda não haviam terminado de instalar seus telescópios ou limpar seus binóculos, assim como demais acessórios.

Mas quem eram todos aqueles inoportunos curiosos e onde se encontrava nosso pai? De repente, em meio a ruidosa e desordenada multidão, ele surgiu. Podia-se vê-lo extremamente alegre, com um sorriso generoso, que desapareceu bruscamente quando se achou frente a nós e contemplou nossos rostos expressivos. Nossos olhares nunca foram mais demonstrativos da decepção e indignação que sentíamos. Imediatamente abaixou sua cabeça, e como querendo buscar uma desculpa, argumentou rapidamente que não só não cria no contato, senão que também havia se permitido convidar a toda aquela gente do I.P.R.I. para aquela excursão que qualificava – subestimando-a – de simples passeio. Rapidamente foi absorvido e abordado pelos membros do instituto que, como abelhas no mel, se amontoavam

ao redor dele. Deixamos meu pai dando uma última olhada no acampamento. Certamente era incrível ver como se desvirtuava a reunião, já que havia aqueles que ao redor de uma mesa se achavam de mãos dadas procurando, em estado de transe, estabelecer contato com caráter mediúnico. Outros, incapazes de frear seus vícios que para ali lhes seguiam, se encontravam celebrando a noite ao ar livre, mas em vez de fazê-lo desintoxicando-se da cidade e, quiçá, contemplando as estrelas, preferiam beber aos borbotões os caixotes de garrafas de cerveja que se apinhavam ao lado das barracas, onde outros se encontravam em pleno romance.

Não sabíamos o que fazer. Por um lado sentíamos indignação, mas por outro queríamos nos ver livres da vergonha que nos tolhia e pela impotência de não poder expressar nossa frustração. Tudo isto nos havia feito esquecer que ainda sobre a montanha se encontravam as três naves, e que ao voltar a vista para ver se ainda estavam ali, as duas menores desceram vertiginosamente montanha abaixo pela quebrada que ia se abrindo para o vale, passaram tão baixo e por cima da gentalha, que se produziu uma debandada geral, virando-se as mesas, caindo pelo chão muitas garrafas e escondendo-se muitas pessoas dentro das barracas.

As duas naves fizeram um ângulo reto ascendendo a grande velocidade sobre as cabeças de todos e abrindo-se de tal forma, que uma se dirigiu para o norte e a outra para o sul. A isto se seguiram segundos de silêncio total, que foram interrompidos por um som rouco como de um reator, além de um forte zumbido. Era a gigantesca nave noviça que desde sua estática localização para permanentes mudanças nas tonalidades de suas luzes, e que lentamente ia corrigindo sua posição, pois luzia inicialmente ladeada para a esquerda. Pôs-se finalmente na horizontal e girou sobre si mesma, pondo-se de ponta e dirigindo-se para o sudoeste, lentamente, para aumentar sua velocidade, logo passando a escassos 400 metros por cima do acampamento.

Até este momento, dezenas de pessoas do I.P.R.I. haviam seguido os deslocamentos e se achavam atônitos pelo insólito espetáculo do que haviam sido testemunhas. Meu pai não cessava de procurar-nos, mas já era tarde e havíamos empreendido o regresso à montanha.

Ao nos reencontrarmos com o resto dos rapazes do incipiente grupo, procuramos nos consolar mutuamente do desassossego que nos embargava. Havíamos equivocado a marcha. Não era nosso pai o que havia falhado, mas nós, que havíamos querido forçar as coisas, impondo nossa verdade, exigindo demasiado da recente amizade com os Guias. Assim começávamos a assimilar os erros e a tirar proveito deles, já que em sua essência está a experiência que nos aproxima da forma correta. Sem que isto seja justificação, os erros têm sido sinal de nosso caminhar, pois comete erros quem realiza, quem avança, não quem está imóvel ou permanece observando o desenvolvimento dos outros. O perigo não se encontra em cometê-los senão em permanecer demasiado tempo equivocados, pois a maior tempo errados tanto mais difícil poder superar tal condição.

O rumo muitas vezes se nos apresentará confuso, cheio de névoas como em um pântano, e haveremos de nos confundir inumeráveis vezes, até que cheguemos a encontrar a luz do dia, porém se nos detivermos, nos perderemos irremediavelmente. Quanto mais tempo tivermos aproveitado ascendendo em nossa busca, as provas e os erros se tornaram mais exigentes, porque as quedas serão desde maiores alturas. O único que nos ajudará a superá-los será a humildade para aceitá-los, reconhecê-los e a força de vontade para sobrelevá-los e vencê-los.

Não nos estranhe que fazendo eco de nossas necessidades de evolução se nos deixe só no vazio de nossos erros, para assim por em ação nossos próprios recursos. Passaremos assim, da agradável e comprovável sensação conhecida de sermos “guiados”, à terrível “noite escura”, na qual perceberemos claramente que por um tempo indefinido, temos sido

deixados a nossa própria sorte. E o único recurso que temos frente ao desamparo, é a “FÉ”, que aqui interpreto como “confiança” (com – fiança, com a garantia de receber o apoio no momento justo), e com a segurança de não ser provados mais além de nossas possibilidades reais.

O erro que poderíamos chamá-lo também como o milenar e conflituoso término do pecado, é fruto da ignorância, e o homem somente poderá superá-lo sobrepondo-se a este tendo acesso à verdade, que assim lhe suministrará o discernimento necessário, depois do qual, somente deveremos evitar a omissão de que sabido, não fizemos o que de nós se esperava ou o equívoco de querer apurar as cosas cayendo na veemência, que também é a ignorância de desconhecer a ordem natural das coisas. Cada pessoa, como disseram os extraterrestres, possui seu tempo evolutivo, que é a idade da compreensão, herança e ganho de seu ciclo de encarnações que não fazem a ninguém melhor nem pior que outros, senão somente diferente, atravessando seu próprio momento.

Ficamos assim, só no cume do monte, em meio da melancólica solidão do deserto, sem capacidade anímica alguma de receber comunicação que nos aclarara enquanto mais nos havíamos equivocado, e que por sua vez serviria para que chegasse de uma vez a chamada de atenção da parte deles.

CAPÍTULO IV

RETOMANDO A MARCHA: O CASO BELEVAN.

A primeira comunicação depois da edificante saída conjunta com o I.P.R.I., veio como um batismo, pois com justa razão os Guias nos instruíram sobre a norma que haveria de imperar na Missão dali em diante, e que chegaríamos a desenvolver com eles e os grupos. Esta se limitaria a não tratar de convencer impondo idéias, senão tão somente compartilhar com respeito e tolerância as reações produzidas compreendendo que tudo se dá de acordo com o momento no processo de abertura de cada um. O que é evidente é que ninguém busca água se não tem sede. Porém quando a tem, até o instinto sensibilizado lhe indica onde achá-la, igualmente ocorre com os buscadores da verdade.

A partir daquela data incorporamos o “slogan” que guiaria a todo sincero buscador que chegasse a nós, que é: “Vem e Vê”, que, como implicitamente o disse, se baseia na experiência pessoal como recurso para avançar mas com o conseqüente esforço próprio de cada um.

Depois do ocorrido com o I.P.R.I., passaram pelo menos umas três semanas sem que realizássemos saídas. No entanto a comunicação continuou de maneira diuturna e geralmente à mesma hora, ou seja, às 9 da noite.

O que se havia produzido em nós era um tipo de maturidade acelerada pelos golpes ocasionados por nossa veemência. Não podendo evitar esta, o afastamento e divórcio definitivo com o, I.P.R.I. Sabíamos por um lado, que meu pai se sentia ferido em seu amor próprio pelo fato de haver comprovado que certamente o contato existia, mas não com ele, senão com seus filhos. Por outro lado se evidenciava de sua parte, uma crescente atitude hostil e ridiculizante de nossos métodos e progressos diante das pessoas ao redor.

Recordo em uma ocasião – tempo mais tarde – quando a altas horas da noite, saí do quarto ao corredor por um vaso de água. Senti um pequeno ruído na sala e corri a ver do que se tratava. Ao abrir as portas, que permaneciam fechadas, apreciei em seu interior e oculto na

penumbra, meu pai, sentado à mesinha na que de costume efetuávamos nossas recepções de comunicações. Estava ele com papel e lápis, pronto em busca de alguma mensagem que, ao perceber minha presença, se incomodou demonstrando-me o desconforto que lhe havia produzido. Perguntei-lhe de imediato que, se não cria em nosso sistema de enlace com os extraterrestres por que o praticava? Imediatamente e de forma muito direta me respondeu dizendo:

“Os contatos são para as pessoas jovens que querem um mundo novo e melhor, e que crê que pode chegar a fabricá-lo com uma só mudança de atitude mental positiva. Se são só para aqueles que pensam que enquanto há vida, existe uma oportunidade de começar de novo.

Eu já estou velho e vejo que a exigência é demasiada ou, quem sabe, somos nós mesmos os inconformados, sabendo lá dentro que podemos dar muito e a exigência vem de nosso interior; mas é tanto o que se pede!... Bom, enfim, certamente estes seres rastreiam, escolhem e selecionam, assim que por algo será... e eles sabem bem a quem...”

Note que ao terminar de falar com frases entrecortadas pela emoção, meu pai parecia triste e amargurado, quis chegar a ele e abraçá-lo, mas levantado-se rapidamente do assento, se dirigiu a seu quarto fechado a porta. Respeitei seu desejo de solidão evitando toda proximidade, mesmo sabendo que aquilo nos distanciaria mais.

As mensagens que se começaram a receber nesta primeira etapa do RAMA, começaram a proporcionar boa quantidade de instruções, bastante interessantes, que começamos a guardar em um folder à maneira de arquivo de comunicações. Alguns dos rapazes do grupo como Mito Duffó, tiveram o acerto de extrair em fichas o mais valioso e contundente dos ensinamentos recebidos por nós.

Não é este livro o mais adequado para incorporar nele todas as mensagens e informações recebidas dos Irmãos Maiores, já que deve remeter-se à narração das experiências destes anos de contato. Sim embargo, tocaremos nelas de maneira sintética e reduzida, aproveitando toda oportunidade que nos oferece o contexto para expor parte da orientação recebida.

O primeiro tema que eles abarcaram de forma parcial – talvez porque não lhe havíamos dado naquele momento a importância necessária ou, talvez, não estivéssemos preparados para entender e relevar tal conhecimento – foi o da "Catástrofe" que se avizinha potencialmente sobre a Terra. Aqui é quando muitos refletimos em como o fatalismo e o subconsciente coletivo, eram os que criavam tal mentalização, podendo predispor os desastres, mas esta versão pessimista do destino da humanidade maduraria com o tempo na medida em que se estreitaram os vínculos com os Guias, compreendendo o sentido de sua presença e a voz de alerta que representa o contato.

É agora quando sabemos que a grande "Catástrofe", que eles advertem, é algo anunciado por um sem-número de revelações e profecias em todas as religiões e crenças, e em todas é sinônimo de uma grande prova. Uma seleção final e, por sua vez, o passo mediante uma necessária e favorável mudança depurativa para uma era de paz e progresso.

A Catastro – FÉ (Censo ou estimativa de Fé) é o comumente chamado: "Juízo das Nações" do que o Cristianismo faz referência através dos Evangelhos e no Apocalipse de João.

Segundo as civilizações extraterrestres que nos observam, desde que o homem apareceu sobre a face da Terra, o planeta é um plano de evolução sujeito a um círculo vicioso pelo qual tem existido desde há milhões de anos múltiplas civilizações que alcançaram tanto ou mais desenvolvimento que o atual, e que se destruíram devido a sua soberba e egoísmo, que chegou a produzir neles a perda dos valores espirituais e por sua vez um culto opressor à

matéria através de uma ciência divorciada do humanismo. Os Guias têm manifestado que novamente, o homem, na atualidade, se encontra ante a possibilidade de desaparecer ou avançar, e é aqui que se nos faz recordar a mensagem de esperança frente ao fim do mundo, conseguirão na humanidade uma mudança sincera. Não tem presente, acaso que não se pode impor uma mudança, já que o que garante a evolução é o uso correto e voluntário do livre arbítrio para a evolução sem coações nem ameaças, por mais boa intenção que exista?

A presença extraterrestre certamente é uma última advertência frente a uma série de acontecimentos que se haverão de produzir, acelerando o processo de trânsito em que se acha a Terra e, que em vez de destruí-la a levarão para uma transformação a custa de uma destruição parcial de sua população e civilização, como depuração que estimule a uma reorientação. Todo isto ocorrerá segundo se tem dito em um tempo imprecisamente próximo, "tão próximo a ponto de nem poder parar para ver se ocorre..." Oxalc.

A mudança da Terra se conseguirá quando o planeta entre em um estado de transição para a quarta dimensão, e as circunstâncias que apurarão tal mudança serão possivelmente o resvalar de um cometa ou um asteróide que se chocará com a Terra, produzindo alterações no campo eletromagnético do planeta, detonando todo o material atômico que se encontra ativado nos silos nucleares, trazendo destruição e contaminação sobre os mesmos países que os criaram. A reação em cadeia deixará só uma parte do mundo intacta e essa seria a área central da América do Sul.

O círculo vicioso se romperá ao fim porque o remanescente que ficará da humanidade, que previamente haverá sido extraído da face do Mundo, será instruído e preparado para superar as adversidades e os erros. As grandes naves noviças serão postas a disposição dos viajantes terrestres, que em famílias completas e grandes quantidades receberão ajuda e apoio dos irmãos maiores para preservar o gênero humano, escolhendo como pontos de descida e embarque aqueles lugares marcados desde muito tempo, a exemplo Nazca.

Não será, pois, como o homem teme, todo, produto de uma terceira guerra mundial, que já hoje em dia se livra em terrenos neutros através de disputas que já excedem os limites locais, nos que intervêm as grandes potências em forma encoberta ou descarada. É cada vez mais provável que se realize como o marcam os computadores, que tudo seja produto de um acidente não previsto devido ao estresse da tensão política nos mandos militares provocado por aqueles que lhe deram o uso equivocado a energia liberada. Certamente, verão estes sucessos quando o ambiente tenha chegado ao máximo de degeneração e perda de todos os valores morais, o qual sem ser profetas podemos apreciar a simples vista que não está muito distante, já que estão à ordem do dia o egoísmo, o desequilíbrio e o mal, que governa nossa civilização.

Na atualidade, a explosão demográfica e seus conseqüentes problemas, são interpretados pelas mentes extraterrestres, como uma resposta do Universo frente ao momento de prova que atravessa a Terra e à condição de trampolim na evolução que oferece, pelo que muitos seres com potencial de evolução que pertencem a outros planetas que se acham também na terceira dimensão estão sendo enviados a este, encarnando-se para aproveitar a oportunidade de transcender, encarando a prova do homem. Disto se depreende que tantas pessoas não se identifiquem com nenhuma época da história do Mundo, antes bem, quando fazem exercícios de retrocesso reencarnacionista surgem detalhes completamente alheios ao conhecido. Muitos, pois, não pertencem ao ciclo de encarnações do planeta, mas todos aproveitam a conjuntura que se apresenta favoravelmente para uma prova de mudança e evolução.

Mas é acaso a ajuda e proteção prometidas via naves do espaço, a garantia de que posteriormente não se reincida nos erros de sempre?

Não teremos tal segurança a menos que o homem chegue a alcançar o estado de consciência que lhe permita avaliar e sobrepujar a experiência de todo o passado. Esta mudança de atitude frente à vida, não o conseguirá tão facilmente se seguimos vivendo em anti-amor que é o egoísmo, pois isto vai contra nossa própria natureza. O homem é um ser social, se realiza na sociedade através de relações humanas cada vez mais humanas, na medida em que compartilha da de si, consegue executar o plano cósmico que existe sobre ele que lhe determina um lugar singular na harmoniosa disposição do Universo. Negar isto, é negar nossa própria essência.

Será, acaso, que por ver o exemplo que nos dêem, conseguiremos a tão necessitada mudança? Quem sabe com um bom exemplo diante de nós possamos avançar um pouco. Mas, quanto duraria? Eles teriam que ir-se e com seu afastamento voltaríamos a nossas andadas, como já tem ocorrido em outras épocas. A única forma de assegurar que o homem supere suas debilidades e assuma seu momento de evoluir é facilitando-lhe e fazendo-lhe acessível o conhecimento, "Só a verdade pode fazer livre ao homem", pois o medo e insegurança existentes pelos quais se origina a acumulação, a riqueza desmedida e as guerras, são devido á incerteza e ao temor, que não são outra coisa que a ignorância e a falta de identificação com o poder da vontade e a essência mental e espiritual da vida. É neste aspecto em que teríamos que aprofundar mais adiante, pois na recepção do conhecimento e percepção da verdade, está em grande parte o sentido da experiência vivida.

As mensagens que se seguiram ao da Catástrofe, faziam finca-pé permanentemente para que nos preparássemos para difundir o que estávamos passando. Tudo isto era recebido com muito respeito apesar de que não entendíamos nada do que se nos dizia nem a que se referiam com aquilo de "uma preparação".

As saídas se reiniciaram em meados de Março a convite dos Guias, mas para isto já havia um lugar escolhido de antemão que havíamos descoberto na reunião com o I.P.R.I. quando seguimos o passo de uma das naves que ia na direção norte. Esse lugar o chamaríamos "a mina", por haver servido antes como mina.

Era bastante acolhedor por encontrar-se entre colinas baixas, que davam a condição de isolamento sem estar muito distantes da estrada. Neste lugar percebemos um estranho e permanente zumbido assim como uma claridade peculiar. Consultando aquele, foi confirmando como bastante propício para nossos trabalhos, e sempre íamos às experiências marcadas com antecipação, podíamos contemplar como uma nave ao passar por ali a uma altura de uns quinhentos metros lançava potentes fachos de luz, bombardeando toda aquela área deixando uma espessa neblina de cor azulada com centelhas prateadas. As comunicações recomendavam que naqueles lugares irradiados e positivados, efetuaríamos nossos trabalhos de "instrução" que consistiam em um aceleração de vibrações e ativação de nosso potencial de percepção extra-sensorial, mediante exercícios integrais. Ao terminar, a pressão na nuca e na frente, nos mostrava a intensidade do realizado. Por sua vez tínhamos que tirar nossos agasalhos pelo intenso calor que sentíamos e que duraria vários dias. Outro detalhe daquelas saídas era que retornávamos fosforescentes, quer dizer, com um brilho peculiar que logo desaparecia pela manhã seguinte, sendo Mochi a primeira que se apercebeu disso.

O lugar localizável cerca do quilômetro 58 da Estrada Pan-americana Sul, dirigindo-se uns poucos quilômetros para o Leste, ou seja, para as montanhas, serviria durante os próximos quatro meses como lugar adequado para as práticas de preparação que requeriam silêncio e solidão.

Uma a uma as incontáveis saídas nos foram fazendo descobrir a existência de um plano preconcebido, pelo que nada do vivido haveria de ser casual senão programado pelas hierarquias cósmicas.

Para que nosso ego não se inflamasse com as vivências, nos recordávamos mutuamente e de forma permanente, que eram eles os que tornavam possível o contato e que antes, durante e depois de nós, o contato havia existido com centenas de milhares de pessoas, buscando uma reação similar à produzida em nós.

Tem sido difícil durante todos estes anos manter a atitude de humildade inicial para deixar-nos guiar e aceitar os modelos e orientações. Não nego que mais de uma vez tenhamos perdido o rumo, sobretudo quando tem entrado a trabalhar a soberba e a vaidade. O segredo parece estar em não perder de vista a meta que se procura, assim como nossa condição de simples instrumentos conscientes que o trabalho consiste em deixar passar, pondo de lado nossos próprios interesses e ambições pessoais. Tomemos como exemplo um tubo, que em si mesmo não é útil senão na medida em que conectado como parte integrante de um todo, permite a passagem através de si.

Não haverá mérito no cumprir a função estabelecida senão aceitar livremente nosso caminho e os requerimentos de que consta. Por mais instrução que tenhamos recebido até este momento em outras existências ou planos de evolução, recordemos que estamos aqui porque não temos sido melhores em outras vidas, pois como sabemos, somos o produto de nossas existências passadas, porém certamente algum mérito haveremos tido para que se nos determine a oportunidade de estar conscientes podendo fazer uso de nossa liberdade para fortalecer a vontade frente às provas.

Fomos escolhidos dentre o comum das pessoas, recordando que dentre os humildes são os chamados a um serviço que desorienta aos considerados sábios.

A dimensão humana de contatos como este se encontra em fazer que o homem redescubra os valores perdidos e acima de tudo ao próximo, através do qual o espírito do criador se nos faz mais acessível.

Cada um deve talhar, com muito esforço e sacrifício, um lugar na MISSÃO DE SALVAÇÃO das raízes humanas e da sobrevivência do homem sobre a face da Terra.

Ao despertar pouco a pouco ao objetivo de contato que se mantinha conosco, e que depois continuariam com muitos milhares de pessoas mais, fomos compreendendo que os Guias haviam disposto a forma para que a informação e a orientação terrestre não recaísse toda em uma só pessoa expondo-a com isso ao erro e ao fracasso, pelo que para o mês de Abril, éramos vários os que recebíamos comunicação dos Irmãos Maiores: Charlie, com os Guias Godar e Kulba de Alfa Centauro; Juan Acervo, com o Guia Antar de Morlen; e eu com Oxalc. Logo, um mês mais tarde, se nos uniu Rosita, minha irmã, com sua Guia feminina Xanxa, também de Centauro.

Com nosso progresso na reflexão das mensagens e as contínuas saídas, os Guias ajustaram mais o treinamento, fazendo-nos passar durante todo o mês de Abril as chamadas provas de autocontrole. Já seja individuais ou coletivas, que consistiam em alguns casos, em recomendar a cada pessoa que se afastasse do grupo no dia ou na noite à distância que ela considerara mas não mais de uma hora, para vencer, segundo eles, os temores, enfrentando-os, já que como o temos dito, ao único que devemos temer é a nosso próprio medo, porque só ele é capaz de gerar situações reais de perigo, criadas pela insegurança que nos expõe a ocasionar-nos nós mesmos o dano.

Certamente, o medo nos sensibiliza a tal extremo, que amplifica ruídos e cria visões distorcendo a realidade, fazendo-nos ver muitas vezes, seres, que se bem existem em outras dimensões, são incapazes de poder causar-lhes danos.

Outras provas de autocontrole, mas de caráter coletivo, se deram a início de Maio quando durante duas semanas seguidas, e apesar de ter comunicações que afirmavam a participação extraterrestre com presença tangível, eles não apareceram por nenhum lado, e o pior ainda, deixando-nos até com a sensação total de abandono e distanciamento por parte deles. Criámos então, que havíamos perdido o foco havendo-lhes ofendido de alguma forma. Porém, não era assim, logo de um lapso, as naves voltaram com maior continuidade e contundência que nunca, ratificando nas comunicações o caráter de prova da que devíamos de sair airosos. Havíamos entendido que se bem o trabalho seria conjunto, não devíamos criar dependências que impediram o pleno exercício de nossa vontade para continuar ou não. No entanto, também, que sempre tivéssemos presente que nosso trabalho estaria permanentemente vinculado à relação estreita que com eles mantínhamos.

O I.P.R.I., pela falta de um local próprio devido a problemas econômicos mudou-se para a casa de meu pai. Ali, na sala – no mesmo lugar onde meses antes havia se recebido a primeira mensagem do Guia Oxalc – continuaram suas reuniões, obrigando-nos a nos refugiar na sala de jantar desta antiga, porém grande e acolhedora casz verde de Barranco, na esquina de uma agradável dique, frente ao Oceano Pacífico, e com uma belíssima vista de outrora exclusivo balneário de Chorrillos, em Lima, a capital do Peru.

As pessoas de nosso pequeno grupo não mantinham relação com as pessoas do I.P.R.I., mas minha mãe, que participava em parte de ambos naquela ocasião, observava dentre aquelas pessoas que chegavam até meu pai interessadas pelo tema dos Ovnis, quem podia vibrar no contato, e atraía a algumas delas para nossas reuniões. Tal foi o caso do Engenheiro pesqueiro Carlos Belevan, quem em fins de Maio teve que mudar-se, para o qual à hora da mudança enquanto se preparava seu novo domicílio, havia deixado parte de seus pertences em diferentes lugares, como casas de amigos e parentes. E nisso se lhe extraviaram importantes documentos legais, achando-se em graves problemas porque deles dependiam os pagamentos da planilha dos empregados a seu encargo. A urgência do tempo o consumiram em um estado de angústia e desespero, pelo que sem demora e depois de esgotar todos os recursos de busca, veio até nós e expôs seu problema demonstrando sua convicção em que os extraterrestres podiam ajudá-lo. E assim foi ao ser consultado Oxalc, disse o lugar exato onde estes se encontravam. O engenheiro Belevan humildemente respondeu que ali os havia procurado e que além disso o objeto descrito, dentro do qual se supunha deviam achar-se os papéis, não existia, e além disso, era inverossímil que não se guardaram porque devia ser esta uma antiga lavadora de cilindros que ele não possuía. Fomos juntos ao lugar da mudança e em uma lavadora de propriedade dos parentes do engenheiro, donos do depósito, se encontravam os tais documentos tal qual o disseram os Guias. Isto, além de estimular a fé de todos nós, motivou o Engenheiro a dar a conhecer publicamente, importantes evidências captadas por ele e sua companhia, em 1969, da existência de bases submarinas dos Ovnis na costa peruana, especificamente defronte ao Departamento de Lambayeque, no norte do país. Nessa época, a nave de pesca “Roncal”, uma das embarcações de arraste da Companhia Norpesca S.A., tinha conseguido captar através do sonar, uma série de ecossondas de fundo marinho, onde apareciam claramente delineadas astronaves extraterrestres enquanto se buscavam bancos de peixes; e ainda, apareciam na ressonância, o que supostamente seriam instalações e estruturas.

Nesse tempo, todavia seguia assistindo à Associação Yoga na que participava assiduamente os dias de quarta, levando a cabo em forma coletiva mantralizações durante as meditações e logo voltei a repetir porém, em forma pessoal na casa.

Na Associação não sabiam nada de minhas experiências com os Ovnis, porque ainda não havia considerado oportuno dar-se a conhecê-las. Talvez pelo temor do rechaço e da incompreensão, apesar da amplitude de critério que ali predominava. Até que num dia do mês de Junho me aventurei a confiar-lhe sobre o contato à senhora Silvia e ela receosa frente a novas orientações que honestamente – pensava ela – me podiam apartar do progresso ali alcançado, me disse:

"A mente joga muitos males passados. O subconsciente pode chegar a dominar-nos se é que antes não o aprendemos a controlar nós mesmos. Por isso, tenha cuidado... São muitos os elementais e entidades de todo tipo, que falsamente se podem apresentar sob diversas aparências, algumas delas atrativas e até aparentemente elevadas".

Ainda que ela tivesse muitíssima razão, o contato era demasiado real e comprometido para fazer-me atrás pelo qual, depois disto, considerei conveniente abrir-me e deixar a Associação, para dedicar-me plenamente às mensagens dos quais tinha a certeza que procediam de planos e entidades materiais e espiritualmente definidas pela Luz. Lamentei muito o afastamento, mas isto também se produzia porque a Associação havia perdido seu espírito original ao institucionalizar-se, adquirindo seu reconhecimento jurídico, se havia preocupado mais com o social e institucional que com o trabalho profundo.

As comunicações seguiam acumulando-se e reunindo-se na pasta de arquivo que guardava em meu quarto. O caderno está repleto de mensagens e informações valiosíssimas por sua transcendência, sobretudo em temas tão novos para nós como eram a vida nos planos espirituais, os mundos habitados, os diversos corpos do homem, a pluralidade de existências, a grande pirâmide etc.

No mês de Junho se deu um fato que marcou um momentâneo estiramento nas relações com os Guias, pois neste mês sofremos uma proba durante uma das saídas. Naquela ocasião e como querendo esquecer todos os conselhos dados anteriormente, assim como os erros cometidos, nos vimos tentados a convidar a pessoas alheias ao grupo para que assistissem conosco a uma experiência programada com toda seriedade através de comunicações. O não haver tido para nada em conta, a opinião dos Guias foi contraproducente para nós porque no só não ocorreu nada, senão que além disso nos sobreveio a dúvida com relação à recepção. Durante mais de quinze dias não houve comunicação, talvez por pura vergonha e insegurança, além do mais não nos atrevíamos a escutar sua razoável e compreensível chamada de atenção. Logo voltaram gradualmente os contatos quando analisamos e corrigimos nossas falhas.

CAPÍTULO V

O UMBRAL DO TEMPO: OS XENDRAS

A primeira semana de Julho de 1974 nos trouxe grandes surpresas. Ainda recordo como se tivesse sido há pouco a saída que fizemos com base em uma mensagem que dizia que urgia nossa preparação pelo que nos aproximávamos da fase Xendra. Disto, não davam na comunicação maiores detalhes, a única coisa que diziam era que incorporássemos dietas de frutas dias antes das saídas e que assistíssemos em número de sete pessoas, sempre os mais antigos juntos. Isto se devia a que já o grupo havia aumentado duplicando-se o número

original e com isso a capacitação não havia sido uniforme em todos. Já Charlie, meu irmão, recebia algumas das mensagens para as saídas que realizávamos, não tendo, necessariamente, que ser eu a antena oficial.

Como já era costume, sempre chegávamos antes dos encontros, para ter tempo de organizar-nos e localizarmo-nos bem no terreno. Nessa oportunidade fomos na caminhoneta da família Perret, membros novos do grupo; pela Estrada Panamericana Sul, ao povoado de Papa León XIII a escassos três quilômetros de Chilca. Eram 6h30 da noite quando deixamos estacionado o carro, e dali nos dirigimos para "a Mina" a uns quinze minutos de onde nos encontrávamos. Devíamos chegar às 7h00 da noite ao lugar, à hora combinada previamente para a experiência daquela noite. Saímos a pé pelas cercanias de Papa León, sincronizando antes os relógios para calcular nossa chegada com exatidão. O solo arenoso nos atrasava o avanço. A noite bem despejada nos dava marco espetacular para o encontro, quando não que estava conversando com Cuqui – um bom amigo que havia chegado a nós através do I.P.R.I. – me encontrei fisicamente parado na Mina, sem poder me explicar aquele estranho caso de tele-transporte me deixei invadir pelo temor, além disso, analisava minha situação e constatava com meu relógio a impossibilidade de encontrar-me naquele lugar, pois ainda havia transcorrido nem sequer um minuto de que havíamos começado a caminhar. A única coisa que atinei a fazer naquele momento, foi tratar de voltar por onde devia haver vindo, procurando encontrar-me no caminho com o resto, quem por sua vez notou minha inexplicável desapareição e se puseram a buscar-me de imediato, pensando que me havia adiantado correndo, cosa que era definitivamente impossível devido a que Cuqui me perdeu de vista bastou piscar os olhos.

Querendo voltar, dei um volta na Mina, pendente da primeira luz de lanterna que aparecesse. Foi nesse momento em que avistei à distância, detrás da colina, uma estranha luminosidade que depois, na medida que avançava, acercando-me, ia-se perfilando como uma luz à maneira de meia lua, de uns dez metros de diâmetro, que permanecia fixa e concentrada sem iluminar a seu redor. De imediato pensei que se tratasse de uma nave que havia aterrissado, pois não tinha o aspecto de uma fogueira nem o tamanho de uma lanterna. Fiquei quieto observando aquela luz, quando de repente saiu dela uma figura humana, como uma silhueta brilhante com o braço ao alto. Instantaneamente fui presa do pânico. Queria sair correndo, mas minhas articulações se prenderam) de tal maneira que tinha todo o corpo paralisado, queria desmaiar, suava frio o coração batia a um ritmo acelerado. Não podia dar um só passo, e ali mesmo na confusão de minha mente veio uma só idéia a impor-se sobre a desordem mental que tinha. Essa idéia passou a ser uma palavra que escutei claramente em minha mente, como se me falassem ao ouvido e dizia: “Vem”. Sabia que se havia estabelecido novamente a comunicação mental, mas não desejava seguir ali. Não passaram uns segundos e voltei a escutar o mesmo: “Vem!”, mas desta vez o captei imperativo, como se se me estivesse ordenando que vencesse meu temor e me aproximasse da luz. Rebeleime ante esta idéia dizendo “Não!” Não poderiam obrigar-me, ademais, me encontrava sozinho, pelo que lhes sugeria que esperassem aos outros e que dessa maneira, quem sabe, aceitasse. Em minha mente se sucediam infinidade de pensamentos que se entrecruzavam e nos quais repetia a mim mesmo que não devia temer, já que eles haviam aclarado em anteriores mensagens a natureza de suas intenções e seu parecido físico com o nosso. No entanto imediatamente sobrevinham outras idéias, imaginando-me grotescas formas escapadas de alguma película de Ficção Científica, e foi então que captei pela terceira vez o chamado através da palavra “Vem!”, mas agora havia uma mudança, já que este vinha matizado como um convite que me dava a suficiente confiança para tratar de avançar e aproximar-me.

O que me motivaria finalmente a vencer meu temor foi que a silhueta se introduzira na luz, pelo que pensei que talvez haveria se incomodado ou se aborrecido de me esperar, pelo que não quis de jeito algum perder a oportunidade de viver a experiência. Detive-me a escassos metros da luz e comprovei de que esta era uma parede de energia e que não era nada concreto, assim que entrei nela lentamente. Na medida em que avançava em seu interior sentia que perdia peso, que me davam vertigens e náuseas, e até sentia um excessivo calor que abrasava meu corpo. A tudo isto se somou uma forte pressão na frente e na nuca. A luz era tão intensa, dentro, que me obrigava a fechar os olhos, pelo qual não seria minha surpresa quando ainda com os olhos fechados podia ver com toda claridade. Foi assim que percebi que havia uma pessoa diante de mim e que esta era nada menos que Oxalc, ele mesmo ser que dizia estar comunicando-se conosco desde o mês de Janeiro. Não sabia como tinha tal segurança, mas sabia que era ele. Luzia um rosto amplo com cabelo liso solto sobre os ombros, não muito longo nem abundante, media perto de um metro e oitenta centímetros e sua conformação física era similar a de um Mongol, ou seja, com amplas costas e olhos oblíquos.

Estava muito próximo dele quando começou a comunicar-se comigo, para o qual combinava gestos e sinais que fazia com as mãos apoiando os pensamentos que me transmitia com toda clareza. Não abriu a boca para nada, nem fez mímica alguma que me fizesse pensar em ventriloquia. Tudo era ao nível mental, telepaticamente havia enlaçado minha mente com a sua. Disse-me que não tivesse medo porque tudo estava sendo controlado por eles e que se havia disposto aquele momento para que vivêssemos a experiência do Xendra, conscientemente. O termo Xendra, definia a porta dimensional de luz que havia atravessado, segundo se referiram, eles, através de sua avançada tecnologia conseguem concentrar a energia luminosa de tal maneira que podem abrir uma passagem dimensional, cortando duas dimensões como são o tempo-espaco. Mediante este Portal, uma pessoa que ingresse pelo Xendra é desmaterializada anulando sua coesão molecular e reduzindo o peso de seus átomos de tal maneira que, feito luz e elevando sua vibração a altas frequências, é projetado a outro lugar onde existe uma porta de saída, podendo ahorrar grandes distâncias e viver incríveis experiências em outros planetas. Segundo os Guias, este fenômeno tem sua contrapartida natural no Triângulo das Bermudas e outras tantas portas dimensionais naturais que se abrem cada certo tempo em diversos lugares do planeta devido à concentração de energia eletromagnética a consequência das tormentas. Recordemos na zona do caribe, desde os tempos mesmos dos Galeões, existem relatos e crônicas de como os cravos, utensílios e aparelhos metálicos dos barcos saltavam sozinhos pela borda e desapareciam como levados por estranhas forças, muito próxima daquele lugar se acha do Mar de Sargazo, sinistro lugar que servira de cemitério de inumeráveis embarcações.

Não recordo em que momento deixei de sentir aquela insuportável pressão sobre a cabeça e a frente, só recordo que Oxalc me repetia que não tivesse medo e que a transformação de meu corpo era necessária conscientemente.

O excessivo calor havia diminuído, mas já não sentia nem meus braços nem minhas pernas. Disse-me, então, que lhe seguisse até o final do passagem. Era possível se ouvir dentro um som metálico como o ruído de golpes dentro de um tubo. Surpreendi-me muito quando saímos para o exterior, já não era a mesma paisagem desolada de Chilca, senão que se via à distância, em meio a altas montanhas, uma cidade muito iluminada composta de grandes cúpulas à maneira de iglus esquimós. Explicou-me o Guia que aquilo era a cidade Cristal, a Metrópole mais importante de Morlen e das Colônias, onde eles haviam se estabelecido acondicionando a vida artificialmente de acordo com as necessidades de sua

civilização. Tinham aproveitado a energia dos vulcões e das massas de gás que inundam sua atmosfera com metano, da mesma forma que o gelo e as riquezas minerais. Segundo eles, a vida não era possível ali senão até quando a adaptaram artificialmente faz uns milhares de anos. Explicou-me como haviam chegado suas naves procedentes de Órion, Rigel que se encontram entre 500 e 300 anos luz de distância. Sendo oriundos de ditas estrelas, se demoraram vinte mil anos dos nossos em baixar a nosso Sistema Solar, chegando os descendentes dos que partiram.

Os extraterrestres que vieram o fizeram buscando um material que para eles é indispensável ao desenvolvimento de sua civilização que é o Césio, metal alcalino do qual ainda não se conhece muito na Terra, mas que conta com propriedades que permitiram ao homem desenvolver a célula fotoelétrica, além de, por sua duração tende a substituir o Cobalto na cura do Câncer.

Oxalc me disse que havia colônias mineiras na Colonia (Calixto) e em Anaria (Europa), mas que as cidades se encontravam em Morlen (Ganímedes).

MORLEN

MILHARES DE ANOS DE EVOLUÇÃO

Morlen, como se disse, não tinha vida própria (neste acertou a ciência), foi propiciada por colonos de Órion, que artificialmente conseguiram adequar a atmosfera para poder viver no Satélite.

Os primeiros colonos chegaram, segundo o tempo terrestre, faz vinte mil anos antes de Cristo, dirigidos pelos Patriarcas que logo coordenariam o governo da nova Colônia.

O lugar era uma imensa fonte de materiais, entre eles de Cristais de Césio, precioso elemento que procura uma grande variedade de usos.

Os colonos que foram em número de 2.500, se instalaram nos grandes vales que encontraram, e passaram 200 anos, em que se afeiçoou a Colônia: se foram utilizando amplos subterrâneos na planificação das cidades, da mesma maneira que se utilizaram os grandes cristais do outro satélite próximo, para edificar casas. Estes cristais de rocha mediante métodos de processamento técnico e graças a suas grandes dimensões, se aproveitou como edifícios. Eram bons e muito práticos materiais de construção suas formas esféricas dão a visão de graciosos iglus esquimós e seus diferentes tamanhos foram acomodando os distintos edifícios que hoje se apresentam erguidos sobre a Planície do valle de Morlen.

Os Patriarcas da Colônia haviam tomado o encargo de guiar a nova população até que se formasse o que se chamaria a Coordenação dos Anciãos de Morlen ou Conselho de Menores, formado por 12 Veneráveis, entre eles:

Joaquín	Seneral	Anur	Irimon
Soloviar	Asint	Onumi	Onirin
Omiton	Jrovel	Oxmuz	Leron

Aqueles que velariam pela evolução da Colônia.

Entre os primeiros moradores do acondicionado satélite estavam os Patriarcas Ramanes e Oxil, que com mentes elevadas e sabedoria eterna haviam encontrado a Missão da Colônia,

a qual devia ser "Colônia de Colônias": tinha assim que carregar-se e promover nos vales vizinhos as 4 grandes cidades formadas no ere então: duas cidades que seriam o asilo dos membros de raças que estivessem em perigo de destruir-se, cumprindo com o papel de Confederados da "Grande Confederação Galáctica da Estrela", ou seja, oferecer sua incessante ajuda a Mundos em evolução.

Os Mestres Ramanes e Oxil passaram a tomar parte do Conselho dos 24 Anciãos da Galáxia, por sua grande evolução, não representando a nenhum planeta em particular, senão à perfeição mesmo.

As principais inquietudes da nova colônia não só ficaram no estabelecer-se nesse lugar, senão poder também aproveitar a exploração dos Cristais antes mencionados, os quais eram por demais necessários em Órion. E o satélite de Iô era uma fonte inesgotável daquele raro material. Assim se assegurou a permanência do grupo civilizado no Satélite vizinho, devido também à existência da energia interna, vulcânica, que era aproveitável.

O lugar foi submetido a distintas provas e reconstruído adaptando-o para a vida de seres que necessitam de oxigênio. Foi trazido e plantaram grandes variedades de vegetais, previamente selecionados e analisados. Visitaram planetas próximos na busca de alguns materiais importantes e de vegetação arbórea, poucos animais podiam em um primeiro momento adequar-se à vida do lugar já que a atmosfera ainda não estava totalmente regulada. Ainda os colonos usavam escafandros e se moviam torpemente sobre os vales de Morlen.

A vida foi se acondicionando pouco a pouco ao lugar cuja atmosfera já era a adequada para a existência.

As cidades foram surgindo sobre as atuais onstalações, igual à instalações técnicas, que se encarregariam de receber e absorver, tanto a energia solar como a radiação cósmica. Foram edificados: escolas, centros de capacitação acadêmica, museus, as bases. Em pouco tempo tudo estava listo para abrigar a novos colonos e com uma organização bem estabelecida preparando-se para realizar trabalhos que competem a toda colônia da Confederação.

Em sua história passada houve guerras e sucessos que mudariam radicalmente sua forma de viver como em toda civilização.

Como Mundo, apresenta uma forma muito mais organizada e de estreita relação entre seres superiores. O ambiente que ali rodeia o indivíduo lhe permite surgir sem males – exemplos, já que no interior da Comunidade Morleana, a experiência de milhares de anos de evolução, desde Órion, os tem levado a simplificar sua vida, evitando as complicações, mas sim aprofundando-a. O aprofundamento não se dá somente em um nível espiritual e filosófico ou em nível científico, senão em nível de conhecimentos altamente integrados à espiritualidade, que é o toque que nos singulariza e diferencia do conhecimento científico puramente material, que se encontra reduzido a um estreitíssimo.¹⁰

Como dissemos, durante o tempo que têm estabelecidas as colônias, não hão ocorrido desavenças internas, já que o grupo comunal está cada vez mais integradamente ligado na superação espiritual. Mas, não todos os mundos são evoluídos espiritualmente, existindo aqueles cujo interesse pela conquista é maior que o de melhorar como seres. E é assim que em Morlen da mesma maneira que em muitos outros planetas como a Terra Venus, se registram informes de intentos forâneos de invasão, sendo as naves da Confederação as que sempre tem protegido os mundos Evoluídos e em vias de sê-lo, mas as naves não puderam vencer sozinhas a ambição desmedida de poderes externos, senão que contaram também

com o apoio mais além do compreensível, de forças espirituais cuja capacidade não se pode medir mais que com a intensidade do amor.

Durante 200 anos se veio estudando em Morlen como a energia do Sol Galáctico, ou seja, a radiação do centro da Via Láctea, chegaria ao Sistema Solar completando um ciclo no ano 21970 da chegada da colônia a Morlen ou 1970 adiante da era Cristã na Terra. Para isto, os planetas sofreriam uma grande mudança de fase e ofereceriam melhores condições de vida. Ao receber esta energia em seus primeiros momentos, os seres que viveram naqueles mundos seriam afetados grandemente, pelo qual necessitariam de uma preparação de seus habitantes para recebê-la e esta preparação consistiria em um inclinar-se sobre o correto vegetarianismo, os exercícios corporais, a meditação e concentração para o domínio da mente. Parte da preparação seria desintoxicar-se e positivar o espírito. Os efeitos previstos de não encontrar preparação nas pessoas seriam entre outros, a forte radiação que traria como consequência o surgimento de enfermidades que matariam muitos seres, sem que a ciência pudesse encontrar remédio.

Para isto, o satélite Jupiteriano seria sede do Conselho dos 24 Anciãos da Galáxia ou corpo coordenador de todos os mundos evoluídos confederados da Via Láctea. Assim, para o ano 1001 a.C., se centraria o Conselho em uma das grandes cidades d satélite, para desenvolver seus trabalhos de preparação dos sistemas planetas que estariam prontos a receber as primeiras ondas de energia do Sol Galáctico, além de que, o Conselho coordenaria a mudança de fase e de nível de evolução de mundos como a Terra.

Morlen, a princípio se constituiu em quatro cidades: entre estas a mais antiga é "CIDADE CRISTAL", sede atualmente do Conselho da Confederação da Galáxia. Nesta cidade se pode apreciar, pela natureza das edificações, que é aqui onde se há estabelecido o muito elevado corpo de coordenação e direção espiritual, a ela chegam, em peregrinação, gente procedente das outras cidades. Poderíamos descrever esta majestosa e impressionante cidade, nomeando as construções que sobressaem na bela Metrópole. Assim, pois, observamos a gigantesca Cúpula do "Conselho dos 24" o centro de onde convergem todos os caminhos. Caracteriza-se por seu edifício maior e no que se encontra, em seu subsolo, guardado o conhecimento Cósmico. Temos também a grande estrutura do Estádio dos Desportos, o qual não cumpre com a função equivocada que lhe temos dado aqui na Terra: nós homens consideramos o "Desporto", como sinônimo de Competição ou Cultivo do Corpo, e isto claramente é um erro. O verdadeiro significado de "desporto" é "Recreação" mediante a purificação mental e corporal através de práticas de ritmo e equilíbrio.

Quando o homem lhe dá o significado incorreto de competição, faz do esporte uma guerra muito sutil entre países e uma maneira de reafirmar a rivalidade entre homens contradizendo a fraternidade que aí deveria reinar. Por isto, lhes perguntamos: por que agora, em partidas de futebol, basquete etc, se acaba brigando? Até guerras se tem produzido por partidas (exemplo de países da América Central). É que os esportes do homem não lhe dão a paz que busca e necessita, não lhe dão o correto relaxamento já que o corpo elimina toxinas, mas a mente vai se enchendo de toxinas piores, são as do desejo de ganhar, de ser melhor que os demais, a tensão dos esportes vai contaminando a mente do homem.

Também sucede, que quando o homem dá ao esporte o significado de cultivo do corpo, o que está fazendo, somente é elevar seu Ego. De maneira inconsciente está venerando a matéria: extremados casos de idolatria ao corpo, por parte de atletas, os levam ao Narcisismo.

O esporte em Morlen se baseia na recreação e no relaxamento físico e mental, coisa que devemos aprender nós os terrestres.

Em nosso reconhecimento pela "Cidade Cristal"¹¹, podemos observar as Bases de Naves e os Centros de Agricultura ou estufas,

Onde se analisam plantas de todo o Universo; também reconhecemos os Centros de Mineralogia, áreas de Parques, os maravilhosos Museus, as Linhas Astronômicas e Cosmológicas, os Centros Superiores ou Universidades e Laboratórios.

A Cidade mais importante de Morlen atualmente conta com 3000 habitantes sendo as outras cidades, as mais densamente povoadas por ser sua função de produção e habitação, apresenta um gosto esquisito em sua decoração que é integralmente natural, com toda classe de vegetação ao longo de ruas e edifícios. Podemos assinalar que o lugar mais belo de toda a Cidade é o "Centro Artístico" que nos faz recordar os anfiteatros gregos. A maior quantidade de Mestrados e Estudos se fazem aqui, o que explica que se evite quantidades de gente, já que não seria funcional. Aqui nos detivemos para fazer menção a um ponto importante: em Morlen não existe um centralismo de governo, o que muitas vezes traz como consequência o desequilíbrio de cidades e o desenvolvimento heterogêneo. Já que o Conselho dos 12 se encontra repartido entre as diversas cidades e só se reúnem na Cidade Cristal por motivos e razões sérias.

Ao fazer referência a esta grande cidade poderíamos tratar vários aspectos, entre eles a Organização, baseada integralmente na Comunidade ou Comun-Unidade de Irmãos, onde a família individual desemboca na Grande Família "coletiva" composta por todos os seres e onde o casal, culminação do amor maduro, é o principal elemento da funcionalidade da Colônia.

O casal mantém ainda a relação sexual para a procriação, mas o prazer físico é superado pelo prazer mais elevado de trabalhar juntos pelo bem dos demais. O homem e a mulher, pólos positivo e negativo, se complementam atingindo em sua natural afinidade, a perfeita união: no trabalho, em inquietudes, nos interesses, na atração espiritual e mental, uma vez que a atração corporal. As almas complementarias o são assim em todos os níveis, sendo os melhores companheiros de trabalho, e se um clarividente os observa pode ver como as Auras tem afinidades. Quando se chega a alcançar a maturidade emocional e física se sabe que é o tempo de encontrar sua parceira, tendo a possibilidade de identificar-se e conhecer seu complemento, sendo os filhos, fruto de esta união, parte plena da comunidade. Os filhos do casal são parte do conjunto, tanto se ama aos filhos de outros quanto aos de sua própria carne, pois os seres só são do Profundo.

A propriedade também é algo que se vai superando, todos têm e a ninguém lhe falta. Não há necessidade de juntar e guardar mais do necessário já que, como não existem lojas, pode-se ir ao armazém e pegar o que necessita. Para isto, a superprodução faz que tudo sobre, todos trabalham já que o estado de consciência faz com que a pessoa se realize em qualquer trabalho, mas sempre trabalhando. Assim, neste mundo, o homem se realiza cumprindo com a Comunidade e consigo mesmo. Não existe dinheiro, mas sim um alto poder aquisitivo por parte de toda a população, já que as únicas condições para adquirir são pedir e merecer receber. As casas são multifamiliares e dali se vive o ambiente comunitário. Também na forma de vestir se tem conseguido superar o egoísmo, uma vez que todos se vestem com roupas claras muito similares. Dizemos que se tem conseguido superação no vestir, já que o homem aqui na Terra não só tende a cobrir-se por necessidade moral ou física, senão também tende a fazê-lo por brilhar mais que os demais ou por sobressair do grupo (típico caso do uso de exclusividades). Assim, pois, nossos Irmãos Maiores de Morlen se vestem de branco, simbolizando a perfeição que todos esperamos ter, e reafirmando assim, que por fora somos

(11) Chamada assim porque todos os edifícios são feitos à base de cristal de rocha, de cor opaca e grande consistência.

(10) Os extraterrestres não questionam a validade e potencialidade da Ciência Pura, mas ao contrário, esclarecem a necessidade da orientação correta para fins humanistas transcendentais.

o reflexo do espírito, também usam alternando cores como o prateado, verde e celeste em seu vestuário.

A alimentação, como dissemos, está constituída a base de extratos de vegetais, que produzem substâncias necessárias e a energia para a vida do corpo reportándole tudo o que este necesita. Os extratos não contêm um sabor determinado, já que outra forma sutil de apego é comer o que nos agarda ou comer só o que tem sabor agradável. Quando alguém supera a gula só come o necessário, se eliminam grandes problemas corporais de deficiências e excessos e se cumpre a frase: "Vivia para comer, agora come para viver".

Temos tratado até aqui vários pontos acerca da vida, não só na Cidade Cristal, mas também em todas as Cidades do Satélite. É o momento de mencionar as outras Cidades de Morlen, que são:

CIDADE CONFRATERNIDADE, chamada assim porque nela reside a totalidade de colonos terrestres levados pelos Guias. Todos os terrestres, que são em número de 12.000 tem sido levados em épocas distintas e de lugares diferentes do planeta. Há de todas as raças e se lhes tem adaptado para a vida em Comunidade, logo após uma etapa de preparação mediante um descondicionamento de sua vida anterior na Terra, da qual se encarregam os Guias Morleanos. Outra Cidade que é quase contemporânea à Cidade Cristal é a CIDADE RAMANES, cujo nome é um lembrança do Patriarca de Morlen, o qual se encontra atualmente em Planos Superiores. É aqui onde se destacam os maiores Centros Superiores de preparação para Doutores Mentais. Outras cidades são: OMUND, MORLA y SOLMA. Esta última, tão grande quanto para albergar seis raças de colonos, com 8.000 anos de preparação para repovoamentos, são 188.000 seres. Eles vivem juntos, na mais elevada harmonia.

Na Cidade Confraternidade, colônia terrestre, também se encontra grande parte do Conselho de Menores de Morlen, ou seja, o corpo coordenador do desenvolvimento de todas as cidades Morleanas. Este corpo coordenador, como antes mencionamos, está composto por 12 Veneráveis Mestres e rege com uma forma de governo patriarcal, mas, como se nos manifestou nas primeiras comunicações, a forma de governo seria uma espécie de super-comunismo sem barreiras ou um governo Comunal.

Em Morlen se celebram as seguintes festas:

- Dia da Unidade E em especial, todos os dias são festas do Profundo.
- Dia das Colônias
- Dia do Amor¹²

As festas ou festividades em Morlen adquirem um aspecto muito espiritual e sagrado pelo Amor que irradiam todos os Irmãos juntos, algo muito distinto do ambiente que nós lhes atribuímos na Terra a nossas festas.

Atualmente, Morlen conta com um milhão de pessoas naturais e duzentos mil colonos, entre terrestres e de outros planetas.

Sede dos 24 Anciãos da Confederação.

Os 24 Anciãos do Conselho da Confederação representam a união de todos os Mundos evoluídos da Galáxia para a evolução em comum e para encaminhar em conjunto todos os esforços possíveis, para a solidariedade de civilizações, assim como fomentar a ajuda Galáctica nos Mundos que estão tratando de evoluir. Sem quitar o esforço que toca a cada Mundo, os evoluídos ajudam encaminhando e aconselhando. Se um Mundo em evolução está em perigo de destruir-se, a Confederação intervém, removendo os espíritos mais elevados ou fomentando ou que hajam corpos em determinados lugares, para que logo sejam habitados

(12) Celebração dos ciclos de encarnação do Espírito Crístico nos planetas de Terceira Dimensão.

pelos irmãos que conseguiram superar-se no plano de evolução mas que perderam seu corpo ou o têm deteriorado.

O Conselho está conformado pelos espíritos maiores de seres que têm atingido um elevado grau de iluminação e elevação na sabedoria eterna. Estes 24 Mestres de distintos Mundos e dos planos Superiores de desenvolvimento, têm sido designados pelos Mentores para que coordenem todas as Missões de ajuda e de solidariedade por intermédio de todos os irmãos de vestiduras brancas do Universo.

Possuem corpos que lhes faz parecer como anciãos de distintas raças, os quais só são o reflexo de sua adquirida iluminação.

Este Senado Celeste está atualmente coordenando a evolução do planeta Terra que está a ponto de mudar de fase e atingir um novo nível de evolução. Trata-se de preparar a Terra como morada do novo Super Homem que a repovoará.

Bases no Universo:

A Confederação tem bases em todo o Universo, em cada planeta habitado em que se tem atingido o diálogo. Muitos satélites que não tinham vida própria ou que a perderam, têm sido adaptados e nestas proliferam as bases agrícolas.

Em nosso sistema nada mais, se dão bases nos satélites de Saturno e Urano, entre outros.

As bases variam de acordo com sua utilidade e as tem: técnicas agrícolas, pequenas ou grandes colônias, estações etc.

Os Guias de Morlen:

Faz ao redor de 100 anos que para desenvolver as Missões de ajuda que tinha o Conselho, se recorreu à formação de um corpo organizado de Mestres "Guias", que se encarregaria de formar os grupos de Missão nos planetas para ajudar mediante comunicações, telepatias e experiências físicas.

Escolheram-se vários planetas para que formassem academias de Guias, entre estas, as Academias Omund em Morlen, a Academia Celex em Xilox, Oromun em Iô, Sinlax em Europa (satélite de Júpiter), Amon em Apu, Rumi em Venus etc.

Os mais qualificados dos programas de estudos metapsíquicos, os Doutores Mentais dos Centros Superiores, formariam os primeiros grupos de Guias das Academias. As Academias, em uma primeira etapa, serviriam para Doutores Mentais, logo se haveriam introduzido outras ramos do conhecimento. A vida dos Guias, desde que começaram, marcaria o compromisso de seres com toda a Humanidade.

Já havíamos entrado na Cidade Cristal quando saíram a nosso encontro dezenas de meninos que estavam brincando de roda nas que costumam entreter-se as crianças de qualquer povoado terrestre, eram seguidos por uns anciãos que com certeza teriam um reconhecido mérito de paciência. As pessoas da cidade notavam a minha presença tão claramente como eu a delas e não parecia impressioná-las em absoluto, senão que ao contrário, aparentavam estar habituadas aos forasteiros.

O primeiro local em que entrei foi a casa do Guia Oxalc (uma espécie de esfera multifamiliar), onde percebi que as paredes da mesma eram de cristal de rocha e a luz parecia proceder do interior delas. Todo o edifício era uma grande cúpula, não havendo por nenhum lado os ângulos típicos de nossas casas. Vendo minha estranheza, se apressou Oxalc a explicar-me que os ângulos tendem a prender a energia e vibrações das pessoas, produzindo-se especialmente neles as tensões e o negativismo. Os ambientes com ângulos se carregam

mais facilmente das vibrações densas de seus moradores, por isso evitam tais formas, contrapondo com formas esféricas e côncavas. Da área residencial que se encontra nas redondezas da cidade passamos ao centro propriamente dito, utilizando para isto, muitas calçadas mas sempre caminhando. Não havia visto até o momento veículo algum nem grande nem pequeno, para movimentar-se dentro da cidade. Só se podia apreciar como levantavam vôo os típicos discos que cruzavam o céu e igualmente desciam, mas nas cercanias onde se achariam suas bases. Já havia observado a simples vista que a Metrópole não era muito grande, mas isto era só na aparência, pois o verdadeiro movimento da mesma se achava concentrado no subsolo, de onde se estende subterraneamente a cidade, comunicando os lugares públicos por uma vasta rede de galerias.

Entre todos os edifícios (públicos) destacava, como dizia antes, por seu tamanho e imponência, este, estava situado em pleno centro do Vale e da Cidade e era este o que contém a sede esporádica do Governo de Morlen e suas colônias, assim como também o "Conselho da Confederação de Mundos da Galáxia ou Conselho dos 24 Anciãos", que em representação dos Mundos mais evoluídos da Vía Láctea (Galáxia com 400.000 milhões de estrelas), coordenam as Missões, e trabalhos de ajuda para as diversas civilizações em evolução.

Oxalc me levou a conhecer as estufas onde se produzem e sintetizam os alimentos para a população, porque eles são vegetarianos. Ali vi homens e mulheres trabalhando, se podia apreciar que havia diferenças de idade, ainda não muito evidentes. Depois, nos trasladamos ao Museu de Arte onde fiquei maravilhado pelo culto à natureza e as expressões de harmonia e estética que se encontram retratadas ou esculpidas ali. Certamente existiam diferenças quanto à manifestação de arte como expressão de beleza universal e não como plasmações personalistas de realidades subterrâneas e egocêntricas deprimentes. Não havia criações como invenções ou aflorações do subconsciente senão como percepções claras e sensíveis de planos e mundos mais sutis, aos que algum dia chegaremos a ter acesso consciente. Muitas das esculturas ou mostras que ali apareciam haviam sido tomadas da mesma natureza ou reproduzido de coisas existentes na diversidade de mundos.

Nos extremos da Cidade se podiam apreciar grandes instalações destinadas aos depósitos assim como fábricas de bens de consumo. Explicaram-me que cada pessoa trabalha um mínimo obrigatório de horas semanais para a comunidade, que lhe permitem ter acesso aos armazéns de onde retira o que deles necessita e não mais, pois que o acúmulo senão o medo da posterior falta? Além do mais, se pode apreciar que ali não existem nossas concepções egocêntricas de moda e vaidade que pretendem o uso de vestimenta, não para cobrir-se, mas para destacar e chamar a atenção. Existem padrões e modelos estabelecidos de comum acordo pela mesma população para a roupa, com variações de cores e formas que são utilizadas por todos e que respondem a estudos realizados sobre materiais e comodidade, assim como a claridade e tipo de cores que se encontram intimamente relacionadas com o bioritmo natural, a saúde e o ânimo.

Em Morlen não via competição em nenhum sentido, já que ninguém pretendia ser melhor que os demais senão melhor do que ele mesmo é. Sem embargo, havia progresso e avanço. Por todo lado se respirava mudança e superação constantes, fruto de um espírito comunitário perfeccionista e ambicioso, no bom sentido da palavra. Segundo o que pude compreender, o que anima a esta sociedade se acha resumido em seu código moral e social, chamado de o "BREDAM", que não seria outro que a revelação da lei natural para os planos ascendidos. Nele pelo que me ensinaram, impera, o sentido comum tal como o expressa o fragmento seguinte do mesmo:

Só se vê bem com o coração.
Só se identifica corretamente com a intuição.
Só se entende bem com o respeito às razões.
Só se julga bem com a compreensão dos motivos.
Só se dialoga adequadamente com tolerância às diversas opiniões, mas, acima de tudo,
só se ensina bem com o exemplo.

Estive mais de um dia com eles, talvez vários, não me recordo bem, como tampouco me recordo se ingeri alimentos durante todo esse tempo ou descansei, a única coisa de que me recordo, pela quantidade de momentos vividos, foi que era muito o tempo que havia transcorrido. Depois compreenderia que a intensidade com que se vive a vida, pode regular a passagem do tempo. Ao final, novamente nos retiramos caminhando. Sentia-me esgotado e não compreendia o porquê havia escolhido a mim para viver aquela experiência e, assim, não entendia ainda o sentido da mesma. Vi que Oxalc sorria, pois ao captar meus pensamentos, sabia de minha confusão, me disse então: "Só os puros de coração podem abrir as passagens entre as dimensões. Quando regressares não deixe que aqueles que não vêem mais além de seus olhos te mudem. Se usas tua inteligência talvez nunca tenhas que deixar de ser como és".

Certamente me reconfortavam aqueles pensamentos esclarecedores, pois me sentia muitas vezes demasiado pequeno frente à maldade e perversão e, outras um ancião ante a imaturidade e à imoralidade.

Nos aproximamos da luz de saída do Xendra em Morlen e dentro dele o calor aumentou, igualmente, os enjôos e vertigens. Oxalc me pediu, ali mesmo, que me preparasse para culminar a experiência e que compreendesse que se tivesse viajado em uma de suas naves, talvez não tivesse querido regressar e não me tivessem podido culpar por isso, mas era importante que regressasse para que se realizasse a Missão que sobre nós pesava.

O Xendra não permite que se abuse de um tempo limite, depois do qual se corre o risco de que a pessoa fique perdida no espaço e não possa ser reintegrada.

Uma vez de volta ao interior do Xendra, Oxalc me pediu toda atenção e abertura para captar a informação que por meio de imagens ia aparecer em uma tela interna que havia sido colocada a nossa frente. Não imaginava que tipo de coisas me seriam ensinadas, até que um aviso de Oxalc me fez levantar a vista dos controles para o centro da tela que tinha uma intensa cor laranja e que começou a lançar centelhas, até que a imagem foi se ajustando por si só. Rapidamente, e ante minha surpresa foram se sucedendo cenas familiares, como as de minha infância. Nelas me recordava de meu nascimento e infância, mas especialmente como no ano de 1966, quando me dirigia para o colégio – que ficava bem próximo de minha casa – tendo escolhido uma rua fora de minha rota acostuada, uma sombra circular e um estranho ruído com uma intensa cor me cobriram enchendo-me de um estremecimento tal, que pelo temor que senti não atinei a levantar a vista senão que fiquei imóvel com os olhos fixos no chão, enquanto escutava as árvores se agitarem em seus galhos e folhas como se fosse o vento outonal. Soube ali, logo depois de tantos anos, que haviam sido eles quem já desde cedo haviam estado nos seguindo. Certamente foi nesse ano escolar, o Quarto de Educação Primária, no que despuntei nos estudos, deixando de lado a figura de aluno medíocre, passando a comandar os primeiros postos, concluindo ao final dos estudos escolares com o primeiro lugar na ordem de méritos.

Faziam-me ver com isto que não existe casualidade, senão causalidade, e que tudo tem um por que, até o fato de que fosse realmente o único de minha família que tivesse o fator negativo no sangue.

Vertiginosamente se sucediam as imagens e com elas as lembranças que estas despertavam em mim. Era incrível que pudessem aparecer ali todos os momentos de minha vida, como se fosse uma série de televisão. Mas não era outra coisa que a minha mente projetando tais recordações na tela. Oxalá me seguiu pedindo máxima concentração, a qual se me fazia cada vez mais difícil, pois minha mente se perdia nas lembranças. Porém, aquela etapa de minha vida passou fugazmente e comecei a observar coisas mais atuais, como a Associação Yoga, a primeira palestra, a posterior comunicação, o conseguinte avistamento e as demais saídas que haviam antecedido a do Xendra. Até aqui, a luz da tela havia permanecido de cor laranja, logo adquiriu um brilho dourado, chegando, em seguida, a acontecimentos de um futuro imediato, inicialmente relacionados a mim e àqueles que chegariam ao seio do grupo de contato por meu intermédio. Vi também muitos lugares que conheceríamos e nos quais realizaríamos trabalhos de instrução. Vi países, diversidade de grupos e pessoas que empunhavam símbolos e um nome, que me fazia inquietar. Tive então muito medo, pois esperavam todos eles um líder, alguém que lhes mostrasse o caminho e os guiasse, sendo por sua natureza igual, mas acessível a eles; alguém que solucionasse seus problemas, interpretasse suas inquietudes e até caminhasse por entre eles. Sentí-me, então, abrumado pelo peso da responsabilidade e pelo fantasma do erro. Também me via falando ao mundo inteiro através de rádio, televisão e jornais; quem poderia imaginar! Um garoto de 18 anos de idade com sonhos de grandeza. Mas não, nessas imagens me faziam sentir claramente o desdém de uns, o terror de outros, a inveja e as paixões, mas também o carinho e sincera amizade de muitos. Tanto em tão pouco tempo era demasiado para um pobre ser humano sem proteção alguma, e mais ainda, consciente de suas limitações.

A mão do Guia levantou meu queixo dirigindo meu rosto, que já parecia cansado, para a tela. Ele sabia que havia afundado minha cabeça entre os ombros, baixando-a pela tristeza e desamparo que havia sentido ao ver a pouca compreensão que acharia no caminho, pelo que, todavia, não me sentia comprometido.

Contemplei, então, grandes barcos e submarinos com bandeiras vermelhas como sangue, rasgavam mares tormentosos em meio à escuridão. Vinham de todas as partes dispersando-se de imediato ao encontrar-se. Nenhum pertencia ao mesmo país, mas todos eles semeavam igual desconcerto, arrastando atrás de si a ameaça da ruína final. Em vez de reagir o homem, se dedicava mais que nunca na confecção de novas e mais mortíferas armas, que não poderiam ser testadas por não haver lugar algum que suportasse tais experimentos.

Observei, então, que se intensificavam os problemas sociais no mundo, assim como os cataclismos naturais, secas e grandes inundações. E tudo isso tinha relação com os estados mentais alterados que concentravam excessivamente o negativismo sobre os países, e que, por isso, o planeta buscava, como se fosse um ser vivo, livrar-se da enfermidade da contaminação produzida pelo homem. Via reagir a Terra como que seu sangue, que eram os rios e os mares, estivessem sendo intoxicados condenando à morte todo o corpo. Depois via que ocorria o imprevisto: uma série de acidentes nos próprios arsenais e nas centrais nucleares, previam fatídicas consequências, que fariam homem recordar do que sua soberba havia descuidado, ou seja, a imperfeição da criação humana e a margem de erro devido, em parte, ao estresse de sua civilização da qual não pode escapar, assim como, tampouco, do azar do destino.

Então via a dezenas de oportunistas autoproclamarem-se os Cristos encarnados, e a outros anunciar a exóticos personagens tirados da história como avatares da Nova Era. Mas todos eles defendiam e lutavam como os governantes e cientistas por seus próprios interesses, sem pensar em nada na vida humana.

Finalmente, algo sucedia. Parecendo um fenômeno cósmico terminava por alterar significativamente o eixo da Terra e a proximidade de um corpo celeste determinava o que poderia qualificar-se o último e mais funesto acidente. Ao ver-se alterado o campo eletromagnético do planeta, muitas das armas ativadas detonavam em suas próprias bases e silos nucleares e ogivas atômicas se erguiam por toda parte. Via, então, em meio do desespero e angústia das pessoas, uma grande luz que abria passagem em meio à escuridão reinante, e junto com ela grandes naves resplandecentes que pousavam em terra e recolhiam a muitíssima gente. Até aqui, Oxalc havia insistido em que siguisse observando aquela tela, onde as dolorosas cenas me haviam arrancado lágrimas, sentindo em um momento determinado, que o coração se despedaçava. Disse-me então o Guia, que seria pouco o que poderia reter de todas aquelas imagens em minha memória consciente, mas que era conveniente que assim fosse para que isso não me impedisse de desenvolver minha vida normalmente.

Quando tudo terminou, tinha minhas mãos cobrindo-me os olhos sem poder evitá-lo. Oxalc, com muita ternura compreendia meu pranto, assim que sem me pedir, levantei pela última vez a vista e qual não seria minha surpresa ao observar muitas cabanas em meio do que parecia ser um lugar do Vale da Montanha ou Selva Alta, e nelas muitas crianças, que do mesmo modo que em Morlen, dançavam e se aglomeravam defronte a uma escoa. Os rostos dos homens e mulheres pareciam cheios de vida, igual a seus olhos que expressavam maturidade e esperança. Senti, ali, bastante reconfortado, porque aquela visão me fazia esuecer toda a dolorosa transição pela que teria que passar a espécie humana.

O Guia sabia que todo o processo havia sido demasiado intenso para mim, pelo qual me colocou suas mãos sobre minha cabeça, enquanto ia me dizendo:

"Lembre-se disto só naquilo que te ajude. Guarda Atrás do véu de registro interno todo o mais. Não é fácil gravar as imagens de uma mudança necessária para a humanidade que vem acompanhada de tanto sofrimento e desgraça, mas chegarás a compreender que isto é o melhor que pode acontecer ao homem, porque a depuração é a culminação de um ciclo de definições pelas quais passaram distintas humanidades que povoaram este plano de terceira dimensão. Certamente o tempo que se seguirá a definição final é só comparável com o profetizado "Juízo das Nações", que mais de uma religião cita em seus textos sagrados..."

Ao retirar suas mãos de minha cabeça, limpou com seus polegares meus olhos das últimas lágrimas que ainda ficaram em meu rosto, deixando-me uma incrível sensação de paz. Para isto me disse que meus amigos já me aguardavam e que era hora de regressar trasponndo o Xendra. Ao retirar-me, via-o sorrir con carinho, como apoio ao esforço dquela experiência que havia sido enorme para meu corpo e minha mente.

Os rapazes já haviam chegado à Mina depois de rastrear toda a área e perceberam da luz por detrás da colina. Ao aproximarem-se puderam apreciar que do interior da mesma ia saindo eu. Um deles que vinha de lado, observou que o Xendra era de uma espesura de escassos milímetros e que propriamente saia eu do nada. Já fora, senti a diferença de atmosfera, mas ainda me encontrava muito enjoado para aperceber-me de todos os detalhes. Aproximaram-se, então, surpresos perguntando-me: o que era aquilo e o que havia

acontecido comigo? Expliquei-lhes brevemente o que podia recordar do que dentro do Xendra me havia adianatado o Guia, que devia dizer-lhes o menos possível para assim, posteriormente, confrontar experiências com eles. Já que eles também entrariam comigo quando duas semanas depois voltassem a dar as condições para a mesma experiência. Queria saber até que ponto o vivido poderia haver sido sugestão e também não queria influenciar aos rapazes, por isso me limitei a aconselhá-los que fizessem exercícios de preparação mental como são as concentrações e meditações, além de manter inalteráveis suas dietas.

Foi exatamente nesse instante que verifiquei o tempo que havia permanecido dentro do Xendra com o relógio dos rapazes, pois pela soma de momentos podia pensar em vários dias, mas para minha surpresa haviam transcorrido escassamente quinze minutos desde que me perderam de vista na caminnhada. Realmente não correspondia de nenhuma maneira a extensão da experiência com a do tempo transcorrido. Recordei-me, então, algo que me havia dito o Guia de Morlen no umbral que me levaria uma surpresa quanto ao tempo que havia passado, porque sobre ele também atuava a porta dimensional.

Uma experiência similar à vivida por mim, ocorreu posteriormente no Chile, no ano de 1977, em 25 de Abril, quando às 4h25 da madrugada, a 200 quilômetros de Arica, o Cabo Armando Valdés Garrido e 7 soldados do Regimento Rancagua, se achavam rondando os arredores da pequena localidade de Putre em busca de contrabandistas, quando viram uma luz que pousou debaixo de uma colina e projetou uma luminosidade, como uma neblina espessa e brilhante. O Cabo se aproximou, enquanto os demais, cobrindo-se, ficaram petrificados de medo vendo-o evaporar-se dentro daquela luminosidade. Ao cabo de quinze minutos, apareceu a uns 60m de distância, totalmente turbado e enjoado, além disso, com a barba crescida de vários dias. Seu relógio digital marcava 5 dias adiante! Foi posteriormente submetido a exames médicos que não constatarem nada de estranho, mas ele não recordava de nada a partir de seu ingresso naquela estranha neblina.

Chegamos muito tarde em casa aquela noite do Xendra. Sentia-me com todo o corpo adormecido e relaxado, assim que depois de uma ducha me recostei, despertando muito cedo no dia seguinte. No desejo, minha mãe me perguntou se não havia dormido bem à noite, porque tinha os olhos marcadamente oblíquos. Então notei rapidamente que minhas feições diferiam marcadamente das de meus irmãos, sobretudo que agora parecia um oriental. A partir desta data Mochi me colocou o apelido de "Chino". Minha irmã ria com as mudanças físicas operadas em mim. Em mudança meu pai, surpreso, não reagiu de muito bom grado porque em uma ou outra conversa comigo, sentia-se ofendido pelos conceitos espirituais que lhe imprimia e aos quais ele pontuava como sumamente idealistas, dificilmente realizáveis.

Nessa ocasião convidaram-me a ir ao I.P.R.I. para que lhes desse uma palestra, a primeira que dava a esse nível. Nela expressei com ousada segurança, mudanças que deviam operar-se na conduta humana, sem os quais o fim seria irremediável. A muitas daquelas pessoas que me escutaram não lhes agradou que lhes dissesse a verdade e, menos ainda, que fosse um jovem que lhes ofendesse falando-lhes com autoridade de seus erros, pelo que se queixaram a meu pai, que me chamou à parte, e me censurou aquelas considerações, ao que perguntei se por acaso não eram certos, pelo qual o fiz incomodar-se ainda mais e decidiu me chamar violentamente a atenção. Disse-me que quem eu pensava que era? Disse também que fazia dias que se havia estado me observando e que não poderia ser perfeito, que algum defeito encontraria em mim. Isto me preocupou sobremaneira, pelo que decuci não dirigir-me mais a eles.

Posteriormente tratei de averiguar o que poderia haver ocorrido comigo e refleti sobre isso, porque até minha namorada pensava que haviam mudado e que era outra pessoa. Havia

acontecido algo durante a experiência, algo assim como uma comunhão espiritual na que parte dos traços de caráter e até físicos do Guia haviam fortemente impresso em mim. Esta simbiose cósmica havia marcado não sómente meu corpo senão que também meu espírito, tal como o demonstraria minha entrega à difusão do contato.

Procurei ser mais precavido quanto a minha atitude demasiado perfeccionista, porque não havia muita caridade em minha maneira de expresar-me nem de comportar-me, pois estava tratando de obrigar aos demais a que foram como eu queria e não era essa a forma, por exemplo de ensinar: devia ser eu o que fora o que os demais necessitam, quer dizer, o irmão, o amigo, o confidente etc. Devia mudar de atitude deixando o papel de crítico que não corresponde a nada no camino. Recordo como naquele tempo me fiz tanto bem conhecer aquela máxima que diz: "Fala, quando tuas palavras forem tão doces como o silêncio". Mas confesso que até chegar a viver isto, havia causado muitíssimo dano sendo demasiado duro, pensando que dava amor, sendo assim sincero. Porém não, mas foi o rechaço gerado que o bem conseguido. Pouco a pouco fui amadurecendo a real atitude que deve acompanhar o amor e que não é outra que compreensão, tolerância e respeito, e quanto às críticas trarei de por em prática aquele proverbio árabe que diz: "Se vês virtudes nos demais, imita-as; mas se vês defeitos, primeiro examina-te".

CAPÍTULO VI

OS CRISTAIS PIRAMIDAIIS DE CÉSIO E O CONSELHO DOS 24 ANCIÃOS

Depois daquele insólito fim de semana, me sentí mais unido com minha irmã Rose que se interessou na mudança operada em mim, sendo ela a única a ter o valor de perguntar-me a respeito e confeçar-me como me viam os demais.

Na quarta-feira seguinte, fizemos uma reunião, minha irmã e eu, na sala de casa. Eram 22h00, quando vimos então, que se projetou diante de nós um Guia extraterrestre, no meio da casa. Era um ser brilhante, alto e de semblante harmônico, que tratava de comunicar-se com gestos para que estendêssemos nossas mãos, pondo ambas as palmas para cima. Fizemos tal como nos pedia, e ficamos maravilhados ao ver como em nossas palmas se materializavam duas pirâmides do que parecia ser um cristal azulado brilhante, um em cada palma. A sensação de tê-los era como de uma queimação com gelo seco e peso regular. O Guia à nossa frente nos fez a indicação –enquanto sorria complacentemente – de que cruzássemos as mãos de tal maneira que se integraram ambos os cristais em nosso peito. As pirâmides desapareceram uma vez próximas de nosso corpo. Oxalá mesmo, que era quem se achava diante, nos comunicou com gestos e telepaticamente que aqueles cristais eram de Césio e que formariam no astral, a estrela de seis pontas, ou seja, a representação simbólica do equilíbrio. Esta estrela serviria como um plexo adicional ao solar, para catalizar a energia da Luz Violeta procedente do centro da Galáxia, precisamente do Sol Manásico ou Estrela Central da Vía Láctea.

A finalidade da materialização é a de dotar aos integrantes de Rama de um catalizador ou antenagem extra daquela energia que é a luz violeta e que chega com maior força a Terra cada 2.100 anos, ou seja, cada muesança de Era. Em 1970 a Terra iniciou a Era de Aquário, deixando atrás de si a anterior, a de Peixes, caracterizado pelo símbolo dos peixes e a pesca durante o cristianismo, porque assim como os planetas do sistema giram em torno do Sol, as quase 400 mil milhões de estrelas da Via Láctea giram com seus sistemas em torno de um

centro, demorando-se nosso Sistema Solar ao redor de 26 mil anos para dar uma volta completa. Esta órbita é dividida em 12 Eras, conhecidas como o Zodíaco.

Voltando à radiação da luz violeta, diremos que pode ser altamente nociva para o ser humano na medida da contaminação e impureza corporal, mental e espiritual da pessoa, pelo que se aconselha uma adequada alimentação de preferência vegetariana, mantendo o corpo aseado, livre de toxinas e estimulantes e igualmente a mente e o espírito longe da desarmonia e degradação.

A primeira vez que recebemos os cristais, pudemos apreciar à simples vista, procurando depois nos informar sobre eles, o que resultou altamente interessante por que o que foi revelado pelos Guias se aproximava muito da realidade, que por ser profundamente científico, não havíamos tido acesso, mas que se podia verificar.

O Césio é um elemento alcalino que pode dar-se em forma de cristais quer seja formando nitratos ou sulfúreos. Por ser seu ponto de fusão mais baixo que a temperatura de nosso corpo, o Césio muda de estado ao mero contato com ele e por ser solúvel em água, sua dispersão molecular no organismo se dá com facilidade. Prepara-se a utilização do Césio no funcionamento de raios iônicos para projéteis, afora que já se utiliza nos vôos espaciais dos norteamericanos. O Césio 137 ou Césio radioativo, possui 33 anos de vida média, a qual marca como certo a substituição do Cobalto na medicina. Também se utiliza este material nos processos de refrigeração das centrais term nucleares, e, finalmente, na célula fotoelétrica.

Posteriormente saberíamos que ambos os cristais serviriam como tradutores do Registro Akáshico e dos Ideogramas que compõem os anais da Humanidade ou Livro dos das Vestiduras Brancas.

A duas semanas da experiência do umbral, o grupo estava preparado para o encontro. Todos chegaram ao lugar e o Xendra se manifestou à mesma distância do anterior, na mesma área da Mina. Em cima dos montes via-se uma nave em forma de banana com luzes vermelhas e amarelas. Foram então sete pessoas que entramos naquela passagem dimensional que diferente do primeiro, estava tomado por uma luz azul violácea brilhante a maneira de uma espessa névoa concentrada em um só lugar delimitado. Não sabia o porquê da diferença, mas com confiança atinei a introduzir-me com os rapazes dentro dele. A experiência também foi distinta, projetando-nos por um canal de energia à Sala de Reuniões do Conselho dos 24 Anciãos ou Conselho da Confederação da Galáxia. Ali, sentimos que nosso corpo perdia peso e que aparecíamos em um grande salão sobre o qual se erguia uma colossal cúpula coberta de símbolos, entre os quais sobressaía a comumente conhecida Estrela de Davi e a figura de um tridente. O chão era polido como metal, em ambos os lados do recinto havia doze assentos como tribunal, debaixo das quais se multiplicavam os ideogramas mais diversos à maneira de um idioma como o chinês ou fenício.

À nossa frente se encontravam seis lâmpadas, três em cada um dos lados de um grande assento independente como um altar sobre o qual se havia colocado um vaso com flores. O singular promontório se achava coroado pela Estrela de Seis pontas, envolto em um círculo.

Os vinte e quatro troncos estavam ocupados por seres diversos, com uns contrastes incríveis de tamanho, raça e forma que davam a impressão de ser anciãos, ainda que muitos deles não tivessem aparência humana, mas em geral inspiravam bondade e sabedoria. Um dos mais próximos ao assento central, com um físico similar ao comum dos humanos, mas com uma espessa barba muito branca, se incorporou apontando o vaso com flores dizendo:

"Quereis saber nossa concepção de Deus? Pois vos diremos que é uma realidade tão complexa e maravilhosa que se representa na simplicidade e na pureza da natureza. Se não

podeis compreendê-lo, pois, alegrai-vos de poder senti-lo e de ser conscientes da grande esperança e do consolo que isto concede".

Nem bem acabou de manifestar-nos isto, sentou-se. Olhamo-nos então uns aos outros porque apesar de haver-lhe escutado claramente, o Ancião não havia movido os lábios em nenhum momento, igual aos guias em suas mensagens telepáticas, onde as idéias e conceitos não têm idioma algum que limite os meios de expressão.

Seguiu-se ao primeiro orador, outro, que se achava do lado oposto. Seu rosto era totalmente vermelho e seu maxilar triangular, mediria aproximadamente metro e meio de estatura. Incorporando-se nos olhou e nos transmitiu muitíssimas idéias que dificilmente poderíamos guardar por completo. Explicou-nos que o portal Xendra que nos havia transportado até ali era o Xendra Gimbra, que se diferenciava por ser um arco dimensional que se move no plano astral e que mobiliza o desenvolvimento das faculdades metapsíquicas. Contém três canais de captação e bombardeio de ondas íons positivos como de um túnel de conexão planetário. Com diferenças de intensidade e essência, o primeiro tipo de Xendra só é para uma só pessoa, em mudança, o Gimbra é para grupos de pessoas.

Falou-nos também, de que têm existido muitas civilizações sobre a Terra que chegaram a um grande desenvolvimento, e a soberba, da que hoje novamente se gaba o homem, terminou por arrasá-las todas.

Quantas vezes o homem tem tido que recomeçar, quantas raças e sub-raças haverão de ter sua oportunidade para que a humanidade chegue a cristalizar seu destino. Cada vez está mais próximo isto, mas custará muito esforço e sofrimento.

Certamente!... Apressou-se a ratificar outro ser que se levantou imediatamente, era ainda muito menor que o anterior, não tinha nada de cabelo e tampouco se podiam ver orelhas, mas era evidente seu grande intelecto refletido na volumosa cabeça que ostentava.

"Certamente! – disse – o homem tem terminado por criar um deus a imagem e semelhança de seus interesses e debilidades. Aquele, evidentemente nem é real, nem existe tal qual mais além da promiscuidade humana. Esse deus, reflexo dos defeitos da civilização, que para alguns é a ciência e para outros o dinheiro ou o poder, pede toda a veneração, prostituindo seus adeptos e ocultando e perseguindo seus rebeldes detratores. Não há porque huir do mundo, pois se pode estar nele sem necessidade de pertencer ou cair no jogo do sistema.

Rapazes!... Vocês igual a centenas de milhares de Missionarios da Luz, são preparados livres de organizações e estruturas que restrinjam as possibilidades de êxito no que diz respeito ao ensinamento do exemplo pelo amor e pela compreensão. Não permitam que ninguém lhes limite nem encasille a espontaneidade de seu serviço. Sejam autênticos e sempre estejam prontos a colaborar na construção da Nova Humanidade que se está forjando hoje na pureza de vossos ideais, já que têm encontrado neste dia apoio do Profundo Amor da Consciência Cósmica...".

Nem bem havia concluído o estranho personagem seus intensos e sábios comentários, quando uma brilhante coloração água-marinha invadiu a ampla sala circular em forma de cúpula que nos abrigava. A luz parecia proceder das próprias paredes... Então outro ser se levantou dirigindo seu olhar inicialmente para o pequeno altar da parte central e após fazer uma respeitosa reverência nos olhou fixamente. Como querendo penetrar nossas consciências. Os pensamentos que emitia, apareciam nas mentes de cada um dos sete que

achávamos de pé defronte ao venerável Conselho. As idéias se captavam com toda claridade e a uma velocidade assombrosa, sem dar-nos tempo sequer para fazer comentário algum ao companheiro do lado.

Este otro ser que tomó, por así decirlo, la palabra, poseía un cuerpo harto delgado y excesivamente grande, y se refirió al florecimiento de la Nueva Raza en Sudamérica, diciendo:

"Chega o momento de despertar do continente elegido. O lugar ficará limpo de toda contaminação, preparando-se para acolher ao novo homem entre suas montanhas e verdes vales. Esse lugar é a América do Sul, mas haverá de esperar que o próprio egoísmo destrua a maldade, para que tudo comece a reflorecer, mas já não desde o princípio, senão a partir donde se tenha chegado. Quantas vezes antes, o homem teve que começar do zero, esquecendo tudo o que avançou, devendo cair vez após outra em estados de barbárie que o fizeram regressar às cavernas. Porque cada humanidade é como com cada encarnação, ou seja, "apague e faça de novo". Quando esquecem suas existências passadas é porque existem mecanismos que protegem o homem de seus erros anteriores, triunfos e tristezas, que o poederiam fazer viver vidas paralelas e desperdiçar a nova oportunidade.

Que difícil é para aquele que não tem avançado no caminho espiritual e no desenvolvimento da consciência, crescer sabendo que em outra existência amou e odiou a esses ou aqueles, não poderia então desenvolver-se normalmente. Mas para aquele que já tem feito progressos, as lembranças vêm como resposta ao fortalecimento da vontade e ao despertar frente ao destino comum da autorrealização. Estas lembranças são para o que tem avançado, um estímulo e um exemplo para não cometer os mesmos erros.

Cada homem não tem sido melhor do que agora é, já que este é produto de um ciclo de encarnações. Há para isto, quem em contadas ocasiões se lhes permite ficar e seguir encarnando neste vosso plano, pela própria vontade de seguir ajudando, ainda quando seu próprio avanço lhe permita transcender a planos mais elevados e a mundos muitas vezes mais sutis. Também se tem dado o caso de quem desce a planos inferiores por amor, baixando sua vibração e recuperando corpos densos já superados. Saibam e não sejam enganados, que ninguém que realmente seja evoluído o dirá jamais ou fará alarde algum disso, ao contrário, o conhecerão por sua humildade, autenticidade, sinceridade e exemplo, que falarão por ele. E não duvidem de que seres assim na matéria, não vacilam em imolar-se em sacrifício pelos demais, resurgindo da morte, vitoriosos. A morte é só uma mudança de estado".

Foi a vez de um ser do qual não se podia saber a forma real, pois não se via nem pernas nem braços. Todo ele era uma massa amorfa metida dentro de umas ataduras claras. De tal ser se desprenderam pensamentos ainda mais esclarecedores sobre a vida e a morte. Ele disse:

"O homem teme a morte porque tem se esquecido de onde vem e para onde vai. A morte pode chegar a ser a culminação de toda uma vida plena, por isso, um triunfo. Porém, também pode ser a frustração de metas em longo prazo não alcançadas ou até um vazio sem fim por uma existência sem meta alguma. Por isso, a existência deve ser enfrentada praticamente, procurando que cumpra com um sentido "Agora", pode ser que esta dure um tempo determinado ou se reduza a uma mínima fração, sua conclusão a deverá achar realizada.

A morte leva o ser às esferas do hiper-espço, onde não há tempo, e onde se é preparado para a seguinte encarnação, a menos que se ache rechazado as oportunidades e o

processo, como é o caso dos suicidas, que não voltam a encarnar senão até quando se cumpram condições específicas de arrependimento. Outros casos são os daqueles que resistem em aceitar que estão mortos, não podendo libertar-se de seus apegos e afetos transitórios, aprisionando-se por si só ao plano.

O Todo-Poderoso, que é adorado em todas as Galáxias assim como dimensões e por todas as criaturas deste Universo que pulsa e vive e que se expande, crescendo indefinidamente, tem sido tão misericordioso que sabendo que como o ser dificilmente se aperfeiçoa em uma só vida, lhe concede a quantidade de existências que necessite, para avançar ao plano imediato superior para que assim se vá libertando-se de cada um dos distintos corpos de diversos graus de matéria que possui. O que não há na grande escola da vida é o retrocesso, pelo que só existe o estancamento que significa a negação – pelo uso do livre arbítrio – do avanço contínuo e do perpétuo movimento do Universo.

A morte não é mais que essa passagem mediante a qual se supõe uma oportunidade, voltando aos planos astrais para ser avaliado. Nestes, passamos mais tempo que na vida material, porque ali estamos antes de nascer e después de morrer e durante grande parte de nossas experiências astrais. Por isso, em grande conta, são eles muito mais reais... "

Outro dos seres se incorporou citando-nos muitas coisas que serviriam a nossa preparação e para que entendêssemos porque estávamos ali. Este era de aparência humana e de traços marcadamente orientais e abundante cabelo, que lhe chegava aos ombros, o qual começou por dizer:

"Sim, Ele é o Filho de Deus... "

Ocorria que havia lido nosso pensamento, porque naquele momento nos achávamos confundidos por muitas coisas, entre elas sobre a pessoa de Jesus em quem temos depositada nossa fé. A pergunta que martirizava nossas mentes era: quem era Jesus para eles? Respodendo-a, seguiu aquele Ancião:

"Yeshua, Jesus, Emanuel ou Isa, o princípio e o fim, Ele é o Cristo, tal como o conheceis e que viera a nosso planeta procedente das altas esferas pelo ato de amor supremo para o homem, para assim dar-lhe a oportunidade para que saia este de seu estado de ignorância tocando seu endurecido coração, havendo-se determinado que 1.300 anos antes dEle, Moisés tivesse que receber pela debilidade de seu próprio povo, as tábuas das leis em forma escrita, quando aquelas leis sempre foram inerentes ao progresso humano e constituíam no princípio a lei natural. Mas o homem queria liberar-se da responsabilidade de cumprir com sua consciência, dizendo: onde estão as leis? Não as podemos ver, não as podemos tocar, portanto não se nos pode culpar que as transgredimos. Acaso, talvez, nem sequer existam. E nem bem se lhes deu, já as haviam transgredido.

Yeshua veio para calar aqueles que já desde o deserto clamavam falsamente uma e mil vezes, justificando seus erros com aquilo de que: "temos agora sua lei, mas, onde está nosso Deus? Acaso por não poder vê-lo ou tocar, tampouco podemos nem devemos escutá-lo? Como podemos fazer sua vontade se não o conhecemos?"... Então teve que manifestar-se na matéria e ensinar-lhes com o exemplo o que Ele queria do homem, por isso não veio para mudar nada senão para dar cumprimento, respeitando o livre arbítrio de cada ser que é aquilo que realmente nos pertence. Na verdade nem todos os mundos têm sido tão ingratos e recalcitrantes como a Terra, por isso o Criador, os Arquitetos construtores de Galáxias e os Vigilantes Guardiães dos Planos, assim como os Senhores do Karma, deixaram a muitos outros

bem encaminhados para vir prestar atenção sobre aquele que seguia perdido, para alcançá-lo as oportunidades que necessitam como na parábola que vocês conhecem, da ovelha perdida, o pastor deixa as suas 99 juntas para buscar a que está perdida e quando a encontra não a junta de imediato com as demais, para que, por estar enferma, não enferme às demais. Somente quando esta se encontrar e à altura das outras, será integrada ao resto.

Na vida de Yeshua, por inspiração do Profundo, nós coordenamos nas esferas materiais o relativo a seu nascimento, a seu corpo, a sua família e aos mensageiros que dariam os distintos avisos no plano material e astral. Até uma das naves da Confederação acompanhou aos instrutores e protetores do Menino. Mestres, eles, dos diversos retiros interiores da Grande Irmandade Branca, que exerce o Governo Interno Positivo do Planeta e mantém o equilíbrio necessário à espera do tempo cumprido:

Foi ao final dos dias de sua Ressurreição que outra nave o recolheu e Ele, na atualidade, se move a vontade pelas diversas esferas e dimensões, preparando o dia de sua Segunda Vinda e da reorganização final da Humanidade como Planeta, plano ascendido. Não necessita reencarnar-se, pois na atualidade possui um corpo glorificado com o qual virá até vocês. Saibam esperar e tirar proveito de seus humildes e contundentes ensinamentos que não são outras que o exemplo que Ele deixou.

Lembrem-se sempre que até os mais elevados, ao encarnarem-se no plano material, fazem voto de humildade aceitando instrutores que lhes posicionem e preparem. Não tem havido, pois, mestre ou guia de luz que não tenha aceitado tal lei: "Ninguém pode guiar se antes não tem sido guiado..."

É chegado o momento de maturidade mediante o qual o homem sofrerá uma mudança que o marcará finalmente e de forma definitiva. Nosso trabalho se concentra em preparar com vocês, os jovens da Terra, a volta, o regresso de Cristo, que é Senhor do Tempo e do Espaço e que está acima de povos, raças, civilizações e planetas. Por isso, cuidem-se, porque se bem todo é mental e produto da luta a níveis sutis de forças poderosíssimas, o senhor do mundo, que não é outro que, "o enganador", aquele que comanda a escuridão, semeia as trevas da ignorância, que se abate sobre a Humanidade buscando afundá-los nos abismos insondáveis do erro, este fará o indizível por alentar nossa soberba a cada momento procurando que separá-los, induzindo-os a serem dominados pelo governo do egoísmo e dos sentidos, para que desunidos os dissolvais em nada. Assim que acima de tudo mantenham-se limpos de toda contaminação, esforçando-se todos por manter a unidade da integração. Aprenderão a ser irmãos se antes se esforçarem por desenvolver uma verdadeira amizade entre si.

O trabalho que se abre diante de vós é a de despertar consciência, sem complicar conceitos, esclarecendo, mas jamais dificultando a obra de todos aqueles que dentro de sua própria forma já tem conseguido algum êxito.

Existem, pois, muitas formas de ser atingir um mesmo fim, sempre que estas conservem a independência da vontade humana defendendo assim a liberdade, estabelecendo o equilíbrio entre a razão e a sensível intuição. Toda forma é, então, adequada desde que mantenha como prioridade a consecução do fim fundamental que é a salvação do mais importante do homem, ou seja, sua essência, já que pode perder seu corpo físico mas não sua alma imortal com a segunda morte ou perda de sua consciência.

Bem sabem que assim como não podem ser compreendidos os desígnios do alto, tampouco os meios dos quais se vale para fazer cumprí-los. As limitações dos intermediários ou a procedência extraplanetária porém material dos mensageiros ("Anjos") assim como a extração popular dos profetas, de nenhuma maneira desacredita ou minimiza o

transcendente das religiões e doutrinas que se tem estabelecido na Terra, nem desvirtuam para nada o caráter sagrado da mensagem de esperança. Claro está que deveis sempre discernir o que é adossado pela tradição e o que é o fundamento original de cada doutrina, que sempre se encontra acima de todo intento de manipulação interessada. Por tudo isso, o que ao longo das diversas épocas da Humanidade hajam intervindo civilizações interplanetárias com ou sem êxito, tomando algumas vezes partido para o lado oprimido, tem obedecido ao impulso solidário de todo um Universo pendente do momento ao que se aproxima galopantemente vossa Humanidade. A intervenção tem procurado em todo momento a realização de um plano procedente das Hierarquias e deste Conselho, respeitando o livre arbítrio, ainda que tenha havido casos nos quais por um desmedido interesse se tenha cometido excessos com clara intromissão no curso dos acontecimentos como o que protagonizaram 200 cosmonautas que chegaram a Terra em tempos remotos, tomando contato com a raça negra originária deste planeta apesar de que lhes estava proibido, permitindo-se manter relações sexuais com mulheres terrestres, que procriaram seres híbridos com o fator negativo no sangue ou fator de rastreio extraterrestre.

Tudo isso alterou, vez após outra, os planos previstos pelo Conselho dos 24, que já haviam disposto os mecanismos para o cumprimento dos planos estabelecidos pelo Criador para com esta Galáxia e em especial para com o terceiro planeta do sistema solar”.

Assim é...! Advertiu outro dos Vinte e Quatro Anciãos, o qual destacava do resto por seus grandes e redondos olhos em meio de um rosto vazio e impressionantemente pálido, com uma cabeça bastante desenvolvida e uma altura corporal similar a nossa. Disse:

"Assim é...! Ao desaparecer a segunda raça humana, a terceira pouco a pouco foi povoando o planeta, retomando lentamente a consciência perdida. Foi ali, na região da Mesopotâmia, que se levou a cabo o projeto de criar um lugar no qual o novo homem fosse integrado aos poucos ao meio terrestre. Os médicos indicados, caíram no erro de supervalorizar a ciência e preferí-la ao ato de amor. O homem, como vocês bem sabem, foi induzido pela insensatez científica a que incorresse naquilo a que ele havia sido prevenido, com o uso de meios materiais não permitidos, plantas alucinógenas e estimulantes como os que hoje em dia consome grande parte da população para sua própria degradação e evasão de responsabilidades e como os que usam os bruxos, feiticeiros e outros. Como em muitos casos, se procurava adiantar e acelerar o processo de tomada de consciência, aproveitando-se de atalhos no desenvolvimento que mais é o que atrasam que o que aproximam da evolução. Tudo isto porque as drogas destróem em seu consumo os neurônios do cérebro, os quais são insubstituíveis e, além disso, a grande maioria dos estimulantes e alucinógenos cria hábito, dependência, que escraviza a vontade do homem, fazendo dele um ser sem vontade, sem posterior capacidade de realização pessoal, porque tudo o que poderíamos sentir, ver, perceber ou captar com as drogas o podemos conseguir através do trabalho espiritual, pessoal, mas este trabalho é exigente e constante e não carece de atalhos, sendo só para aqueles que valorizam a importância de manter seu corpo e mente limpos de impurezas e contaminações, exigindo-se por sua vez a dedicação para vencer a si mesmos e fortalecer sua fé e vontade através de uma vida orientada para a autorrealização.

É lamentável, mas ali a proveitosa lição de que sob a promessa de experiências sem limite, aquelas plantas envergonharam então, o homem rebaixando-o com visões incontroláveis e mal-estares físicos nunca antes tidos. Ao inteirar-se os Vigilantes do sucedido, abriram o retiro, saindo o homem da Quarta Dimensão, onde o tempo permanece imutável, para ser escoltado pelos Guardiães, quem com armas nas mãos obrigaram a separação,

fazendo os humanos encarar seus erros e soberba, deixando-os sós. Vocês já conhecem também esta história, que se encontra tanto nos Livros Sagrados quanto nos Registros Akáshicos.

Para poder achar esta verdade, teriam que abrir sua mente e começar por compreender que o primeiro Livro da Bíblia que vocês conhecem está incompleto e que constitui uma recopilção de lendas semitas que foram transmitidas de forma oral nos primórdios e que guardam parte da memória daquilo que sucedeu, mas a partir da visão dos tropeiros beduínos. Teriam que por-se na mentalidade daqueles homens que interpretaram ou aceitaram tal qual o que dentro de sua concepção limitada da realidade lhes parecia verdade.

A Bíblia, assim como é a recompilação de lendas que buscavam explicar o Universo e o homem com base na lembrança confusa e distante de fatos remotos, também é o compêndio de dados históricos e conhecimentos científicos que podem ajudar o homem, nem que dizer dos ensinamentos morais e os benefícios espirituais, os quais autenticam seu caráter de Livro inspirado ainda que permaneça fracionada, incompleta e até adulterada com o correr dos séculos.

Foi assim que os descendentes Adâmicos se mesclaram com as populações humanas próximas, levando eles também algo da semente extraterrestre, como bem sabem ser o caso de Caim em sua fuga para a terra de Node, onde conhece sua esposa e estabelece sua família.”

Mas... e fez o homem à imagem e semelhança de Deus? – perguntou um dos rapazes de nosso grupo.

Incorporou-se outro personagem de peculiar semblante e alta estatura, dizendo:

“Pequeno irmão, crê acaso que Deus tem um corpo físico como ol homem? Existem sete corpos que se vão deixando na medida em que se progride espiritualmente, mas, certamente, até os seres espirituais possuem um corpo, porém é distinto, ouseja, de matéria sutil, mais não assim de uma matéria densa, e este corpo sutil é muito diferente do que pensam, pois pode ser percebido por cada pessoa de forma muito variada.

Quando se disse, e chegou a ser escrito, que o homem havia sido criado a imagem e semelhança de Deus, se fazia referência ao aspecto qualitativo do Todo-Poderoso. Isto fica demonstrado pelo fato mesmo de que a religião Hebréia, herdeira e transmissora da versão Bíblica, não pretende em nenhum momento descrever a aparência de Deus para assim não cair na idolatria tanto combatida. Porque Deus é indefinível, e intangível, e indescritível. No entanto, ainda assim, são muitos os homens sumidos na ignorância e na vaidade que pensam que são inerentes os traços humanos no Senhor, ao qual haveria que perguntar-lhes que se creem realmente que Deus é visivelmente de aspecto humano: a que raça, tamanho ou sexo corresponderia sua figura? A resposta certa estará carregada de prejulgamentos, ainda e apesar do caráter pluralista universal do Criador.

Evidentemente, com isto fica descartada aquela esquemática interpretação do relato criador que não reflete realmente o conhecimento ali expresado. Mas, vejamos em que medida se cumpre a versão Bíblica na realidade Terceira Dimensão, na que o homem resume qualidades divinas, como são: a capacidade de Amar, que o distingue dos demais seres de seu planeta, porque ele mesmo é produto do amor, pois procede de um ato de procriação que na maioria dos casos é livremente assumido por consciência e do que nasce o ser como síntese de uma Trindade perfeita e harmoniosa. Além do mais, o homem pode chegar a amar a outros seres que não sejam seus familiares, nem de sua própria raça ou espécie, chegando inclusive a

amar a própria vida e a natureza que o rodeia. Outra qualidade no homem é o aspecto criativo que o aproxima de Deus como também o pode afastar, mas a diferença está na proporção já que se bem é certo possui esta faculdade, não pode chegar a criar nada do nada. O homem tem que partir das coisas já criadas para reorganizá-las de acordo com suas necessidades. Como podem perceber, cumpre-se que o homem foi criado a imagem e semelhança, ouseja, na proporção a sua natureza de centelha divina. Lembrem-se que o reflexo é somente a luz que projeta o corpo em uma superfície polida e que repercute neste. Somos, pois, o reflexo da luz do Criador.

“Vê agora, querido irmão, que semelhança não é o mesmo que igualdade”.

“É chegado do tempo de regressares...” – comentou outro Ancião de aparência humana, que luzia um peitoral no peito como feito de rocha e cristal. Levava-o sobre sua túnica branca que lhe chegava até os pés. Não tinha cabelo, mas sim um delgado bigode, que lhe encobria sua larga boca, coroada por um achatado nariz tal qual os orientais. Seus olhos escuros e penetrantes nos envolviam completamente, sendo inesquecivelmente expressivos. Voltou a falar-nos dizendo-nos:

“Faz-se tarde já... deveis regressar comprometidos pela Missão que hoje se lhes encomenda, esta será conhecida por vocês em sua integridade dentro de pouco tempo. Chamar-se-á Missão Rama ou Sol na Terra, trabalho de irradiação. Consistirá no que a ponte de comunicação já estabelecida se mantenha, cresça, se aperfeiçone e, ao final, seja depurado, para que só fiquem aqueles que serão os “futuros instrutores” da Nova Humanidade. Essa gente será auto-selecionada pelas provas e dificuldades, porque só aquele que é determinado e voluntarioso poderá suportar e concluir com perseverança a preparação. A mensagem será para todos, mas não para todos a preparação.

Voltareis ao Mundo como infiltrados, pois a civilização se acha governada pelas trevas e engano, por isso ao regressarem como missionários da luz, sereis rechaçados, pelo que deveis suportá-lo, guardando-se de toda contaminação. Não poderemos culpá-los se em algum momento chegarem a querer voltar atrás, mas se seguirem, saibam que terão sempre nosso apoio e respaldo, estaremos permanentemente pedindo por vocês, trazendo-lhes a ajuda necessária, mas sem criar dependência alguma que poderia estorvar-lhes. A prova é vossa e vosso o triunfo pela urgência preparem-se intensamente e dediquem o caminho a Cristo que há de voltar logo estarão, nesse ensejo, os mensageiros com as naves os que farão soar o sinal do chamado final, o qual também fareis vós ainda que só fique um de vocês para realizá-lo. Assim, os que preparastes e os que só se prepararam com seu trabalho espiritual saberão responder ao aviso último antes do Grande Dia.

Os lugares de embarque de grande parte da Humanidade tem sido marcados desde há séculos sobre lugares moldados pela natureza e marcados pelos Vigilantes, para que quando pelo próprio desenvolvimento do homem em sua carreira para o espaço, este tivesse capacidade de interpretação e soubesse reconhecer a intenção de tais paragens.

Ide em paz, e que o Pai Eterno, o Profundo Amor da Consciência Cósmica lhes ilumine e fortaleça no tempo de espera, que tem sido dilatado para que cheguem aqueles que faltam, mas por sua vez vai se acortando em dias porque senão ninguém seria salvo nem perseveraria...

Uns aos outros, tivemos que chamar a atenção para fazer uma reverência de despedida e retirar-nos. Mais de um tinha os olhos fixos sobre a imensa estrela de seis pontas que coroava a cúpula do recinto. Era a mesma figura ou o Emblema de David que este rei israelita

usara como emblema, mas o que ocorre é que este símbolo e o que significa era muito mais anterior ao próprio David.

SIMBOLISMO DO EMBLEMA DO RAMA.

A palavra RA-MA se acha composta de duas sílabas, cada uma das quais nos pode aproximar muito do significado profundo da Missão em si. O primeiro dos significados se desprende da sílaba "RA" que significa Sol. O centro da irradiação, a fonte primeira de luz e energia. Associamos o Sol o irradiar luz, ação e trabalho.

A segunda sílaba é "MA" que pode nos significar Terra, nosso próprio plano de evolução, a esfera na que nos encontramos vivendo, o "Grande Teatro do Mundo"... Associa a ele também, com a humanidade no Mundo. De tudo isto se obtém a resposta do que para muitos é a pergunta inicial: o que é RAMA? RAMA é, pois, "Sol na Terra", irradiar no Mundo, Missão Mundo, trabalho com a humanidade. Tal é, pois, o que afinal de contas, encerra o nome que os Guias Extraterrestres sugeriram para esta Missão de ajuda à humanidade. Não é, no entanto, a Missão RAMA a única missão, senão uma mais como há muitas outras anteriores, e seguirão tendo. Todas elas complementárias, só que aqui em RAMA se dá um permanente diálogo com Irmãos Maiores de esferas superiores, da qual se desprende a ajuda que se pode dar à humanidade em múltiplos níveis, há que aprofundar nela para dar-se conta.

Há símbolos que foram aparecendo através das comunicações psicográficas – telepáticas e encontros físicos com os extraterrestres. Estes guardam relação com idéias e conceitos de sua forma de vida, assim como das fases, níveis e atividades que se tem de manifestar no interior da Missão.

O primeiro símbolo que aparece é a Estrela de Seis pontas – muito conhecida como Magenda David, quer dizer, a estrela judaica – no interior da Missão nos representa o equilíbrio e a Grande Irmandade Branca do Universo ou Irmandade da Estrela. Este símbolo se encontra amplamente difundido nos planetas da Confederação de Mundos da Galáxia e especialmente em Morlen (satélite de Júpiter) ao qual fomos levados ou transportados mediante o Xendra.

Na Missão RAMA, a estrela aparece integrada a uma série de outros símbolos que representam a Missão e suas fases de desenvolvimento e evolução. Assim, em seu interior encontramos:

- A Cruz: ou símbolo positivo de adição. É um símbolo de movimento, de ação, atividade, irradiação, de vitória espiritual.

- O Tridente: que sintetiza os planos do homem: material, mental e espiritual. Representa a evolução do homem. O homem que como uma flecha se dispara para o Todo, para Deus. Quando se simboliza o demônio com um tridente nas mãos, é justamente representando o poder de frear a evolução do homem. Porém não há mais demônio, que o que levamos dentro.

- O Número 7: que simboliza o Absoluto, a Sétima dimensão ou Consciência Estelar.

- O Número 4: que simboliza a presença dos Guias Extraterrestres, provenientes da base mais próxima da Confederação e essa é Morlen, em Júpiter. Na Astrologia, o número 4 representa precisamente o planeta Júpiter.

- O Número 8: ou o signo Alpha, simboliza o voltar às origens, à própria essência da humanidade, através da reflexão e da meditação.

Além de todos estes símbolos que encontramos integrando a Estrela, se encontram também uma série de conceitos, que aparecem entrelaçados pelos pequenos triângulos e linhas da estrela plana. Estes podem ser associados entre si pelas projeções que se fazem das líneas e dos triângulos.

Dois Guias nos acompanharam de regresso pelo Xendra. Um deles era uma mulher e seus traços eram muito femininos, sem que tivesse nenhuma maquiagem que os destacasse. Ao voltar, nos encontraríamos novamente na Mina. Era já muito avançada a noite e as estrelas cobriam o lugar. Sentíamos um grande cansaço como se não tivéssemos dormido por vários dias seguidos, ademais, nos incomodava uma forte pressão na frente e na nuca. O cansaço desapareceria com o descanso reparador e ao dia seguinte a sensação de plenitude física e anímica marcaria ou contraste.

CAPÍTULO: VII

OS NOMBES CÓSMICOS

No final de semana seguinte e depois de vários dias de longa e ansiosa espera, mas também de estreita vinculação através das comunicações, nos dirigimos à Mina e ali fizemos um trabalho de projeção mental, prática que havíamos aprendido da instrução direta dos Guias nas mensagens. Nela, Guillermo (Mito) e eu, que havíamos nos separado do resto dos rapazes que participavam da saída, nos vimos projetados ao interior de uma nave, em uma espaçosa sala redonda onde o Guia que nos recebeu nos disse que, naquela estância, ele se encontrava acompanhado de Rolem e Tell-Elam, pelo que supusemos de imediato, que seriam outros dos Guías, mas como não víamos em nenhum lugar a ninguém mais, não lhe demos importância.

Naquela ocasião, nos relataram os extraterrestres a história das Grandes Pirâmides, fazendo-nos observar as imagens na ampla tela que se achava dilante de nós. Haviam nos indicado que nos concentrássemos bem para que pudéssemos sintonizar-nos com o registro Akáshico e, assim apareceram as imagens da humanidade anterior, chamada a Quarta Raça, habitante da Atlântida, que teve sua origem nos seres híbridos de colônias extraterrestres procedentes de outros sistemas que desvinculados da fonte original chegaram a desenvolver sua própria civilização.

Sua capital, que se encontrava na maior de um conjunto de ilhas, foi destruída pelo resultado de terremotos, maremotos e explosões vulcânicas que se conjugaram em um grande cataclismo faz uns 12.000 anos, podendo chegar a ser evacuada parte da imensa população que a habitava para América Central, enquanto que outros haveriam emigrado ao continente Europeu, as Ilhas do Mar Mediterrâneo e ao Egito, onde depois de lutar contra os habitantes originais, pouco a pouco, já em paz, se haveria produzido um processo de mestiçagem que traria como consequência a formação da cultura Egípcia. Isto ocorreu antes do dilúvio que assolou as três quartas partes da Terra como consequência do desvio do eixo terrestre e mudanças nas correntes e climas do mundo pelo desaparecimento da Atlântida. Por isso as três grandes pirâmides já haviam sido construídas nessa época e consequentemente ficariam em parte sumerssas. As Pirâmides de Gizé foram construídas com a combinação das forças física e mental, e de uma alta tecnologia, para que chegassem a ser grandes acumuladores de energia que restabeleceriam, o quanto antes, o equilíbrio perdido na Terra. Não chegaram a ser terminadas quando sobreveio o dilúvio que interrompeu, indefinidamente, os trabalhos que a reorganização da cultura Egípcia e a memória em parte perdida ou adulterada retomaram, depois, com o correr dos séculos.

As pontas eram originalmente de cristal e atingiam uma grande concentração de energia sob a projeção de seu vértice. Os reis das primeiras dinastias terminaram as pirâmides atribuindo-se a eles a construção total, coisa obviamente errada. Em épocas posteriores os sacerdotes, herdeiros de grande parte deste conhecimento ainda que incapazes de frear a adulteração que deviene pela alteração própria do tempo, utilizaram as pirâmides como templos iniciáticos. O conhecimento foi aos poucos tendendo para a superstição e o ritualismo como um mecanismo que promoveram os próprios sacerdotes para dominar o povo e limitar a informação verdadeira, confiando seu significado só a uma elite de iniciados escolhidos previamente.

O culto ao símbolo, que vem como consequência da perda da profundidade da informação, quer dizer, a ausência do significado das formas, acelerou a irreverência de alguns e o fanatismo de outros, desaparecendo em muitos casos a informação exata. Assim, os Faraós da IV Dinastia do Império Antigo ou Menfita, entre eles Khufu, Kefrén e Menkaura, com um conhecimento incompleto e exagerado egoísmo, terminaram as pirâmides ante o pedido dos próprios sacerdotes, posteriormente obrigando-os a utilizarem seus conhecimentos arquitetônicos e de engenharia para acondicionar as pirâmides como suas tumbas pessoais, ao que se rebelariam os próprios sacerdotes, mas sem capacidade de oposição.

Os sacerdotes egípcios guardavam a lembrança de como os reis atlantes eram introduzidos em profundas cavernas cortadas por raios luminosos e nelas eram depositados dentro de catafalcos para serem mantidos em hibernação depois do qual, passado algum tempo, podiam ser revividos. A lembrança, como dissemos, distorsida, levou ao desenvolvimento das técnicas de mumificação e embalsamamento que simulavam e reconstruíam grotescamente o visto no passado para assim proteger ao corpo para uma ulterior ressurreição. O que não se levava em conta era a necessidade de manter tudo tal e qual, detalhes que eram insubstituíveis por não ter nem a técnica necessária nem o conhecimento completo. O sentido comum os levou a extrair as vísceras e tudo aquilo que pudesse se decompor e deixar só o envoltório, colocando todo o extraído em pequenas vasilhas ao alcance da mão.

Pouco a pouco, a superstição preencheu os vazios de informação, surgindo assim o mito da reencarnação no mesmo corpo. Certamente e dentro dos limites das possibilidades, se procurou reconstruir as condições de refrigeração para toda ressurreição, por isso se construíram Mastabas, se acondicionaram ou talharam cavernas e covas na rocha e até se aproveitaram, como dizíamos, as pirâmides como lugares adequados, por brindar uma menor temperatura ambiental e por ter a forma piramidal, ação direta sobre a conservação dos elementos orgânicos.

As pirâmides eram usadas pelos sacerdotes para exercer um tipo de iniciação humana e solar. Por isso encontramos na maior das três camaras:

A primeira e mais antiga, escavada pelos construtores originais, foi a comumente chamada Câmara da Rainha que se localiza acima da mais baixa, escavada posteriormente pelos sacerdotes egípcios na capa geológica rochosa debaixo de toda a estrutura para amenizar a intensidade do efeito energético que em algumas iniciações chegava até produzir loucura ou a morte. À câmara baixa subterrânea se chegava em peregrinação desde o Rio Nilo por um túnel secreto. Por cima da mais antiga e dentro da estrutura piramidal se encontra uma terceira, que fora construída posteriormente, quando se continuaram os trabalhos que concluíram a pirâmide e na que intervieram cem mil escravos diários durante 20 anos, tal como os sacerdotes informariam depois as historiadores gregos.

Ambas as câmaras inferiores estão colocadas sob a projeção do vértice, mas não assim aquela terceira que mandara construir, posteriormente, o Faraó Khufu ou Keops. Isto se deveu a que como eram os próprios sacerdotes os arquitetos daquele época e por isso os guardiões daqueles templos iniciáticos, ao ver-se obrigados pelo faraó a cometer uma heresia tendo que adaptar a pirâmide a suas egocêntricas pretensões, haveriam alterado de propósito seus cálculos para que a Câmara do Rei aparecesse fora de lugar. Como se teve que reforçar, ampliar e escavar novos corredores, se usou cada vez mais escravos que morriam às dezenas comprimidos e asfixiados nos escuros túneis, foram se desarmando várias camadas de rochas até chegar ao pleno coração da pirâmide. Ao acabarse os trabalhos a estrutura ficou à espera de sue ilustre ocupante que seria o último a utilizá-la e, em seu próprio benefício quando morresse aproveitando a energia concentrada e contida na projeção do vértice.

Seu corpo foi depositado no catafalco dentro de uma caixa de pedra que isolaria do excesso das radiações o quarto inteiro e que simulava as câmaras de refrigeração. Após a leitura do Livro dos Mortos e das orações correspondentes, foi selada a habitação com as honras de sua investidura e finalmente enclausurada a pirâmide mediante os engenhosos sistemas de proteção desenvolvidos para isso e aprovados pelo próprio faraó.

Somente os sacerdotes conheciam os detalhes de todos os possíveis acessos e truques, assim foi como eles determinaram que se profanasse a tumba do Rei, como ele por sua vez havia profanado a Grande Pirâmide, utilizando-a em seu próprio benefício e privando a Humanidade e o Sacerdócio de seus potenciais. Cortaram, então, os selos reais, pondo à disposição dos miseráveis chacais do deserto, ou seja, os ladrões de tumbas, toda a riqueza do faraó, sempre e quando também destruíram o corpo, as imagens e toda a memória de sua pessoa. Os ladrões guiados pelos próprios sacerdotes se fizeram presa fácil dos objetos contaminados de uma estranha radiação que enganosamente acabaria posteriormente com cada um daqueles ambiciosos depredadores. Enquanto iam desaparecendo os pertences de quem em vida havia sido deus encarnado com igual majestade que a que poderia haver tido Osiris ou Amón Ra, os sacerdotes tiravam o corpo para incinerá-lo, destruindo assim junto com todas as inscrições dispersas pelos corredores. Nunca mais voltaria a ser utilizada a Grande Pirâmide como tumba nem como templo ou santuário porque havia sido contaminada pelas ambições humanas, por isso, foi retirada a ponta de cristal e ocultada até o fim dos tempos. A Pirâmide, desde então, permanece violada e abandonada na solidão do deserto.

As pirâmides ao serem concluídas foram oferecidas, uma às Ciências e à História, outra às Artes e à Medicina e outra à Astronomia e à Religião. Por isso em seu interior como no exterior se havia escrito em caracteres hieroglíficos todo o conhecimento que se havia transmitido desde antes do Dilúvio e também os dados sobre a construção das mesmas. Toda esta capa de pedras desapareceu quando o Medioeval Califa Al Mamun construiu a cidade atual do Cairo, usando-as como fundações e também como defesas nas margens do Nilo, controlando assim as enchentes.

Depois de tão interessante relato e de outros dados mais, como foram a morte dos sacerdotes que esconderam as pontas de cristal ao não querer confessar onde as ocultaram, em mãos dos faraós que precederam a Khufu, fizemos nosso regresso, voltando a estar conscientes do lugar onde nos encontrávamos, mas esquecendo muito do visto, que soubemos que chegado o tempo adequado, seria-nos recordado.

CAPÍTULO VIII

O CONTATO FÍSICO

Desde a primeira comunicação já haviam transcorrido sete meses, dentro dos quais se haviam sucedido infinidade de experiências, exigindo sempre uma preparação constante que nos levaria, naquela mesma noite, ao contato físico.

Os do grupo assistente à saída, habíamos nos separado aquela noite em pares, pelo que me encontrava com Mito próximo de uma das quebradas da Mina. Ali faríamos nossa prova de autocontrole, que como em vezes anteriores, serviria para acalmar os nervos e fortalecer nossa convicção de estarmos protegidos. Separamo-nos com Mito indo em distintas direções no meio da escuridão da noite e pelo espaço de uma hora estivemos sós, cada qual com sua consciência em meio do ambiente mais propício para encontrar-se consigo mesmo: o silêncio e a solidão, onde não existe o tempo. Provas como estas, recomendadas pelos Guias eram frequentes, mas o difícil está na primeira vez, logo se aprende a amar a solidão e o silêncio de onde claramente se escuta a voz de Deus.

Ao passar a hora de prova, cada um caminhava desde sua localização até a Mina onde nos reuniríamos. Já juntos, compartilhamos uma reconfortante caneca de sopa quente.

Quando o acampamento em pleno se achava compartilhando os pormenores da prova de autocontrole e Mito, especialmente, contava a alguns jovens irmãos o intenso da viagem mental, foi que alguns de nós viram um resplendor por detrás da cerra, pelo que resolvemos investigar. Subimos ao alto da elevação o mais rápido que nos permitia o corpo rígido pelo frio, então observamos à distância um objeto muito iluminado que se encontrava pousado em terra, o qual nos entusiasmou tanto que não atinamos a chamar o resto. Assim foi como veementemente nos arremetemos para ele. Nem bem havíamos descido a ladeira, diante de nós e a uns 60 metros de distância, se interpôs um ser de pelo menos dois metros de altura que trajava um vestuário que se assemelhava a um traje de esquiador. Tinha o cabelo liso que quase lhe chegava aos ombros e permanecia adiante observando-nos detidamente. Via-se que compreendia que havia nos assustado ao haver aparecido assim de improviso.

Fez-nos sinais de imediato para que nos tranquilizássemos, comunicando-se telepaticamente conosco, dizendo-nos que devíamos mudar, por um tempo, o lugar dos contatos, pois nos queria próximo dos centros onde se acha guardada parte da chave do despertar da Humanidade e que servirá para tirar definitivamente o homem da escravidão da ignorância, consolidando com isso, o trânsito para a Quarta Dimensão. Disse-nos que viajássemos a um lugar que se chamava Marcahuasi, nos Andes Centrais, e que receberíamos maiores detalhes através das psicografias que fôssemos captando nos dias sucessivos. Explicou, também, que Chilca havia sido o primeiro lugar, por achar-se próximo a uma base submarina na costa e porque tal lugar guarda condições atmosféricas e energias especiais mas que não seria o único e, que para os avistamentos eles coordenavam para que as naves que passam pela área, sejam as que assistam o contato, fazendo isso coincidir as circunstâncias, isto o fazem, porque não dispõem de naves exclusivamente para que nós as vejamos deixando de fazer outras coisas que são muitas vezes mais importantes. O curso que seguiam as naves obedecia, então, às localizações de suas bases e trabalhos.

O Guia nos disse, para terminar, que ainda não subiríamos a uma nave em forma física, mas alguns o fariam em forma astral, posteriormente, até que chegasse o tempo de preparação, não sendo necessariamente nós os que viveríamos tal experiência, senão muitos outros que poderiam ser preparados por nós, para o qual corroboraria o tempo, ao ser outros grupos formados no seio de RAMA os que o conseguiram.

De regresso do contato físico, e uma vez que se foi a nave, coisa que vieram os demais que se encontravam do outro lado da cerra, compartilhamos com o resto, ao chegar ao acampamento os alcances da experiência.

No dia seguinte, recordei aquilo que nos ocorreu na viagem mental com Mito, e foi justamente ao despertar-me que, como se me tivessem aberto os olhos, podia compreender que aquelas outras duas pessoas das que falou o Guia que o estavam acompanhando naquele momento não eram outras que nós dois. Para não mentalizar nem especular, esperei até fazer comunicação e nela me disseram que certamente éramos Guillermo y eu aquelas duas pessoas nomeadas, pelo que ditos nomes correspondiam anós. Os Guias disseram que tais eram nossos Nomes Cósmicos e, que a partir de então nos chamariam por eles, chegando com o tempo a interpretar cada um o próprio significado.

OS EXTRATERRESTRES DÃO NOMES CÓSMICOS E CRISTAIS DE CÉSIO A INTEGRANTES DA MISSÃO RAMA

Já falamos anteriormente que a Missão RAMA é um movimento que agrupa aqueles contatados que tratam de participar ao mundo, o aspecto de fundo da mensagem que se depreende dos encontros próximos com os seres extraterrestres. No interior da Missão, através de um sistema de grupos, se oferece uma preparação sugerida pelos Irmãos Maiores, quer dizer, deles mesmos extraterrestres para facilitar tais contatos.

Agora, dentro da preparação da que se faz partícipe todo aquele que ingressa no RAMA, se encontram as experiências da recepção do Nome Cósmico e dos Cristais de Césio.

Os Irmãos Maiores ou Guias, como de comum acordo lhes chamamos e com os quais nos comunicamos de forma telepática por indução deles, procedem de Morlen (satélite de Júpiter). Têm eles muito aguçada sua visão mental ou clarividência (terceiro olho), isto lhes permite poder, não só visualizar a aura da pessoa, mas que também são possuidores da faculdade de poder captar a vibração ascendente ou Nome Cósmico da pessoa.

Sem querer diminuir-nos etapas em nosso processo evolutivo, estes nossos Guias, nos informam de uma de nossas chaves interiores de desenvolvimento, somente com nosso consentimento e se já tivermos iniciado por conta própria nosso processo de autoconhecimento. E o fazem com o único afã de acelerar nossa vibração, seja para facilitar o contato físico conosco (eles vibram mais rápido que nós), seja como ajuda à pessoa na abertura de sua consciência para os planos superiores do sistema solar.

O Nome Cósmico é assim uma chave, um trampolim no descobrimento pessoal, uma frequência vibratória que permite sintonizar-nos com o Cosmos, além de definir a situação ou Missão pessoal que levaremos a cabo na vida a desenvolver-se dentro do RAMA.

Os Nomes Cósmicos, assim como podem dar-se através das comunicações telepáticas com os Guias, podem ser recebidos em forma muito pessoal e íntima através de um sonho, uma visão ou outra forma de manifestação interior. No entanto, o Nome Cósmico recebido no interior da Missão RAMA, no tempo previsto pelos Guias extraterrestres, marca o momento de interiorização no conhecimento aplicado em si mesmo.

Este nome busca revelar o registro reencarnacionista das experiências passadas pela pessoa. Lançam-nos luzes sobre o aprendido através das inúmeras vidas vividas e dos tantos erros cometidos. Aproxima-nos portanto, de uma possível resposta do ser de cada homem, do “quem sou eu?”.

Cada nome possui, portanto, um significado que será descoberto em seu momento.

Existem dois tipos de trabalhos que se realizam no interior do RAMA, uma vez recebido o tão pessoal Nome Cósmico e estes são definidos assim:

- a) Meditação Lunar do Nome Cósmico: segundas, quartas e sextas à tarde.
- b) Meditação Xolar do Nome Cósmico: terças, quintas e sábados de manhã.

O primeiro nos induz à prática noturna da meditação, sempre em silêncio. Mediante um prévio relaxamento, nos encontramos na posição sentados, sempre confortáveis, sem que haja nada que possa desviar nossa atenção, pelo qual se recomenda afloujar a roupa e levar a cabo esta prática na cama. É conveniente, que se se elege uma hora determinada na noite, esta se mantenha constante e de forma disciplinada e regular.

Estas meditações que devem levar-se a cabo nos dias citados, se farão repetindo o Nome Cósmico recebido, de forma mental e tudo junto, ou seja, sem fazer distinções ou acentuações desse ou daquela sílaba. Num princípio a evocação mental será rápida e acelerada, para ir enfrentando à quantidade de pensamentos que tende a aflorar à mente, e aos poucos fazê-l mais e mais lento. Tudo isto se verá acompanhado de uma respiração profunda e rítmica.

Estas meditações não excederão de 15 a 30 minutos.

O segundo trabalho, e o mais importante para a fase Xolar da Missão (fase de irradiação, ação e atividade), consiste em meditações muito cedo na manhã, sempre sem ter o estômago cheio (preferencialmente em jejum) e sempre sentados.

Relaxados e com os olhos fechados, repetiremos o Nome Cósmico, esta vez em forma verbal cada vez que exalemos, decompondo o nome em sílabas, buscando dar-lhe adequadamente os tons musicais correspondentes.

Esta meditação tende a elevar nossa frequência vibratória assim como aguçar os supersentidos (percepção extra-sensorial), também busca acionar os mecanismos de desenvolvimento integral.

OS CRISTAIS DE CÉSIO

Outra das experiências da preparação em RAMA é a de recepção dos Cristais de Césio (elemento conhecido na tabela periódica dos elementos), na forma de Cristais Piramidais. Estes fazem sua aparição nas palmas das mãos, antes do contato e avistamento.

Recapitulando a finalidade desta materialização é devido à necessidade de dotar aos integrantes RAMA, de um catalizador ou antenagem "extra", da energia da luz violeta. Esta luz é a que se desprende do Sol central de nossa Galáxia, chamado Sol Manásico, luz que faz seu ingresso em nossa atmosfera no início de cada Era, quer dizerr, a cada 2.100 anos e que agora está se dando justamente a razão da mudança de Era.

A radiação violeta é altamente nociva para o ser humano que não se encontre preparado para captá-la, pelo que recomendamos uma adequada alimentação (preferentemente vegetariana), manter o corpo limpo de impurezas e toxinas, assim como de estimulantes. Também, ter disciplinado o corpo com exercícios de ordem psicofísica.

A luz violeta é aproveitada e catalizada através dos cristais que se integram no peito uma vez que são recebidos, cruzando nossos braços à altura do esterno. Sempre a mão esquerda encima da direita.

Os cristais piramidais tendem a desaparecer uma vez comprimidos os braços contra nosso corpo. Uma vez que se integram, tendem a formar em nosso interior a estrela de seis pontas, símbolo milenar do equilíbrio cósmico.

Os cristais já recebidos, podem ser apreciados a simples vista, assim como também sob a forma de resplendores no momento de aparecer. As sensações são múltiplas quer seja de peso nas palmas, de queimação como o gelo seco etc.

A concentração da luz violeta tende a localizar-se no plexo faríngeo (Chakra Vicchuda, como o chamam os orientais), capacitando ao RAMA no uso do som (vocalizações) e no poder do verbo.

Aqui no Peru, tem-se voltado a dar em inumeráveis ocasiões as condições para estas experiências, pelo que se tem dada a fase Xolar da Missão, como por exemplo, as de Chilca em 1979, em uma prática de campo, que congregou a quase 280 pessoas de distintos grupos do Peru. Participaram de avistamentos programados com antecipação assim como da recepção em nível geral do Nome Cósmico, todos aqueles que o quisessem receber de tal forma. Ademais, de todas essas pessoas, se fez um convite por parte dos Guias para a experiência dos Cristais de Césio a 106 pessoas, que cumpriam com a exigência de encontrar-se seu Nome Cósmico dentro das terminações indicadas para participar e que foram: AM, EM, EL e AC.

Os Nomes Cósmicos foram recebidos através de comunicação psicográfica por quatro instrutores dos grupos RAMA na saída da Semana Santa em Chilca. Receberam-se os nomes dos presentes e ausentes por listas (um total de quase 400 nomes).

As experiências foram masivas¹³, porque assim o requer a fase atual de irradiação RAMA, ou seja, a Fase Xolar, que marca a abertura final da Missão a todos aqueles ávidos de transcender através do Amor – Sabedoria, que não é outra coisa que o conhecimento aplicado em função do próximo.

Sempre se tem dito que no interior do RAMA se busca qualidade de pessoas e não quantidade. E assim é que ao final só ficam os que realmente se acham comprometidos com a mensagem e não só atraídos com a parte fenomenológica do assunto Ovni. Porém, tudo isto se dá depois de uma justa seleção natural ou auto-seleção para que se cumpra isto que é uma grande verdade, o que "são muitos os chamados e poucos os escolhidos", já que é alguém mesmo o que se escolhe, com seu próprio esforço e perseverança.

O grupo RAMA é um grupo aberto, podem participar dele todos aqueles que se encontrem predispostos à mensagem. Não pedimos ingenua ou cerradamente que se creia no que compartilhamos, como por exemplo, em nossas experiências. Convidamos para que cada um tenha suas próprias experiências e obtenha suas conclusões. Esperamos uma crítica construtiva, porque nós constantemente a sugerimos (autocrítica), como a única maneira de avançar seguro, sem dogmatizar nem imaginar o levar a mensagem a terrenos que não lhe correspondem como o de uma seita, ou pseudo-religião ou menos ainda, pseudociência.

CAPITULO IX

A PRIMEIRA VIAGEM A MARCAHUASI: REVELAÇÕES INCRÍVEIS

Durante os dias seguintes foram se estabelecendo os dados com respeito à viagem a Marcahuasi. Os Guias haviam referido que dito lugar era chamado o "Altar dos Deuses", pelo que nos encontraríamos no caminho com dois campesinos aos quais deveríamos perguntar por aquele nome, tal seria o sinal de que chegaríamos ao lugar indicado. Segundo a comunicação, o mais idoso daqueles agricultores tomaria a palavra e nos indicaria o caminho

correto. Para isto havíamos tratado de averiguar algo sobre Marcahuasi, porque naquele tempo não era tão divulgado como o é agora e, além disso, o nome coincidia com o de vários outros lugares similares existentes no interior do país. Procuramos viajar inicialmente o mais próximo deles que depois comprovaríamos que era o indicado.

Partimos na segunda, 19 de Agosto daquele ano de 1974, às 10h00, a partir de Lima, no automóvel do Arquiteto Eduardo Pomareda, uma das seis pessoas que integrava a expedição, os outros cinco restantes éramos Paco Oré, David Martínez, Oscar Gonzales, meu irmão Charlie e eu.

A distância de Lima a San Pedro de Casta, povoado imediato a Marcahuasi, é de aproximadamente 80 km., encontrando-se dito centro povoado a uma altitude de 3.180 m. No caminho tivemos que passar pelas localidades de Chaclacayo, Chosica y Santa Eulalia na Serra Central, usando posteriormente o desvio para Huinco (central hidroelétrica), para passar pela ponte de Autisha, chegando finalmente ao pocado de San Pedro, que se encontra no alto de um penhasco ao pé da meseta.

A aparente cercania em quilômetros de Lima não era tal, já que a rota não se fazia em linha reta senão que, ao contrário, se efetuava através de um caminho de cavalgadura e em elevação permanente. Isto fez com que a mobilidade em que íamos se recalentara, convertendo em determinados momentos o veterano Chevrolet em uma nuvem de vapor que tinha que deter-se continuamente para por-lhe água no radiador. Nosso desconhecimento do terreno e das dificuldades da rota fez com que fizesse muito tarde, ficando à metade do caminho e passando a noite de um lado da estrada de terra que serpenteava a montanha rasgando profundos abismos. Ainda, apesar da inconveniente do lugar nos sentíamos satisfeitos, já que poucas horas antes por aquele mesmo caminho, havíamos nos encontrado com dois campesinos, justamente quando nos achávamos defronte a um desvio e não sabíamos por onde seguir e foi o mais isoso que respondeu por onde devíamos seguir, dizendo-nos que o Altar dos Deuses (Marcahuasi), se encontrava atrás de uma das montanhas que tínhamos em frente de nós, pelo que devíamos seguir pelo caminho de acesso da esquerda. Ao comprovar que estavam se cumprindo os detalhes da comunicação, soubemos que estávamos próximos de uma grande aventura.

Ao amanhecer reempreendemos a marcha. Encontramos-nos algo inquietos porque durante a noite havíamos visto ao redor do carro estranhas formas que inicialmente cremos ser fruto de nossa imaginação, mas depois chegaríamos a descobrir que eram reais, pois se arremetiam contra nós remexendo todo o automóvel. Do medo inicial passamos à segurança de ser protegidos pelos Guias, pelo que nos ocorreu fazer uma concentração cobrindo-nos por um esfera mental de energia, a qual terminou por tranquilizar o ambiente. Já na madrugada tratamos de fazer uma viagem astral dirigida, a qual nos permitiu a alguns, ter experiências pessoais.

Apesar do cansaço pela inquietude e incômodo da noite nossa ansiedade por chegar impulsionou-nos a seguir, chegando até o último povoado antes da meseta. San Pedro é um típico povoado da Serra, construído sobre os fundamentos de um assentamento anterior que remontaria a tempos pré-incaicos. Encontra-se localizado em uma cornisa que termina em um precipício espetacular. Ao lado está a quebrada do Rio Carhuayumac. O povoado conserva o padrão urbanístico da época em que fora fundado, ao redor de uma ampla e desigual praça, há um conjunto de edifícios que destacam como: a Igreja, o Local Comunal, a **Quesería**, entre outros. As casas são de pedra e barro com tetos de palha e zinco, sustentados por vigas de madeira de eucalipto. Sobre estes tetos se pode observar a secagem da comida típica, por exemplo, o "charque" (carne seca).

(13) Tem chegado a dar-se saídas de 440 a 700 (1979-80) pessoas para saídas de iniciações no Km. 120. Estrada Norte e praia Ventanilla ao Norte de Lima, o que nos mostra que não depende do lugar senão da preparação das pessoas.

Entre as ruelas empedradas e debaixo das varandas talhadas ao puro estilo Tirolês, podem se ver aos habitantes em suas conversas costumeiras.

No momento da chegada, colocamos nossos equipamentos e mochilas sobre o muro que rodeia a Igreja em plena Praça Principal. O teto dela se encontra coberto de zinco e sobre este, ligeiramente para um extremo, nota-se uma pequena cúpula com vidros coloridos, aparência solene que denota uma sincera religiosidade nos moradores locais. No lado esquerdo da Igreja há uma pequena capela em forma de pirâmide curta e escalonada de três corpos, enquanto a sua construção está integralmente realizada em pedras sobrepostas. Pode-se perceber que as pedras que se utilizaram nas construções modernas procedem das ruínas arqueológicas sobre as que se fundara a atual San Pedro.

Depois de nos apresentarmos à Comunidade e do regateio de costume, conseguimos que uma senhora consentisse em emprestar-nos uns burros para que levassem o grosso do equipamento sobre seus lombos. Pusemo-nos de acuerdo para que fosse eu quem se adiantasse com o nemnino que nos serviria de guia e seus dois burros carregados com nosso equipamento. O resto terminaria de adquirir os últimos víveres, reservando os cantis para enchê-los com a fresquíssima água da vertente. Assim começou a subida por aqueles atalhos da cordilheira que aos poucos se vão estreitando, afastando-nos da civilização e aproximando-nos do céu limpo e claro.

Marcahuasi em Quechua significa "Casa de dois pisos" ou "Casa do Povo" e está a 3 km a Leste de San Pedro. Possui uma área de 4 km aproximadamente, encontrando-se a uma altura de 4.000 m. Dizem os casteños que ali viveram os "gentis", quer dizer, a gente anterior à Conquista Espanhola e que ainda seus espíritos rondam o lugar protegendo a Comunidade.

As primeiras referências da meseta são encontradas nas crônicas sobre os mitos da área, assim como nos apontamentos de ilustres exploradores como Julio C. Tello. Porém, o mais importante investigador que a tem estudado de forma integral é o Doutor Daniel Ruzo, fazendo-a conhecida em nível mundial. Suas investigações o levaram a estabelecer-se desde 1951, por mais de 9 anos na meseta, mas por razões de saúde se viu obrigado a deixá-la, passando bom tempo sem que se chegasse a publicar o suficiente aqui no Peru.

A massa rochosa é de grão de diorita, coberta por líquens que implacavelmente erosionam a pedra, como também o fazem as bruscas alterações de temperatura que ali se produzem, além da água das chuvas e nevadas e o vento. As formações naturais têm sido em alguns casos retocadas pela mão do homem com uma clara intenção de representação escultural e em outras, como na Deusa Hipopótamo, divindade da fecundidade do Alto Egito, como uma marca ou um aviso sobre a anterior humanidade que chegou a esses lugares.

Apesar de minha juventude me era impossível manter o passo do menino que me servia de guia porque propriamente instigava os burros correndo montanha acima. Pedí-lhe em mais de uma oportunidade que me esperasse, já que a cada trecho tinha que deter-me para descansar, porque exausto a essa altura se me dificultava a respiração. Chegamos à acostuada bifurcação onde os burros, para chegar mais rápido, tomam o caminho curto, que é um atalho de subida de acentuada inclinação. Foi ali que já avançando bom trecho e a regular altura, um dos burros levantou-se desatando as amarras que, ao que parece, haviam se mantido flouxas e arremessando ao abismo parte do equipamento. Meu entusiasmo que até ali se encontrava oscilando pelo excessivo esforço físico, terminou por derrubar-se. Não havia outra saída, teria que descer uns dez metros através do reduzido atalho até uma rocha da qual pendiam.

Ainda recordo os inúmeros espinhos que se introduziram em meu corpo por arrastar-me encolhido como pude pelas saliências. Uma vez resgatadas as mochilas, sentei-me para

descansar do esforço com o olhar posto ao alto, enquanto meus pensamentos revolviam-se em minha mente tratando de dissuadir-me de concluir a aventura. Para cúmulo de males, os burros e o menino haviam seguido avançando, deixando em minhas mãos toda aquela pesada carga que tive que colocá-la nas costas, – duplicando-se o peso pela altura – para assim poder dar-lhes o alcance, coisa que ia ser cada vez mais difícil.

Tinha todo o corpo banhado em suor, as gotas que caíam por minha testa se acumulavam nos olhos dificultando-me a visão e fazendo cada vez mais perigosa e penosa a subida pelo escarpado atalho. Sentia claramente como as forças se desvaneciam em mim. As batidas do coração me retumbavam na cabeça de tal maneira que parecia que estava a ponto de explodir.

De quando em quando, me detinha para descansar, deixando o equipamento e os potes de água de lado, então aproveitava para massagear-me os ombros que haviam inchado pela fricção das correias da mochila e pelo calor que fazia naquele meio-dia. As mãos me doíam como nunca pelo peso dos recipientes de água. Naqueles instantes cheguei a sentir-me tão angustiado e deprimido pelo cansaço que me saltaram algumas lágrimas de desespero.

Toda vez que descansava, o menino e os burros se distanciavam mais de mim deixando-me completamente só, e por mais que gritasse para que se detivessem e me esperassem, pareciam não me escutar.

Com cada parada que fazia para recobrar o fôlego, naquelas alturas onde escasseia o oxigênio, se debilitavam cada vez mais minhas pernas, que já não respondiam para seguir caminhando, e maior o esforço que tinha que fazer para não cair no precipício, cada vez que tropeçava. Sobrevinham-me então ligeiros enjôos que me atraíam ao abismo sendo que não havíamos provado coisa alguma desde muito cedo naquela manhã, coisa que foi feita de forma ligeira ante a emoção de chegar finalmente à meseta que críamos mais acessível e próxima.

Sem compreender o porquê da prova de esforço e sem saber se valeria a pena ou não, segui pela diminuta vereda que já havia deixado de ser um caminho de mulas para converter-se em barrancos e degraus entalhados na ribanceira, rodeadas de restos de pequenos muros pré-incaicos de vigilância. Pouco a pouco o terreno foi se nivelando ao ir entrando por uma estreita quebrada na ladeira de Marcahuasi.

Já desfalecendo consegui atravessar a entrada de acesso seguindo por inércia o caminho que me afastava do abismo e de umas gigantescas lousas de pedra lavradas que se viam caídas e que puderam ser alguma vez altares, sendo arrancadas de suas posições originais por um terremoto ou desmoronamento. Entre as encostas de pedra era possível observar como profundas gretas o covas, que mais adiante nos dedicaríamos a investigar.

Esgotado totalmente me deixei cair pesadamente por entre umas rochas para uma depressão, tropeçando e rodando até uns espinhos, ficando estendido no solo quase sem sentido. Pude então fazer um último esforço para livrar-me da mochila das costas e observar ligeiramente à minha frente, o "Monumento à Humanidade" ou "Esfinge" como a chamamos nós. Além disso, vi o menino que havia deixado as coisas a pouca distância de donde eu me encontrava e já se retirava com seus burros. Quis juntar-me a ele, porém já não pude, eram por volta de duas da tarde e estava só naquela meseta e fatigado pelo esforço, fiquei cai num sono profundo e, repentinamente, encontrei-me em meu quarto na casa de meus pais em Lima, reagi então dando-me conta de que estava sonhando. Não podia crer que para ali a dezenas de quilômetros de distância? A primeira coisa que me ocorreu foi sentar-me na beira da cama, que rangia um pouco por seu velho colchão de metal. Depois me dirigi para o quarto de meus pais podendo observar no corredor a luz do sol, tal como cai nas tardes, vi

então minha mamãe que estava acompanhada por minha irmã. Fixei então minha atenção no que estavam fazendo e em como estavam vestidas, até que se levantaram de seus assentos avançando em direção a meu quarto, como se algo lhes tivesse chamado a atenção, escutei então um ruído e rapidamente como se uma brisa me arrastasse a um remoinho despertei olhando o relógio, comprovando que havia passado bom tempo de sono porque já eram 4 horas da tarde e sobre a meseta soprava um intenso vento frio.

Abriguei-me com a primeira coisa que encontrei, refletindo sobre o sono que havia tido, porque não só podia recordar com detalhe e com toda clareza senão que até tinha a convicção de havê-lo vivido. De regresso à casa buscaria confrontá-lo com a realidade. Há pouco ali, na meseta, percebi que tinha as costas atravessadas por grossos espinhos de um arbusto que se achava debaixo de mim e sobre o qual havia dormido. Algo dolorido mas descansado por aquele sono reparador, recobrei o ânimo para dar um pequeno passeio pelas imediações. Ao primeiro esforço que fazia, por menor que fosse, voltava a bater aceleradamente meu coração e a retumbarme na cabeça agitando-me todo, assim que procurei ter mais paciência e não exigir de mim além da conta.

Girei sobre mim mesmo, observando os arredores e especialmente o gigantesco rosto da Esfinge e ao lado como a forma de um condor. Aproximei-me subindo por entre as pedras as matas de espinhos e vi que debaixo do rosto de quase 27 metros de altura havia uns desenhos rupestres com estranhos símbolos.

Detrás disto se achava uma pintoresca cabana que entre suas rústicas paredes de pedra, barro e telhado de zinco, buscaríamos refúgio refugiando-nos da intempérie. Desde aquele lugar, que está em uma elevação do terreno, se podia observar uma parte do camino de acesso, pelo que divisei à distância aos rapazes que já chegavam guiados também por um aldeão. O ânimo neles também se via que havia minguado pelo pesado esforço da subida.

Estivemos todos reunidos às 5 da tarde aproveitando de imediato para estabelecer o acampamento dentro daquela acolhedora cabana que construía na década de cinquenta o Doutor Ruzo.

A temperatura baixou bruscamente de uns 25°C a uns 4°C. Não havia gravetos nem ramos secos para queimar e acender uma fogueira. Felizmente, Charlie sempre precavido havia levado um **primus de ron (garrafa de rum, álcool)** que, acendendo-o, pudemos proteger-nos do frio, aquecendo-nos com a mais deliciosa e simples sopa de sobras que já havíamos provado na vida. Verdadeiramente que a necessidade faz valorizar as pequenas coisas, detalhes e circunstâncias.

A vista do horizonte desde a meseta era um espetáculo maravilhoso. O entardecer havia tingido o lugar com todas as cores e tonalidades possíveis, e ali, em meio de rochas a 4.000 metros de altura tratávamos de juntar o mais possível, abrigando-nos para conservar o calor.

Pelo esgotamento não tivemos sequer o intento de receber comunicação, sabendo que um bom descanso e algo de alimento nos poriam em boas condições para a manhã seguinte.

Enquanto se repartia a sopa preparada pelo "cozinheiro chefe" Charlie, vimos no céu uma nave a grande altitude, que inicialmente fora confundida com um satélite, mas que na medida em que foi descendo, pudemos apreciar sua forma discoidal com três níveis ou pratos unidos, além de uma luz muito potente e prateada. O tipo de nave se assemelhava à indicada pelos Guias como procedente de Xilox (Andrômeda).

O objeto se deteve por breves minutos e logo tomou direção Noroeste, acendendo e apagando suas intensas luzes. Este avistamento acompanhado de uma estranha vibração consideramos como a reafirmação de estar no lugar correto, fazendo o que se esperava de nós.

Ao cair ainda mais a temperatura, nos posicionamos rapidamente no interior da cabana, tendo sobre os plásticos que cobriam o chão os sacos de dormir e os cobertores, adormecemos rapidamente. De madrugada se escutaram alguns ruídos como o de um cão que fuçava as sobras que se achavam em um saco plástico ao lado dos currais, em frente da porta da cabana. Meu irmão despertou alertando-nos de imediato, porque os ruídos já tinham se aproximado de um lado da cabana, onde parecia que estavam escavando. Agasalhamo-nos bem e saímos lentamente levando nas mãos as lanternas. Uma vez atravessada a porta de madeira, que naquele momento mantinha a cabana, não vimos nada de imediato, mas tratando de dar uma última olhada, foi que apareceu pelo lado direito, detrás dos currais, uma luz amarelada como se fosse uma labareda movendo-se de um lado para outro como convidando-nos a segui-la e assim nos afastarmos da cabana. Sentimos temor porque era algo que se movia por si só e não um efeito visual ou reflexo. Do lado oposto se materializou uma névoa espessa formando uma grotesca figura, porém sem rosto e com a cabeça fundida entre os ombros, ou talvez sem cabeça, que se atirou atropeladamente contra nós. Fechamos imediatamente a porta cobrindo-a com nossos corpos que foram remecidos pelo impacto do golpe deste ser. Umas três vezes mais se repetiu isso, tentando forçar a entrada depois do qual rodeou a cabana golpeando as paredes.

Entretanto, e apesar de nosso terror, pusemos de imediato em funcionamento nosso trabalho mental cobrindo a cabana com uma cúpula de proteção que com segurança funcionou, pois o mal cheiro que sentíamos e o próprio medo foram-se diluindo até finalmente desaparecer junto com aquelas entidades.

Aquelas manifestações nos fizeram pensar e logo comentar sobre o assédio de que havíamos sido vítimas, pois se via que tais seres não se contentariam até fazer-nos mal e o teriam conseguido se nossa confiança na proteção permanente não se tivesse imposto ao temor. Por isso, os Guias nos ensinariam que ao único que devemos temer é a nosso próprio medo, porque ele é nossa ignorância, insegurança e desconhecimento do poder das forças positivas pelas que se supõe estamos lutando. A confiança cresce com o grau de identificação que tenhamos com as forças de luz. Nada pode nos fazer mal se não lhe damos primeiro margem e oportunidade a que nos submeta.

Tudo é produto dos estados mentais e a esse nível se dão as reais lutas das forças espirituais. Por isso chegando a um estado interior de equilíbrio, convicção e paz, poderemos chegar a ser invulneráveis à ação permanente do "ardiloso ou enganador" como queiramos chamá-lo.

As forças negativas sempre atacam enquanto haja possibilidade de fazer-nos cair. Ninguém está, pois, livre de ser acometido, mas devemos ter fé e confiança que não é outra coisa que a garantia de que não somos provados além de nossas possibilidades de superar as provas, mas recordando que a maioria das vezes, estas chegarão pelo lado mais frágil porque senão, onde estaria o mérito e o esforço ao superá-las?

Ao fazerr nosso trabalho mental, recordava aquilo que escrevera o Apóstolo São Paulo em sua carta aos Romanos, Capítulo 8: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?".

O que ocorreu aquela noite não foi senão uma avaliação de nosso equilíbrio e confiança, porque quantas pessoas há que sofrendo todo tipo de ataques através de adversidades, maquinações e feitiçarias que são produto de trabalhos mentais negativos, não têm capacidade para superá-los? E a capacidade de sugestão e auto-sugestão no homem é imensa, sendo o poder mental, por usa vez, uma espada de dois gumes. O desuso ou uso indevido da mente, assim como a debilidade da vontade (superstição) dão espaço à manipulação por parte das entidades obscuras que se aproveitam de nossos temores e ódios ocultos. Se uma

pessoa por tensão ou estresse é capaz de materializar uma úlcera em seu organismo, pensemos em tudo o que poderia alcançar se esse poder mental de materialização o pusesse ao serviço de ajuda em algum afã construtivo, poderia o homem chegar a curar e curar-se ele próprio. Mas, o homem tem-se esquecido dos potenciais que Deus lhe tem dado em qualidade de dons gratuitos ao lado do corpo e da mente, ainda que sempre haja quem explore o subconsciente coletivo, ou individual para causar prejuízos para dominar aos demais.

O estado de superação se dará quando cada ser trabalhar sua mente a serviço do construtivo edificante, em outras palavras, a serviço da materialização dos ideais transcendentais. Recordemos sempre que a luz resplandece em meio à escuridão e que tudo vibra, nada está quieto ou estático, tudo se encontra em um movimento perpétuo o qual sentencia irremediavelmente o homem a evoluir para os planos superiores, ainda que seu livre arbítrio não faça outra coisa que atrasar tal trânsito. E ainda podemos pensar que as entidades negativas sairão algum dia de seu estado de estancamento e chegarão a elevar-se.

A noite passou e com ela o ataque destes seres que encontraram um momento de debilidade orgânica em nós para tratar de amedrontar-nos, oprimindo nosso entusiasmo, procurando impedir que fôssemos à meseta. Na manhã examinamos os arredores e não achamos vestígio algum de pessoa ou animal, mas o que observamos eram, ao que parece, os arranhões na porta e nas paredes externas da barraca, realizadas ao que parece por um ser de grandes proporções. Apesar de seu aparente tamanho não pôde conosco e a fé que tínhamos de que estávamos protegidos pelos Guias. Ao cessar nosso terror a aparição se havia diluído, havia desaparecido no nada.

Paco Oré, um dos rapazes do grupo, nos fez recordar que os Guias haviam indicado que receberíamos comunicação na manhã seguinte de chegar à meseta, pelo que nos dispusemos, antes do desjejum, a fazer os relaxamentos e concentrações necessárias para predispor o contato. Peguei um lápis e o caderno da mochila, sentando-me sobre o poço de água fechado com cimento que estava ao lado da cabana. Os Guias imediatamente entraram em contato conosco e todo o lugar pareceu iluminar-se, até o ambiente se encheu de um agradável aroma de flores.

Os Irmãos Maiores referiram nosso esforço e trabalho assim como as provas a que nos víamos submetidos da seguinte maneira:

"Irmãos queridos, grande tem sido seu esforço, mas tem valido a pena porque a subida a esta montanha representa a conquista do cume espiritual no qual o essencial é chegar a vencer-se a si mesmo, perseverando para alcançar a meta. Aquele cume será alcançado vez após outra enquanto exista o compromisso que é viver, porque detrás do mais alto cume que possam ver, sempre haverá outro maior.

Têm começado a desenvolver uma força de vontade férrea que poderá enfrentar-se de agora em diante as dificuldades maiores. A Irmandade Branca está pendente de superações como a vossa porque isso gera uma energia renovadora da que depende o futuro da Terra. Saibam que em cada prova que enfrentam, representam a humanidade inteira..."

Era necessário que tivessem obstáculos em nosso trabalho, ainda que fossem tão terríveis, já que a maior dificuldade no caminho, maior valor lhe daremos ao avançar nele e, maior o mérito de conservar-se dentro dele.

Se déssemos um passo atrás na viagem, teriam nos vencido as entidades negativas e a Missão teria se perdido, mas nós tivemos fé em que não seríamos provados além de nossas possibilidades.

A comunicação seguiu dizendo:

“...Já sabeis do valioso que será que chegueis a desenvolver vossa sensibilidade e especialmente as viagens astrais conscientes, porque elas sempre contarão com a adequada proteção e porque através delas poderão continuar a preparação em diversos planos...”

Certamente que foi a raiz destas experiências que trabalhamos intensamente nas viagens astrais conscientes e dirigidos, visitando diversos planetas, mundos, dimensões e planos, mas, sobretudo, frequentando recintos especialmente acondicionados para continuar a intensa instrução.

É sabido, e não creio que seja demais o recordá-lo, que o ser humano possui sete corpos que ao longo da pluralidade de existências o ciclo de encarnações irão desprendendo-se até chegar finalmente a ficar tão sozinho com a última vestidura que é a do COrpo Divino, para assim integrar-nos com o Pai Universal, o Profundo Amor da Consciência Cósmica e ser um con Ele.

O Astral é o corpo das emoções e se encontra unido ao corpo físico mediante o cordão de prata da mesma maneira que o umbilical nos fetos. Seu rompimento indica o momento da morte física e da cessação do corpo denso.

Todos realizamos viagens astrais durante os sonos, propriamente todos sonhamos sempre, ainda que a grande maioria não recordem as experiências vividas naquele plano, porque aquele é o lugar onde continuamos experimentando avanços e quedas. O astral é o lugar onde nos encontramos antes de nascer, ali voltamos durante os sonos e retornamos ao final de nossos dias na Terra, quando desencarnamos. Passamos no astral a maior parte de nosso tempo, o que nos faz ver o relativo da realidade material e nos faz pensar naquele enfoque de grandes poetas e escritores que intuem que a vida não é mais que uma ilusão, um lugar de prova, um grande teatro onde se leva a cabo um drama e onde cada um assume um papel. Na medida em que vamos progredindo em nossa atuação, iremos adquirindo papéis de importância em tal obra. Esta ficção pode fazer-nos chegar a perder a perspectiva de que só é uma montagem alheia à verdadeira realidade e com isso esquecermos de onde vimos, quem somos e para onde vamos.

O homem assim como não se recorda de seus sonhos, tampouco se recorda de suas existências passadas, porque o recordá-lo seria um merecimento, fruto de certo progresso e maturidade no caminho.

Como poderíamos desenvolver nossa vida atual se paralelamente tivéssemos presentes os ódios e afetos de outras existências? Porém, em mudança quando se adquire o estado de consciência espiritual, as recordações vêm por si só, existindo na pessoa a estimativa para medir o sentido de tais experiências e não cometer novamente os mesmos erros. Com o progresso contínuo ou o estancamento, fruto do egoísmo, devemos ter em conta que somos o produto das existências anteriores, quer dizer: "Nunca antes temos sido melhores do que somos agora". A lei é bem clara: "assim como é acima, assim é abaixo", por isso ninguém que falhasse seria degradado, mas esperaria até que voltem a dar-lhe uma nova oportunidade. O seguinte exemplo nos ilustra melhor isto: Se um aluno ficasse reprovado um ano na escola, ninguém pensará em rebaixá-lo a anos inferiores senão que se lhe dará a oportunidade de repetir todas as vezes que seja necessário para passar ao grau seguinte. Recordaremos que o Pai Eterno em sua infinita misericórdia outorga a quantidade de encarnações que cada ser humano necessite para avançar.

O mundo astral é a continuação de nossa experiência material diária de superação, pelo que "todos os sonhos são viagens astrais, mas nem todas as viagens astrais são sonhos", ou seja, podem-se fazer desdobramentos sem a necessidade de se estar dormindo, para o que se

requer muito controle de si mesmo e exercícios de concentração, que darão a alguém a prática, a força de vontade e a proteção necessárias.

A pessoa que não tem avanço suficiente não se recorda de suas experiências astrais porque existe um véu que impede que a memória consciente guarde aquelas imagens apagando-as antes de despertar, no exato instante de fazê-lo o poucos momentos depois. O que recordamos usualmente e que padece de falta de sentido e até consideramos a maioria das vezes um disparate, faz que não prestemos muita atenção ao sonho, e isto acontece porque as verdadeiras experiências se confundem e mesclam com os afloramentos do subconsciente no preciso instante do regresso. Usemos como exemplo um vaso de cristal dentro do qual verteremos água turva que uma vez que se encontre em repouso, o barro termine por assentar-se no fundo, clareando-se na parte superior. No entanto, se a sacudimos, novamente se turvará e voltará a perder sua transparência e clareza. Igualmente ocorre ao reingresso do astral no corpo físico, aflorando e turvando-se a memória do vivido, com os temores, desejos, angústias e demais retenções do subconsciente.

A comunicação citou outros temas interessantes como o de que deveríamos realizar trabalhos sobre a meseta, os quais seriam de dermatologia e regressões ou viagens mentais através do tempo, para assim nos identificarmos com a história do lugar, coisa que fizemos sobre umas rochas próximo das ruínas que se encontravam sobre os penhascos. Pusemos nossas mãos concentrando-nos nas vibrações dos talhados da pedra e nos restos de cerâmica e ossos esparramados nas tumbas ou *Kullpas*. Nas práticas que se nos recomendou fazer, começamos a absorver grande quantidade de informação que através de imagens estavam sendo evocadas em nossa mente.

Em um tempo remoto o "Altar dos Deuses" compunha todo um complexo atlante subterrâneo, onde 5 descendentes das grandes mentes extraterrestres que se haviam estabelecido no Peru, governavam e eram protegidos por seu conhecimento. Sempre se considerou Marcahuasi como um lugar sagrado ao que subiram a adorar as tribos pré-incas como os *Huallas* e *Huanchos*, posteriormente o fariam os Incas. Das últimas e anteriores ocupações do lugar, fica a lembrança das ruínas de cidades dos mortos (necrópolis), distintas da de habitação de uso cotidiano. E que a superstição mantida até nossos dias nos diz que os *Apus* e *Guamanes*, ou seja, os espíritos das montanhas, cuidavam dos mortos, impedindo que estes descessem para molestar aos povoados das áreas baixas, neste caso nos referimos a San Pedro de Casta.

A orientação dos cultos e dos costumes nos mostram que se conserva o temor ao regresso dos mortos, pelo qual os enterros mantêm como intenção específica a de acondicionar as coisas de tal maneira que dotando ao defunto de todos os bens que gozou em vida, se impeça assim que encontre alguma razão para voltar e molestar aos vivos. As festas e ofícios a celebrar-se em sua memória buscavam que os defuntos limitassem suas possíveis inquietudes.

As cidades dos mortos de Marcahuasi seriam guardadas pelas pedras talhadas, memória imperecível de um passado ainda mais remoto: A destruição das galerias subterrâneas de Marcahuasi, há mais de dois mil anos, depois da morte da última mente o "Ancião de Vara", coincidiu com um grande terremoto na área da meseta. Este último ancião se incumbiu de depositar em uma caverna próxima, os registros da civilização ou parte da história da humanidade junto com outros elementos ou objetos que com o progresso do homem, este poderia chegar a encontrar e merecer.

No resto da comunicação recebemos informes difíceis de aceitar, como aquela narração na que nos diziam que os norteamericanos não foram os primeiros a descerem na Lua senão

que foram os soviéticos, e que isto se haveria efetuado meses antes da Apollo XI no ano de 1969. Esse ano, uma nave soviética haveria tomado a iniciativa, mais que Houston, enviando três cosmonautas a Lua, havendo pousado no lado oculto e a partir dali haveriam informado da existência do que parecia ser uma base extraterrestre por observar-se fazia um bom tempo, estranhas luminosidades que pareciam próprias de instalações ou edifícios que ao aproximar-se se comprovaria que estavam abandonadas, mas com uma fatal proteção. O assunto foi que um dos soviéticos havia sido morto em um enfrentamento contra os mecanismos de defesa do lugar, enquanto que os outros haviam fugido, regressando só um dos tripulantes com o suficiente equilíbrio para expor seu insólito incidente. A escaramuça havia obrigado aos russos a enviar posteriormente um veículo automotor depositado no Mar das Chuvas pela Luna XVII, em 17 de Novembro de 1970, chamado de *Lunojod*. Este pequeno tanque robot possuía um sistema de raios laser e havia sido enviado como clara resposta beligerante. Sem embargo, sabermos que os astronautas norte-americanos também sabiam da existência de antigas instalações da Confederação, os quais também cita Julio Verne em sua obra "Da Terra a Lua". Segundo os Guias, os lançamentos de artefatos nucleares enviados com os módulos de comando (naves de descida), ao orbitar a Lua para que se estatelassem contra sua superfície ao iniciar o regresso, não pretendiam outra coisa que bombardear tais instalações e não como se pretendia afirmar, para medir os movimentos telúricos e capas geológicas com os sismógrafos instalados no Mar da Tranquilidade pela Apollo.

É o terror ao desconhecido e a soberba do homem frente a civilizações cósmicas que observam a Terra, respeitando seu livre arbítrio ainda apesar de sua superior tecnologia, a que o leva a tratar de destruir, aquilo que não pode medir nem compreender. Esse medo instintivo e irracional, além dos interesses criados impede que os governos das grandes nações possam chegar a manter contato direto com os extraterrestres.

Existem informes oficiais de grande quantidade de cosmonautas norte-americanos e soviéticos que confirmam que durante seus vôos orbitais foram seguidos por OVNIS, o caso mais conhecido e voltando a descida na Lua, é o da Apollo XI que levou a Neil Armstrong e a Edwin Aldrin a pisar o satélite em um acontecimento divulgado mundialmente Via Satélite e pela Televisão. No entanto, foi aqui que tiveram minutos interrompidos da transmissão que a sala de controle de Houston censurou, porque neles se escutava os astronautas conversar alteradamente sobre um fato inesperado que posteriormente verificariam muitos receptores em nível mundial que haviam captado tal comunicação. Ocorre que enquanto os astronautas trabalhavam próximos do módulo, começaram a se aproximar uns estranhos objetos que haviam aparecido no horizonte, poucos momentos depois, se podia ver com toda clareza pois eram como umas pequenas esferas que com a curiosidade inerente às crianças se aproximavam dos astronautas. Armstrong foi, então, o que precisou que se haviam desprendido de umas astronaves em forma de discos que se achavam alinhadas ao fundo de uma cratera. As esferas não eram outra coisa que os comumente chamados "Olhos de gato", que são como câmeras de televisão que servem para enviar imagens do que observam a nave desde onde são controladas.

Por mais preparação frente aos imprevistos, já podemos imaginar a forte impressão destes experimentados cosmonautas, sendo sabido que o astronauta Aldrin teve que ser submetido, em seu regresso, a um intenso tratamento psiquiátrico. Poderia, acaso, estar relacionado este fato com todo o acontecido? Recordemos que foi Armstrong quem não só não desmentiu tais versões dos Ovnis na Lua senão que acima de tudo as sustentou em muitas de suas exposições, sobretudo ante as organizações que investigam os Ovnis e ante as Lojas Masônicas às quais ele pertence. Na atualidade, Armstrong também tem sido separado

do programa espacial, como o tem sido muitos outros que têm tido a valentia de dizer a verdade. Muitos têm sido obrigados a calar-se, mas há outros que mais que nunca têm se dedicado plenamente à investigação Ovni por sua própria conta, como é o caso de Edgar Mitchel.

CAPÍTULO X

O GOVERNO INTERNO POSITIVO DO PLANETA

A comunicação dos Guias indicava que dentro de muito pouco tempo nos relacionaríamos com membros da Irmandade Branca, quer dizer, do Governo interno positivo do planeta.

Diferenciaremos dos governos: o Cósmico e o Governo Interior Mundial.

O Governo Interior Mundial está sujeito à polaridade que se expressa sob o positivo da "Irmandade Branca" e, o negativo "Irmandade Negra". As duas Irmandades não se manifestam abertamente senão que dirigem secretamente a Terra. Cada uma delas tem organizado seus meios para chegar à Humanidade e encontrar seus componentes, para incrementar suas forças não em quantidade, mas em qualidade.

A Irmandade Branca é uma organização de perspectiva variada. Seus membros guardam arquivos do conhecimento da humanidade, em ocultos centros de ensinamento e evolução espiritual do mundo. Encarregam-se também de dirigir missões de Humanidade, desde a presença Crística até a Missão Rama e, além disso, se encarrega de manter o equilíbrio com forças positivas para impedir a rápida destruição de uma humanidade sabotada pelo inimigo obscuro. Compõem a Irmandade Branca Mundial os mestres, sábios e sacerdotes dos antigos continentes: os lamas, mestres e gurus do Oriente. Os mestres e sábios espirituais do Ocidente. Ademais, compõem esta Irmandade várias subdivisões: as Irmandades da Mão Vermelha, do Dragão, dos Sete Raios etc.

Em conclusão, a Irmandade Branca rege o predomínio positivo, espiritualista e evolutivo da Terra, atraindo para seu interior os irmãos que têm mudado e trabalham pela Humanidade a partir de centros, fraternidades, associações, grupos, seitas etc.

A Irmandade Negra quer desequilibrar a polaridade na Terra, buscando seu tempo no predomínio do caos e da destruição. Sua missão se resume em promover guerras, fomentar negativismo, criar homem e eliminar a consciência do homem fazendo deste um escravo de seus instintos. Compoem a Irmandade Escura todos os magos negros, seitas obscuras, seitas racistas, seitas espiritualistas, muitos cientistas e políticos materialistas. Trabalha esta Irmandade mediante todos os órgãos de destruição como as máfias de especulação, prostituição, assassinato etc.

As Irmandades estão encarregadas de trabalhar para a tendência que torne a Humanidade na Terra o procedimento obscuro no se debe a una fuerza superior en su totalidad sino al sabotaje y al dominio de masas que tienen los que actualmente dominan el mundo.

A destruição da humanidade não significa a vitória obscura, senão uma mudança de fase que traga consigo o estabelecimento da harmonia e um novo equilíbrio sobre a Terra renovada, na qual surgirá airosa a Irmandade Branca e instalará o reino do homem evoluído, O Reino do Super Homem!

Quando a luz clareia nosso caminho e encontramos o atalho, esta passa por "um lugar" que é um centro de iluminação exterior. Este lugar pertence à Irmandade Branca e pode ser um

Monastério ou um Shangri-Lá, talvez os discípulos sejam chamados a permanecer nele, ou se busque que os irmãos trabalhem no mundo, para esforçar-se ainda mais.

O Monastério do Peru se encontra ao norte de Puno, onde a Irmandade dos Sete Raios tem um centro de conhecimento e de retiro espiritual. O SHANGRI-LA ou VALE DA LUA AZUL existe no norte do Tibete, igual ao norte de Cusco. São retiros herméticos nos quais poucas pessoas e famílias são chamadas para mudança sob a proteção dos grandes Mestres e Lamas.

Shangri-Lá está aguardando a todos os discípulos que têm mudado de vida e sentido, que pertencem a ele desde antes e desde sempre. O Shangri-Lá tem se convertido em uma obsessão para o homem covarde que espera salvar-se e busca um lugar para fazê-lo sem haver descoberto que somente em seu interior deve existir este retiro de paz e de mudança onde o recolhimento rege a Vila. O Vale da Lua Azul é um lugar de dura labuta ao qual chegam todos os discípulos da Irmandade Branca quando é seu momento, mediante a causalidade e o merecimento, mas se exige muito daquele que é aceito.

Os irmãos de fora do Monastério e do Vale, ainda sem nunca ter ido a este lugar, pelo simples fato de viver dentro da Irmandade devem dar exemplo, levando ma vida "monástica" em suas casas ou aposentos, dando Amor, semeando Paz, sendo Humildes e Bondosos.

"TODO IRMÃO DEVE ESTAR ONDE POSSA CUMPRIR BEM SUA MISSÃO" Oxalc.

A Irmandade Branca não existe sozinha na Terra, é algo universal que traz consigo a evolução cósmica.

A Confederação é parte integral da Grande Humanidade, a qual guarda seu recinto mais elevado na Confederação da "Grande Estrela", que se encarrega de dirigir o movimento positivo de Mestres e Gurus por todos os sistemas e de guardar em planos diferentes os "Registros Akáshicos".

As Vestiduras Brancas designam na forma exterior todos os irmãos, mas é só uma formalidade já que ninguém vê a evolução, a sente e isso é suficiente.

A Grande Irmandade Branca Universal traça o camino da perfeição acompanhando e aconselhando aos que se esforçam, sacrificando-se em segui-lo.

Sobre a Grande Estrela, deixaremos que a Missão Rama esclareça com o tempo suas bases mais profundas e seus aspectos mais sagrados.

"QUANDO O DISCÍPULO ESTÁ PREPARADO, O MESTRE CHEGA".

A Fase Xolar é uma etapa, talvez, a mais madura de todas, já que busca que o discípulo, mudando em suas formas exteriores e interiores, prepare amudança para a chegada dos Mestres da Irmandade Branca. Tal preparaçãorequer provas muito duras de merecimento, prrovas que demonstren sua temperança e seu equilíbrio frente às situações.

A Fase Xolar nos faz receber energia do Grande Sol Espacial, quer dizer, do centro da Via Láctea. Recebemos nova energia de dimensões diferentes das que temos recebido anteriormente.

O Pranayama novo exige maior quantidade de exercícios de respiração que facilitem a recepção de novas radiações que neutralizem as anteriores e dêem nova vida. Os discípulos notarão a mudança na maneira de viver e na nova fase corporal. O corpo, como antena, agilizará os outros planos, integrando-os a uma nova unidade nunca antes experimentada: A mudança já se efetuou!

Desde esse momento, nossos átomos e moléculas vibrarão em ritmo distinto em um mais fino. A vibração será mais aguda, uma poderosa força que só pode manejar um evoluído. O controle ali será quase total!

A vida em comunidade será extremamente necessária. Cada um velará pelo resto e será tanto de si como de todos. Viverá o problema de cada um e cantará a alegria de todos.

"ROMPEMOS OS LAÇOS, NÃO HÁ LIMITES, SOMOS UM EM TODOS".

A Irmandade já traçou um caminho.

A Confederação já iluminou os corações.

Os Guias já deram o conselho.

O Rama já escolheu seu caminho, iluminou seu coração dando luz a seus Irmãos, aproveitando o conselho de seus Irmãos Maiores.

A meta já está dada!

Sagrado é o Amor. Divino o possui-lo. Iluminado o dá-lo!

O SACRIFÍCIO... A SAGRADA META!

A Irmandade Branca mantém uma permanente luta contra as forças negativas para manter o equilíbrio e a luz neste plano que é a Terra, preparando assim os tempos de definição, ou seja, o chamado "Juízo das Nações" e a volta de Jesus Cristo nesta Nova Era. É importante destacar que a Irmandade Branca sómente serve a um Deus e a um Mestre Universal e Cósmico que se encontra materializado na pessoa de Jesus como possuidor do Espírito Crístico, qualquer outro mestre é colaborador e servidor daquele que sempre Será.

Aquelas pessoas com as quais nos vinculáramos deveriam representar diversas escolas e irmandades que trabalham para a luz no seio da Grande Irmandade Branca que se encontra já na Quarta Dimensão, atuando através de servidores, intermediários e colaboradores. Esses nos entregariam um material de informação que confirmaria a natureza espiritual da Missão RAMA e nada mais, ou em outras palavras, que serviria para apoiar as normas de realização e o objetivo da Missão de estabelecer a ponte de comunicação e de ajuda para a Terra desde o universo dependente do compromisso humano, mediante a intervenção direta e indireta segundo o tempo e o momento, dos Irmãos Maiores e Guias.

Saber receber e saber valorizar, seria a chave do que se obteria, posto que em um futuro próximo se deveria concretizar a recepção do "Livro das Vestiduras Brancas" que não é outro que o Registro Akáshico da Terra, do qual teríamos que extrair os ensinamentos tal qual foram dados em diversas épocas e através dos mais variados meios.

Os Guias nos advertiram de que saberíamos dar o justo valor às coisas, já que tudo aquilo que pudéssemos receber por outros meios que não fossem a comunicação, teria um caráter complementar e corroborador das mensagens, mas jamais poderia o chegado de outras fontes, fazer com que se descuidem das comunicações que são a forma de trabalho de Missões como RAMA, ou seja, ao final se poderia seguir sem apoio de outras fontes mas não sem comunicação.

A mensagem recebida aquela manhã terminava com uma asseveração que depois de todo o anterior não devia surpreender-nos, mas sem embargo, ao lê-la nos olhamos incrédulos. A comunicação dizia assim:

"...E moveremos todos os meios de informação para que o conhecimento e a mensagem da Missão RAMA chegue ao mundo inteiro. Não duvidem nem vacilem, pois ainda que não compreendam a magnitude de vosso trabalho, este é um compromisso para com a humanidade. Sois pequenas peças, como engrenagens de uma grande maquinaria que já tem sido posta em movimento por vossa livre aceitação e com o concurso de todos os Guias da Missão RAMA. O resto é só saber terminar o começado".

Estávamos demasiado emocionados para fazer comentário algum, assim que enquanto que cada um em silêncio pensava sobre o recebido, nos mobilizamos para ordenar o acampamento e preparar o tão esperado desjejum.

Pensávamos em como poderiam ocorrer os fatos mencionados pelos Guias. Sabíamos de nossas limitadas possibilidades e da falta de meios que demonstrassem a veracidade comprovada de nosso contato, isto somado a que não conhecíamos a nenhum jornalista que pudesse nos levar a sério ou pelo menos que nos concedesse a menor nota de imprensa. Além disso, estava latente a indisposição de nosso pai, que parecia crescer cada dia mais, já que se sentia ferido em seu amor próprio e em seu orgulho ao ter que aceitar a realidade de nosso contato. Tantos anos se haviam passado estudando, tanto esforço para que ao final fôssemos nós – seus filhos – e não ele, os que o conseguíamos ainda que sempre ressaltando que não há mérito algum de nossa parte, já que são eles os que se contataram conosco e não nós com ele!... Parecia-nos então que seria hartos difícil que se cumprisse o que os Guias apontavam e prometiam, apesar de que procurávamos não desalentar-nos nem cair em especulações. Devíamos confiar e isso foi o que fizemos.

CAPÍTULO XI

O GUARDIÃO DA CAVERNA

Durante o almoço havia muitos assuntos que conversar, mas o único que nos ocorreu foi o de comentar as peculiaridades do terreno, o qual chegaríamos a consultar depois em informações científicas, que diziam que era Marcahuasi uma formação geológica que corresponde ao Superbatolítico Circumpacífico, com preponderância de minerais dentro das rochas, como quartzo tipo cristalino, micas negras e feldspato.

As formações são de lava vulcânica procedente do Terciário (70 milhões de anos). Os levantamentos deram saída ao exterior da cinza vulcânica que ao consolidar-se se fraturam por ação da intempérie.

Reanimados pelos alimentos, ascendemos os escassos metros que nos separavam da meseta propriamente dita, chegando a divisar o primeiro conjunto de ruínas, visitando também as **chullpas** ou tumbas, tomando uma série de fotografias do interessante panorama que se abria ante nossos olhos.

Ao terminar os trabalhos de dermatóptica que se fizeram bem avançada a manhã, nos trasladamos pela meseta para o extremo oposto, encontrando em nosso caminho duas pequenas poças de água putrefata e pestilente, dos períodos de chuva. Podia-se apreciar que no passado, Marcahuasi devia manter uma série de lagunas.

Em nossa passagem pela calcinante meseta iam-se sucedendo grande quantidade de formações pétreas nas que a natureza caprichosamente tem delineado rostos e figuras algumas das quais podem apreciar-se a simples vista sem nenhum esforço de captação. E há uma boa quantidade delas que obviamente têm sido retocadas pela mão do homem. Entre as dezenas de figuras que detectamos na meseta nos chamaram especialmente a atenção: o Negro, o Leão Africano, o Sapo, o Camelo, as Focas, o Hipopótamo e no lado sul uma incrível forma de Gafanhoto, inseto muito temido por seu caráter predador dos cultivos, em diversos lugares do planeta.

Naquela caminhada pelos quase quatro quilômetros de comprimento de Marcahuasi e por um terreno muito acidentado e difícil sobretudo pela altura, ficamos totalmente esgotados e escassos de água. O sol estava a pino, e a temperatura superava os 27°C sem sombra em nenhum lugar, mas no momento em que nos encontrávamos mais abatidos, nos concentramos pedindo ajuda e não passou nem cinco minutos em que descendo por entre

umas grandes pedras, em meio daquela aridez, apareceu uma senhora pastoreando seu gado e carregando em seu burrinho leite fresco e água, a qual com inusitada caridade compartilhou conosco. Captamos que havíamos sido socorridos para que ninguém desfalecesse pois ainda se esperava de nós que intensificássemos nosso trabalho de preparação.

Depois de múltiplos trabalhos e avistamentos, iniciamos o regresso procurando seguir o caminhosinho que margeia um abismo de várias centenas de metros para chegar ao acampamento que se encontrava atrás da Cabeça do Inca. O verigem se fez notar em mais de um, mas ninguém desejava continuar suportando os implacáveis raios solares, pelo que nos imaginamos estar já na cabana como estímulo para chegar e descansar. Já no lugar, preparamos o almoço, e mal demos graças, devoramos os alimentos como se não comêssemos há dias. O costume de agradecer pelos alimentos tem conseguido arraigar-se em todos os grupos RAMA que se tem formado, já que é um costume que retomamos – pois em nossos lares não se praticava – quando os Guias nos relataram que todo alimento presuppõe uma comunhão, vimos a necessidade de redescobrir a ação de graças que lhe atribui ao momento de comer sua justa dimensão de ato sagrado que nos diferencia dos animais.

Os alimentos vegetais possuem Elementais ou seres sutis da Natureza, que mantêm uma estreita interdependência com eles, pelo que ao tomar o fruto da árvore ou da planta deveríamos pedir algo assim como uma autorização ou permissão a estas Entidades e à Planta, porque arrancamos parte de seu ser. Além disso, sabemos que os vegetais ostentam uma nobreza tal, que são conscientes que ao ser comidos e integrados em nosso organismo cumprem um papel, um sentido que por sua vez lhes permite ascender na evolução, pois se unem a nosso ser que está em uma dimensão superior compartilhando sua vida e a nossa.

No entanto, o agradecer vai ainda mais longe pois considera que pelo fato de possuir o homem atributos da razão e o livre arbítrio, é o único ser capaz de estar consciente das bênçãos do Todo-Poderoso e do sentido da criação. Por tudo isso, a alimentação é mais que cumprir com uma necessidade fisiológica, é um processo de integração e transformação de elementos em nosso corpo, que tendem a dar-nos a energia necessária para perpetuar o prazo da existência material, para assim poder chegar a dar cumprimento voluntário à missão que nos tem determinado o Plano Divino.

Uma vez mais, o repito, nada nos separaria dos animais enquanto à satisfação de necessidades orgânicas se não tivesse a distância que dá a consciência para escolher os alimentos adequados e a atitude com a que se os ingere. As formas não diferenciam o homem do animal, assim o comer com implementos ou sobre uma mesa não diz nada, senão pelo nível de consciência do que se faz e seu por quê. Desde a antiguidade diversos povos têm agradecido os alimentos, mas cada um o tem feito obedecendo suas próprias inclinações, quer seja por superstição, intuição ou respeito etc. Assim vemos que para alguns era aconselhável o oferecimento aos deuses dos alimentos a consumir-se ou até alguma inclinação prévia ante os mesmos para solicitar com isso que o céu fosse propício e não degenerasse tal comida em uma indigestão ou em algo pior. Compreensível isso em épocas em que não existiam medicamentos preventivos, pelo que não valia a pena correr riscos ainda que não se tivesse demasiada fé.

Parece realmente curioso que seres tão avançados como os Guias Extraterrestres, cuja civilização deve haver superado muitíssimos esquemas e prejuízos aos que nos submete a ignorância, dêem tanta importância a detalhes aparentemente triviais e a coisas tão simples como são para nós o cotidiano e rotineiro, mas isso chega a ser compreensível quando eles mesmos insistem conosco em tratar de fazer com que cada dia em si mesmo alcance sua própria realização e valha a pena ser vivido.

Depois de haver suportado um forte calor durante o dia, a chegada da tarde trouxe consigo uma violenta queda de temperatura. Cobrimo-nos de imediato com todo o agasalho que havíamos levado, mas ainda assim vários de nós tremiam de frio. Fizemos então exercícios de respiração e relaxamento, enquanto a tarde dava espaço à noite.

Em meio de um colorido entardecer, apareceram dois objetos brilhantes no céu, seu tamanho era como o de uma bola de ping-pong. Um vinha do Leste e o outro do Oeste. Parecia que iam se chocar pela velocidade que desenvolviam, porém, pouco antes de encontrarem-se baixaram ambos a velocidade quase ao mesmo tempo, pondo-se um de lado para que o outro passasse com tranqüilidade. Então, novamente aumentaram a velocidade e acenderam suas luzes com o dobro de intensidade.

Sentíamos-nos todos muito felizes por aquilo que tomamos como uma confirmação de nosso trabalho. Agora sabíamos que estavam próximos e o ambiente refletia a harmonia que havia entre nós, então nos dispusemos a receber comunicação.

Na nova mensagem os Guias nos falaram de um Mestre que nos acompanharia em uma viagem astral consciente, pelo que deveríamos nos dispor a realizá-lo. Fizemos um relaxamento profundo e em pouco tempo nos encontramos fora de nossos corpos, olhando-nos uns aos outros. Pude observar então que a única pessoa maior do grupo, Eduardo Elías não havia se desdobrado porque sobre ele se via claramente uma gigantesca mão que o prendia para baixo impedindo-o de sair. Depois chegaríamos a saber que aquela pessoa praticava o espiritismo, o qual lhe causava o permanente assédio de entidades espirituais de baixos níveis.

Os que conseguimos sair, viajamos guiados por aquele personagem ancião que como se nos tivesse estado esperando há tempos, aguardava nossa saída para dirigir-nos a 30 km ao Norte, para o fundo de uma caverna em um abismo. Vimos que esta se encontrava a regular altura de uma montanha e se achava iluminada por uma luz esverdeada. Dentro dela se amontoavam os Anais da Humanidade. O arquivo era formado por dezenas de pranchas metálicas de uns 40 centímetros de largura por uns vinte centímetros de altura, todas elas impressas de um só lado com uma espécie de hieróglifos ou ideogramas, que segundo nos foi dito, são extratos do Registro Akáshico da Terra e só podem ser interpretados com o uso dos Cristais de Césio, aquelas duas pirâmides materializadas e integradas em nosso corpo das que falamos anteriormente. São, pois, os cristais os tradutores do que os Guias chamam: "O Livro dos das Vestiduras Brancas".

Sabemos que tudo vibra, que tudo está em movimento produzindo uma ação e uma reação, causa e efeito, uma impressão de ocorrências que ficarão plasmados como vibrações etéreas com as que uma pessoa clarividente poderia sintonizar-se e ler nelas sei deseja esquadrihar a História. Ali fica tudo gravado, tudo o realizado, dito e até pensado. É pois, a fonte inesgotável da memória cósmica. Achemos nesses anais toda a experiência humana com suas diversas etapas e civilizações, mas não somente encontra nestes o pasado e o presente, senão o que vai mais além, registrando alguns momentos muito intensos do futuro, por situar-se na Quarta Dimensão e ser atemporal. Um exemplo disto o temos em nossa vida quando sonhamos coisas que se cumprem em detalhe, verdadeiras revelações do futuro e que misteriosamente se apresentam como querendo se familiarizar com os nossos potenciais dormidos ou como uma precaução e aviso. Poderia também chegar a pensar-se que os sonhos proféticos ou premonitórios ao serem recordados trazem consigo a intenção de parte das Híerarquias Espirituais de estimular a pessoa para que encontre o curso correto que o leve a realizar o plano que pesa sobre cada ser, cumprindo as expectativas da missão pessoal.

O interior da cova era tão brilhante que podia cegar a qualquer um, o ambiente estava saturado de um perfume de violetas e se escutaba ao fundo um zumbido como de maquinaria. Vim-se objetos os mais variados como de cristal e outros de um metal muito bruído que segundo nos referiu o ancião pertenceram a humanidades anteriores hoje desaparecidas. Algumas dessas máquinas eram tão perigosas que só alguém que fosse muito equilibrado e de puros sentimentos poderia pô-las em funcionamento para o serviço da humanidade.

Naquele depósito havia livros compridos e outros largos, muito grossos e antigos que foram resgatados das **Lamaserías** do Tibete, durante a invasão comunista, dos Templos da Índia e dos Monastérios Medievais. Também se achavam cortezas gravadas do tempo dos Incas assim como pergaminhos e papiros da desaparecida Biblioteca de Alexandria. Todo este conjunto de informação, além das pranchas, seria devolvido ao homem uma vez que este estivesse preparado para assimilar seus próprios erros e superá-los definitivamente de forma pessoal e coletiva.

A entrega do Livro das Vestiduras Brancas assegurará o trânsito para a Quarta Dimensão porque este conhecimento liberará, a quem o possua e o saiba administrar, do estado atual de ignorância e dependência do erro.

A Missão RAMA é um daqueles grupos que servirão de ponte para receber aquele Livro ou Registro, no tempo que determine a Grande Irmandade Branca, e aquele que tem sido chamado a esta Missão por mais que se perca, vez após outra voltará e chegará ao final a cumprir seu compromisso que livremente assumiu porque a escolha foi a correta com respeito a seus integrantes, mas não todos os que estão "são" nem todos os que são "estão" todavia.

Ficamos muito impressionados com tudo o que ali havia, sendo que o ancião nos pediu que o seguissemos e o fez falando-nos normalmente. Baixamos então umas escaleras hacia una mesa como de mármol donde se nos mostró en una hoja de metal, presumiblemente plata, los símbolos que identificarían nuestro trabajo y las etapas del mismo.

HISTÓRIA DO RAMA

“Chegará o tempo no qual recordareis cada um como foi que fostes chamados a formar o RAMA. Cada um saberá de imediato seu caminho de retorno.

Sobre RAMA é longa a história, porém deve começar a se escrever já. O tempo está selando seu momento de grande compromisso.

Faz 4.000 anos antes do Mentor do Espírito Crístico, vindo na Missão Redenção, dos planos maiores da grande civilização e que foi engendrado não criado, reencarnando-se assim para os fins do plano. Vocês têm presumido bem, todos os detalhes da vinda Crística, que não é necessário ressaltar-lhes aque e que para muitos conservadores de mente reduzida, parecem descabelados, foi faz 4.200 anos que chegou aos grandes mestres do Conselho de 24 Anciãos da Galáxia, bem chamada por vocês, Via Láctea, o momento de atuar nos planos de ajuda galática, e em solidariedade a civilizações para por em marcha as missões secundárias, que se inseririam al mundo moderno que seria o fruto do processo histórico e cultural. A vinda do Mentor à Via Láctea leva ao Planeta Terra, terceiro do sistema solar a cumprir seu ciclo de idade, para subir de plano, ainda a custa de uma destruição parcial de sua humanidade, em seu tempo "Siserático" ou "Apocalíptico", destino que é próprio do natural processo de evolução.

Para isto se determinou que o Mestre Joaquim designado pelo Ancião A... do Conselho dos 24 Anciãos, investigara mediante estudos profundos os membros básicos da Missão RAMA ou Missão Mundo, aparte de outras missões secundárias sobre a Terra, como em outros mundos. Missões como: Omágata, Onirón, Omirita, Kibali, Misão do Candelabro, Onixsur, de Sibali, Arión, Orimín, Urix e Yum.

Desde centenas de anos se havia pensado que classe de gente se necessitaria para que, chegado o momento no qual os irmãos homogêneos em missão e diferentes em sua maneira de ser preparados, em seu momento, se encontrem e se reconheçam. Gente que sob uma meta comum mudariam e negarão os caracteres que teriam e tomarão uma nova meta com selo próprio, chamado TODO AMOR.

Esta gente sempre foi escolhida com relação ao que desempenharia cada um, a seu papel dentro da missão de preparação para a nova humanidade que virá, enquanto, no planeta Ahelon, sede nesse tempo do Conselho de Anciãos, se preparavam os estudos pertinentes que buscavam explorar arquivos e câmaras de estudo do futuro terrestre.

Como dizíamos, se buscou a gente que tivesse a virtude de ser gente aberta em potência e sensibilidade. Gente que apesar de não ter nada fora do comum humano, pudesse vibrar em um plano maior. Este plano poria em uma situação de conhecimento interior e predisposição na pessoa, o qual se lhes apresentaria como um saber que à larga fosse um poder sobre os demais. Esta gente que antepusera o compromisso de liberdade responsável, frente a este receber conhecimento superior, teria que estar disposta a viver uma série de provas pouco comuns para a grande maioria humana, experiências duras no meio onde viveria. Teriam que cumprir uma função de testemunhas e por isso ser tratados pelos demais, como é comum fazê-lohacerlo.

Teriam missão não só de alertar ou advertir, senão de ser ponte para que as pessoas se reconheçam, antes de que a Terra entre no processo irreversível de mudança entre os anos 1975 a 2000.

Començou-se primeiro a buscar no plano chamado Mundo Terra, os espíritos encarnados que seriam protagonistas, da Missão RAMA, que abriria os olhos da humanidade e que só os dispostos e preparados a escutar, escutariam.

Buscou-se primeiro às pessoas do plano por elevar, logo aos que promoveriam o desenvolvimento daqueles iniciados na evolução de planos brancos, quer dizer, os Guias coordenadores do amadurecimento mental e espiritual dos irmãos menores terrestres.

COMO EM UM JOGO DE SONS, RAMA TINHA UMA VIBRAÇÃO OU CHAVE CÓSMICA COM FREQUÊNCIAS E SONS PARTICULARES, NOS QUE HARMONIZARIAM TODOS OS QUE NELA INTERVIERAM, DESDE 4200 SE ESTEVE BUSCANDO A CLAVE, QUE O MENTOR ENTRE OUTRAS MISSÕES, LHE HAVIA ATRIBUÍDO. E SE ENCONTROU ESTA VIBRAÇÃO QUE SE TRADUZIRIA NO AMOR "DOS DAS VESTIDURAS BRANCAS".

Esse era "RAH-MA" (RAMA) e se deu um passo adiante na busca dos Guias Terrestres. Cada um foi encontrado em uma época distinta e em lugares diferentes e isolados. Esclarece-se que a reencarnação, na que cada rama foi chamado à Missão, é a que mais tem deixado marcado em seu ser interno conservando até alguns traços faciais ou subscientes desta.

A modalidade de chamado variou, já foram as vibrações primeiras: AM, EM, EL, NI, AN, AC, WA etc.

Estas vibrações, que eram as terminações dos nomes cósmicos, determinaram a ordem em que se efetuaram os chamados e a ordem de aparição na missão trabalho atual. A cada

um se fez chegar mediante emissários e em naves da Confederação, a chave do conhecimento RAMA, quer dizer, o "Livro do Amor dos das Vestiduras Brancas", impresso em todos os idiomas. Aceitando ou não o compromisso da missão, cada um, já programado o dia em que se uniriam aos RAMA, se sentiria unido por estranhos e inseparáveis laços de Irmandade comunitária, os quais lhes fariam sentir como se tivessem sempre se conhecido.

A reencarnação com chave RAMA mostra vosso verdadeiro caráter e que dentro de vós está ali no secreto, esperando que o descubrais tudo por inteiro.

A idéia e plano RAMA, se baseava em criar uma comunidade espiritual de irmanos "Variados" chamados os Rama, que seriam os porta-vozes e fazedores do chamado à mudança e os de RAMA, quer dizer, toda as pessoas chamadas por vosso intermédio à evolução.

Entre os planetas que se escolheriam para desenvolver academias de Guias para todas estas classes de missões do período LXUXIM (século XX Terra), estava a Colônia de Orión no Sistema Solar chamada Morlen, Vênus, Apu, em Alfa Centauro, Cerpican Maior II em Cão Maior, Xilox em Andrômeda etc.

Logo, cem anos antes se preparariam os Coordenadores ou Guias que se requeririam. Sete anos anteriores à Missão RAMA que começaria em 1974, os Guias já estariam em uma etapa semifinal de seu adestramento e preparação.

Antes que nascessem os RAMA nesta atual encarnação viveram no astral nos planetas da Confederação onde receberam uma preparação distinta para que esquecessem temporariamente, fechando-lhes os cadeados de suas mentes e dando as naves a eles, para que tivessem a oportunidade de que com seus esforços se despertassem a si mesmos, para que nascessem os RAMA e se desenvolvessem com travas ou sem elas.

Seguindo com a história de RAMA, diremos que as pessoas encarregadas da missão humanidade, exigiam um sistema de enlaces e mestres que enviados pela Irmandade Branca sob o signo da Estrela, se encarregariam de administrar os conhecimentos e despertar a adormecida sabedoria. Os mestres guardiões dos arquivos, os entregariam aos RAMA, no mês de Agosto de 1975 o ano "Semiótico", quando nesse mês se cumprissem as viagens mais ambiciosas da Missão para Sillarhuasi em Cusco, e a Huarochirí de regresso, e no encontro com os três Mestres da caverna em Marcahuasi, Ica e Huarocirí.

Durante o tempo que seguiu aos mil primeiros anos da estruturação da Missão RAMA, em muitos planetas, o trabalho de planificação ia acelerando-se e a ajuda para um futuro humano devia ser cuidadosa e meticulosamente planejada.

Realizaram-se muitas sessões de Conselhos Menores, para dialogar e chegar à verdadeira compreensão da importância desta obra de solidariedade galáctica. Começaram por organizar as academias de Guias, chegando aos videos e telas, os dados dos RAMA que interviriam, a quem se esteve observando em sua vida no plano Terra, a cada um isoladamente no ano 1.100 a.C., em diversos lugares desde o Mar Vermelho, Persia e Irã até a Índia, Mongólia e América. Todos os seres potenciais desfilavam diante daquela tela, onde ressaltavam os espíritos abertos e com a chave concordante vibratória. Muitos seriam chamados, porém não só bastaria o fato de vibrar em RAMA senão afinar espiritualmente, colaborando de maneira que a energia de cada um pudesse aumentar em grupo alcançando os planos maiores brancos, ou seja, conseguir aperfeiçoar-se aceitando o compromisso de ser ponte e luz de um caminho conjunto, o nosso e de outros.

Nesses séculos, um satélite próximo da Terra e que pertencia a Júpiter, oferecia maiores disposições para encarregar-se da coordenação da missão "raça humana" já que sua vibração como satélite de vida artificial, quer dizer, sua missão como lugar civilizado e satélite

confederativo, justamente era a de ser colônia das colônias. Deveria abrigar uma colônia de 12.000 pessoas terrestres estabelecendo outras similares em diversos planetas e encarregar-se de reeducá-las para um repovoamento da Terra no ano de 2.300 depois do Mentor Crístico.

Como dissemos, Morlen satélite jupiteriano, constava de grandes cidades, uma delas "Cidade Cristal", seria sede da direção da Galáxia para o ano de 1.001 a.C.

A sede do Conselho da Confederação centraria seus trabalhos com respeito aos sistemas e planetas que estariam prontos a receber as primeiras ondas de energia do Sol Galático. Além disso, estes sistemas se opunham que alguns de seus planetas subissem de plano de evolução e o Conselho devia localizar-se onde sua coordenação fosse mais necessária.

Morlen, para 1974 contaria com um milhão de pessoas naturais e 200.000 colonos entre terrestres e de outros planetas.

Assim, a Missão RAMA foi posta sob a supervisão do Conselho de Menores de Morlen, que instalaram a Academia de Guias localizada na "Cidade Confraternidade".

Os mais qualificados dos programas de estudos metapsíquicos ou doutores mentais da Universidade de Morlen, formariam a primeira organização de Guias para a academia, logo se integrariam outros de diversas procedências.

A vida dos RAMA, Guias ou antenas, desde que começaram, mostraria o compromisso de homens com toda uma humanidade.

Assim, a primeira frequência que harmonizaria na missão e plano RAMA (RAH-MA) eram AM, justamente se deviam buscar os nomes cósmicos que em muito estruturariam uma ordem de chamados e de despertar através de um encadeamento de situações frente à posta em marcha na Terra do plano de ações.

Uma vibração como o homem cósmico revela a missão da pessoa e sua função dentro desta. As vibrações das terminações EL, WA, AC, EN, NI etc., sucederem e seriam distintos os momentos para o encontro.

Esse chamado e busca dos RAMA em nenhum momento marcaria uma ordem de importância, já que cada um cumpriria uma função distinta. O que se buscava era o melhor encadeamento dos componentes.

Enviados da Confederação receberam o trabalho de chegar aos humanos solicitados, e assim todos foram chamados em alguma época anterior.

Porém, há que explicar isto das terminações dos nomes cósmicos. Com RAMA se acham harmoniosamente, como se fosse música, algumas personalidades características, gente cuja porta de acesso ao universo tem a mesma entrada na missão, e o verdadeiro RAMA o percebe assim.

O estruturar a missão em suas bases compreendia achar claramente suas necessidades, ao acionar RAMA seria para muitos sua chave esperada, e para outros que não a soubessem ver, uma parede em seu caminho.

O planeta Vênus teve muito poucas intervenções de ajuda, mas as que teve foram acertadas na história terrestre.; Mais na América que em outro lugar e isto lhe valeu subir de plano rápida y facilmente. No entanto, não havia a experiência total para ajudar sua vizinha Terra, como era necessário senão até o período ou etapa Xolar de RAMA, quando os RAMA pouco a pouco se encontrariam perto de obter o véu do conhecimento e os venusianos que trabalhavam na base Azul, na selva peruana, chegariam a ser os grandes companheiros de RAMA, que cuidariam de seu natural desenvolvimento.

Para RAMA se haviam proposto 4 fases de preparação, as quais deviam ser passadas por irmãos que haviam sido chamados mais anteriormente. As Fases eram:

- AURON: CHAMADO
- XENDRA: EXPERIÊNCIAS
- LUNAR: CONHECIMENTOS
- XOLAR: IRRADIAÇÃO

Mas dirão: o que significa ser chamado primeiro, ou há alguma diferença por alguém ser chamado antes ou depois?

Sim, sim há e esta diferença reside na ordem de missões no interior da missão global, as diferenças de contribuições e de interiorização como predisposição para realizar uma missão de entrega total, na qual o homem é um meio dessa grande força de ajuda universal.

A missão e isto vale sua redundância, gira em torno da salvação da raiz humana e da humanidade de cada um, por homens, homens que lutarão por amor e por evoluir, contra um sistema que pode envolvê-los, contra um egoísmo que os poderá cegar, contra uma comodidade que lhes nublará o saber e o poder vislumbrar a luz eterna.

Vós, irmãozinhos, nacereis para nascer novamente, sereis vós os que aceitareis ser luz, quando mais e mais sentireis que havia uma razão em vossas vidas, um real sentido e que esse era RAMA.

Da primeira organização saí eu (OXALC), e foi por minhas compenetrações e interesse em nossa missão (não por melhores conhecimentos, já que haviam muitos e há muito melhores irmãos Guias), a mim foi encarregado vossa preparação, o primeiro desencadeamento e o coordenar o enlace RAMA, com outros 48 Guias de distintos mundos.

Entre vós há todas as raças e nações juntas nas que antes reencarnásseis e agora a missão se estende a todas as partes de vosso planeta. A etapa final começará em Agosto de 1975.

Alegria irmãos, que haveis nascido para uma nova vida.
COM AMOR, OXALC".

Finalmente, nos olhou nos olhos e um a um nos foi dizendo:

"Não há ninguém que mereça ser a ponte, nem mesmo um, porque ninguém está preparado, mas se pode preparar. Quem de vós voltará aqui quando se cumpra o tempo? Quiçá algum, mas esse alguém, só representará a outros que não chegaram ainda".

O ancião nos apertou as mãos despedindo-se de nós e nos deixou, introduzindo-se ainda mais dentro da caverna enquanto que a luz em todo o lugar variava de intensidade. Compreendemos então que a experiência havia chegado a seu fim pelo que deveríamos regressar. Nem bem havíamos pensado nisso, nos colheu um forte remoinho como um turbilhão que nos fez abrir os olhos, mas nos encontrávamos já na meseta desde onde havíamos iniciado a experiência.

A noite estava muito fria, pouco a pouco fomos nos recuperando dos enjôos da experiência e, para aliviar-nos, preparamos um pouco de chá com a ajuda do pouco combustível que ainda nos restava para a pequeno forninho a gás. O céu estava especialmente claro pelo que logo depois de refazer-nos com uma breve refeição, nos aventuramos a dar a última caminhada pela meseta já que no dia seguinte, **jueves** 22 de agosto, emprenderíamos o regresso a Lima.

Uma hora mais tarde nos deitamos, era relativamente cedo, sobretudo se consideramos a hora para gente de cidade – como nós. Felizmente, todos pudemos dormir muito bem

apesar do desconforto do terreno. Na manhã, depois do desejo com os últimos víveres que nos restavam e que não eram muitos, levantamos o acampamento e demos uma última olhada nas figuras pétreas que se agrupavam ao nosso redor. Pensávamos quanto tempo tardaríamos em regressar àquele lugar e, sobretudo, quantas coisas teriam que ocorrer para que voltasse pelo menos um de nós preparado para cumprir o disposto.

O retorno também teve suas peripécias, pois logo que havíamos chegado ao povoado de São Pedro de Casta para embarcarmos no automóvel, nos demos com a surpresa de que não havia gasolina nem no tanque nem em todo o povoado. Durante algumas horas tivemos que fazer propostas para que um caminhoneiro nos vendesse o suficiente para chegarmos a Huinco, coisa que conseguimos depois de muito regatear. Na descida, o perigo espreitava a cada instante, já que havia caminhões de subida por aquele diminuto caminho, que exigiam que pendêssemos no abismo para que passassem.

Quando parecia que tudo havia sido superado, Eduardo que ia ao volante, adormeceu por escassos segundos e o carro ficou suspenso no precipício com uma roda no vazio. Com esta experiência ficamos curados definitivamente da vertigem, mas conscientes de que as forças negativas não cessariam em seu empenho por destruir-nos e evitar que chegássemos a realizar nossa Missão.

CAPÍTULO XII

OS JORNALISTAS DA AGÊNCIA E.F.E.

Já quase em Lima, nos demos com uma agradável surpresa que confirmava o Apoio que nos dispensavam os Guias, que nosso pai, no mesmo dia que iniciamos nossa aventura a Marcahuasi, havia se encontrado com um redator do diário "El Comercio", que era seu amigo, havia aproveitado nessa oportunidade para entabular uma ligeira conversa na qual, como sempre, surgiu o tema dos Ovnis. Meu pai se valeu deste para contar-lhe os pormenores do que ele sabia sobre nosso contato e a viagem a Marcahuasi, despertando este tanto interesse no jornalista que chegaria a colocar tudo por escrito em uma nota de imprensa para que se publicasse no diário.

A notícia impactou de tal forma que a Agência de Notícias E.F.E. imediatamente se interessou por ela, fazendo com meu pai as averiguações do caso para comprovar a seriedade da mesma. Ao confirmar os pormenores, esta agência se encarregou de difundi-la em nível mundial. O telefonema dizia o seguinte:

"Cinco jovens peruanos mantêm contato com seres extraterrestres na Meseta de Marcahuasi.

Como resultado de um processo de contato, cinco jovens peruanos partiram para Marcahuasi, altiplano situado a 70 km de Lima e a uma altitude de 4.000 m permanecendo ali por vários dias para estabelecer comunicação com os tripulantes de um Ovni procedente de Ganimedes, o maior dos satélites de Júpiter, revelou há pouco à E.F.E., o Presidente do Instituto Peruano de Relações Interplanetárias, Senhor Carlos Paz García".

A Agência E.F.E. encomendou a tarefa, da respectiva verificação a Juan José Benítez, jornalista responsável e objetivo de "La Gaceta", do Norte de Bilbao, Espanha, que naqueles momentos se encontrava cobrindo as informações da guerra do Oriente Médio, desde lá, frente a Israel. Foi uma mudança de ambiente e de tema bastante diversa, como

posteriormente comentaria ele mesmo, que se surpreendeu e chegou a dar um maior interesse, ainda que com muita prudência.

Chegou a Lima em companhia de outro colega, e nem bem haviam chegado ao hotel, deixaram seu equipamento para dirigir-se imediatamente à casa de meu pai no Distrito limenho de Barranco. A orientação que trazia à mão lhe serviu para chegar diretamente em um taxi que tomara no centro da cidade.

Nós já havíamos voltado da viagem à meseta inteirando-nos de que em nossa ausência, papai havia cometido uma conveniente indiscreção, dando-nos publicidade e fazendo com que se cumprissem as mensagens dadas pelos Guias. À chegada dos jornalistas, tanto meu irmão como eu, nos entusiasmos tanto que tiremos de imediato a caderneta com as mensagens. Benítez não entendeu o que queríamos dizer-lhe quando lhe confiamos que sua presença cumpria com as indicações, demonstrando que tudo isso havia sido preparado para que cumprisse com o plano de desenvolvimento da Missão e que ele vinha enviado a realizar parte do trabalho determinado.

Depois de reforçar que não negava a possível existência de seres de outros mundos e da possível vinculação com alguns seres humanos, rechaçou enfaticamente que ele houvesse vindo da Espanha por outra razão que não fosse o interesse da agência de notícias pelo que supostamente ali estava ocorrendo conosco.

Os dias que seguiram a esta entrevista, os jornalistas asistieron a reuniões do Instituto de meu pai, dialogando com pessoas alheias a nosso contato, que como foi esclarecido antes, não teve o I.P.R.I., senão os filhos do Presidente e o grupo de amigos que eles frequentavam, sendo o parentesco o único vínculo entre o I.P.R.I. e o RAMA. O amontoado das diversas opiniões e versões não diretas de nosso contato significou o posterior estado de confusão que imprimiu Benítez em seus escritos, mas sem culpa alguma de sua parte já que a novidade de intercambiar com os jornalistas nos fez esquecer o manter o zelo adequado para evitar que muitas pessoas do I.P.R.I. que rodeavam meu pai, vissem a oportunidade de exagerar e dar informações inexatas, cheias de imprudência, para conseguir, com isso uma boa dose de publicidade.

Finalmente, em 2 de Setembro, e ante o assédio das pessoas do Instituto, tivemos que introduzir Benítez e seu companheiro ao interior da casa, reunindo-nos em particular na cozinha, onde lhe relatamos os pormenores da comunicação telepática e psicográfica. Isto o fizemos para tratar de corrigir muitas das informações distorcidas que eles haviam recolhido no ambiente.

Os jornalistas se assombraram com a facilidade com que nos comunicávamos pelo que convidamos Benítez para que ele também o experimentasse. Para nos agradar tratou de concentrar-se. Posteriormente nos confessaria que certamente havia sentido uma peculiar ansiedade que o motivava a escrever, recebendo diante de nós alguns rabiscos ilegíveis. Foi naquele momento que nos pediu que consultássemos aos Guias da possibilidade de que se dera um contato de que eles pudessem chegar a ser testemunhas. Fez-se a pergunta e o Guia Kulba do sistema da estrela próxima de Centauro respondeu citando o dia 7 de Setembro às 19h30 a um contato que se concentraria às 21h00 com as seguintes pessoas, que deviam assistir: Eduardo, Mito, Sixto, Charlie, Juan José Benítez, Berta, Lilian, Ana María, Paco e aqueles que considerávamos aptos (mas não mais de três pessoas).

Charlie, meu irmão, era o que havia recebido a comunicação importantíssima e consistente no futuro da Missão, que no caso de confirmar-se nos abriria as portas da difusão em nível mundial como o haviam dito os Guias ou terminaria por encerrá-las para sempre.

Olhamos aos jornalistas esperando captar sua reação ao ler a mensagem, mas estavam ali silenciosos e pensativos. Demo-nos conta que não os havíamos impressionado no mínimo, sobretudo ao companheiro de Benítez. Suas dúvidas eram compreensíveis devido a que nossas comunicações eram a simples vista algo demasiado sincero e simples, o qual lhes fazia pensar no absurdo e irreal de uma possível experiência física. Dissemos-lhes então, que entendíamos e que não os culpávamos por pensar assim, mas que suas dúvidas ficariam esclarecidas como o foram as nossas no caminho mesmo durante a saída.

Havíamos aproveitado os dias prévios à saída para viajar com os bons amigos: Tito Aisa e Tiberio Petro León, que haviam organizado uma curta expedição para desentranhar o mistério das pedras gravadas de Ica. Benítez nos acompanhou interessando-se pelo tema, enquanto que no caminho aproveitaria para bombardear-nos com toda classe de perguntas, captando nossas respostas em seu gravador. Como as perguntas foram diretamente ao tema, esclarecendo muitíssimos aspectos do contato, aproveitarei a oportunidade para citar algumas delas.

— BENÍTEZ: Por que nos visitam os extraterrestres e que provas há de sua presença?

— CHARLIE: Pelos inúmeros casos que se tem registrado em todo o mundo vividos pelas mais diversas pessoas, podemos argumentar que somos visitados por muitos habitantes de múltiplos planetas e com as mais variadas intenções. Prova disso estão nas evidências que através da arqueologia e das religiões comparadas podem reunir com uma análise imparcial, objetivo e com amplitude de critério, que nos falam de sua presença ao longe das idades. Igualmente em uma visão retrospectiva da história das origens dos diversos povos e em suas lendas encontramos aquela atuação duvidosa e intervenção influente dos comumente chamados deuses, anjos ou mensageiros celestes, cujas descrições atualizadas encaixam e se relacionam facilmente com os dos viajantes espaciais. Nem todos os planetas estão habitados e nem todos oferecem condições de vida, mas dentre os que o estão, nem todos necessariamente estão habitados por seres superiores ao homem. Não há pois, raças superiores senão processos diferentes e civilizações distintas atravessando cada uma seu próprio episódio evolutivo. Encontramo-nos em um espaço vastíssimo de milhões de galáxias, cada uma com algo em torno de 400.000 milhões de estrelas, que nem é silêncio, nem escuridão, nem solidão, tudo ao contrário, é um tráfico fantástico de ondas de diversas frequências, de naves das mais diversas formas e procedências (tripuladas e não tripuladas), também de aerólitos, meteoritos, cometas etc. As civilizações que chegam a alcançar a Terra ou que se detêm nela – porque deve haver muitas que seguiram de longe esquivando-os, quem sabe por razões de segurança e precaução – o fazem algumas por investigação científica, para o qual fazem experimentos, levando-se toda a classe de espécimes. Outras chegam buscando lugares de assentamento de futuras colônias, alguns em uma situação mais desesperada se as ingeniam para mesclar-se com o gênero humano assumindo semelhanças físicas que lhes permitam passar despercebidos para sobreviver. Há civilizações que utilizam nosso planeta como um grande canteiro ou como depósito, levando-se posteriormente, grandes massas de minerais que extraem do interior da Terra, escavando as montanhas através de imensos túneis, levando-se assim aquilo ao que não teríamos acesso em muitos séculos. Não é estranho que estes túneis existam perto de lagos, onde se podem ver aos ovnis submergirem-se continuamente ou também no mar. Através dos contatos fomos informados que muitas destas civilizações estabelecem um truque mediante o qual paga, os materiais extraídos estabelecendo grandes extensões de cultivos no fundo marinho, assegurando com

isso a sobrevivência da fauna submarina à qual o Homem está condenando a uma extinção porque está convertendo os mares em grandes lixeiras de resíduos atômicos e em grandes latrinas. Além disso, limpam grande parte da atmosfera da excessiva contaminação e radioatividade. Os estranhos, extraterrestres, Irmãos Maiores, Guias, ou como queiramos chamá-los, representam uma parte daqueles planetas que nos visitam, mas com intenções que vão mais além da mera observação pessoal, já que o fazem por razões de parentesco e de solidariedade com o momento que está atravessando o ser humano. Interessam-se pelo curso dos acontecimentos aqui na Terra e com o conhecimento de causa que lhes outorga o haver passado por experiências similares e haver sobrevivido a seus erros, estendem sua mão com clara atitude de ajuda desinteressada.

Somei ao que havia dito meu irmão, o seguinte:

Se vêm desde sempre, seguro que pensara por quê não têm mudado as coisas aqui, ou que têm fracassado em seu trabalho de orientação. Direi-lhe que respeitam nosso livre arbítrio e dali suas intenções pacíficas, porque se tivessem querido causar-nos dano, não teriam esperado a que desenvolvêssemos o armamento atômico que hoje em dia possuímos e com o qual poderíamos enfrentá-los, haveriam aproveitado o século passado quando ainda o homem guerreando egoísticamente contra si mesmo, usava mosquetes e espadas em suas batalhas. Os exércitos das grandes potências temem aos ovnis e se sentem humilhados pelo exagero de tecnologia que estes ostentam, porque se tivéssemos a capacidade que eles revelam, há muito teríamos nos lançado no plano de conquista cósmico, muito aquém da atitude que os extraterrestres mostram. Também disto poderia surgir a pergunta, que se desejam nos ajudar, porque não o fazem mais abertamente e com alguma ajuda tangível, entregue aos governantes? Primero porque os governantes são os que têm posto o mundo na situação em que se encontra, satisfazendo os interesses criados que apoiaram sua chegada ao poder, assim que não lhes interessa realmente que o mundo melhore porque isso iria contra seus próprios planos. Da mesma maneira, mais del 60% dos cientistas do mundo se dedicam à fabricação de armamentos, igualmente uma boa parte dos pressupostos dos países, com os quais não só se poderia erradicar a fome no mundo senão que também poderia chegar a avançar a ciência, mas em função do homem, criando as condições para uma vida mais digna e humana, livre de egoísmos. Vemos, pois, que o homem tem os meios para sair de onde se encontra, construindo ele mesmo seu futuro, mas não reage e então os extraterrestres não podem fazer mais por nós do que nós devemos fazer. Temos que entender que a crise do homem não é uma crise econômica, nem social, menos ainda científica senão uma crise de valores, uma ausência total de humanismo e amor ao próximo que faz que tudo o que se tem conseguido não só não ajude como o estorve e prejudique.

—

— SIXTO: Como dizíamos, porque a gente comum é a grande massa humana que não tem por que pagar pelo egoísmo de uns poucos seres. Por isso a mensagem dos contatos é a toda a humanidade, liberando-a do estado atual de opressão em que os tem sumido a ignorância, preparando aquela massa humana para que supere cosnciente a prova à que se aproxima a passos agigantados e que será absolutamente definitiva, julgando o equilíbrio e a convicção do homem. A presença extraterrestre casual permite um contato fortuito, mas o contato a que alguém deve se preparar é aquele que não só nos permitirá consegui-lo senão que nos ensinará a mantê-lo porque dele poderemos compartilhar muita experiência de vida muito necessária em nosso amadurecer como civilização.

BENÍTEZ:

— BENÍTEZ: E de onde procedem os visitantes espaciais, sr as sondas negam toda possibilidade de vida no Universo circundante à Terra?

— SIXTO: Vêm de Vênus, Marte, Júpiter e Saturno entre os mais próximos vizinhos e de estrelas como Próxima de Centauro, Cão Maior, Plêiades, Órion etc. Ainda que em muitos de seus planetas se saiba que não existem condições similares às da Terra, e mais, até se consideram adversas, daqueles lugares recebemos contínuas visitas já que sua avançada tecnologia assim o permite. Façamos uma comparação para que seja mais esclarecedora: pensemos na Terra, aqui em nosso planeta há países e lugares onde a civilização se encontra à margem do século XXI e outros, por contraste, como a África, Austrália e o Amazonas, onde há milhares de seres humanos em plena idade da pedra. Encontramos neste Universo interior que é nosso planeta, seres humanos que vivem a dezenas de graus abaixo de zero no Polo Norte, em meio a uma fauna composta por mamíferos, pingüins, focas, baleias etc., também temos o caso dos beduínos do deserto que vivem a altas temperaturas acondicionados e acostumados em meio ao Sahara, onde em condições normais qualquer pessoa não poderia sobreviver. Se nestes lugares que foram citados baixasse uma sonda espacial como aquelas que os Estados Unidos ou a União Soviética envia a outros planetas, levantaria uma impossibilidade total de existência humana, e mais ainda, se a sonda se mantivesse somente na estratosfera, como costuma fazê-lo levantaria também informação negativa com respeito a condições de vida em nosso próprio planeta, já que a determinada altura da estratosfera há demasiado calor e um pouco mais abaixo há demasiado frio. Tem-se chegado a argumentar que os planetas têm possibilidades de vida de acordo com a proximidade de sua estrela e isso não é certo, já que quando subimos a uma montanha, a qual supõe-se estar mais próxima do Sol, quanto mais alto subimos, mais frio sentiremos. Outro exemplo muito importante é aquele que nos faz saber que sendo a órbita que descreve a Terra ao redor do Sol em forma de elipse ou parábola, quando estamos mais perto ou mais longe, indiferentemente, sempre sobre uma zona da Terra há inverno e sobre a outra verão, e nunca quando estamos mais perto ou quando estamos mais longe o verão é mais quente ou o inverno mais frio, o qual nos demonstra que não é pela proximidade ao Sol que existe mais ou menos temperatura ou condições de vida, senão pela composição de gases da atmosfera e da incidência dos raios solares sobre ela. Por isso, se em nosso planeta há tal variedade de raças, tamanhos, progressos e demais diferenças, como será, pois, no espaço infinito onde se considera que devam existir uns dez mil milhões de galáxias, cada uma das quais com milhões de estrelas e planetas? Os extraterrestres da Missão RAMA vêm especialmente de Ganimedes, Vênus e Alfa Centauro, enviados aqui pelo Governo da Galáxia que conhecemos como Via Láctea e à qual pertence nosso Sistema Solar.

— BENÍTEZ: O que dizem os extraterrestres com respeito ao fim do mundo? Haverá uma terceira guerra mundial? Quando ocorrerá tudo isso?

— SIXTO: O mundo não vai se acabar senão se transformar, chegando a uma metamorfose que levará o homem a um estado de trânsito para a quarta dimensão. Será esta uma etapa de definição na que se radicalizaram os extremos, e somente aqueles que se mantenham equilibrados, antepondo o sentido comum e o humanismo cheegarão a superá-la. Todas as religiões nos falam de um Juízo, de uma auto-seleção, precipitando-se o tempo em que a humanidade deverá render uma colação de grau. Sabemos que parte dela aprovará a prova mas o resto seguirá atado por um ciclo imprecisable de encarnações a outros planos como a Terra antes de sua mudança. Estas pessoas deverão aguardar que se voltem a dar as condições e a oportunidade de transcender. Segundo o previsto pelos extraterrestres, não haverá, uma terceira guerra mundial, já que ainda não saímos da Segunda que tem seguido

indefinidamente entre as grandes potências em terrenos neutros, mas o que se pode ocorrer é que pela grande quantidade de armas que tem sido criadas e por todo o negativismo que se tem despertado, fruto do egoísmo do homem e de sua desmesurada soberba, se chegue a provocar um acidente nefasto. Quer dizer, há cada vez maior probabilidade hoje, de que tudo se volte contra o próprio homem, determinando a destruição do sistema atual que se tem esquecido dos valores que são pisoteados a cada momento. A chegada de um grande cometa ou aerólito poderia precipitar as coisas, já que com só o roçar nosso planeta ou chocar com ele, como na antiguidade já ocorreu, se alteraria o campo eletromagnético do planeta e com a mudança brusca no eixo e nos polos, as armas que se encontram ativadas em seus arsenais atômicos, terminariam por detonar-se sozinhas, ali onde se acham. Isto significaria que sairia "o tiro pela culatra", pelas grandes potências.

— BENITEZ: Então não há esperança?

— CHARLIE: Sim há, mas custará mudar a mentalidade de tanta gente. Nisso consta nossa missão, em informar o futuro que nos aguarda e o apoio que nos oferecerão os Guias administrando não somente grandes naves que previnam a destruição total e assegurem um resgate, senão também qual deverá ser a atitude que deverá sobreviver com o gênero humano. Porque se se tratará de preservar parte dos homens com os mesmos defeitos que hoje padecemos, voltariam em pouco tempo a cometer-se os mesmos erros, por isso devem ser homens novos que aprenderam a sê-lo hoje em meio da adversidade e do negativismo, para que quando se dê as melhores condições pare começar de novo, não se espere até esse momento, senão que já antes tentemos superar nosso egoísmo.

CAPÍTULO XIII

O MISTÉRIO DAS PEDRAS GRAVADAS DE ICA

O automóvel de Tito Aiza, uma camioneta Chevrolet, deslizava a uma velocidade normal pelas empoeiradas pistas do deserto do sul. Estávamos no meio de Ica e soprava o típico vento que silva com certa melancolia. Haviam nos dito de um lugar onde os ladrões de tumbas ou *huaqueros*, como se costuma chamar, desenterravam não só cerâmica pré-incaica, senão também as estranhas pedras talhadas, pelo que nos dirigimos naquela direção. Previamente, passamos pela Plaza de Armas de Ica, onde visitamos o Museu das pedras gravadas que posui o Doutor Javier Cabrera Darquea, médico do Hospital Regional, aficionado por arqueologia e apaixonado esotérico.

O Doutor Cabrera nos recebeu muito amavelmente contando-nos os pormenores de sua singular coleção que conta com aproximadamente 30.000 pedras de diversos tamanhos e desenhos gravados nelas, alguns dos quais escapam a toda credibilidade. Os motivos e figuras mais insólitos são os que representam animais pré-históricos, continentes desaparecidos, naves espaciais e até corpos celestes. Os achados dos depósitos de pedras têm sido graduais, sendo os primeros exemplares conseguidos da compra dos *huaqueros*. Posteriormente, afirmava ele, que ele mesmo chegou a fazer descobrimentos na área de Ocucaje. Na atualidade a coleção, que é imensa, segue, incrementando-se com muitas mais, de variados tamanhos e formas. Muitas das pedras parecem seriadas, ou seja, que constituem um grande quebra-cabeça ou uma biblioteca lítica.

O que notamos a simples vista por cima do entusiasmo despertado nós, era que havia diferenças no acabamento das pedras, já que só umas poucas mostravam um maior cuidado na arte do traçado. Quisemos saber a que se devia isto, mas era impossível interromper o

Doutor Cabrera, que seguia abstraído em suas teorias sobre a procedência e transcendência do descobrimento.

A presença de dinossauros que são animais da Era Secundária, deveria nos levar a pensar de que de alguma maneira os que gravaram ditos seixos os conheceram ou tiveram uma idéia deles, e a isto é o que queria chegar o médico iquenho. A explicação mais difícil era a possibilidade da coexistência do homem com os dinossauros e a confirmação da presença sobre a Terra de outras civilizações anteriores à atual.

Até aqui o interessante da reunião é que deixava um certo saber a verdade e coerência lógica até que tudo se desmoronou quando em um rasgo de vêemência e entusiasmo, o próprio Doctor Cabrera nos levou até um pequeno quarto e armário, onde mantinha com certo segredo e segurança algumas pedras de sua coleção, as que ele zelosamente protege das pessoas comuns. Nelas apareciam contraditoriamente soldados romanos montados sobre cavalos de três dedos (antidiluvianos) e até a Crucificação de Jesus Cristo em tempos pré-históricos..! Que segundo nos explicou, haveria sucedido milhões de anos antes do que nós cremos (?) e que segundo ele, hoje só guardamos uma recordação, quer dizer, o Doutor propunha não uma teoria senão uma verdade indiscutível de que Cristo haveria sido morto há 75 milhões de anos e não dois mil anos atrás, e teriam havido várias civilizações romanas, algumas delas com milhões de anos de antigüidade! Naquele momento, toda a credibilidade que pessoalmente lhe outorguei, desapareceu quase instantaneamente transformando-se em um sentimento de lástima porque já não cabia que estivesse em seu juízo perfeito. O Doutor Cabrera havia perdido todo o contato com a realidade e o sentido comum já que a ciência tem demonstrado um Jesus histórico, a menos que o que aparecia nas pedras fosse a revelação no passado de um fato que ia ocorrer no futuro.

Segundo a teoria completa do Doutor Cabrera, há milhões de anos (75 para ser exatos), haveria existido no deserto de Ica (que naquele tempo não o era), uma grande civilização que haveria convivido com os dinossauros no final da Era Secundária, e início da Terciária. Eles teriam feito as linhas de Nazca, chegando a desenvolver máquinas que comunicassem com o espaço infinito e que os transportassem até as estrelas, ou ser eles mesmos de procedência externa. Se levamos a sério esta teoria, pensemos por quê uma civilização como a que nos conta o Doutor Cabrera deixou sua informação em pedras de constituição recente (um milhão de anos, ou melhor, do Quaternário), e não o fez sobre outro tipo de material que chegasse a conservar tudo junto e protegido. São estas perguntas as que não têm achado até agora uma explicação contundente e lógica as que permitem aos calunidores pensar que as pedras são falsas, obra dos huaqueros.

Despedindo-nos, fomos até a área de Ocucaje, para achar o lugar de onde se supunha extraíam os **cantos rodados**, mas não encontramos nada, o que comentamos com meu irmão. Buscando indícios chegamos até as paupérrimas cabanas dos *huaqueros* que estavam talhando troncos que vendem como antigos e a bom preço. Ao lado se amontoavam dezenas de pedras de diversos tamanhos, todas elas gravadas e cobertas de lodo e com uma diferença de qualidade enorme com relação a algumas observadas no Museu. Os preços que pediram pelas pedras foram bastante elevados, mas foram pagos por nosso grupo que desejava tomar posse daquele material.

De regresso, as perguntas se multiplicavam em nossa mente, ainda que para Tito e Tibério tudo fosse real, sendo a fraude só aparente para despistar as autoridades que punem seriamente a depredação de áreas arqueológicas.

As pedras, se via, haviam sido queimadas previamente para que perdessem a primeira capa que é a mais dura, tornando-se arenosas e facilmente trabalháveis. Logo que são

talhadas com uma diminuta serra, são lançadas ao barro para dar-lhes aparência de antigas. Em algumas pedras se encontra até betume que passam para destacar a figura. Segundo o Instituto Nacional de Cultura, as pedras são falsas porque fazendo-as os camponeses, que são artesãos em tais menesteres, as queimam de tal maneira que não há forma de saber a antiguidade com relação ao traçado mediante a análise do grau de oxidação. Mesmo que não se tenha certeza de que todas elas tenham sido realizadas recentemente, é provável que se tenham esgotado as originais e as que inundam o mercado de artesanatos para turistas sejam todas falsas.

Já em casa, perguntamos aos Guias, o que podiam nos informar acerca das pedras gravadas de Ica, e a resposta não se deixou esperar:

"Vocês sabem que foi costume que nos enterros dos antigos povoadores se colocasse uma ou outra pedra talhada ou gravada com o espírito protetor do clã familiar, que geralmente era a figura de um animal. Isto se generalizou por toda a costa da América e em parte da Serra, mas estas pedras pelas que vocês perguntam que não são todas verdadeiras, senão só 1 %, existiam em uma caverna da que um rio, transbordando-sa, arrastou uma boa quantidade levando-as até Ocucaje. O conjunto das pedras legítimas, são de verdadeira confecção antiga, formando uma biblioteca pétrea da humanidade que foram gravadas faz dois mil anos por ordem das grandes mentes que viveram em Marcahuasi com base nas imagens que deixaram ver nos gravadores daquele tempo. Chegando o tempo de maturidade do homem, isto se descobriria junto com todos os depósitos de informação, mas não deveria ser antes, porque a luz pode cegar, além do que o verdadeiro material e conhecimento se contamina com a fraude e o comércio. A abundância de pedras não permite distinguir a simples vista o real do fictício. Quando chegar o tempo previsto para a humanidade, vocês terão a capacidade de separar o fiel e autêntico, do adulterado e enganoso".

Com Charlie compreendemos a importância desta comunicação, pelo que a tivemos sempre presente.

CAPÍTULO XIV

O TESTIMUNHO DE BENÍTEZ

Por fim chegou o dia da saída para o contato programado, mas algo me havia ocorrido que me fazia sentir uma inexplicável forma de temor ao fracasso, já que não eu, senão meu irmão, havia recebido a comunicação tão transcendental, assim que me deixei levar pela dúvida e os zelos, e ainda que houvesse sido convidado pelos Guias dentro da lista, não fui. A noite anterior havia tido uma forte discussão com meu pai acerca da publicidade gratuita que estava levando no I.P.R.I. à custa de distorser a verdadeira mensagem e a essência da Missão RAMA, confundindo aos jornalistas. Meu pai se incomodou acusando-me de soberbo e egoísta, pelo que nos distanciamos ainda mais e quando meu irmão me consultou sobre os preparativos para a saída, lhe disse que meu ânimo estava pelo chão e que o ir podia ser prejudicial para a Missão, arriscando-a desnecessariamente. Estava tenso e não sabia o que dizia, meu irmão o compreendeu assim pelo que me deixou sozinho e terminou de organizar a saída que de todas as maneiras se realizaria com resultados por demais positivos. Compreenderia depois, que era importante que as coisas transcendentais também se deram por outras pessoas, para que assim não me tolhesse todo o mérito, além disso, ficava

comprovado que todos somos necessários, mas ninguém indispensável. Se me detinha, a missão não se deteria comigo, senão que, ao contrário, seguiria independentemente.

Benítez havia preparado bem para ir, pelo que acompanhou o grupo que partiu à saída. Meu irmão dirigiu muito bem a experiência até que, como o disseram os Guias, apareceram suas naves fazendo uma série de piruetas que assombraram, especialmente ao racional e objetivo jornalista, que se achava representando o mundo, sedento de provas. A descrição fidedigna e o testemunho que confirma a autenticidade do contato aparecem inexoravelmente descrito no livro que em seu regresso publicara Juan José Benítez, na Espanha e que se chamou OVNIS, S.O.S. À HUMANIDADE, da Editora Plaza e Janés, Barcelona.

Com aquela saída, a Missão passou a ser o primeiro contato demonstrado e o único que permitiu a participação de membros da imprensa. Enquanto na casa, inumeráveis sensações me oprimiam até que finalmente senti paz interior e harmonia, intuía que tudo se havia cumprido tal qual os Guias o haviam indicado, sendo infundados meus temores, porque só devemos nos preocupar por aquilo que de nós depende, o que não depende de nós haverá de cumprir-se por si só, sem possibilidade alguma de se interferir nele. Os Guias sempre cumprem com sua parte e o fazem bem, por isso sempre nos advertiram que jamais prometêssemos nada nem desejássemos que se forjassem expectativas já que as experiências e momentos da Missão não estão sujeitos a nossa vontade senão a daqueles que planejaram esta, faz mais de 4.200 anos e que sabem melhor que nós quando, como, onde e o que é o que necessitamos para mantermos avançando firmes em convicção.

A responsabilidade havia sido perturbadora, mas os rapazes responderam à altura das circunstâncias com o apoio dos Guias. Era evidente que até o jornalista havia sido escolhido como portador autorizado e honesto – por sua qualidade humana – daquela vivência e durante estes anos Juan José Benítez tem sabido manter essa honradez e integridade que o caracterizou convertendo-se em um dos principais investigadores do fenômeno Ovni na Espanha e no mundo inteiro.

O relato do vivido naquela noite de 7 de Setembro de 1974 deu uma grande popularidade ao grupo, já que a imprensa havia sido testemunha de um fato insólito e único, programado com antecipação por seres extraterrestres que haviam disposto isso como parte de uma Missão de despertar consciência na adormecida humanidade. Mas isto não evitaria o enfrentamento com outros periodistas, que cheios de soberba e egoísmo viriam a tratar de desmentir atacando com veemência inusitada o testemunho veraz. Um a um os difamadores foram superados com a autoridade que dá a verdade, sofrendo duros golpes em seu orgulho aqueles que esperavam um fracasso mais ou outro falso alarme que desprestigiaria mais o tema ou, quiçá, uma exótica fraude em um destes esquecidos países da América do Sul. O castigo que receberia RAMA da grande maioria de meios de imprensa por sua inegável autenticidade seria o procurar silenciá-la totalmente e o ocultamento de sua realidade de maneira cúmplice com as grandes potências e seus sistemas de informação. Ainda e apesar de tudo, voltou-se a cumprir outras vezes o prometido pelos Guias e os meios de imprensa utilizados foram suficientes para que no mundo se conhecesse a Missão RAMA e com isso aparecessem milhares de pessoas interessadas que não cessaram jamais de escrever-nos, procurando com isso relacionar-se e vincular-se com o grupo.

Em seu retorno à Europa, Benítez entrevistou em repetidas ocasiões com os Reis da Espanha, que desde o primeiro momento mostraram verdadeiro interesse em sua experiência dando crédito a seu relato. Os artigos que apareceram nesse momento nos diários da Espanha, provocariam posteriormente que se aproximassem de nós delegações da Televisão do Japão, Argentina, Espanha etc., para filmar uma série de programas.

A difusão mundial cresceria a um ritmo tão acelerado e incontrolável, que todo intento em organizar nosso trabalho para orientar as pessoas que nos escreviam ou visitavam era infrutífero, provando muitos sistemas de organização que não chegaram a durar muito tempo. Em países como Espanha chegaram a formar mais de 600 grupos RAMA dispersos por todo o território, mas mantendo uma unidade de propósitos que superou desde o primeiro momento os regionalismos típicos.

CAPÍTULO XV

SÓ SE VALORIZA O QUE SE PERDE

Depois daquela experiência de Setembro, enfrentamos uma série de problemas internos, já que alguns dos rapazes do grupo protestavam que as pessoas viessem a escutar-nos só a meu irmão e a mim, e a eles não se levasse em conta. Acertou-se então, que cada um levaria seu próprio grupo ou célula RAMA e o dirigiria como seu instrutor, da maneira que considerasse mais conveniente mas sempre tendo em conta a opinião dos Guias.

Nessa ocasião os Guias já nos falavam da necessidade de que aprendêssemos a valer-nos por nós mesmos no que se referia a tarefas manuais e de sobrevivência. Indicavam-se como um prazo conveniente de dois anos para toda a Comunidade Rural que quiséssemos fundar, a partir do momento de organizar-nos para integrá-la. Nesse tempo haveríamos de completar nossa preparação pessoal e grupal para dar o passo imediato em nosso avanço espiritual dentro do plano físico. Muitos começariam a preparação, mas poucos continuariam e a Missão devia ser uma lição de constância.

As rivalidades pouco a pouco foram criando distâncias entre nós. Os Guias então questionavam mais continuamente nossa atitude para que assim as comunicações nos mantivessem dedicados ao trabalho, ficando pouco tempo para as críticas. No entanto, o perigo real se constituía nas pessoas interessadas que chegando aos grupos, muitas vezes envaideciam os instrutores, cobrindo-os de toda classe de bajulações e fazendo-lhes perder o equilíbrio tão necessário que se deve guardar, chegando em muitos casos, os instrutores, a prescindir e subestimar as consultas periódicas aos Guias, conseguindo assim que as coisas se fizessem segundo nossos desejos e inclinações.

Rapidamente esquecemos os conselhos as recomendações que haviam nos dado nas mensagens e ainda que nos haviam prevenido de quanto podia ocorrer menosprezamos as advertências que se cumpriram com um violento terremoto em 3 de Outubro de 1974, que pela intensidade que teve dispersou-nos e afastou das saídas. Em meados de Novembro ocorreu outro sismo, mas de caráter interno (espiritual) que nos removeu até os alicerces e tudo por falta de zelo e de cuidado. Ocorreu que em uma das habituais reuniões dos grupos celebrada na casa, a caderneta que continha todos os originais das comunicações foi subtraída, perdendo-se irremediavelmente. A previsão e o interesse de alguns dos rapazes como Mito, permitiram reconstruir parte daquele arquivo de ensinamentos, já que pacientemente se havia posto a extrair em fichas as mensagens tempo antes.

Pouco depois soubemos quem havia sido e sentimos muita lástima por aquela pessoa, que não voltou mais e isto, por seu estado de ignorância no qual indicava maior valor aos manuscritos em si que ao conteúdo dos mesmos. Paradoxalmente, a apropriação egoísta das comunicações contradisse o espírito da mensagem.

Os primeiros dias de Dezembro daquele primeiro ano de missão pareciam recuperar toda a tranquilidade perdida nos meses anteriores, havia muitos locais que se usavam para

dar palestras e muitíssima era a gente que assistia às conferências, conformando posteriormente nossos grupos. Tudo fazia prever uma boa temporada para a difusão e a melhor disposição para terminar o primeiro ano do RAMA e começar o segundo de trabalho.

Na Universidade Católica, onde estudava, havia conseguido já certo arraigo sobretudo quando me extrapolava nestes temas, ainda que ali devia ser um pouco mais cuidadoso e exigente enquanto às pessoas com as que me relacionava, observando previamente a quem haveria de inquietar no tema para assim evitar o rechaço. Muitas foram as reuniões que fizemos nas aulas vazias, onde foi crescendo o carinho à Missão e o compromisso de entrega.

Nada fazia prever que se aproximavam a grande velocidade nuvens de tormenta que se abateriam sobre nós. O grupo era extenso e as rivalidades haviam minguido com a separação e autonomia dos grupos com seus instrutores que representavam variadas alternativas de acordo com suas inclinações pessoais. Isto de todas as maneiras não era uma desculpa para o erro da divisão, fruto da intolerância inicial e do ego bastante crescido em nós.

Foi nesse tempo que preocupados mais em dar conferências que em comunicar-nos com os Guias, interessados mais em ser ouvidos que em ouvir o sentir de nossos companheiros e irmãos mais próximos, que veio a prova de fogo a nossa soberba. O jornal "A Crônica", movido naquele momento por interesses de seu diretor de turno, armou toda uma intriga para que através do I.P.R.I. se pudesse destruir a Missão RAMA, para o qual introduziram no Instituto a um jornalista para que uma vez dentro, inocentemente em aparência, conseguisse informar-se bem do funcionamento de todo o nosso. Inicialmente não conseguiu porque o I.P.R.I. e RAMA são totalmente distintos, mas como chegaram a oferecer-lhe a meu pai uma boa reportagem se é que nos dava a conhecer, sem nenhum cuidado e crendo na melhor intenção destas pessoas, os levou pessoalmente a uma reunião que me encontrava dirigindo na sala da casa, tomando nota de tudo e sacando grande quantidade de fotografias que apareceram aos dias, ilustrando uma série de ataques a RAMA e a minha pessoa. Em questão de uma semana se sucederam continuas agressões, acusações falsas e vilipêndios ao grupo, identificando-o como parte do I.P.R.I. e taxando-o de alienante, de congregação de drogados e até de estar traficando com a fé pública para obter altos lucros. O diário não se limitou a seus excessos editoriais senão que apresentou de imediato uma denúncia com ordem de busca e prisão para seus integrantes, pelo que imediatamente todas as portas se fecharam e desapareceram por arte de magia todos os integrantes dos grupos, ocultados por seu compreensível temor. Às casas e locais onde funcionavam grupos se achegaram policias especiais para impedir seu funcionamento. Na Universidade me impediram de reunir-me com outros alunos e a perseguição chegou ao ápice quando nos levaram às agências de Segurança do Governo. Graças a formalidades burocráticas e legais prestadas por meu pai, aproveitando-se de certas amizades nos comandos militares, a detenção ficou sem efeito, resolvendo-se o caso nos tribunais, que ao final de um longo processo se pronunciou a nosso favor.

Foi uma etapa muito crítica em nossa preparação porque naqueles dias as pessoas atemorizadas se desinteressaram pelo trabalho renegando das experiências, nós mesmos havíamos deixado de lado as mensagens mediante as quais possivelmente até poderíamos haver advertido do perigo. A lição foi tristemente dura e teve que se começar do zero porque só seguíamos na Missão, como em um princípio, minha família e eu, os demais, ainda os mais chegados quiseram evitar meter-se em problemas e não voltaram.

Senti-me tão afetado emocionalmente por todo o sucedido, que cheguei a me abrir com os Guias através de uma comunicação, de tal maneira que tomando minhas coisas de acampamento, em fins de Janeiro, fui até a estação dos ônibus que saem para as províncias

do norte, dirigindo-me para o deserto de Huacho, onde desci e me pus a caminhar por várias horas. Os Guias haviam me convocado ali, fazia vários dias, para que lhes dissesse qual seria minha decisão. Sabia que naquele instante as naves haviam trasladado parte de sua base de Chilca à área de Chancay, mar adentro, pelo que respondia isto a um novo lugar para as saídas. Ao entardecer vi que uma nave aterrizava por detrás de uma colina iluminando tudo ao redor pelo que firmei o passo. Enquanto avançava, pensava que ver os Guias ou subir à nave seria o mais sincero possível, dizendo-lhes que já não valia a pena seguir realizando trabalho algum, pois como grupo e como pessoas independentes havíamos demonstrado pouca entereza e falta de fé e humildade. Talvez, ao pensar assim, procurava liberar-me da responsabilidade dos erros futuros e dos riscos inerentes ao caminhar, mas realmente naquele momento não me encontrava no melhor estado moral nem mental.

A uns escassos vinte metros da potente luz da nave que havia descido me detive a observá-la e meditar a importância daquela reunião e as más notícias que daria aos Guias porque se romperiam os vínculos que nos uniam, reconhecendo o fracasso e o inútil esforço para conosco. Mas então sucedeu algo estranho. Quis avançar e não pude fazê-lo, fui repellido, rechaçado por uma barreira de energia tão forte que era como se me tivessem dado um golpe com um punho gigante, caindo de bruços numa hondonada ficando esparramado e sem sentido por longo tempo. Em minha mente escutava que me diziam:

"Estás só apesar de que nos tem próximos, sempre o tens estado e sempre o estarás porque esse é o requisito do que lidera, do que assume sua responsabilidade como cabeça. Crês que não vale a pena o esforço que tem realizado até agora? Não é nada o que tens feito, pois ainda nem começou. Quando acabarás de começar? É certo que a maldade e o egoísmo seguirão igualmente crescendo junto com a injustiça e que pouco a pouco decresce a esperança para um mundo que persegue e destrói a quem predican a paz e o amor. No entanto, pensas acaso que aquilo será indefinido? Onde está tua fé na misericórdia de Deus? Crês que Ele os provaria além de suas possibilidades? Ele existe, se não como compreendes que nos encontremos aqui tratando contigo? Tú que só és um mais? Não entendes o Amor do Criador. Nenhum de vós o entende. Quereis que te digamos algo? Pois tens que seguir. Não te obrigaremos a isso, mas te advertimos que se seguem descuidando de vosso trabalho interior e pessoal não sómente perceberão o que está designado para esta Missão, senão que quando chegue o momento de enfrentar as etapas necessárias, estas não lhes encontrarão preparados. Crede que fazem muito falando mal uns dos outros, ou tratando de aparecer mais que o resto, pois se enganam e dificultam seus passos. O que quer ser o primeiro deve ser o último. Não haverá de esperar nada quem ambicione tudo, e haverá de dar tudo quem quer ter algo. Nós não te repelimos, o plano não prescindirá de ti a menos que tú o provoques, porém és tú quem com tua atitude covarde e cômoda nos rechaças ao não comunicar-te e és tú o que trai as expectativas que sobre ti pesam. Esta é a oportunidade de tomar consciência do quanto mais deveremos esperar de ti ou poderemos fazê-lo. Comunica-te conosco quando tiveres refletido o suficiente e saibas o que responder, como atuar e quando decidir-te a começar...."

Quando reagi, a nave já havia partido deixando sulcos marcados no solo e o ambiente imerso em uma densa escuridão e um impenetrável silêncio. Toda aquela noite aproveitei para pensar se realmente estávamos falando com eles quando eles nunca haviam falado conosco, além disso, estavam dando de seu tempo para um trabalho como este e nós os principais interessados, lhes dávamos as costas.

Bem cedo naquela manhã me aproximei da estrada para tomar movilidad de regresso a Lima. Meu rosto queimava do mesmo modo que a gargana, as mãos que estavam inflamadas

como por queimaduras de sol não pareciam as de alguém que só havia passado uma tarde e uma noite no deserto. Já de regresso, me senti motivado a transcrever todas as experiências vividas até esse momento, pelo menos todas aquelas que poderiam ser escritas. Compreendia que não podia dar as costas a algo tão importante como uma missão de relacionamento na que há que estabelecer uma ponte de ajuda à humanidade com o apoio dos Guias extraterrestres. Por isso sentia que ainda seguia em movimento para continuar, e que se bem haveria no futuro muitas outras grandes provas e momentos difíceis, todos eles poderiam se superar mantendo claro o para que e o porquê da Missão RAMA.

Cheguei a escrever um primeiro informe do contato extraterrestre como resumo do primeiro ano da Missão RAMA, o qual comecei – uma vez redigido – a corrigir para tê-lo de forma ordenada e assim mimeografá-lo e tirar cópias. A partir do mês de Fevereiro de 1975, novamente começaram a chegar pessoas desejosas de fazer parte do RAMA, integrando novos grupos. Da mesma maneira se duplicou o número da correspondência chegando a ser impossível seu controle. Inicialmente respondia diretamente, mas depois cheguei a mimeografar folhas para responder em série. A isto se somava a falta de tempo e de meios econômicos porque nem bem terminávamos de responder uma carta, chegavam seis e entre elas a resposta a nossa. A demanda era muita e os meios exíguos. Tinha que conseguir que me alcançasse o tempo para meus estudos universitários, o trabalho e a Missão, complicando-se permanentemente o panorama.

Meu irmão Charlie voltou também ao trabalho com os grupos e dando conferências, mas chegando a comprometer-se mais do que podia abarcar pelo que me pediu ajuda. Entre os grupos que levei naquele ensejo, cheguei a conhecer gente maravilhosa e muito especial, que me ajudaram a realizar o que era nessa ocasião meu maior anseio: imprimir o informe. Um dos grupos que "herdei" de meu irmão estava composto em sua maioria por mormons, alguns dos quais tinham certa hierarquia dentro de sua igreja e mostravam um interesse inusitado na Missão. Quando eles se inteiraram de que tinha o projeto de imprimir o Informe do Contato que havia escrito pouco tempo antes, me ofereceram sua ajuda incondicional como também o fez o engenheiro E. Canales, de quem guardo mui gratas recordações e agradecimento. Chegou-se a reproduzir o texto completo, saindo cem cópias de cento e vinte e quatro páginas cada um e que foram enviados em sua maior parte a grupos do estrangeiro. Algumas cópias foram enviadas por aquele grupo a Lago Salado no estado de Utah, nos Estados Unidos, ao profeta da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, senhor Spencer Kimbal, quem simpatizou com as mensagens e ressaltou as coincidências do contato com sua religião.

Seguiram abrindo-se nesse tempo grupos no interior do país e no extranjero, ainda que no Peru mesmo a abertura de grupos foi mais lenta que no exterior, mais que nada pelo fenômeno do livro de Benítez difundido mundialmente. Se ampliou o volume de palestras, tendo posteriormente a oportunidade de viajar por todo el país y até chegar a diversos países do mundo.

CAPÍTULO XVI

AS COMUNICAÇÕES DO NOVO TEMPO

Quando chegou o mês de Junho de 1975, haviam crescido tanto os grupos que já se contavam em número de 50 tão apenas em Lima, pelo que os Guias consideraram que se devia apoiar ainda mais o trabalho de aprofundamento, incentivando aos instrutores com uma injeção de positivismo, já que não se estava dando às mensagens a importância devida. Foi justamente depois de que nos reunimos para solicitar através das mensagens, que se

desse uma maior aproximação como a do ano anterior, quando Marina minha namorada, teve uma visão em seu sonho que nos faria refletir que a Missão não havia terminado, mas que com nossa falta de interesse pelas comunicações estávamos condenando-as ao fracasso e que para marcar uma nova etapa começariam a apresentar símbolos que seriam as chaves de posteriores e muito importantes recepções.

Nas mensagens seguintes que se receberiam, os Guías deram um conjunto de informações que eles chamariam as "Comunicações do Novo Tempo", que a seguir transcrevo em sua totalidade por considerá-las importantes no processo do RAMA e para a preparação frente aos acontecimentos.

Tal como se receberam e na mesma ordem em que chegaram, diziam:

"Sobre o amanhecer do novo dia, quando a aurora aclare o firmamento e a paz como consequência da tormenta, se faça presente.

Nem as nuvens voltarão a escurecer, pois haverá chegado o novo dia de ANRRROM, e o Siserático tempo haverá cumprido sua função depuradora.

Nunca mais prevalecerá o escuro e somente aquele Vestido de Branco como menino, cantará seu Amor infinito".

Con Amor Divino, os Guias

Comunicação 8/6/1975.

SIM, OXALC.

Sobre o tempo vindouro, isto é o que se tem dito e acontecerá:

"Cairão por terra as leis científicas que até esse tempo haviam estado vigentes como muro que impedia a evolução do saber e, cairão tão baixo que o homem sem aceitar ainda a nova luz, se sentirá no vazio e não suportará recomeçar. Outros com medo de não ter nunca mais a base anterior a que se haviam apegado, preferirão fechar-se dentro de si mesmos, negando a nova e eterna verdade até chegarem a negar-se a si mesmos.

A Luz será tanta no novo tempo que abundarão os cegos por deslumbrar-se ante sua força e muitos serão os cegos de sempre e os cegos por medo da verdade.

No novo tempo renascerão as velhas qualidades do homem, poderá ver mais além de seus olhos, da mesma forma que poderá vislumbrar o que existe dentro dos confins das possibilidades.

Seu espírito será cheio de uma nova riqueza ao poder visitar os lugares superiores de si mesmo, que sua nova visão lhe permitirá ver. Escutará mais além de seus ouvidos a vibração da palavra terna e profunda, da mesma maneira que se transportará a naves dos sons que como murmuros de distante música celestial, lhe abrirão as portas de seu interior.

Será seu último tempo de prova, a oportunidade de reativar seus órgãos motores de percepção superior para as grandes provas que lhe exijam vencer seus medos, frustrações e barreiras, para que por si mesmo enfrente a cegueira de muitos e a obscuridade total que antecederá a tormenta em seu Siserático tempo.

Poderá ver mais que a luz: verá um caminho e um sacrifício. Ouvirá o imperceptível para que escute a seu tempo a voz interior que na desarmonia dos fatos catastróficos encherá de música todo seu ser e o levará a ter ânimo até na maior desolação.

E está dito que chegará o tempo em que se ouvirão, se verão e se perceberão até no mundo dos sonhos os sinais do tempo que virá, que indicarão o dia das nuvens escuras e do desequilíbrio dos elementos.

Desde Dubarim até Ená, será o tempo das forças blasfemas e o tempo terá sido preparando a prova do homem.

Para que a luz seja vista por todos, se abrirão os canais e se abrirão as cortinas, porque nesse tempo a luz será por sua ausência, o sinal do novo amanhecer de Anrrom.

Porém, será tudo tão difícil e o homem haverá resistido tanto de enfrentar-se a si mesmo, que o desespero o turbará.

E temerá mais nesse dia a escuridão espiritual, que a do próprio ambiente.

Mas não será o fim de tudo, senão o princípio do novo reino da verdade, no que os meninos cantarão aos pés de Deus seus hinos de louvor, e o sorriso estará sempre em seus rostos cujo semblante representará o vivo fruir do AMOR.

Voltai os olhos para o simples, não deixai nem um momento de aproveitar a oportunidade de descortinar ainda mais o véu que vos aproxime da preparação.

Não percais nem um momento em que vislumbreis o eterno na perfeição da natureza e em viver comunitariamente como meninos.

E será a luz na grande prova, quando na experiência de séculos de espera afrontareis a responsabilidade de descobrir como homens, como ilimitados seres de amor que se prepararam para merecer regressar ao regaço da Paz Universal.

E seu corpo, como meio ou instrumento, sofra a evolução, mas o sofrimento físico será pouco para a revelação espiritual de seu grande confronto com a civilização que a seu redor convulsiona.

Ouvistes o que se disse e vistes que se cumpriu, e a lição eterna ainda abrigou aos poucos irmãos preparados.

O homem estava fechado e não viu que o que deixava para trás era o mais importante dele, pois deixava a si mesmo e se afastou tanto que se perdeu...

RAMA estava fechado e se viu aberto quando se descobriu em comunidade e que como um grão de areia no areal universal, contribui para torná-lo mais infinito e grandioso. Assim o RAMA leva seu Sol interno à galáxia de estrelas iluminadoras.

Se o RAMA é tanto para cada um e em si mesma, quanto mais quando se cumprir o seu tempo".

Extraído do "LIVRO DOS DAS VESTIDURAS BRANCAS", nos subterrâneos do Registro Cósmico da Cidade Cristal, em Morlen. "A porta começou a abrir para a União e Integração dos Irmãos".

Con Amor Divino. OXALC.

Comunicación 19/6/1975.

Sim, OXALC.

Os tempos serão cumpridos quando o primeiro dos antigos sair em busca do décimo sino que retumbará até anunciar aos homens sua última prova antes do grande dia de Anrrom.

Será na tarde dos tempos, em que a luz seja a removedora das mentes claras e a que lhes alerte, prevenido-os da vida sem razão e encaminhando-os ao bom caminho.

A luz será de fonte natural e chegará somente aos sinceros e humildes, pois juntará o Pai a seus filhos, amparando-os no esconderijo seguro de seu regaço, da destruição dos loucos sem humanidade.

E haverá um campo, montanhas e um rio, onde as águas encham de formosura a aspereza das margens e onde os seixos são pedras preciosas de brilho sem par. Onde os

pássaros cantan, dormem ao gorjeio constante e o céu termina o desfile de cores dando grandioso aposento ao menino de DEUS, que tem por casa a Terra e por habitação sua FÉ. E o calor não falta, há AMOR em cada ruído, superfície ou ser.

Desde Dubarim até Ená, a fúria dos elementos se acalmará só ante a presença do Criador junto a seus Filhos. E os homens poderão ver, e por medo crerão nos Filhos do Amor e estes pedirão a seu Irmão Maior, O QUE É, FOI E SERÁ, perdão para os sinceros filhos que até então, por orgulho ou egoísmo, não se reconheciam.

E haverá tanta tranquilidade na casinha dos filhos, que o mundo se lamentará por não poder chegar até esse próximo e, por que não, distante lugar, pois a luz não mais será. Derrubar-se-ão as colmeias humanas, as ratoeiras criadas pelo homem cobrar com vidas o valor determinado por seus mesquinhos construtores. A Terra terá tanta ira como o mar e não haverá calma senão na casinha dos filhos, na habitação de seus corações. E isto será porque o filho de DEUS teria seu corpo na Terra, mas o coração no céu. Portanto, não sofrerá o que o homem que se dizia "maduro", cujo coração e corpo se localizavam em um mesmo lugar, apressados pelo próprio egoísmo e pelos bens. O apego será chamado nesse tempo: "suicídio".

Mas tudo isto acontecerá em breve em Inimón, a Paz de Anrrom, quando já só na Terra se cante a uma só voz, sede filhos de Deus e em seu regaço bailemos o Amor na Harmonia Universal.

E serão os filhos de uma só Paz, e sentirão todos com um mesmo coração, pelo qual se amarão todos como eles mesmos e a paz nunca mais fará falta no ponto de areia chamado Terra.

Ouvi a voz de seu vosso que vos pede Paz, buscai ser vós mesmos sem velhas máscaras em vosso espírito, que sufocam o sentimento de liberdade e vossa pura e eterna inocência.

Amai o simples, o natural. Sabei valorizar o pequeno, a criança. Retomai a antiga voz de canto e as antigas ganas de bailar e fazei o que sintais: O Melhor!

Vivei unidos em Comunidade, e vos encontrareis filhos, dando e amando.

Quando se sente o que se diz, as palavras se ahorrán abraçando-se e dançando a Música do Amor, escutando todos a mesma vibração.

Pelo Amor do primeiro Filhinho, em união com ELE, toda honra e toda glória para sempre.

COM AMOR DIVINO, SEU IRMÃOZINHO, UM RAMITA MAIS.
OXALC.

Por problemas pessoais, a Missão se viu cambalear em Julho de 1975, ainda quando os Guias haviam advertido que evitássemos por todos os meios que nos grupos se tocassem em assuntos que deviam ser resolvidos no pessoal. Mas assim foi. Meu irmão Charlie ao se separar criou certo mal-estar no interior do grupo por não ser isto um bom exemplo. Minha família por sua parte fazia pressão sobre mim para que o fizesse recapacitar, chegando a cometer o tremendo erro de increpar seu comportamento diante de todos, o que determinou também o distanciamento no RAMA dos dois lados até então existentes, mas nunca completamente diferenciadas. Assim, meu irmão com justa razão se sentiu humilhado e rejeitado, pelo que se separou, criando uma forte cisma que paralizou qualquer projeto ou trabalho que tínhamos pendente para aquele mês e os seguintes.

Quando chegou o mês de Agosto – data marcada para viagens muito importantes de consolidação da Missão com a recepção de parte dos Registros Akáshicos do Planeta Terra chamados pelos Guias "O Livro das Vestes Brancas" – os grupos se encontravam divididos,

os irmãos peleados e em um clima de tensão que arrastava ao desânimo, não recordando de nada, o que devia de haver-se tido presente. O mês de Agosto do ano Semiótico ou ano dos Símbolos fixado para a recepção dos Registros e Anais do Passado Humano. Passou despercebido por nossa inconsciência. Como poderíamos haver tido presente algo tão transcendental quando estávamos perdendo o tempo brigando entre nós com nossos descomunais egos? As viagens previstas nas mensagens deviam ter realizado, aproveitando a força dos grupos, mas estes estavam desunidos e desconsolados pela divisão.

As viagens não se fizeram por não haver integração nem amor em nós pelo que foi um duro golpe para a Missão, já que nos distanciava ainda mais de cumprir com o que se esperava de cada um. Os Guias lamentaram mais que nós nossa falta de disposição, já que segundo eles, isto dificultaria mais o processo, prolongando-o indefinidamente, quando havia sido disposto para dois anos físicos. Ao não realizar-se tais viagens teríamos que esperar que voltassem a se dar as condições adequadas para cumprir com aquilo. Sem demora os Guias exigiam uma retificação, que por nosso orgulho demorou muito tempo em dar-se.

Meu irmão Charlie seguia formando grupos com igual e até mais entusiasmo que antes, mas se sentia à distância a separação e o prejuízo que isto traria à Missão. Não havia rivalidade entre nós porque cada um tinha sua própria forma de trabalho, mas os grupos que se identificavam mais com um que com outro estimulavam a aversão e a dissensão.

Lembro-me especialmente da última noite do mês de Agosto quando nos reunimos em casa com algumas pessoas dos grupos que tinham ficado comigo e comentávamos a grande angústia que se sentia no ambiente porque sabíamos em nosso interior que se estava deixando de fazer algo transcendental e importante, mas a ninguém ocorreu naquele momento reler as comunicações que desde o ano anterior falavam das viagens de Agosto. Essa, noite passou, e com ela seguiu o afastamento por um bom tempo. .

Em fins de Setembro voltou Benítez ao Peru buscando mais notícias e se encontrou um panorama muito sombrio. Por um lado os grupos de Charlie, e por outro de Juan Acervo, e depois os meus, mas ao entrevistar-nos separadamente não halló crítica alguma ao trabalho dos outros, senão um respeito e a amizade de sempre. Participou de uma ou outra saída, com novos avistamentos, até que regressou a seu país, escrevendo posteriormente um novo livro intitulado "100.000 quilômetros atrás dos Ovnis" (Editora Plaza e Janés, Barcelona, Espanha).

Não passou muito tempo em que os grupos permaneceram divididos, porque quando Charlie viajou para estudar no Brasil, me deixou encarregado da gente de seus grupos, onde fui recebido com muito carinho e respeito, juntando-nos com alguns e trabalhando paralelamente com outros. Com relação aos grupos de Juan Acervo, estes foram se dissolvendo pouco a pouco, integrando-se alguns de seus membros à maioria de nossos grupos.

No mês de Novembro se respirava mudança em todo o ambiente, pelo que a pedido dos grupos se consultou se poderíamos retomar as saídas a campo ao que inesperadamente responderam os Guias que melhor seria se nos preparássemos para um contato físico no final do mês. O objetivo deste era avaliar nosso progresso e por sua vez estimular nosso desenvolvimento pelo tempo perdido.

Os Guias dispuseram então um contato físico massivo o qual se levaria a cabo a mais de 200 quilômetros ao Sul de Lima na área de Paracas, no Departamento de Ica, onde surgira a famosa cultura pré-incaica de mesmo nome e que se destacara por seus maravilhosos mantos funerários e sua arte têxtil em geral e cujas peças se encontram dispersos pelos museus do mundo intero.

Uma saída para contato devia ser só com pessoas que os Guias indicariam dentre os que nós propuséssemos previamente. Assim que dentre as quase 50 pessoas propostas, os Guias deram os nomes de 24 deles que estavam em condições de serem avaliados em tal saída, dando também uma margem de seis pessoas que nos acompanhariam na qualidade de testemunhas imparciais. No entanto, devíamos ter muito cuidado com quem convidávamos, já que com isso ia o êxito da saída. Tudo se fez segundo se convinha aos Guias, assim que planejamos bem o dia de partida e o ponto de reunião, para depois chegar à área e precisar o lugar exato. Neste momento começaram a aparecer os problemas com os sintomas de desarmonia que origina a indisciplina, já que uma parte do grupo selecionado considerou que não era necessário partir todos juntos no mesmo dia, já que isto incomodaria a maioria, assim que bastava nos encontrarmos em um ponto próximo ao lugar de reunião.

Os Guias haviam sido muito sinceros quando na comunicação expressavam o caráter de avaliação permanente que teria essa saída, e já apareciam as falhas gritantes com as desculpas com que muitos queriam justificar seu excesso de comodidade e dependência de outros compromissos sociais, que consideravam tão importantes ou mais que a saída.

Não conhecíamos ainda o lugar da experiência, e a desordem provocada largamente traria complicações, porque já não só se somaria à comodidade e indisciplina, a soberba de crer-nos prediletos e indispensáveis, mas também a impontualidade característica, poria em perigo o êxito do contato.

Ao final, por "democracia", se resolveu que se formassem dois grupos. Um seria daqueles que poderiam partir primeiro e o outro dos que tratariam de chegar no dia seguinte, dia mesmo do contato, reunindo-nos para isto no Hotel de Turistas de Paracas para levar o segundo grupo ao lugar definitivo encontrado pelo primeiro.

O primeiro grupo encontrou o lugar de uma maneira muito estranha, já que parte das coisas voaram com o fortíssimo vento do deserto terminando por colocar-se no alto de uma meseta sobre um belíssimo e muito especial lugar, assim que se transportou o acampamento do grupo de caminhada até aquela localização. Os que foram esperar o resto que viria ao Hotel de Turista chegaram a exasperar-se pelos atrasos, mas maior foi a tensão quando algumas das pessoas do segundo grupo exaltaram os ânimos ao queixar-se pelas irregularidades do terreno. Uma vez na área de descida se sentia o mau humor generalizado e a tensão que imperava formando-se no lugar vários subgrupos com comentários nada positivos nem adequados para o momento.

Essa saída era muito importante porque era uma nova oportunidade que estavam nos concedendo os Guias e ali estávamos desperdiçando-a. Não bastava havermos acovardado, dividido, esquecido e até desinteressado pela Missão e comunicações, agora, ali estávamos demonstrando aos Irmãos Maiores que não temos remédio algum e que esta Humanidade não tem esperança.

Chegou o momento de subir a uma pequena explanada sobre uma colina desde onde se divisava o lugar percebido para a aterrissage. Fisicamente estávamos ali e, sem dúvida, com tanta imaturidade não tínhamos consciência de nada. Sentamo-nos em círculo as 28 pessoas que havíamos chegado (2 não assistiram a saída), para relaxar-nos e tratar de harmonizar. Foi então que um dos rapazes leu o "Registro Thedra", que era um compêndio de escritos que chegaram através de uma estranha pessoa fazia poucos dias. Este senhor, europeu que responde aos sinais Z. K., havia querido comunicar-se comigo o qual finalmente conseguiu, motivando-me a que o visitasse em sua casa no Distrito de Miraflores. Quando ele me falou de que pertencia à Irmandade dos Sete Raios, e à Grande Irmandade Branca, pensei de imediato que poderia ser ele a pessoa que segundo as comunicações recebidas um ano e

meio antes em Marcahuasi, terminaria por entregar-nos uma antecipação do "Livro dos das Vestiduras Brancas". A coincidência foi que verdadeiramente me entregou dois livros muito grossos e em um espanhol mal traduzido.

Tudo isto ocorreu em um momento muito especial e depois de apresentar-me a sua esposa, uma agradável e hospitaleira italiana, chamou a seus filhos para que me conhecessem, nascidos todos eles em diversos países por onde migraram durante a Segunda Guerra Mundial.

O ambiente era especialmente acolhedor e meu anfitrião se destacava por sua personalidade e aparência física de uns cinqüenta anos, completamente envelhecido, com algumas rugas bastante marcadas no rosto que refletiam intenso sofrimento e duras provas. Tinha um porte impressionante, calculo pelo menos 1,90 m, além de uma conservada musculatura. Ao apertar minhas mãos com as suas, havia mostrado um gesto de complacência, como recebendo a alguém muito esperado. Havia sido ele quem, falando-me, uma vez que nos acomodamos na sala, começou a tocar no tema das Irmandades e no Governo Interno do Mundo, logo passou a citar os planos cósmicos de ajuda ao planeta, pelo que me fez recordar o objetivo da Missão RAMA. Em seguida se disculpou e saiu rapidamente pelo corredor para umas escadas que levavam ao segundo piso e ao cabo de uns momentos, desceu com um pacote de bom tamanho, cuidadosamente amarrado. Sentou-se na beirada do sofá com o envoltório entre os joelhos dizendo-me:

"Amigo Sixto, hoje cumpro com depositar em suas mãos algo que me foi encarregado para que fosse compartilhado com diversos grupos que trabalham pela luz. Sei que você saberá compartilhá-lo e igualmente fazê-lo chegar àquelas pessoas que livres de todo dogmatismo tenham a capacidade de extrair o verdadeiro conhecimento que possa estar incluído aqui. Esta não é a verdade absoluta, é só uma advertência através da recopilação de diversas mensagens em uma aparente desordem, e como tal, pode orientar aquele que possui a idade que marca o entender e que não é outra que a "Idade Evolutiva" fruto de vidas anteriores, para a única verdade que é a fonte de toda iluminação".

Sabia naquele momento que o que estava me fazendo era por responsabilidade, pelo que me senti muito honrado pela deferência, mas por sua vez intuía que não seria fácil evitar que alguém demasiado superficial ou excessivamente veemente e fanatizável chegasse a ler e não o entendendo, tomasse pelo texto atitudes erradas.

Naquele momento voltou minha mente ao deserto e à leitura do segundo capítulo do Thedra chamado "O Último Inimigo", e que narra a história de um pergaminho achado na Arábia que continha a história de um jovem chamado Galba, que viveu nos tempos de Jesus, chegando a conhecê-lo. A história por si só é comovente e cativante, assim que mais de uno debió reagir para recordar que nos falávamos ali para um fim determinado e, todavia, não havíamos feito nenhuma classe de exercícios de preparação e sensibilização, Terminou-se a leitura e em vez de começar o trabalho voltou a desordem e já faltavam escassos minutos para que se cumprisse a hora do contato, fixada para as 6h00 da noite.

À hora exata apareceram no céu limpo e claro dois bólidos muito luminosos que a grande velocidade se detiveram sobre nós. Nesse momento o grupo se achava disperso, de forma que alguns de nós tratamos de chamar o resto para que se reunisse. De repente os objetos se detiveram a uns mil metros e dali juntos, começaram a descer lentamente, houve então uma gritaria em meio daqueles que já se haviam congregado e o nervosismo fez presa a muitos. Alguns nos sentíamos inseguros de que os Guias descessem depois do comportamento que havíamos mostrado antes e durante a saída: e como se tivessem

escutado, uma vez que desceram até uns 350 m de altura, se detiveram e se retiraram a grande velocidade.

Ao ver que não desceram as naves, a mayor padre ficou entristecida e outros cheios de ira se foram diretamente para os automóveis para regressar a Lima. Nunca poderia concretizar-se um contato físico se antes não propiciávamos as condições de contato prévio entre nós. Essa era a grande lição.

Para muitos a saída em si fortaleceu sua fé e sua convicção na Missão para outros foi uma prova que terminou por desalentá-los porque aquela experiência nos demonstrou que ainda estamos longe da preparação ótima e que quando esta se alcance serão muito poucos os que concluirão o processo para serem receptores e pontes.

O tempo que seguiu, aproveitamos para formar instrutores de grupos que pudessem ter e manter os mesmos estreitos laços com os Guias podendo chegar a orientar com seu exemplo as pessoas. Ao fazer chamados gerais chegou ao seio do grupo toda classe de pessoas, alguns dos quais evitamos, sobretudo aqueles que se crêem já mestres e que não são mais que vaidade e soberba, que gostam dos elogios e das retribuições. Eles não transmitem o estado interno profundo, fruto da vivência real, senão simples conhecimentos e informações repetidas que muitas vezes nem eles mesmos creem, mas ainda assim cumprem com um objetivo, pois se dirigem a certo nível de pessoas que requerem dele, porém não em RAMA.

No princípio da Missão havia um evidente distanciamento com a pessoa de meu pai, devido aos diferentes pontos de vista, sobretudo por sua concepção extremamente cientificista do tema dos Ovnis que contrastava com o caráter humanista e utilitário da visita dos extraterrestres segundo Missão RAMA.

Devido ao pedido que nos fizeram algumas pessoas muito compreensivas e capazes, que faziam parte do I.P.R.I., como Jorge Zarich, Zizi Ghenea, Víctor Yañez e outros, cedemos mais de nosso lado para melhorar as relações com o Instituto, mas sempre guardando as distâncias. Assim chegamos a dar nossa contribuição com palestras e informes que atraíram maior quantidade de gente para meu pai. Porém com o tempo novamente haveria de se cortar o vínculo devido à mudança originada por gente partidária da linha do I.P.R.I. levando-o para um campo diametralmente oposto que não coincidia nem com o próprio caráter cientificista de meu pai. A falta de seriedade e veracidade nos novos estudos e nas atitudes dos participantes fizeram com que o I.P.R.I. caísse na opinião de muitíssima gente nacional e estrangeira, em uma associação pseudo-científica, em um grupo sectário mescla de espiritismo y esoterismo, reunindo em seu seio já não a investigadores de primeira linha e cientistas conotados senão a uma sorte de elementos pouco sérios e até extravagantes que com sua mera presença desprestigiavam a Instituição. E a instituição é meu pai, porque ele a mantém e representa no Peru como no estrangeiro.

O pior de tudo veio depois, quando ao seguir o conselho e exemplo que lhe deram alguns de seus mais próximos "novos" colaboradores do Instituto, converteu o I.P.R.I. em uma academia Pré-universitária parapsicológica com consultório astrológico e tudo, que a única coisa que pretendia era lucrar com verdades imutáveis. O tema dos Ovnis foi desvanecendo-se pouco a pouco até desaparecer finalmente em meio a reuniões de grupos religiosos e sessões de espiritismo. Em suas reuniões chegavam a se reunir charlatães que ofereciam consultas posteriores a preços exorbitantes, escandalizando aquelas pessoas curiosas que pela primeira vez se achegavam atraídas pelo bem ganho prestígio do I.P.R.I. Quanta gente tem saído fugindo do que qualificam de sessões de "loucos" e "histéricos", pelas insensatas afirmações dos "mestres" do local!

Quando se abordavam notícias de aparições de Ovnis, se fazia muito levemente a la ligera, procurando passar a outra coisa, como nas saídas que começaram a organizar para Chilca como imitação das que fizéramos nós. Era evidente que se invejava o êxito alcançado pelo RAMA e por isso não assumiam o suficiente esforço para obter o seu próprio, por isso divulgavam suas saídas, mas não ao deserto como nós, senão ao povoado de Las Salinas, de Chilca, onde dentro e fora da casa em que se alojavam, se dedicavam a passá-la bem em "contatos" com boas doses de licor.

Para cúmulo de males e na etapa de maior difusão da Missão RAMA, o I.P.R.I. por acordo de seus dirigentes, imprimiu folhetos e cartas que foram enviados a vários países, convidando o público em geral a matricular-se, com prévio pagamento, em cursos por correspondência nos quais se chegaria a ensinar como contactar-se com os extraterrestres, garantindo posteriormente um contato físico com eles como graduação com seu correspondente nome cósmico. Fica redundante dizer que se produziu indignação mundial, assim é que em representação de todos os grupos, e pessoas que conheciam que se estava fazendo alusão a RAMA, desprestigiando-a, se lhes chamou a atenção aos do I.P.R.I., desculpando-se eles com a justificação de que nunca foi sua intenção prejudicar a imagem do RAMA.

Aquela vez os do I.P.R.I. haviam extrapolado, porém o mal já estava feito. Lamentei, então, por não haver impedido por consideração a meu pai e a publicidade que lhe ajudou, que Benítez levara uma equivocada idéia com relação à natureza da Missão RAMA com respeito ao I.P.R.I., já que pelo que meu pai lhe disse, deduziu que RAMA era somente um departamento no interior do Instituto.

CAPÍTULO XVII

OBJETIVO SILLARHUASI

Os grupos pouco a pouco foram avaliando os erros na medida em que se cometeram, comprometendo-se a reintegrar-se o quanto antes possível ao trabalho metuculoso de preparação, com a finalidade de estar dispostos a cumprir com as comunicações dadas e viajar assim em Agosto próximo (1976) para Cusco, para receber o que os Guias haviam prometido para Agosto de 75, grentes de que o convite seguia em pé e bastava sómente coincidir o mês. Aquele seria o grande descuido de 1976, quando com a melhor intenção não se quiseram receber mais mensagens pensando que tudo estava dito e que haviam deixado de fazer pelo que primeiro deviam definir-se. Não se esperou então que voltassem a se dar as condições adequadas senão que simplesmente foi-se tratando de recuperar o tempo perdido.

As comunicações que durante o primeiro ano haviam sido contínuas foram diluindo-se no ano de 1975 até escassear quase totalmente no começo de 1976, época em que se revalorizou o conteúdo das comunicações das mensagens dedicando-nos a estudá-las, porém sem a confiança nem o apoio para receber outras. Isto foi um erro porque sem mensagens atualizadas não podíamos saber que de todo o deixado se devia efetuar e em que momento, porque não é questão tampouco de querer responder quando alguém queira fazê-lo senão que tem que esperar porque tudo tem seu tempo e seu momento e que pode e volta a repetir-se. A prova seria então "saber esperar", pois eles haviam nos esperado primero.

O ano de 1976 começou com atitudes muito positivas dos grupos, reimprimindo o Informe de Contato, de que se tiraram ao redor de trezentas cópias, que como na vez

anterior, se distribuíram totalmente e de forma gratuita porque a intenção era compartilhar e difundir sem que ninguém se beneficiasse mais que a própria Missão ao ser difundida. Esse ano comecei a viajar pelo interior do país dando cumprimento a comunicações, sonhos e visões que chegariam a verificar-se até o mínimo detalhe. Lembro-me especialmente de como ao terminar uma palestra que dera, ao retirar-se o público, ficaram sentados homens ao fundo do salão como esperando que se esviasse o recinto. Já para retirar-me, levantaram-se e me atajaron felicitando-me pelo conteúdo da conferencia. Agradecí-lhes de imediato o interesse e companhia, ao que eles responderam que lhes agradaria muito que desse uma conferência a seus companheiros de trabalho, pelo que se aceitasse, poriam a minha disposição os meios para transportar-me até seu local de trabalho. Pensei inicialmente que era algo local, pelo que não titubeei em aceitar de imediato. A surpresa foi quando no dia fixado chegou um veículo para trasladar-me ao Aeroporto, já que o avião estava pronto para partir para o porto de Ilo de onde me levariam às minas de Cuajone e Toquepala, a mais de mil quilômetros ao sul de Lima. Acontece que ambas as pessoas eram o Gerente de Cuajone e o Engenheiro Chefe do lugar, que ansiosamente esperavam que seus companheiros soubessem da Missão RAMA.

Quando soube que tudo se levaria a cabo em uma mina, recordei certo sonho que havia tido quatro meses antes e no que um homem baixo, de pele bronzeada e nariz adunco, me aguardava ao lado de uma caminhoneta branca para levar-me até o alto de uma montanha por uma ampla estrada, chegando a um mirante, parava o carro e me explicava, mostrando que aquilo que se via abaixo e à distância era uma mina de talho aberto. Isto com todo detalhe e nitidez havia sonhado com muita antecipação, pelo que estranhei a coincidência de meu destino que era um assento mineiro. De Ilo me levaram à cidade de Moquegua, Capital deste Departamento, mudando ali de automóvel, subindo justamente em uma caminhoneta branca que dirigia o chofer da Gerência. Este homem, de nome Daniel Terrones, era baixo, de cor parda e nariz aquilino, tinha sido 16 anos caminhoneiro em Cajamarca, vindo depois com sua família a estabelecer-se em Toquepala.

Rapidamente me levou por uma estrada ascendente para a área da mina, onde depois de subir uma encosta, aparcou a caminhoneta no mirante a partir de onde se contempla toda a mina, explicando-me que era de talho aberto. Foi ali que reagi relacionando todos os detalhes de meu sonho com o vivido. Meu assombro e emoção deveram ser muito expressivos porque Daniel me perguntou o que me ocorria. Sem importar-me se acreditavam mim ou não, contei-lhe aquela estranha experiência do sonho cumprido. Daniel em vez de asombrar-se, sorriu, contando-me por sua vez uma experiência muito pessoal que tinha bom tempo de haver-lhe ocorrido e justamente relacionado com sonhos.

O que ocorria é que Daniel Terrones haia sido anteriormente um homem muito mundano, algo típico de nossa personalidade, amigo do álcool, das mulheres e das farras. Sua família, bastante descuidada nessa ocasião por ele, sofria muito e havia se refugiado no Evangelismo como tábua de salvação, desde onde dirigiam orações para que o pai mudasse. O desleixo havia derivado para violência, impedindo que orassem ou realizassem a mínima experiência religiosa. Foi neste momento que teve um sonho que mudou sua vida, ao ver Deus na pessoa de um menino, segundo Daniel.

Senti-me maravilhado ao escutar o relato do "irmãozinho Daniel" como o conhecem na mina. A partir dessa data havia mudado radicalmente sua forma de ser, deixando de lado todos os vícios e debilidades, transformando-se assombrosamente em um homem caseiro frente à incredulidade de seus próprios conhecidos, chegando a cultivar-se como bom pai e

melhor exemplo em tudo e para todos. Contariam-me depois que durante as refeições nos refeitórios de operários, todos esperam que Daniel dirija a oração de agradecimento, dando graças pelos alimentos e fazendo a leitura de alguma passagem bíblica.

Naquele momento cheguei a perguntar-me o que podia estar fazendo eu naquele lugar dando cumprimento a um sonho? Estava a ponto de dar uma palestra a engenheiros peruanos e estrangeiros e não tinha a menor preparação para falar-lhes de nenhum tema, sem embargo, havia em mim a confiança de sempre em que as palavras viriam por si só. Como não achara explicação de imediato a todas as perguntas que se afloravam em mim, me preocupei de absorver tudo o que viesse depois e que pudesse lançar luz sobre tudo isso. Do que eu estava cada vez mais seguro era de estar fazendo o certo no lugar certo e com as pessoas certas, sendo guiado por estranhas e incompreensíveis forças positivas.

A primeira reunião se realizou em Villa Cuajone, na casa de Víctor Barúa, dentro da área reservada às famílias do pessoal da Mina. Ao término da mesma, alguns dos expectadores intrigados pela habilidade e abundância de conhecimento apesar de minha pouca idade, perguntaram: como podia ser que soubesse tanto e que pudesse expô-lo tão bem de maneira que cada um havia recebido o que necessitava? Evitando envanecerme com os elogios – coisa que é bastante difícil – fui sincero ao manifestar-lhes que jamais preparava as palestras, porque não falava do que havia aprendido somente, mas do que havia chegado a viver em tão pouco tempo ao lado dos Guias, procurando em todo o momento ser só um meio e instrumento que refletisse a Missão. A autoridade com a que me expressei nas palestras vem da convicção de estar difundindo desinteressadamente a verdade.

Lembro-me que naquela ocasião todos ficaram muito contentes como eu, já que com sua sinceridade todos os presentes me demonstraram sua original espiritualidade, espontânea e rústica que poderia chegar a ser cultivada.

No dia seguinte à reunião, entrei no ritmo da mina, ajustando pouco a pouco as disponibilidades de tempo já que abundavam os convites para almoçar, comer, conversar e debater com amigos e familiares dos integrantes do grupo. Tive também variedade nas atividades ao se prestarem gentilmente muitos dos engenheiros a se movimentarem dentro e fora da mina a lugares impressionantes. Naqueles dias pelo trato contínuo com as pessoas do grupo, fui depositário de muitas expectativas, ansiedades e problemas tanto familiares como pessoais de todos eles. Talvez tivesse sido necessário que alguém, que estava somente de passagem, aparecesse naquele momento e servisse como um "muro das lamentações" para aqueles seres humanos, isolados na desolação da cordilheira, se livrassem da tensão e parte daquela solidão. A todos aqueles fiquei muito agradecido pela confiança e amizade, porque fizeram com que aquela etapa de minha vida tivesse sentido e valesse a pena ser vivida ao poder dedicá-la ao serviço dos demais.

Entre uma das últimas atividades que se haviam programado durante minha estada foi a de um passeio com o Engenheiro Víctor Galarreta pela área alta imediata a Cuajone, onde se encontra a laguna de "Suches". Naquele lugar me senti profundamente tocado por uma emoção indescritível ao contemplar à distância, os nevados que demarcam a rota a Puno, caminho pelo qual poderíamos chegar à Sillarhuasi.

Para a última reunião conveio citar-se todos na casa do Engenheiro Víctor Ruiz, com cuja família havia passado momentos muito intensos e de quem tinha recebido um carinho imerecido. Nessa ocasião os expectadores chegaram, como nunca, bastante atrasados e algo nervosos porque acontecia que aquela noite um dos engenheiros norteamericanos havia sofrido um acidente despencando-se em sua caminhoneta, caindo em um abismo de considerável profundidade. Tinham-no achado ainda com vida entre os ferros retorcidos,

encontrando-se já naquele momento em cuidados intensivos no Hospital da mina. Dali o passariam a observação, mas todos duvidavam que sobrevivesse, mas se sim, muitas partes de seu corpo estavam bastante comprometidas, entre elas, seriamente o olho direito.

Contaram-me os pormenores do caso e imediatamente fiz consulta com os Guias através da comunicação, os quais me disseram que poderíamos ajudá-lo em nível astral e que eles nos dirigiriam. Fiz com que os presentes soubessem, criando uma grande expectativa por ver os resultados. Preparei o ambiente com uma mantralização da palavra RAMA e AMAR e, depois de exercícios profundos de relaxamento, fiz com que todos entrassem em um estado altamente sensibilizado para que pudessem desdobrar-se conscientemente. Rapidamente me encontrei fora do meu corpo encaminhando-me ao hospital onde busquei o acidentado. Encontrei-o meio sonolento e lhe falei, uqe respondeu desdobrando-se também. Disse-lhe que devia superar seu estado e que não perderia o olho, já que estava recebendo ajuda, ao qual manifestou seu agradecimento.

De volta à reunião, saímos do estado de concentração no que nos achávamos e relatei a todos os presentes, os detalhes e pormenores da insólita entrevista. Cheguei a descrever a pessoa tal e qual a tinha visto, pelo que todos sorriram, não podendo ocultar sua alegria, confirmando-se assim que tudo coincidia exatamente. Terminamos a reunião, ficando para o dia seguinte fazer uma visita ao hospital, algo possível antes de eu partir. Muito cedo de manhã, me despertou o mesmo Engenheiro Barúa, que me levou em sua caminhoneta. Enquanto dirigia, seu rosto mostrava uma inocultável satisfação, pelo que não podendo conter-se me disse que o engenheiro norteamericano estava muito bem e que não tinha nem um só osso fraturado, nem tampouco perderia o olho afetado.

Ao parar o automóvel frente ao hospital, dei-me conta de que o doente sempre se destacara por sua boa memória. Ainda que não soubesse a que vinha tal comentário, fiquei muito contente de que tivesse sido efetiva a ajuda dos Guias através de nós. Entrando, por uma espaçosa antesala, fomos diretamente ao quarto. Na porta nos encontramos com o doutor, que ainda não tinha saído de seu assombro, já que o acidentado nem sequer tinha uma fratura que fosse quando até há pouco não se sabia se sobreviveria. Entramos no quarto e ali estava o corpulento homem loiro e avermelhado, embora bastante golpeado mas são. E era tal e qual o havia descrito!

O Engenheiro Barúa lhe perguntou imediatamente como se sentia, ao que este respondeu: "Bem", depois lhe perguntou sobre mim ao qual respondeu: "Claro que conheço, mas agora não recordo de onde". Víctor Barúa lhe disse que seria uma longe história e que em outra oportunidade lho contaria em detalhe.

Despedimo-nos do acidentado e uma vez fora, Víctor Barúa olhando-me nos olhos me disse: "Até hoje tudo em mim era entusiasmo e interesse por saber, mas de agora em diante poderei assegurar que é convicção... Temos aprendido muito de você o agradecemos, sabemos que é só um instrumento, mas quão necessário e útil."

Sentí-me um tanto envergonhado mas muito feliz de ter servido para iluminar em algo suas vidas. A despedida final foi muito emocionante porque cada família me quis ter em sua casa ainda fosse por escassos minutos. Tanto foi o que senti naquele momento que compreendí que quem nada busca receber nem nada deseja para si e dando tudo por amor à entrega, sózinho chega à verdadeira riqueza que por si só chega como recompensa e que não é outra que a felicidade de ser útil.

Motivado pela excursão a "Suches", revisei as comunicações passadas que falavam sobre a história do RAMA e nelas claramente se fazia referência a Agosto como o mês chave para realizar uma série de viagens que consolidariam a Missão. Imediatamente pus em

funcionamento todo o grupo que trabalhava comigo para iniciar a "operação viagens". A intenção seria boa, porém padecia de uma série de erros ou omissões que seriam vitais para que aquelas viagens cumprissem os objetivos para os quais foram propostos, entre estes erros estavam:

1. Partíamos de comunicações desatualizadas;
2. Não tentamos nem sequer receber novas mensagens que avaliassem nossa iniciativa;
3. Pensávamos que a Missão não avançaria se não cumpríssemos antes com aquilo que se tinha deixado de fazer, pelo que o fizemos sem esperar para saber se correspondia ao tempo adequado e às condições necessárias.
4. Levamos em conta só o mês de Agosto como ponto de referência e nossas possibilidades de viagem.

Estávamos esquecendo que Agosto de 1975 havia sido declarado pelos Guias como propício, porque especialmente esse ano era o ano "Semiótico" ou ano dos Símbolos, fim de um ciclo e início de outro.

Fizemos nos meses anteriores uma série de atividades que nos puderam ajudar a financiar a expedição até Cusco. Naquele momento chegamos a cometer uma arbitrariedade própria de nossa veemência em cumprir, fazendo primeiro a viagem a Huarochirí e um mês antes de Agosto, já que havia facilidade para efetuá-lo em Julho e pensando que não seria tão importante a ordem dos mesmos.

Fomos a Huarochirí em uma Kombi dos pais de Lilian Ratoliska, caminhoneta que era dirigida por Javier Barbagelata (ambos chegados em RAMA em fins de 1974), nos tempos de maior difusão, sendo entre os poucos que, uma vez que se acalmaram os ânimos pela perseguição, se reintegraram formando grupos. O corpo expedicionário era composto de treze pessoas, nenhuma das quais conhecia o lugar de destino, ainda um dos rapazes presentes, Rafael Goytisolo dos grupos de meu irmão Charlie, havia percorrido anteriormente parte daquela rota.

Foram longas horas de permanente subida pelo caminho acidentado que parecia não ter fim naquelas escarpadas ladeiras das montanhas. Inexplicavelmente durante o caminho sucedeu-se grande quantidade de visões e comunicações mentais entre nós, que não poderia ser mera coincidência, como se com a viagem estivéssemos nos aproximando de uma fonte de energia poderosa.

Chegamos a um lugar onde se fixou a mesma quilometragem da caminhoneta e que tinha sido intuída desde o início como o que corresponderia a dita numeração. Entramos em um campo cortado por uma extensa meseta no mais alto daquela cordilheira até chegar a umas rochas ao pé de uma pequena cova. Nesse lugar tivemos uma grande quantidade de percepções e experiências indescritíveis, muitas delas de caráter pessoal, mas não chegamos a receber nada de concreto nem material que se relacionasse com os símbolos.

Para o mês de Agosto avisamos a todos os grupos por onde se realizaria nosso recorrido para assim poder contar com seu apoio e colaboração encontrando aos diversos grupos ávidos de oferecer sua ajuda, dando-nos uma calorosa acolhida como foi o caso de Cuajone, onde sem ter sido pedido os irmãos em Missão facilitaram gratuitamente provisões e o transporte para a maior parte da viagem.

As pessoas que partiram de Lima foram: Rafael Goytisolo, Aurelio Villar, Javier e Agustín Barbagelata, Rubén Herrera, Julio César Chingolo e eu. Tínhamos nos preparado um mês antes para suportar baixas temperaturas e altitudes de até 5.000 m. Por intermédio de membros do

RAMA e cuja profissão é a medicina, cada um dos expedicionários foi examinado totalmente em um hospital, controlando-se a pressão, coração e o sangue.

De Cuajone se iniciaria a viagem pela Cordilhera até Puno, dali seguiríamos até Cusco. Com destino final em "Sillarhuasi", próximo do centro povoado de Velille onde Rafael Goytisolo havia realizado trabalho de campo com as Missões da Igreja Católica, pelo que conhecia em parte o terreno.

Sillarhuasi tinha sido mencionado em uma só comunicação na história da concepção da Missão, especificando-se as coordenadas e localização que ao ser, posteriormente, confrontadas com o mapa oficial, coincidia exatamente com um lugar de igual nome em uma escarpada área de Cusco. Sillarhuasi significa simplesmente casa de Sillar, que é uma pedra branca de origem vulcânica.

A despedida desde a mina de Cuajone foi especialmente alentadora já que todos os grupos do Peru estavam pendentes daquela saída que tinha um sentido muito profundo em querer cumprir com os planos da Missão que se mantinham inconclusos fazia já um ano, mas devido à falta de direção de parte dos Guias o resultado ainda que fosse positivo foi bastante limitado.

A surpresa que nos haviam reservado os do grupo da mina foi que conseguiram que fosse Daniel Terrones para acompanhar-nos como representante do grupo, uma vez que seria chofer da condução, que tão gentilmente nos tinha prestado o engenheiro Víctor Ruiz e que era uma bela rural ou casa **rodante**.

A partir, nos dirigimos pela rota que ascende a laguna de Suches seguindo o caminho que leva a Puno e que naquele momento, Agosto de 1976, se encontrava integralmente coberto de córregos e neve. Apesar da preparação que se tinha seguido rigorosamente e da dieta quase franciscana, o estômago da maioria começou a sofrer durante o trajeto.

Passamos por Pucará, Ayaviri, Puno, Juliaca, para chegar a Sicuani onde nos desviamos para chegar a Velille, último povoado antes de Sillarhuasi. No trajeto passamos por toda a classe de lugares inóspitos, paisagens maravilhosas e vertiginosos abismos, perdendo em inumeráveis oportunidades o caminho que em alguns trechos passava a ser um mero vestígio que terminava em um caudaloso rio que deveria atravessar. Em um determinado ponto, Daniel deteve a caminhoneta para por-lhe água, enquanto todos descemos tomando a iniciativa de Agustín. No que esticamos as pernas, Agustín voltou de uma pequena caminhata muito exaltado, já que tinha visto uma greta profunda da qual saía vapor. Ao nos paroxismarmos pudemos observar que ali embaixo havia uma grande caverna com águas subterrâneas no fundo. Um a um começamos a descer pela parte mais acessível pelas saliências da rocha nas paredes, chegando ao pé de um extenso rio subterrâneo de água fervente. No meio do vapor e da penumbra podiam distinguir-se um sem-número de estalactites e estalagmites que do teto e do solo saíam, formando grande variedade de esculturas naturais e entre as rochas brotavam os geiseres lançando jorros de água. Como a partir daquela localização – por causa uma grande rocha na margem da água – não podíamos avançar, tornamos a subir e tratamos de buscar outra entrada. Caminhamos na superfície um quilômetro até que achamos a entrada da caverna de onde saía aquele manancial, mas já como um respeitável rio. Introduzimo-nos nela, apoiando-nos nas laterais da rocha, que também borbulhavam, convertendo-se em Carbonato de Cálcio ao entrar em contato com o ar em formas caprichosas nas paredes. No ambiente se respirava um fétido odor de azufre, que em determinado momento – por sua intensidade – agredia o olfato e a visão, fazendo-nos tossir.

A uns quinhentos metros da entrada aparecia no teto a primeira clarabóia que aclarava o caminho, pelo que seguimos avançando encontrando uma pequena praça com pequenos pedaços de pedras sobrepostos. Esse lugar havia sido usado ou se prestou em algum momento como recinto de carácter mágico-religioso, já que nas paredes havia pinturas rupestres de triângulos amarelos e vermelhos.

Apesar de achar-nos entre **nevados** e com uma temperatura ambiente na superfície abaixo de zero, nos encontrávamos ali transpirando. Na intenção de seguir avançando, passamos por debaixo de pontes naturais de rocha calcárea a mais de dez metros sob a terra. A abóbada parecia um alfineteiro porque as estalactites mostravam suas puntiagudas formas. Depois de muito caminhar, chegamos a sair ao exterior por um extremo do túnel para um lugar parecido com um anfiteatro rodeado de muros pré-incaicos em meio dos quais haviam grandes geiseros e sobressaía uma evidente escultura talhada pelo homem. Era uma grande rocha esculpida como uma mão com três dedos iguais. Sua base era estreita enquanto que na metade se alargava mostrando três grossas formas que apontavam para o alto. A simples vista podia ver-se que se tratava da escultura de três anciãos cobertos com capuzes, como os monjes, dando-se as costas mutuamente e olhando em distintas direções.

Ficamos bastante impressionados com aquilo, recordando que as viagens deviam incluir, como diziam as comunicações, o encontro com os "Três Anciãos da Caverna"... pelo que era justo pensar que isso poderia ser um aviso ou um sinal.

Retomamos a marcha até chegar finalmente a Velille. O povo ostentava um ambiente de festa, que celebravam em meio a uma grande algazarra e excesso de licor. Pudemos observar que àqueles que estavam perto não agradou que tivessem chegado estranhos à metade de sua celebração, demonstrando naturalmente seu rechaço. Com isso retornamos vários quilômetros por onde havíamos vindo. À saída do povoado comentamos entre nós a agressividade e tensão que havíamos despertado naquela gente. Naquele momento, Aurelio, apontou para o céu para que todos observássemos como entre as nuvens se formou uma flecha perfeita, depois um tridente e finalmente um número quatro, símbolos que interpretamos como indicando-nos a rota a seguir.

Daniel cruzou o campo por um rio pouco profundo, cheio de seixos, deixando finalmente estacionado o carro no meio de uns grandes currais, rodeados de **pircas**. Passamos ali a noite, inventariando todo o equipamento que levaríamos cada um nas mochilas no dia seguinte. Antes de nos retirarmos para descansar, saímos bem agasalhados para contemplar do lado de fora o maravilhoso céu estrelado. O que vimos imediatamente foram estranhas luzes sobre a montanha e depois dois pequenos discos que à grande velocidade viajavam em linha horizontal um atrás do outro, dirigindo-se na rota que seguiríamos de manhã.

Ao deitarmos fomos imediatamente envolvidos por um sono muito profundo e ao despertarmos bastante cedo, recordávamos com detalhe todo o sonho. Alguns dos sonhos que tivemos, durante a jornada iam se cumprindo tal como havíamos sonhado, mas o sonhado aquela noite falava exatamente do que viveríamos naquele dia. Ao nos levantarmos tiramos proveito da proximidade do rio para tomar banho em suas geladas águas, para nos livrarmos assim do pó do caminho acumulado sobre nós durante os dias de viagem, mas para não congelarmos apenas passamos água pelo corpo.

Até esse momento nos encontrávamos em boas condições a exceção de Javier, que durante o trajeto se indis pôs estomacalmente ao cometer certos excessos com as viandas facilitadas pelo grupo de Cuajone. Fizemos os preparativos finais para iniciar nossa caminhada para nosso destino. Deixamos parte das provisões a Javier, que não nos acompanharia, ficando no trailer. Seguimos a direção indicada pelas naves e pela flecha nas nuvens, subindo

até uma altitude de 4.600 m com o equipamento nas costas. Chegamos ao alto da primeira cerra que por suas estranhas características rochosas é chamada na área de "Mugototo", ali detivemo-nos para descansar e para secarmos o suor que escorria por nossos rostos e costas, então mais de um teve que dar um brinco de susto e surpresa para livrar-se da mordedura de pequenas víboras que havia entre as pedras.

Reiniciamos a marcha depois de descanar fazendo exercícios de respiração, enquanto seguíamos caminhando por cima das cerras, às vezes descendo para cruzar pequenas quebradas, na medida em que avançávamos íamos nos livrando de grande parte de nossa roupa já que o sol implacável nos queimava. No descanso seguinte fizemos uma meditação na qual visualizamos um ancião que nos falava dizendo-nos quanto faltava para Sillarhuasi. Era improvável que alguém pudesse estar naquelas paragens tão desoladas e a tal altura, mas pensamos que teríamos a oportunidade de verificá-lo.

O excessivo calor, a poeira e a altura começaram a nos debilitar na medida em que adiantávamos. Os sapatos nos pareciam feitos de chumbo e as mochilas pouco a pouco machucavam nossos ombros levantando visíveis bolhas.

Na metade do caminho apareceu uma pessoa – e era um ancião! – mas camponês. E estava sózinho em meio do nada, vindo direto para nós. Depois de saudá-lo fizemos algumas perguntas, mas ao ver que só falava Quechua, deixamos que fosse Chingolo quem tratasse de entabular a comunicação com ele, já que dominava o idioma. O ancião em sua conversa nos preveniu dos perigos da gente de Velille, onde segundo afirmou, há muita maldade. Também disse que Sillarhuasi não ficava longe e que devíamos subir a montanha mais alta que estava à nossa frente. Por um lado nos alegrou saber que não faltava muito, mas por outro lado nos abatia o ânimo saber que tínhamos que subir ainda mais. Aproveitamos naquele descanso para almoçar e convidar o ancião, o qual se via que estava mastigando folhas de coca. Ao comentarmos sobre as luzes das naves que naquela área se vêem, ele sorriu apontando para Sillarhuasi dizendo: "Cunuñunun Illapantac", que quer dizer que ali os espíritos da montanha produzem trovões e relâmpagos. Nós o interpretamos como aqueles resplendores que se vêem quando as naves aterrizam ou os fochos que projetam sobre lugares que irradia. Isto confirmou que aquele era o lugar ao que tínhamos que ir. No alto daquela meseta nos surpreendemos ao achar uma grande quantidade de monolitos e monumentos similares aos do Paleolítico europeu que inexplicavelmente se achavam ali.

O ancião se despediu de nós falando-nos dos gentis que moveram aquelas pedras pondo-as umas sobre as outras como grandes mesas, para indicar suas tumbas, sendo que neste sentido sim, se manteve bastante misterioso. Disse-nos que tinha sua pequena chacra ou ranchinho descendo por entre a quebrada com algo de ganho, sentindo-se muito honrado si acaso fôssemos visitá-lo em nosso regresso, para assim saber que nada nos haveria ocorrido. Demos-lhe um pouco de combustível de nossa pequena cozinha de acampamento e se retirou muito feliz.

Descendo uns cem metros nos achamos ao pé da cerra que nos separa finalmente de Sillarhuasi e como já a tarde começara a esfriar nos detivemos para estabelecer ali o acampamento. Vimos então que Aurelio, que fazia um pouco que se queixava de náuseas e vertigens, había se posto mal com o "soroche" ou mal de altura, para abrigá-lo armamos a barraca e o introduzimos nela fazendo com que descansasse enquanto chupava um limão e lhe banhávamos com água fria a nuca, para depois fazer-lhe imposição de mãos.

Uma vez instalados, montamos a pequena cozinha e preparamos algo quente para compartilhar. Tudo organizado, separei-me do resto para meditar porque naquele momento precisava ficar só. Pensava em Javier que tinha ficado no trailer, e também em Aurelio que

estava bastante mal. Refletia então, se todo aquele esforço, sobre-humano, que tinha nos levado ao último rincão da Terra, valia a pena e se valia, qual era o sentido dele? Perguntava a mim mesmo: O que estávamos demonstrando naquela oportunidade? Arrependimento, disposição, entrega, amor próprio? O que? Não podia responder objetivamente porque também me sentia conturbado pela fadiga e angustiado pela preocupação e cansaço excessivos. Recordei então de um sonho que tivera várias noites antes. Nele me perguntavam se minha disposição se manteria até o final, ao que não respondi a meu indefinido interlocutor. Ali naquele momento, quisesse ou não, teria que responder.

A angústia foi aumentando em meu ser de uma maneira incontornável que senti a imperiosa necessidade de interromper de imediato a subida, pelo que, liberado de todo peso comecei a subir desesperadamente pela montanha. Os demais, intrigados ao me verem, só fizeram seguir-me ficando no acampamento Aurelio e Agustín. Durou cerca de trinta minutos a subida, chegando acima pouco antes das seis da tarde. Em cima de Sillarhuasi havia um dique com muros de pedra a partir onde se podia contemplar um despenhadeiro imenso e uma cadeia de montanhas com grandes manchas brancas que são as **canteras de sillar**. Olhando à distância me pareceu encontrar-me sozinho ante o Criador, de tal forma que seu olhar podia penetrar-me diretamente até o coração e a alma e sentir como se auscultasse meus sentimentos e idéias na mente. Tudo podia ver pelo que me senti envergonhado de minha imperfeição. Caí de joelhos envolto em lágrimas vivendo uma inenarrável experiência interior na que pedia perdão por todos os erros e agradeceria a paciência sem limite com os defeitos demonstrados até aquele instante. De um momento a outro sentí como se um grande consolo e paz me tivesse dominado, um vento suave e fresco agitou meus cabelos sobre o rosto, levando-me a levantar-me. Ao me voltar encontrei Rubén e Rafael que ao ver-me me abraçaram compreendendo e percebendo a intensidade daquele momento. Ao descer da montanha, o fizemos renovados e fortalecidos, como se tivéssemos sido limpos e purificados por uma energia, que como água, deixava tal sensação em nós. À distância se consumava um por de sol soberbo, o qual estava igualmente contemplando Javier envolto em lágrimas, desde o caminhão. Havíamos sido comovidos e remexidos por igual força todos, até Aurélio, pois no momento em que chegamos a alcançar o cume de Sillarhuasi, sentiu uma sensível melhora em seu estado, sentindo-se surpreendido por uma sensação estranha. Muitas seriam as pessoas em Lima e no interior, que fora de nossa aventura, sem saber a data e hora de chegada, sentiram exatamente o momento em que se conseguiu o que foi qualificado por todos, como uma façanha de transcendência para a Missão. Havíamos chegado a Sillarhuasi precisamente em 31 de Agosto, às 6h00 da noite, sem que estivéssemos conscientes do calendário que seria confrontado depois. Já de regresso ao acampamento conversamos com Aurelio e Agustín que tinham ficado, alegrando-se muito de saber os detalhes da chegada ao lugar com o que supunhamos, havia finalizado o objetivo da viagem.

Na manhã seguinte, tiramos a capa de gelo que havia sobre nossa barraca e sobre os plásticos que cobriam os sacos de dormir, tomando um nutritivo café da manhã e arrumando as coisas para regressar ao lugar onde se encontrava Javier. O retorno foi rápido porque a rota era conhecida, além do mais, Rafael havia previsto o uso de bússola e altímetro. Aurelio estava totalmente refeito depois de haver descansado.

Havia em nós uma incompreensível plenitude que ia além da mera satisfação por consumir uma missão. E na rota de regresso, já de noite, uma grande nave desceu a 100 metros da rural em que viajávamos emocionando compreensivelmente Daniel, já que era a primeira vez que via tão de perto uma nave extraterrestre. Toda a nave aparecia iluminada por luzes brancas e azuis e tinha uma forma de prato, além disso, lançava potentes facho-

luz. Em questão de um minuto, novamente subiu para retirar-se em grande velocidade. Tomamos isso como uma confirmação de nosso esforço e como respaldo dos Guias naquele momento.

Antes de retornar a Lima, passamos uns dias de descompressão em Cuajone, onde em reunião com os grupos desse lugar, os Guias deram uma mensagem, na qual Oxalc mesmo, se despedia de nós manifestando-nos que havia seguido durante toda a viagem e tinha estado na nave aquela que apoiou nosso trabalho, mas naquele momento, era importante que por um tempo indefinido nos deixasse, o que faria ponndo-nos nas mãos de outros Guias até que pudéssemos recuperar o tempo perdido e amaduressêsemos todo o vivido.

Chegamos a sentir tão claramente o distanciamento de Oxalc durante os anos seguintes, que especulamos que nosso Guia Maior ia desencarnar. Com o tempo nos enteiraríamos que nesse período da Missão. Oxalc esteve colaborando na Regência, dentro do Conselho de Governo, em um distante sistema solar.

Chegou 1977 e com este ano novas etapas de grandes vozes dando a conhecer nossoo contato mediante uma revista especializada em fatos estranhos chamada "O Insólito", que entrou em circulação naqueles dias a mesma que obteve grande aceitação em nível nacional com uma tiragem mensal de 60.000 exemplares, com conexões em nível internacional.

Esta revista dirigida por nossa grande amiga Zizi Ghenea (célebre por seu artigo "Estranho muito estranho"), se interessou por tornar conhecidas nossas experiências de contato e nos ofereceu publicá-las através de reportagens em série realizadas por nós mesmos, extraindo os textos do Informe de Contato que foi sempre a orientação oficial da Missão. Por aqueles artigos que tanto interesse despertaram nas pessoas, não recebemos pagamento algum já que tal foi nossa decisão e acordo com Zizi, porque não podemos cobrar pelo conhecimento desta Missão de amor.

Muita gente chegou naquele momento a Rama devido a esse estímulo e muitos foram os que colaboraram para que a Missão continuasse como no princípio.

O ano de 1978 foi cheio de variados altos e baixos em nível de Missão já que se sabia que o trabalho era pessoal, mas a realizar-se em contato com os demais.

Os Guias não deixaram de repetir desde 1974 a necessidade da vida em comunidade, e ainda assim, nossa resposta seguia sendo dar as costas ao compromisso por temer que nos pedissem o melhor de nós mesmos. Posteriormente se geraria no seio da Missão, tentativas de vivência comunitária, todas elas muito positivas pela experiência que se ganharia.

Foi dito mais de uma vez que Rama acabara, que acabou o que acabaria. Encerraram-se grupos algumas vezes, abrindo-se outros em pouco tempo. Toda esta desordem provinha de que não sabíamos claramente ainda, o que era Rama. A diferença de qualquer outro grupo que objective buscar adeptos ou sobreviver permanentemente, Rama na medida em que se estabeleça como Missão, terá cumprido sua função integradora. Rama terá que se firmar para que todos os que nela participemos nos confundamos com o resto da humanidade em uma missão de solidariedade, na que o amor coroa o máximo sacrifício da morte do ego pessoal, mas a Missão terminará como começou para cada um, em um momento distinto.

O ano 1979 foi um ano de trabalho massivo, já que às saídas não foram menos que duzentas a trezentas pessoas, que se deram as iniciações conhecidas do Nome Cósmico, Cristais de Césio e as experiências com o Xendra Gimbra.

Tanto foi nosso desejo de compartilhar, que cometemos um sem-número de vezes o erro de difundir o que não era nosso. Certo é que de graça o recebemos e assim igualmente o demos, mas devíamos ter sido mais cuidadosos, porque ao dá-lo assim como se deu, suprimimos grande parte de seu valor, não ensinando a apreciar o recebido.

Quantos erros se cometem quando se trata de amar, porque não basta amar, pois até para se amar é necessário se aprender. Por demorar demasiado pela dependência de grupos, nos descuidamos, um a um, do aspecto de realização pessoal. Nada dá, quem nada tem, e ninguém pode ser luz dos demais, sem antes sê-lo de si mesmo.

O ano terminaria com a preparação para o contato físico, segundo comunicações que citavam uma "Avaliação geral dos grupos", para que uma parte representasse todo o resto em uma saída onde os participantes somariam um total de 240 selecionados, nem mais nem menos. As pessoas encarregadas de tal avaliação com base na visão da aura, seriam os instrutores das dezenas de grupos existentes. Os Guias haviam exigido que nosso zelo fosse maior que nunca para que a indisciplina e inconsciência não echaran a perder isto que se considerava o passo mais transcendental na Missão depois de muitos anos.

O trabalho naquelas semanas foi árduo e constante, avaliando auras, explicando aos grupos a natureza da experiência que exigia muita humildade e disciplina, sobretudo, que se era o caso de estarmos em condições de ir, não devíamos sob nenhum aspecto crer sermos melhores que os demais, o que seria uma prova dura de soberba, enquanto que, não sendo escolhidos deveríamos resignar-nos, compreendendo a necessidade de preparar-nos melhor para novas oportunidades e não agir condoidos na vaidade, por despeito. Afinal de contas era uma prova muito dura preparada pelos Guias para todos, e nem todos a sabíamos enfrentar. Era um sinal de que o tempo se encurtava e era necessário saber com quem realmente se poderia contar.

O lugar da saída se manteve em segredo até o dia anterior à data mencionada pelos Guias, mas por necessidade de rapidez teve-se que informar a três pessoas exigindo delas guardar discreção. Sem embargo, poucas horas antes, o lugar já estava de boca em boca sem controle algum. No dia seguinte as 240 pessoas escolhidas deviam reunir-se a cinco quilômetros da entrada do lugar, o qual ainda distava quase 18 quilômetros da estrada. Por falta de previsão e inexperiência faltaram conduções e as poucas que havia tiveram que fazer várias viagens com o conseqüente mal-estar e incômodo. Já no lugar as pessoas se encontraram com a desordem gerada pela chegada dos grupos e instrutores, ante a ausência do coordenador geral da saída que era eu, (recém chegado ao final, quando já não faltava ninguém), não puseram ordem, e mais, deixaram que todo mundo ingerisse alimentos exageradamente quando os Guias haviam definido trabalhos e jejuns mal tinham chegado ao lugar.

Uma vez no lugar, uma grande explanada ao pé da rampa de um antigo aluvião, entre cerras peladas bem altas, observei a todos os ali reunidos, havia gente que tinha se "infiltrado", ou seja, que não deveria estar ali, e muitos outros que tinham faltado, pois tiveram coisas mais importantes que fazer que ir a uma saída. Não podia crer que estando tão perto de uma experiência tão importante e transcendental para todos, estivéssemos assim tão distantes do estado ótimo. Sentia ganas de retirar-me dali e não esperar até a noite, porque via que não merecíamos o esforço dos Guias, porque, se nas pequenas indicações estávamos falhando gritantemente, como seria se nos confiassem o plano definitivo da Missão Rama.

Nossa indisciplina fazia antever o fracasso da saída, mas ainda assim preferi ficar até o final e suportar a incompreensão dos concorrentes e o correr dos acontecimentos. Naquela noite os Guias estiveram ali, mas não desceram. Ninguém queria aceitar que não merecíamos viver a experiência, já que não havíamos cumprido com o mínimo, com o que a nós incumbia. Naquela tarde de preparação prévia, pelos alimentos ingeridos, muitos até tinham

adormecido. Foi uma grande lição que corrigiu a todos nós e serviu como um discernidor que fez com que poucos seguissem, mas conscientes do que deles se esperava.

No ano de 1980 deu-se com muita força um fenômeno de repetição periódica, aparecendo no interior da Missão um "grupo" que começou por considerar-se especial, escolhido, o que muito antes tomou consciência de seu papel e da identidade de cada um de seus membros. Este grupo acaba por isolar-se, criando situações muito especiais, entre as quais estava o achar-se grandes mestres ou apóstolos voltando a se encarnar, assim como crer que em suas mãos se encontrava exclusivamente o futuro da humanidade. Nesse ano começou a surgir um, no qual nos vimos complicados aqueles que anteriormente mais o combatemos, daí seu perigo. Começou-se com comunicações vedadas pelos Guias, sobretudo de carácter psicofônico. Todas elas desembocavam em um suposto fim da Missão para Agosto de 1980, data na qual devíamos receber selos e o próprio das Vestes Brancas. Tudo isto se realizou entre um limitado grupo de pessoas convencidas de sua participação em algo grandioso, no qual não tinha havido nenhuma manifestação dos Guias, somente dezenas de comunicações e um excessivo misticismo.

Tendo como cenário os areais de Chilca, participaram alguns grupos do interior, algumas pessoas de Lima e do estrangeiro, sofrendo uma forte frustração ao não se dar nada do prometido, nem sequer avistamentos. Não faltaram as justificações, mas o desconcerto foi tal, que se alteraram os ânimos. Mais de um baseando-se no raízes que possuía dentro do grupo, quis orientar as explicações, até que ao final encontraria uma, que deixaria a todos conformados e até crédulos de ter vivido algo incompreensível em níveis sutis, ainda que conscientemente todos soubessem que nada havia acontecido. Tanta foi a frustração geral e a soberba, que chegaram a pensar que as cópias que tinham de uma tradução do livro das Origens da Raça Adâmica e Origem de todas as coisas (similar procedência Thedra), além de todas suas comunicações, eram o Livro de Os das Vestes Brancas.

Alguns de nós puderam reagir a tempo e sobretudo, modificar o caminho, para que assumidos todos os erros, pudéssemos seguir caminhando, ainda apesar de ter sido gestores de tão desatinado desvio da Missão.

As implicações no quesito Missão foram sérias. Na Espanha muitos grupos foram alcançados por esta crise, especialmente pela "Grande Mensagem", manifesto enviado por este grupo a todos os demais, no que claramente deixam ver as contradições fundamentais com o total processo Rama. Nele afirmam o fim da Missão e começo da Missão da Humanidade.

Apesar de todos os grandes tropeços, erros e faltas que se tem dado ao longo deste tempo, tem-se seguido trabalhando, tratando de avaliar a experiência frente aos erros, para assim **cerrar filas** evitando cair novamente na engano da veemência e da vaidade que nos fazem perder todo o contato com a realidade.

Seguiu-se com a projeção social, tratando de realizar de forma prática o caminho espiritual, mas qualquer trabalho comprometido em prol dos demais, resultava pouco para as necessidades internas que pediam um compromisso maior, mas com consciência da livre opção pessoal.

Foi em Janeiro de 1981 ao cumprir-se os 7 anos do Rama, em que, aproveitando da grande reunião internacional realizada em Chilca, nos planejamos seriamente o trabalho e o instrumento de informação diretor, ou seja, a comunicação que foi desde o princípio a ponte de contato entre o Universo e esta Humanidade em trânsito. Com responsabilidade tratamos de aproveitar todo o vivido, enfocando as metas de acordo com os objetivos da Missão, para

o qual se releeram comunicações para estarmos seguros dos passos a tomar e saber tudo o que por omissão havíamos descuidado.

Aos poucos dias do mês de Fevereiro, foram recebidas comunicações que responderam a todas as nossas inquietudes, e mais, davam da mesma forma que a dos 7 pontos (recebida em 1980), orientações claras para o último trabalho do Rama. Explicavam o porquê de todo este tempo de desorientação e com crítica construtiva, analisavam todas as nossas realizações. A partir dessa e outras, a Missão deu um giro muito positivo, replanejando o primeiro objetivo para o final da Missão, "A Comunidade".

Houve um grupo que seguindo o caminho e a iniciativa dada pelas comunidades urbanas, quis assumir o transcendental passo até a vida comunitária, ali onde tem sentido possível, no campo. Assim a decisão foi unânime, começar a trabalhar até que se desse a vivência comunitária definitiva.

O lugar da primeira comunidade rural Rama vindo por si só, foi uma irmã dos grupos de Arequipa, quem o ofereceu especialmente a estas pessoas a mesma noite em que se determinou ir à comunidade onde se desse. O lugar consistiu de uma fazenda que fazia tempo se encontrava abandonada devido às secas. Uma propriedade no distrito de Bella Unión, província de Caravelí, Distrito de Arequipa. Um lugar especial entre oliveiras, que, como disseram os Guías e se cumpriu: "...por cima de todas as dificuldades, correspondia esta a vossas necessidades mínimas vitais e máximas espirituais" (Sampiac 5/3/81).

À raiz desta decisão, se despertou uma grande inquietude generalizada para a vivência comunitária nos grupos.

Os Guías falaram da possibilidade do último ano para Rama, quer dizer, que podíamos concluir o plano com um esforço concentrado e contínuo, marcando este ano como a melhor oportunidade para realizar os objetivos integradores.

Em 1981 por condições cósmicas e karmicas se voltava a repetir o ano Semiótico. De um momento a outro era como se 6 anos não tivessem passado. Encontrávamos de novo ante o ano de 1975 e com igual oportunidade de concluir a Missão. Estávamos às portas da Décima Chamada de Anrrom, ou seja, os 10 anos mais críticos para a humanidade decadente, e não havia tempo a perder, era agora ou nunca, já havíamos esperado bastante. Estar inconscientes agora seria um suicídio espiritual, seria condenar-se a estar passivo em pleno e definitivo trânsito do plano para a quarta dimensão.

CAPÍTULO XVIII

O DÉCIMA CHAMADA DE ANRROM

Receberam-se comunicações que procuravam um trabalho minucioso dos grupos da América do Sul, em relação aos símbolos, pelo que se reuniram em Tacna, ao Sul do Perú, alguns grupos para efetuar uma recepção especial de comunicações que esclareceram a preparação para as viagens de Agosto, que segundo os Guías deviam efetuar-se naquele ano para receber os Livros.

Ante mais de 30 pessoas na zona montanhosa de Chuchuco, recebeu-se uma comunicação que esclarecia a preparação e os participantes no objetivo final do Rama, a recepção dos arquivos que, tal qual reza a comunicação da História do Rama, seriam entregues em Agosto do ano Semiótico, culminando com uma viagem que uniria 5 lugares.

Um avistamento claro e preciso com hora marcada, confirmou a importância do recebido, que por sua vez levantava desde já, muitas outras incógnitas.

No mês de Abril se consolidou a Comunidade Rural de Bella Unión, ao estabelecer-se dentro do grupo comprometido em realizá-la, três ordens de disposição ao chamado¹, isto é, os dispostos a integrá-la a curto, medo e longo prazo. Isto permitiria um grupo de pessoas pertencentes à comunidade, que sem viver nela (a visitavam a menudo), participavam nesta, em suas conquistas e realizações, mas por sua vez, formavam a comissão de apoio logístico que mantinha o nexo da comunidade com a cidade que estava a 550 quilômetros de distância.

O grupo estabelecido em Bella Unión, era formado por 9 homens, 9 mulheres e 9 crianças (27 pessoas no total)², e havia conseguido inicialmente nos quatro primeiros meses de assentamento uma relativa maturidade de conjunto e uma série de lições proveitosas para toda a comunidade em formação. Era prematuro apontá-lo, mas haviam se dado todos os passos necessários para a consolidação definitiva, mas então as coisas começaram a falhar por falta de diálogo.

Não se soube passar por uma etapa prévia de integração, na qual tivéssemos a oportunidade de conhecer nossos defeitos, motivo pelo qual Bella Unión se desintegrou oito meses depois. Agora o grande desafio é preparar-se e aprender todo o possível até o momento em que se determine o lugar definitivo onde num futuro próximo se estabelecerá finalmente uma nova comunidade em condições rurais, supomos, muito mais duras e adversas. Uma vez iniciado o caminho, cada passo comprometido leva a outro maior. Aquí mal começamos e, ainda que se cometessem muitos erros, a consequência tem sido o aproveitamento de lições muito valiosas, pois nossos erros de hoje deverão ser os êxitos de amanhã.

Deram-se apesar de tudo, muitas vivências muito belas entre nós, com claras mostras de apoio dos Guias, que indicavam que este era o passo certo para a finalização do chamado, só se tivéssemos o valor de seguir até o final. E foi graças à existência da comunidade que pudemos realizar a viagem que nos envolveria com outros irmãos das terminações da variação "RAHMA", procedentes de diversos lugares. No ônibus, rumo a Arequipa tivemos a oportunidade de ver no céu formar-se figuras estranhas nas nuvens, como letras feitas por um avião para avisos comerciais, e essas letras eram L.V.B. (Livro das Vestes Brancas). Reunidos em Arequipa, nos preparamos para estar conscientes em Agosto, realizando aquelas esperadas viagens a lugares tão distantes uns dos outros, que foram indicados em comunicações iniciais.

Foi uma surpresa para alguns de nós ver reunidos tantos irmãos que em delegações numerosas se fizeram presentes em Arequipa. Ali se efetuou a primeira reunião na que se deu uma idéia do momento que se vivia. Nessa ocasião se puderam ver claramente as numerosas suposições e conjecturas que todos havíamos formado, apesar de que os Guias nos advertiram contra isso. Pediu-se e se recebeu comunicação na qual se consultaram perguntas que estavam fora de lugar, já que muitas se respondiam sozinhas ou se derivavam de anteriores, o que denotava a desinformação em nível geral. As respostas das duas comunicações recebidas foram por demais duvidosas, já que satisfaziam os apetites de espetáculo da maioria. Escutá-las foi como se ouvíssemos um resumo do desejo de todos os presentes, mas havia que esperar, pois diziam nelas que se daria a confirmação ao dia seguinte em Chivay. Para lá nos encaminhamos em três ônibus cheios de irmãos, onde chegando, fomos recebidos por mais Ramas que tinham se adiantado. Podia-se observar facilmente em seus rostos e no ambiente a excessiva ansiedade que aumentaria nos dias vindouros³.

A primeira noite em Chivay acabou em um conflito pela preponderância dos interesses pessoais aos do grupo, de Missão e de Humanidade ali representada. Dirigimo-nos à área

despovoada de Chivay para presenciar um avistamiento marcado, que cedo não ocorreria apesar da noite clara e de céu estrelado, como muito poucas vezes se podia ver. O regresso em silêncio dos quase 100 que éramos, foi mais que expressivo, já que todos refletiam em seus rostos o desalento e confusão reinantes. Haviām escutado uma comunicação que dizia o que queriam escutar, o qual não era o que os Guias queriam comunicar. Nada se deu e não podiam nem queriam entender. Buscamos uma causa ou outra comunicação que explicasse com justificativa o sucedido. A tormenta estava em plena obra destrutora. Para uns estava bem claro que a reunião de grupos permitia uma espontânea camaradagem, que poderia aproveitar-se como base de um ensaio de Comunidade Internacional, além disso haviām comunicações corroboradas que falavam explicitamente das cinco terminações que deviam viajar exclusivamente na representação de todos, mas era inútil, ninguém queria entender, todos queriam participar, tocar, ver se era possível até ter acesso pessoal direto às experiências.

A finalidade das viagens de Agosto, como se sabia, era que um grupo de representantes da Missão receberam o Livro das Vestes Brancas que seria entregue logo depois das viagens, para resgatar dos símbolos que contém, todo o conhecimento e informação do passado, presente e futuro da Humanidade e da Missão.

Quando recordamos que longe estivemos essa primeira noite do ambiente exigido, de pensar tão somente no egoísmo que aflorou nesse momento de nossos corações, parece incrível que se pudesse haver realizado sequer uma dessas viagens, apesar de que até as circunstâncias assim o ondocavam (ninguém quis entender que só poderoam viajar entre 20 e 30 pessoas, ainda que pese a estupenda organização dos grupos de Arequipa em alojamento, automóvel e demais, não se pôde conseguir mais que um pequeno ônibus que se arriscou por esses caminhos de montanha até Velille, povoado de Sillarhuasi.

Na noite do frustrado avistamento, depois de nos aquecermos com um agradável chá preparado pelos irmãos de El Salvador e da Argentina, se gerou uma forte discussão na que muitos plantearon sua desilusão ao não ver justificado seu esforço econômico e o de seus grupos para que estivessem presentes, chegando alguns a manifestar que não permitiriam que se lhes deixasse de lado. O clima se manteve tenso e ao amanhecer do dia seguinte não foi nada promissor tampouco. Tive uma reunião ao meio-dia para exercícios espirituais e meditação: nela voltaram a se tocar nos mesmos pontos que desde Arequipa se arrastavam. Muitos alegavam ter realizado um grande sacrifício ao chegar até ali, pelo qual diziam merecer pelo menos, que os levassem em conta: outros mostravam cartas abertas mediante as quais lhes haviām convidado formalmente a uma experiência de contato, única em seu gênero.

Com o pretexto de reunir as perguntas para levá-las aos Guias, se avivaram os fogos da noite anterior, os quais foram contidos pela comunicação simultânea que receberam dos antenas não parciais na discussão. A resposta foi clara: Sómente os das terminações da variação "RAHMA" (cinco terminações), que somariam o especial número 24 deviam viajar. Os demais deviam ajudar fazendo uso de todo o aprendido e aproveitando a oportunidade para assentar as bases da futura grande Comunidade Internacional. Estas comunicações que coincidirām entre si, assombrosamente indicavam essa noite como corroboração com riqueza de detalhes. W assim foi que em uma noite não tão estrelada como a anterior, apareceram seis naves mantendo a formação apontada nas comunicações, puderam todos vê-las e desde o pátio da casa da Comunidade de Chivay. Havia sido restaurado a ordem e a cordialidade,

- (1) Ainda quando se buscou organizar e conceber o projeto da comunidade de Bella Unión, esta padeceu desde o princípio de uma exagerada excitação e excessivo entusiasmo por estabelecê-la. Esqueceram-se etapas que depois deixariam huecos en la preparación como son: el diálogo previo, el conocimiento mutuo, el examen de conciencia y sobre todo la amistad. Quisimos ser hermanos sin antes llegar a ser buenos amigos. Fue desilusionante empezar a conocernos en el terreno.
- (2) A comunicação com os Guias deveria manter-se permanente, da mesma forma que deveriam consultar-se antes muitos outros aspetos e detalhes que teriam poupado muitíssimas dificuldades. No entanto e apesar de ter bastante informação sobre o tema, se descuidaram dos pontos dados, já que os Guias haviām recomendado entre os muitos conselhos dados: conhecerem-se bem previamente, aprender a suportar-se mutuamente primeiro em saídas e passeios, que toda a comunidade fosse autosuficiente e tivesse sua atividade econômica própria, que toda comunidade não estivesse integrada por mais de doze pessoas adultas, evitar as visitas até os primeiros três meses, entre outros detalhes dados, nenhum dos quais foi cumprido por nós.
- (3) La recepción de los grupos quedó a cargo de Rama de Arequipa que había trabajado maravillosamente, acondicionando la Comunidad semi-rural de Chivay en la sierra de Arequipa, para recibir a la gran cantidad de hermanos Rama viajeros.

todos havíamos sofrido uma grande humilhação, mas foi bom que assim fosse, e que os Guias se manifestassem tão determinadamente frente a tanta estupidez e ignorância.

O terceiro dia em Chivay e o último, anterior à viagem, mostrou um giro significativo na relação dos grupos entre si. Havia ali seis países representados além do Perú em peso. A ansiedade dos dias anteriores iam desaparecer frente à nova necessidade de fundir-se, para que por fim se desse a real Irmandade. Poderia-se dizer que ao terceiro dia ressucitou a Comunidade Internacional.

Cada um consciente de seu papael, sem esperar que ninguém lhe dissesse o que devia fazer, começou por organizar-se em grupos de trabalho para jejuar, meditar e exercitar apoios aos irmãos que viajariam essa noite através de uma coleta de dinheiro e objetos que ajudassem na viagem a Sillarhuasi, dotando aos irmãos em má situação econômica, do respaldo para sua dedicação completa, sem preocupações em representar à Missão e à Humanidade toda.

Até uma hora antes de partir seguiam chamando irmãos, alguns dos quais cumpriam com o requisito de possuir alguma das terminações selecionadas. Deu-se o caso do irmão de Ilo com terminação exigida que vinha em um carro com seus parentes, não conhecendo a estrada e faltando poucas horas para partir de Chivay a Velille, se equivocaram num cruzamento, dirigindo-se na direção errada. Na escuridão da noite, apareceu uma nave que lançando potentes facho de luz se interpôs por cima da estrada, indicando a outra variante do cruzamento: imediatamente corrigiram rumos podendo chegar a Chivay bem a tempo, para que o irmão pudesse embarcar com o resto. E assim como os Guias demonstraram que se por uma só pessoa que tinha a terminação e quase não chega, se empregou tal esforço, quanta não seria a importância do que se ia realizar!

Com o tempo e ao compartilhar os detalhes de como chegou cada um dos que participaram, pudemos constatar como em todos se repetia a evidente ajuda de uma força, que ia vencendo todas as dificuldades que se apresentavam. Esta força permitiu a presença dos que chegariam formando uma seleção de irmãos "variados", uma síntese de todos os grupos que reúne a Missão.

Partiram somente 22 pessoas, cumprindo aquilo do número 24. Depois os símbolos nos mostrariam que isso também estava previsto e carregado de significado.

Dirigimo-nos a Velille na madrugada do quarto dia, distante 24 horas no ônibus por estradas de terra, nos que a carroceria ficava pendendo ao abismo que se prolongava 150 metros em uma queda livre. Uma verdadeira prova de autocontrole para todos, já que o mal estado do caminho e estreito que era não ajudava em nada a manter o equilíbrio mental do grupo que havia vários dias que, sujeito à tensão e insegurança do ambiente, não havia podido dormir.

Chegamos a um povoado, depois de um longo e tórrido dia, onde não encontramos vestígios de vida, já que as lojas estavam vazias e nem sequer havia um policial em sua estação. Pouco depois pudemos encontrar uma senhora que pôde nos informar sobre o caminho a Yauri, povoado que está pouco antes de Velille, dizendo-nos que não teríamos problemas em segui-lo porque se encontrava e bom estado por ter sido recentemente restaurado. O chofer não conhecia a rota, mas durante todo o caminho demonstrou grande segurança, assim como equilíbrio. De um momento a outro nos extraviávamos e o caminho que seguia o carro foi parar em um curral, devendo regressar por onde viemos. O carro terminou então no alto de uma montanha, sem indício algum de caminho, porém por intuição do chofer, e descendo o veículo como um jeep, conseguiu enxergar uma aparente estrada que seguindo-a parecia encaminhar-nos definitivamente, mas não foi assim, pois acabava em um

barranco de uns treze metros de profundidade. Na margem de um rio que impedia nosso passagem, se conseguiu encontrar uma baixada graças à perícia do condutor que sorriu prematuramente ao encontrar depois a subida, mas esta terminava na frente de uma casa de pastores. Assim, a duras penas e lutando contra o desalento, em um estranho jogo onde o caminho aparecia e desaparecia, vimos um arco-íris muito especial, porque, apesar de não ter chovido, tinha uma forma circular acompanhado de nuvens curiosíssimas.

Num cruzamento da estrada, providencialmente apareceu um camponês que evitou que seguissemos na direção incorreta. Assim chegamos de noite a Yauri, última parada antes de Velille.

Ali descansamos e comemos algo, tratando de pressionar o chofer para passar nesse lugar a noite devido a nosso grande cansaço, mas para nosso pesar, o dono do ônibus que também se achava presente, se recusou, oferecendo-se para dirigir no lugar do esgotado chofer. Sua intransigência para não permanecer ali, senão chegar a Velille diretamente, nos surpreendeu inquietando-nos. Não havíamos dado conta, mas chegando a Velille pudemos corroborar com o cumprimento das comunicações que diziam:

"... a viagem... deveis fazê-la integralmente em agosto... (Sampiac, Rosinac, Tacna 16.05.81)... Estamos polarizando o lugar para que nada os estorve em vosso trabalho... (Sampiac, Bella Unión - Julio 1981)."

Certamente, foi assim que chegamos a Velille às 4h00 da tarde de primero de agosto, em meio a uma grande paz e tranquilidade já que o povo dormia. Velille se caracteriza por ser um dos povoados do interior com maior negatividade. Fizemos na praça uma comunicação simultânea com um irmão de Tacna, com avistamentos posteriores. Ambas repetiam exatamente as indicações sobre a direção a tomar, que diferiam da tomada na viagem de 1976.

Partimos imediatamente para as cercanias do povoado, cada um com sua mochila às costas. Junto ao rio fizemos o primeiro acampamento até que amanheceu. Caminhamos com o equipamento completo, por um caminho que arranhava as rochas, seguindo o curso do rio sete quilômetros em direção noroeste.

Seguindo pelo caminho que se abria a nossa passagem, o primeiro quilômetro pela baixa temperatura e o variado da paisagem, não se deixou sentir, mas os seguintes, ao ser já em uma planície ressecada e empoeirada além da altura e do frio noturno, se fizeram desesperantes. Com o sol sobre nós o suor escorria por nossos corpos e as mochilas castigavam nossos ombros, vendo-nos submersos em pouco tempo em um mar de pó sem oxigênio. O sétimo quilômetro terminava ao pé de uma montanha, onde recebemos a energia **cilial** e em pouco tempo estávamos adormecidos. Ao despertar pudemos ver fisicamente como uma pessoa com os braços estendidos nos observava desde o alto e logo caminhava de um lado a outro coberto com o que nos parecia ser uma túnica branca. Recordamos imediatamente que a comunicação simultânea dizia que um Guia nos daria um sinal ao final do caminho. O personagem ali no alto era real e físico e assim o apreciamos todos. A decisão era óbvia, tinha que subir pela montanha, já que o sinal tinha sido claro e mais adiante outros se seguiriam, como aquela citada em uma mensagem do ano de 1975 e que se acha em nossos arquivos de símbolos e que dizia assim: "Assim como o arco-íris de Armot e as nuvens de Ená, assim as águas de Atalot levarão a luz e emanará o caminho aos irmãos".

Esta mensagem de vários anos atrás relatava com exatidão o que ali estava se cumprindo, pois no dia anterior havia se manifestado o arco-íris com estranhas nuvens e agora as águas marcavam o caminho a seguir.

Começou-se a subir com grande esforço as faldas da montanha que parecia prolongar-se indefinidamente. É curioso que aqueles que estiveram enfermos (com *soroche* ou mal de altura) durante a vinda no ônibus, justamente os três irmãos das áreas altas: Cajamarca, Puno e La Paz, foram os primeiros que conseguiram vencer o cume, sentindo, além disso, uma força imperiosa que os obrigava a descer e ajudar aos demais, dando mostras de amor com o exemplo, do que deduzimos que são as experiências de vida em comunidade as que permitem todas estas manifestações de desapego e sacrifício.

Em toda a costa pudemos contemplar pequenas covas que poderiam ter sido usadas para rituais de talhe mágico-religioso, já que possuíam concavidades e assentos trabalhados na rocha. Ao chegar encima não encontramos ninguém e contemplamos desalentados que debaixo se estendia outro vale pelo que deveríamos descer para depois voltar a subir no dia seguinte.

Acampamos próximo do cume de um monte que chamou poderosamente nossa atenção porque aparecia como uma silhueta mística forjada pelas sombras da tarde que começavam a estender-se. Impulsionados por uma intuição nos atrevemos a identificá-lo como Inimón.⁴

O acampamento se levantou em um terreno desnivelado e nele passamos a noite. Alguns desde cedo preferiram deitar-se devido ao sono atrasado e ao excessivo esforço físico. O ambiente estava carregado de esgotamento que causava o desalento, surgindo em muitos de nós a dúvida de seguir ou ficarmos, pois a prova estava sendo demasiado para a grande maioria.

Na noite quase todos sentimos claramente, entre as barracas, alguém se movimentando. Era difícil pensar que, com o frio abaixo de zero, alguém pudesse encontrar-se lá fora: mas ali havia alguém, isso era certo, mas, quem poderia nos acompanhar a essa hora no alto de uma montanha desolada? Era de madrugada quando pude perceber que essa presença se aproximava da barraca em que eu me encontrava. Nesse momento senti e vi como uma luz a penetrava, crendo nesse instante que se tratava de uma lanterna, mas logo me dei conta que não era assim. Era algo independente, girava sobre si mesmo, lançando chispas, aproximando-se e rodeando-me a cara, seguiu o contorno de meu corpo e terminou por sair por um canto da barraca do acampamento. Imediatamente me envolveu um profundo sono. Despertei muito cedo, tendo descansado maravilhosamente apesar do terreno irregular, do frio, de todas as incomodidades e do déficit de sono que vinha acumulando. O cansaço havia desaparecido como por mágica, me sentia com grande vitalidade, os músculos das costas não estavam em nada irritados nem doloridos pelo peso da mochila.

A noite que tinha passado havia estado rodeada de preocupações que chegaram a angustiar-me até as lágrimas, e não sabia tampouco que direção seguiríamos no dia seguinte, já que havíamos sido enviados em uma direção oposta à conhecida. Por nenhum lugar havia visto algo que me servisse de referência para orientar-me, tudo estava tão diferente e desconhecido, sem embargo, ao levantar-me essa manhã possuía uma segurança que causou assombro a todos e até a mim mesmo: apontei um monte do qual caía uma torrente de água, mostrando que por ali iríamos. Um irmão de Tacna, nem bem saiu de sua barraca, sentiu e viu um raio de luz intenso que de seu peito se projetou para cima e outro que caiu sobre o acampamento.

Ao ir despertando todos, começou o intercâmbio de experiências que haviam tido lugar durante a noite e em sonhos, estas resultaram similares, todos havíamos descansado perfeitamente e alguns antes de se deitarem haviam presenciado a passagem de naves na

(4) O monte onde se acha guardado o conhecimento segundo comunicação do novo tempo recebida em 19.06.75.

direção que eu indiquei. Cedo, enquanto se tomava o café da manhã, alguns irmãos de Lima, Moquegua, Puno e La Oroya se dirigiram para conhecer o cume de Inimón. Alguns ficaram no caminho, mas os que chegaram encontraram uma gruta na qual havia grande quantidade de símbolos, além de uma forma humana como esculpida na rocha que refletia máxima espiritualidade e respeito.

Para matizar ainda mais o cume de Inimón, a caverna tinha uma clarabóia aberta na pedra pelo qual se iluminava o interior, criando uma atmosfera muito especial, foi neste lugar que tiveram os irmãos que nela entraram, experiências de profunda espiritualidade, que foram compartilhadas com os demais irmãos ao chegar ao acampamento com grande felicidade e gozo.

Uma vez levantado o acampamento, começamos a descer ao pequeno vale que se abria ante nossos olhos e ao qual chegamos rapidamente com muito entusiasmo. Pudemos nos refrescar em um regato próximo, cuja água gelada saciaria nossa sede. Uma vez descansados, empreendemos novamente a marcha pela torrente que descia atravessando a montanha indicada. A subida, não sendo tão incinada, se tornou muito mais fácil, além de que sentíamos dentro uma força que durante a noite se havia feito presente. Seguimos o curso das águas que continuavam guiando nossos passos. Dos montes vizinhos os cachorros dos pastores avançaram contra nós com uma fúria aterradora, mas como se tivessem se chocado com algo invisível que os frenara, ou tivessem farejado e sentido algo, se detinham a uns escassos metros de nós, retirando-se com igual impulso. Não esperamos a que mudem de opinião, assim que apertamos o passo, vindo ao irmãos de Puno que regressava da parte alta, pois se tinha adiantado novamente. Não cabia dentro de seu ser, havia em seus olhos uma infinita paz que só podia proceder de uma grande luz interior. Ao encontrar-se conosco, murmurava só palavras entrecortadas de admiração. Dali, todos juntos, nos dirigimos à nascente da torrente. Faltando escassos 30 metros para chegar ao olho d'água (em uma greta negra na rocha), pudemos sentir algo indefinível, olhando-nos uns aos outros, havíamos atravessado algo assim como outra dimensão. Era como se um manto nos acolhera, como se uma brisa fresca e por sua vez um calor em nossos peitos se tivesse de imediato manifestado. Os poros de nosso corpo estavam todos levantados, se nos havia posto "a carne de galinha". Esse lugar era Sillarhuasi, desde ali pude contemplar a mão direita, o lugar onde em 1976 o grupo que chegou, se havia detido finalmente. Estávamos no lugar os que devíamos, no tempo adequado, quando voltaram a se repetir as condições de Agosto de 1975, o ano semiótico começava a se firmar.

Imediatamente colocados no terreno começaram a dar-se noções precisas com respeito aos símbolos, para o qual abrimos o arquivo do que até esse momento havíamos recebido e nele estava claramente o que falava do momento que estávamos vivendo. Aparecia uma pirâmide seccionada, 22 pequenos triângulos e uma forma angusta (o lugar por onde regressaríamos, se chama "angustura"), além do mais apareciam claramente em outra mensagem anterior 22 de Agosto. Em outros símbolos apareceria o número dos avistamentos, o rio como curso permanentemente etc. Tudo estava se cumprindo, pois estávamos ali para viver as comunicações.

No entanto, nos perguntávamos, porque 22 e não 24 como disseram? A resposta viria por si só, já que havíamos chegado a Sillarhuasi 10 personas com a terminação cósmica AM, 10 con AR, 1 con RA e 1 com AH, porém nenhuma com a terminação MA, que representa a Mãe Terra e a Humanidade. Recordamos ali que em todo momento desde que estivemos em Arequipa até Chivay, o principal ausente foi a Humanidade. Os egoísmos pessoais

neutralizavam o sentido transcendente das viagens, o que parecia que os destinava ao fracasso certo. Foi ali que graças aos Guias tudo retomou o rumo correto.

Nesta viagem devíamos realizar o esforço de representar por cima do Rama a Humanidade. Portanto, a terminação que faltava, a representávamos todos. Além da fusão dos 10 AM com os 10 AR, cujo trabalho foi dito que era complementar, surge "AMAR". Os dois irmãos que faltavam para formar o grupo de 24 representavam a síntese da Humanidade equilibrada do futuro da nova vida e base da comunidade, ou seja, o par, o homem e a mulher, também representados em todos nós.

Sillarhuasi é como um diminuto vale rochoso entre os cumes altos das montanhas que oferece um ambiente de paz e onde a geografia do terreno coincide exatamente com os perfis mostrados em desenhos de algumas comunicações. Deixando o equipamento entre as penhas, caminhamos todos juntos até a direção determinada no caderno de símbolos com uma estrela. Chegamos a uma rocha que tinha a forma de uma pirâmide truncada, ali agradecemos a Deus por essa bela oportunidade de oferecer à humanidade esse esforço de fé e convicção e imediatamente nos abraçamos em um emocionante reencontro. Dali chegamos a um lugar onde entre as rochas se formava pequenas grutas, fizemos nesse lugar uma meditação na qual vi aparecer como em uma visão um ser de luz que, pondo sua mão sobre meu ombro, me obrigava a voltar-me, quando aproveitei para ver seu rosto, mas já com os olhos abertos. Sua face era como a de um anjo, mas difusa, já que se interpunha com o sol, o quem sim, pude captar claramente foi um pensamento que compartilhou comigo, que em poucas palavras poderia expressar-se assim: "Ao homem de terceira dimensão se torna difícil transcender, e não sabe ainda manter com o mesmo esforço o nível que consegue. Ao homem ,todavía, falta constância".

O que da mensagem pude compreender foi mais que suficiente, pois tudo havia se confirmado com o chegar ao lugar⁵. O que havia sentido confirmava justificando todo o esforço empregado. Havíamos tido ali a oportunidade de morrer a nós mesmos uma e mil vezes, igualmente de lutar contra a mente que se rebelava ante o que aparentemente não tinha sentido e que obrigava ao corpo mais além de seus limites de resistência.

Tivemos em todo momento a ocasião de compartilhar os alimentos, as ansiedades, o desgosto e até as queixas, nos reconfortávamos, pois sentíamos que devíamos chegar todos e assim todos chegaram.

Depois de minha experiência compreendí que havia já um aliciente mais para seguir, foi assim que descí de la montaña, consciente de que otra etapa nos aguardaba. Al rato, los demás también empezaron a descender, cada uno obedeciendo a su propio impulso, con experiencias similares.

Uma vez reunido o grupo se concordou em voltar a Velille e não passar a noite onde nos encontrávamos, pois tudo o que devia ser se havia dado, assim ganharíamos um dia para a Missão. Emprendemos o regresso de Sillarhuasi às 5h00 da tarde. O entardecer nos colheu descendo pelas ladeiras da montanha, a pesar de que conhecíamos a volta, esta acabousendo muito penosa, já que tivemos que atravessar vários riachos na escuridão, sob o amparo de débeis lanternas de mão. Uma procissão em fila indiana em meio da escuridão total atravessava o gelado cânion, com temor permanente de que alguém se extraviasse. Percorremos grandes extensões de campo alagado a uma temperatura abaixo de zero. O acidente de uma irmãzinha que tropeçou caindo a uma vala coroou a angustiante busca de um caminho, tendo que atenda-la no frio da noite. Retomamos a marcha, contornando ladeiras para atravessar a água que chegava até os **tobillos**. Chegamos a um lugar onde se fez presente uma luz que chamou instantaneamente nossa atenção, pensamos que podia provir

de um centro povoado, no céu uma nave apontava seu rumo nessa direção. Chegados ao lugar silvaram muito próximos de nós, o que pareciam tiros de espingarda. Gritamos imediatamente avisando de nossa presença e seguimos direto para a luz, sendo nesse momento que saiu ao nosso encontro um jovem camponês, o qual não querendo servir-nos de guia inicialmente, aceitou posteriormente por algum dinheiro. Pudemos então contemplar ao redor nosso uma igreja e várias casas. Estávamos em uma fazenda, o que era muito estranho pois não havíamos visto nessa área mais que um vale despovoado.

Nosso guia nos dirigiu com passo rápido até a descida definitiva para Velille, até ali quis nos guiar, pois dizia que seu temor de seguir adiante se devia ao povo que, segundo nos referiu, estava cheio de maldade. Depois de muitos tropeços, pequenos acidentes e quedas, pudemos chegar a Velille às 11h30 da noite, quando todo o povoado dormia. Não havia ninguém na rua e pudemos entrar sem ser vistos, de igual forma que quando chegamos pela primeira vez. Fomos para o ônibus que estava estacionado nos arredores e partimos à uma da manhã rumo a Arequipa, finalizando a primeira etapa.

O regresso está também saturado de histórias, já que o chofer se perdeu, encaminhando-se por caminhos estreitos e paragens incríveis, percorrendo quilômetros entre profundos cânions, onde as construções incaicas saltavam dos despenhadeiros rochosos. Chegamos a lugarejos estranhos por caminhos de gado, até que ao final, depois de muitos sustos saímos dos precipícios para a estrada que vai para Arequipa. Em um povoado próximo a Chivay, um dos irmãos de Arequipa nos deixou, pois o ônibus se desviaria para Arequipa sem passar por Chivay e este irmão tinha deixado seu carro na comunidade rural do lugar. Ao chegar viria a ser, sem querer, alvo da expectativa geral e de uma avalanche de inflamadas perguntas. Chegando a Arequipa, reinava aparente calma, estacionamos o ônibus junto à casa da comunidade urbana e ao descer, fomos presa de uma maré humana que avançou sobre nós para cobrir-nos de felicitações e todo tipo de mostras de carinho e apoio. Não nos perguntaram nada, ao contrário, nos deram múltiplas atenções, era de noite e todos necessitávamos descansar. O esforço havia sido suficiente.

Pouco antes de deitar-me, tive a oportunidade de conversar com o irmão que se separou do resto para Chivay. Estava desconsolado pois havia visto muita superficialidade na grande maioria, havendo respondido a suas perguntas com sinceridade e simplicidade, sem embargo, sabia que não lhes havia conformado, pois esperavam outra coisa.

Os Guias sempre disseram que não especuláramos, que a realidade é muito mais maravilhosa que tudo o que possamos imaginar, porque são nossos juízos prévios, as idéias que fazemos, as que não nos permitem estar conscientes da transcendência dos acontecimentos e, menos ainda, nos permitem valorizá-los.

No dia seguinte se atrasou por várias horas a viagem a Lima, o que devia continuar para Huarochirí, porque se queria fazer uma reunião geral aproveitando do regresso massivo essa manhã, de todos os irmãos de Chivay. A reunião na casa da comunidade urbana de Arequipa, foi impressionante, mais de cento e cinquenta pessoas queriam escutar da boca dos 22, as experiências de Sillarhuasi.

Cada um dos seis países presentes foram representados por um ou mais irmãos com determinação durante os viagens, assim mesmo os grupos do interior do país. Todos tiveram igual oportunidade de narrar suas experiências, ainda que o ambiente não fosse propício, já que a viagem havia se realizado apesar da chamada de atenção dos Guias e em meio de um clima de inveja. Ao final muitos se mantiveram receosos, outros decepcionados e alguns motivados ainda mais a seguir apoiando as viagens, acompanhando desde onde lhes fora possível. De Arequipa saíram três ônibus em distintos horários e o primeiro levava os 22 e

(5) Sillarhuasi era o começo da iniciação para o despertar de consciência final para a preparação da recepção do registro de símbolos. Significava o esforço da autoseleção e a purificação. A vibração de cada um e do conjunto estava sendo acelerada para fazer mais intensas as experiências, facilitar o contato e a capacidade de interpretar.

alguns acompanhantes, chegando cedo a Lima e achando aos irmãos na Comunidade Urbana de Lince onde se descansou o fim de semana, para partir na segunda na primeira hora.

Para a viagem a Huarochirí nos encontramos mais descansados, mas não tranquilos, já que se vivia um ambiente disperso na Comunidade, devido ao fluxo permanente de pessoas e além da baixa vibração da cidade se deixava sentir, pelo que nos sentíamos fora de lugar e, recién no ônibus onde íamos os 22, pudemos compartilhar estas sensações tão claras de desencontro frente ao sistema. Notávamos que necessitávamos uns dos outros para compartilhar espiritualmente, já que havíamos formado uma equipe compacta e unida frente às dificuldades.

Ao chegar ao povoado de Huarochirí descobrimos que os grupos de apoio haviam chegado antes de nós e haviam se instalado. Era de noite e não podíamos fazer outra coisa que descansar. Para um lugarejo do interior como este, todo o grupo representava uma invasão de gente e era óbvio que não estava preparado para abrigar e receber a todos. Os grupos de apoio lotavam os hotéis e os restaurantes não tinham comida porque tinha sido consumida em sua totalidade. Esta problemática situação foi uma grande lição para todos, especialmente para aqueles que, querendo apoiar, dificultaram num primeiro momento o trabalho a realizar-se. Essa noite nos corredores dos hotéis e até debaixo das camas dormiram os irmãos. Às 5h00 da manhã nos reunimos todos na Praça de Armas para ler as comunicações que se havia recebido detalhando o trabalho a realizar. Tinha que sair do povoado em direção à saída do sol, buscar um símbolo, o tridente, e realizar trabalhos mentais de retrocesso reencarnativo, assim como meditações. Os grupos de apoio ficaram em uma saliência da montanha, jejuando e meditando nesse lugar enquanto os 22 desciam por um desfiladeiro para o rio que se encontrava uns setenta metros mais abaixo.

Na medida em que íamos descendo, o sol fazia sua aparição, sombreando os montes e formando-se a figura de um grande tridente nas bordas da montanha. Foi a partir desse momento que vimos ao clarear-se o vale, ficava no ambiente uma coloração violácea. Começamos a subir o monte de frente até que chegamos a um claro, para isso havíamos descido primeiro até o rio e voltado a subir, porém por uma zona menos escarpada. Achávamos em um montículo entre áreas de cultivo para relaxar-nos e meditar. Nesse lugar um dos irmãos de Tacna fez menção à luz violeta que aumentava de intensidade envolvendo o vale, fizemos imediatamente o retrocesso reencarnativo, aproveitando a grande quantidade de energia que se sentia no ambiente. Um dos irmãos do grupo se envergonhou ao terminar sua meditação, pois havia visto como um assassino em vidas passadas. O irmão de El Salvador se surpreendeu ao haver visto alguns dos reunidos nesse momento, anteriormente, como membros de um bando de assaltantes no velho Oeste. Todos manifestaram experiências interessantes, por sua vez que reconheceram haver captado naquele momento um perfume ou aroma especial.

Às 11 da manhã pudemos observar no céu limpo e claro um objeto branco como um disco do tamanho de um avião, que cruzou de uma montanha a outra por cima de nós, lentamente, sem fazer ruído. Pouco depois apareceu uma estrela no céu, com três braços como um tridente.

Regressamos ao rio, de onde voltamos a fazer outra meditação, aproveitando o meio-dia e o jejum que mantínhamos, tendo resultados similares aos anteriores, com o que demos o trabalho por cumprido e empreendemos o regresso voltando a subir pelo desfiladeiro para Huarochirí.

Ao chegar fomos recebidos pelos grupos de apoio com grande regozijo e alegria. Desde a saliência onde estes se encontravam, pudemos ver nos montes grande quantidade de símbolos.

De regresso a Lima o grupo voltou a se sentir fortalecido, pois ia forjando uma união profunda no esforço e sacrifício, motivados assim para seguir adiante sem fraquejar. Não permitiríamos esta vez que a cidade baixasse a vibração conseguida.

Partimos para Marcahuasi sem conhecer o lugar exato, mas com uma pessoa menos, já que o irmão Elard de Tacna não pôde continuar, devido ao falecimento do senhor seu pai. Seguimos a viagem guiados pela intuição, esperando que algum sinal nos indicasse o desvio que deveríamos tomar para nos dirigirmos como o indicavam comunicações, 30 quilômetros ao norte de Marcahuasi. Chegando ao pé de San Pedro de Casta nos encontramos então com os grupos de apoio que já haviam se instalado aos lados de um riacho, formando uma bela aldeiazinha de barracas. Foi aqui que a organização dos grupos de Lima que recaiu em umas poucas pessoas comprometidas, começou a funcionar perfeitamente, já que até esse momento seus esforços haviam sido insuficientes para controlar a avalanche de gente que queria participar. No caminho nos esperavam alguns coordenadores que nos atajaron, consultando-nos se seguiríamos o desvio da esquerda que afinal de contas era a união que se apartava do caminho de San Pedro, era pois o sinal esperado e assim o deixei sentir, seguindo pelo desvio que subia mais e mais a montanha. O caminho ia se estreitando até reduzir-se a uma mínima expressão, à borda se abria um abismo espetacular, o qual se constituiu de uma prova de autocontrole que durante várias horas destroçou nossos nervos.

Chegamos a uma área onde já se notavam as nevadas e onde as águas seguiam indicando-nos o derrotero co vertiginosa torrente. A intuição fez com que detivéssemos o carro e contemplássemos o sinal definitivo. Uma grande rocha desprendida dos cumes mostrava inumeráveis desenhos rupestres, alguns dos quais se encontram nos arquivos de símbolos. Ali paramos para acampar. Os petróglifos se multiplicavam com a finalidade de querer explicar uma abstrata concepção do cosmos e o homem. Na noite, no acampamento, se aproveitou para unir mais fortemente os vínculos que nos uniram. Cada um contou como chegou Rama e quais eram suas metas. Foi essa uma grande oportunidade para nos conhecermos.

No dia seguinte depois de desejuar, nos dirigimos a uma caverna que se encontrava no alto da montanha. No caminho de subida vimos pequenas grutas com restos ósseos humanos.

Ao chegar ao pé das cavernas, uns quantos irmãos se separaram de nós extraviando-se. Ao desviar-se do resto encontraram uns desenhos nas rochas, entre os quais se destacava a letra "Z". Já no interior da gruta, os demais se introduziram uns 10 metros na escuridão reinante, meditamos e recebemos uma comunicação, enquanto se recebia a mensagem alguns irmãos viram sobre mim, que estava servindo de antena receptora, um halo, sentindo por sua vez que várias pessoas estavam ali enviando energia com suas mãos sobre minha cabeça. A mensagem recebida dizia: "Os Mestres, os Guias, assim como os retiros interiores se encontram na quarta dimensão, em dimensões paralelas mas em planos de uma vibração muito maior, sendo realidades materiais mas vibrando a alta velocidade". Até ali mal havíamos começado um processo de abertura que até o final das viagens não concluiria, já que descobrimos que havíamos começado a receber e a nivelar-nos, pelo que os resultados deste mês surgiram à luz da maturidade que outorga o tempo. Para poder seguir com as etapas que faltavam, teríamos que sensibilizar-nos mais e manter aquela consciência despertada, para assim estar conscientes e ter acesso a níveis superiores, aos quais se haviam reservado estas experiências.

O grupo extraviado suportou uma forte nevada no cume, mas também obteve experiências maravilhosas, tiveram uma série de visões à raiz de uma meditação que realizaram, e na qual lhes administraram conhecimentos semelhantes aos recebidos pela outra parte do grupo, relativos à quarta dimensão, a ordem de experiências e à necessidade de nivelação na consciência dos irmãos, para que soubessem aproveitar a chave de abertura que havíamos recebido no Rama. Quando nos vimos reunidos todos ao descer, havia em nosso interior a segurança de que a viagem até esse momento havia tido êxito. Seguia-se sentindo em cada lugar a que chegávamos, a mesma energia, fragrância até certos sons característicos assim como a cor violeta.

Os grupos de apoio foram se reduzindo na medida em que passava o tempo e as viagens se realizavam, mas caso contrário, a ajuda aumentava, sentindo-se cada vez mais intensa até ser um estímulo permanente.

A viagem a Ica também apresentava a falta de especificação de lugar, pelo que deixamos que a intuição ou um sinal nos mostrassem o lugar adequado. Pensávamos que a organização final dependia dos Guias e a parte nossa era a disposição humilde, porque não podíamos nos preocupar por detalhes que não eram nossa responsabilidade, dar o melhor de nós, fazer o possível por chegar e estar presentes era o nosso, o resto, ou seja, o lugar, as experiências e demais, já recaíam nos Guías, pois essa era sua Missão.

Ao subir no ônibus que nos conduziria até Nazca, pensei que se daria algum sinal no caminho, apesar de que tinha a imagem gravada de um lugar que me dava voltas na cabeça, e eram as Pampas de Nazca (zona dos desenhos). Esperei que tudo se desse e quando estava adormecendo, fui despertado por um irmão do Chile, que me consultou sobre o lugar definitivo no preciso instante quando passávamos sobre a área dos Pampas. Detivemos imediatamente o ônibus e ao descer percebemos que durante todo o caminho havíamos tido uma insólita chuva, assim como uma espessa neblina, sem embargo, ali havia lua cheia com um belo céu estrelado e claro. Contornando os montes buscamos aproveitar a hora pelo fresco do ambiente para trasladar-nos a maior distância possível da estrada. Ao percorrer o pampa, pudemos observar como cada certo trecho a temperatura de nosso corpo variava, assim como a sensação de peso em nossas mochilas.

Descemos por barrancos e desfiladeiros profundos, até que nos vimos forçados a nos deter para retomar as forças descansando, foi ali que uma irmã de Tacna e um irmão da Argentina solicitaram comunicação, pois percebiam no ambiente muita energia, sendo uma sensação unânime. Tinha que receber uma mensagem e quando nos dispunhamos a recebê-lo, se deu um lindo avistamento com lampejos de luz e energia. A comunicação nos dizia que compreenderíamos o porquê desda parte da viagem, se chegássemos a descobrir a natureza do lugar onde nos encontrávamos. Dormimos umas duas horas até que amanheceu. Aproveitando o sossego do ambiente, percorremos a área adentrando-nos em uma quebrada onde fizemos meditação. Seguiram depois as experiências em níveis muito pessoais nas que surgiam as lembranças de vidas passadas.

Alguns irmãos tiveram experiências no primeiro dia, podendo através delas compenetrar-se com a luz e o som, tudo isso com um profundo sentido espiritual que nos enriqueceu a todos. Ao retomar pela quebrada, pudemos observar no alto de um monte, uma grande caverna que chamava profundamente a atenção e que convidava a escalar depois de transpô-la, o tivéssemos feito de não haver estado tão difícil seu acesso, ademais a temperatura do deserto subia vertiginosamente.

Da elevada altura a que chegamos alguns, se podia observar as linhas e figuras que se multiplicavam por todo o lugar. Ao elevar-se o calor, extendemos os toldos das barracas

enquanto que um grupo desceu para o vale do Engenho para conseguir alguma fruta fresca e água.

Enquanto percorríamos as imediações do acampamento, passamos por diversas linhas que se entrecruzavam, nelas encontramos grande quantidade de cerâmica Nazca fragmentada.

Ao entardecer, depois de haver tirado uma soneca, pudemos receber o grupo de irmãos que regressava do vale trazendo laranjas e água, que amorosamente compartilharam com todos. Foi admirável ver o espírito de sacrifício e entrega que chegaram a desenvolver as diversas pessoas que participaram durante as viagens, tanto apoiando como intervindo diretamente.

À noite se dispôs o grupo a realizar a meditação para a qual nos relaxamos. Nesse momento, devido à grande quantidade de energia do ambiente positivo, se ampliaram as vivências. No meio do grupo se fez presente um Guia em projeção, sentindo-se claramente como seu corpo se interpunha entre a lua e nós. Em mais de um a sensação foi de imposição de mãos.

Em minha experiência pessoal, me vi rapidamente impelido para fora, em uma saída astral, imediatamente me dirigi em direção à caverna que havíamos visto na manhã. De pronto já estava na entrada, com o que pude ver fazia adentro. Observei que não tinha muito fundo assim que me trasladei para o interior tocando a parede da rocha, recordei que no exercício da manhã aprendemos que podíamos integrar-nos com os elementos, assim que me identifiquei com a rocha a tal ponto que a atravessei suavemente, entrando em uma caverna muito mais profunda. À escuridão inicial se opôs uma luz esverdeada crescente, então da penumbra assomaram três personagens resplandecentes, com aparência de Mestres. Um deles teria uns 30 anos, outro uns 45 ou 50 anos e o último de 70 anos, todos eles com túnicas brancas.

O Mestre mais jovem se manifestou como o Raio da Vontade, dirigindo-se a mim com uma mensagem que podia expressar assim:

“Tiveram a força de vontade para chegar até aqui, apesar de sua preparação deficiente, caíram vez ou outra, mas seguiram obstinadamente, tratando de superar-se. Sómente se equivoca quem realiza um trabalho de risco, arriscaram tudo e tudo receberam. A insuficiente preparação fica, pois, compensada em parte pelo esforço realizado. Há em muitos de vós uma vontade pessoal de seguir adiante por seus próprios pés, essa é vossa fé, mas há outra vontade superior que procede de Deus, que indica vosso caminho até o dia em que chegarão a percorrê-lo. Da compreensão de ambas as vontades e de que saibam conciliá-las depende sua decisão pessoal que é a livre opção, dando como resultado a verdadeira paz interior. Quando saibam ser constantes em vossas buscas, terminarão de chegar...”

Ao dirigir-se a mim o segundo Mestre, o que aparentava unos 45 anos, pude identificar nele, o Raio da Sabedoria, enviando-me pensamentos de profundo conteúdo, que traduzido em palavras poderia aproximar-se ao seguinte:

“Ao homem se torna mais natural viver por outros, acumular e juntar experiências pessoais de outros homens aos que qualifica de grande mestres, dedicando-se a imitá-los e, no pior dos casos, nem sequer isso, terminando por aparecer como um simples remedo da parte idealizada de um personagem e somente de uma parte deste, daquela que convenientemente quisemos conhecer dele. A importância de ser autêntico no caminho espiritual, vem da percepção de que o caminho a iniciar-se, se abre pouco a pouco ante nossos olhos e ante nossos passos, por expressa vontade do Criador, que escolheu o momento de nos motivarmos a despertar. E que este caminho é original e pessoal, jamais

percorrido antes nem será caminhado depois, cujo nome é autorrealização. A autorrealização não depende de práticas nem exercícios, senão de um processo natural no que o homem se reconhece necessitando de água viva e saciadora da verdade única e universal, é assim que enquanto não descubra essa necessidade vital espiritual, não buscará nem achará, pois somente o instinto espiritual (intuição), o conduzirá à fonte, não importa a forma de busca senão a sinceridade e constância.

O caminho percorrido da autorrealização aproximará da sabedoria, que somente é a conclusão prática dos ideais.

A sabedoria é a afirmação útil das experiências, consistindo simplesmente em ser consequente e verdadeiro consigo mesmo para assumir as condições, os requisitos do próprio caminho. Nos livros não ninguém encontra nada seguro, todos são relatos e narrações que afastam do tesouro da vivência pessoal, rica em ensinamentos de contato humano e pródiga em realizações.

"Serás sábio quando agires conseqüentemente com o que pensas, mas antes, muito antes, "sentires" intuindo, assim não equivocarás o caminho".

O terceiro ancião, o Mestre de 70 anos, que identifiquei como o Rayo do Amor, deixou cair pesadamente seu corpo sobre um assento de pedra, desde onde – e recordando sua vida, como quem conta histórias ao fim de seu caminho e busca – voltou a olhar-me levantando o rosto que também havia inclinado e disse algo que poderia expressar-se assim:

"Somente o que ama pode sentar-se ao final do caminho para contemplar o percorrido e descansar ou pedir algo de água universal que não será outra coisa que mais forças do Criador, mais tempo para seguir amando e seguir morrendo pelos demais. O amor começa o dia em que alguém descobre aos outros, ao próximo, que não é apenas o que está perto, senão ao que, todavia, alguém não tem se aproximado. O amor chega a sua maturidade quando só ficam os demais, quando o ego desaparece finalmente na cruz da renúncia e do sacrifício. A cruz é o final de todo caminho e início de um novo, é também a meta de toda vida plenamente vivida, ali se sela o amor. Deus assim marca a seus filhos e os reconhece.

Somente quando se tem amado totalmente, sem guardar nada para si, sómente nesse momento, teremos a visão da plenitude do Senhor, pois Deus é Amor e não só amor.

Saberão descobrir a verdadeira felicidade, quando começarem a amar, mas com todo seu coração, sua mente e espírito, assim o próprio amor irá preparando-vos o momento de vosso sacrifício final. Haverá muitas oportunidades de voltar-se atrás, mas uma só de seguir e a tomará aquele que realmente já começou a amar.

Ama, mas com todas tuas forças, assim descobrirás que nada há mais importante de conhecer e fazer. Crê no amor e verás que é o único capaz de transformar o universo e no que nunca poderás sentir-te defraudado, pois ele não permite expectativa alguma. Começa em ti e termina nos outros, acabando por despedazarte em uma comunhão santa, na qual todos terão algo de ti que já não serás tu, senão somente amor, porque nesse momento, tu já serás amor.

A síntese do Amor humano se traduz através do par, que representa o equilíbrio universal, mas no divino o representa "o outro", o próximo, em quem está Deus. No humano, a fusão das duas polaridades complementares dispõem o momento da maturidade de consciência. Deus te tem bendito ao permitir-te conhecer a pessoa que te complementa, serás para ela seu mestre assim aprenderás ensinando. Tua esposa será teu equilíbrio e tu serás para ela seu "Guia".

Perguntei então se já era tempo de que me lembrasse daquilo que havia visto no Xendra sobre o futuro da humanidade. Imediatamente os Mestres se colocaram de lado, deixando ver

na rocha uma grande quantidade de imagens que me renderam penosamente conhecidas. Vi continentes completos arderem, vi montanhas submergirem no mar em meio a grande estrondo, multidões de pessoas se debatiam em uma desesperada luta pela sobrevivência, arrastando-se pelas calcinantes ruínas de fumegantes cidades. Entre carrocerias de automóveis cobertos de cinzas, figuras humanas se lamentavam de não haver conseguido morrer. Vi também barcos de guerra com bandeiras vermelhas, levando sua sinistra ameaça mortal a um e outro lado do mundo, e depois uma grande nuvem como uma grande couve-flor com odores intensos.

Imediatamente todo o planeta se rompeu e se escutou um só estrondo, como um apito de trem que resumia os gritos de toda uma humanidade sem esperanças. Um grande desastre produto de um fenômeno cósmico havia detonado a carga de soberba humana sobre o próprio corpo da humanidade, dissolvendo-a até os ossos.

Foi aqui que já não pude reter as lágrimas, senti que meu coração se apertava cheio de amarga dor, mas nesse crítico momento, as imagens mudaram e vi esperança em umas crianças que jogavam entre casinhas de madeira em meio de um vasto verdor. Finalmente a imagem se trasladou a um lugar rochoso, onde me vi com as mãos estendidas, das quais saía grande quantidade de energia, assim também de meu peito e pés. Passado um momento me desabava ao chão como morto, depois tudo se desvaneceu.

Ao término da visão, pude voltar conscientemente a meu corpo, recordando claramente o vivido, mas muito impressionado, a tal ponto, que as palavras saíam dificultosamente de meus lábios. As experiências de todos também haviam sido importantes, o que eu vivi, reafirmava a convicção geral do transcendente passo que havíamos dado até esse momento.

Uma vez finalizado o contar das experiências, observamos no céu límpido um lindo avistamento. Uma nave como um gigantesco lucero havia estado todo o tempo da experiência do grupo sobre nós e quando alçamos a vista, se moveu mudando de trajetória até em quatro oportunidades, lançando uma grande quantidade de lampejos e mudanças de luz.

No dia seguinte, já de regresso pelo pampa, viramos ao subir a uma colina para contemplar o traçado de linhas, podendo observar que grande quantidade de raias e linhas partia da colina, como formando uma rede imensa. Havia linhas grossas, largas e outras estreitas, mas todas projetando-se quilômetros na distância. Fizemos uma meditação sobre uma linha que subia para o monte, nessa experiência se descobriram véus que ocultavam as recordações de vidas passadas. Lembrei-me e vivi experiências de outras existências com uma clareza assombrosa, assim também os demais. Ao terminar a meditação surgiram intuições diversas sobre a natureza do lugar, sabíamos quem havíamos sido, agora tínhamos que descobrir o significado do lugar.

O lugar representaria um diagrama ou mapa maior da terra, faz milhares de anos, com um astroporto sugerido⁶ e uma representação simbólica dos centros magnéticos do globo. As linhas ao modo de um quadriculado, seriam um plano onde os desenhos estariam em coordenadas específicas. Os traçados de raias corresponderiam às linhas de força do planeta, linhas que teriam sido conhecidas e respeitadas até o tempo dos Incas, para fazer os caminhos e construções. O homem moderno tem descuidado das linhas de força que atravessam a terra, tem obviado conhecimentos que teriam dado a consciência necessária para não romper com leis naturais ao estruturar suas vias de comunicação. As viagens seriam mais seguras pelos caminhos naturais que possuem a energia do planeta, assim como os animais quando intuitivamente buscam esses caminhos para proteger-se a seu amparo, e as árvores silvestres os delineiam.

Ao atravessar o descampado, voltamos a corroborar que em cada linha há variações de temperatura muito marcadas.

Novamente na comunidade de Lima, começou-se a trabalhar para coordenar a última viagem, que por sua vez, teria uma importância especial, já que seria a conclusão de todo um tempo de inconsciência. A última viagem permitiria a recepção final dos arquivos de conhecimento, tal qual aparece no Informe Rama (Comunicações 1974-75), além de que representaria o fim de um desafio coletivo.

A viagem final a Huarochirí também exigiu o esforço de intuição, assim chegamos a uma área rochosa nas mesetas altas (4.600 metros), onde acampamos na companhia de um grupo de apoio, que se localizou e uma área um pouco mais baixa, enquanto nós seguíamos caminhando, tendo deixado antes nossos equipamentos junto a eles. Chegamos a um penhasco entre as rochas, a partir de onde se chegava a ver até o mar pela altura em que estávamos, tinham ali três covas.

Quando nos aproximamos das grutas, claramente se sentiu um ambiente de recolhimento, era como se o lugar congregasse centenas de pessoas e uma emoção indescritível nos comoveu.

Tinha um pequeno muro de pedras dando ao lugar a impressão de ser um panteão. Ao entrar na gruta do meio se percebia toda a solenidade de uma capela em um mausoléu. Detivemo-nos à entrada daquela que era mais profunda, contemplando extasiados o por do sol, que mostrava cores únicas, sobre tudo um violeta intenso no espaço. Ao término da primeira meditação nos incorporamos todos, tomando-nos as mãos para realizar uma corrente de ajuda ao planeta, visualizamos país por país toda a América, mas já quando estávamos vendo os Estados Unidos, desabei ao chão. Havia se cumprido a visão de Nazca na que liberava grande quantidade de energia e caía como morto. Sentí-me então descer em um abismo escuro do que reagi uns dez minutos depois, vendo que outros também estavam sendo atendidos. Ao recuperar-me, me trasladei a descansar ao fundo da gruta onde fechei os olhos e senti que duas pessoas se sentavam a meu lado, escutei o ruído de suas pisadas, abri os olhos mas não havia ninguém nessa imensa escuridão que contrastava com a claridade da noite na boca da gruta. Voltei a fechar os olhos, aparecendo em minha mente a imagem de alguém vestido de negro, parado diante de mim. Essa figura foi desaparecendo e ocupou seu lugar, outra de um ser de veste reluzente, que se encontrava por detrás da primeira e que me chamava a segui-lo. Saí rapidamente em um desdobramento extraordinariamente consciente e involuntário, no qual seguí este ser que me levou a umas rochas no alto do monte. Olhou-me nos olhos e compartilhou estes pensamentos comigo:

"Há quatro classes de pessoas frente ao caminho espiritual. Os primeiros são os que ainda não têm despertado para a necessidade de beber a água do manancial da vida. Aqueles ainda têm sede da água viva, da única água que lhes poderia saciar todas as suas necessidades. Estas pessoas vivem no mundo e para o mundo, amam aquele cárcere dourado que se tem criado e que o sistema lhes determina como cota frente a sua voluntária inconsciência. Estas pessoas têm um deus e muitos deuses, criados a sua imagem e à medida de suas necessidades. Não têm mais necessidade que de sua força para sobreviver como aves de rapina na selva da civilização ou como roedores que escavam entre as sobras dos reis deste mundo. Evadirão uma e mil vezes da responsabilidade de descobrir-se como seres humanos para não ter que apartar-se do lodo de seus vis instintos nos quais se chafurdam como porcos cevados que algum dia irão ao matadouro. Estes primeros, atados ao plano repetirão em outros mundos o ciclo que não souberam aproveitar por haver rechaçado a oportunidade que este lhes ofereceu para definir-se.

Há um segundo grupo de pessoas que já despertaram para a necessidade de encararem seu caminho espiritual, porém estão tão oprimidas pelo sistema e por suas vis paixões, por aquelas manifestações do ego que lhes impedem de assumir seu próprio compromisso de realizar-se, que se limitam a questionar os outros sem se comprometerem. São aqueles que buscam alguém que possa garantir-lhes um desenvolvimento seguro, sem risco algum, são os seguidores de mil e um grupos, mas que são incapazes de se sacrificar por nada. Se há alguém que esteja disposto a viver e morrer por isso, a esse seguirão e até o ajudarão a morrer. Estes estão caminhando em círculo, porque ainda não têm desenvolvido a capacidade de encarar seus erros, de aceitá-los e menos ainda, de superá-los. Não sabem perdoar, pois teriam que começar por eles mesmos e dar-se uma oportunidade.

Este grupo de pessoas busca todavia, satisfazer seus desejos aos que falsamente denominam viver o amor.

O terceiro grupo é formado por aqueles que continuamente se equivocam, aqueles que tropeçam por tomar iniciativas e por propor-se seriamente com prioridade um caminho de decisões, buscando de uma forma ou de outra, sinceramente a luz, mas ali onde se pode achar, dentro de si e na relação com o próximo.

Este terceiro grupo insiste tenazmente por vezes, levantando-se por cima de seus desalentos, porque já tem desenvolvido a capacidade de perdoar. São estes os que a golpes aprenderam a aceitar e amar a cada um, tal como é. Este terceiro grupo possui uma grande virtude e é a perseverança, porque na aventura espiritual só está garantido o triunfo do que chegue até o final. Há ainda muita escuridão e alguém terá que golpear-se muito antes de que possa andar definitivamente na luz. Estas pessoas já começaram a morrer para si mesmos, pois são conscientes de sua tarefa de abrir caminho com o exemplo.

O quarto grupo é aquele formado por aqueles que murreram para si mesmos pelo amor. Aqueles que crucificaram o egoísmo e negaram sua vinculação com o mundo e o império dos sentidos. Somente quando nosso amor for maior que nosso apego à vida, aprenderemos a viver mais plenamente e já não necessitaremos pedir da água viva, pois seremos como mananciais inesgotáveis de uma beleza sem igual..."

Ao terminar a visão as sombras da noite criavam fora da gruta imagens alucinantes. Alguns irmãos ao compartilhar experiências disseram ter visto igualmente seres de negro e seres de luz. Até esse momento guardávamos um estrito jejum desde o dia anterior, e nessa noite em especial, era como se se aproximasse a hora de nossa morte, da qual nasceríamos novamente mas com um despertar de consciência próprio de seres encaminhados.

Os Guias em comunicação tinham citado essa noite como a conclusão de um processo de maturidade, uma vez que haviam referido que se daria uma cerimônia de iniciação cósmica. Toda iniciação espiritual é uma representação da morte mística e ali havíamos vivido em uma noite de nascimento e morte como símbolos. Alguém do grupo recordou o presépio de Belém e a tumba de Jerusalém, que, sem comparação possível, retratavam os símbolos que ali se mencionavam.

Às dez da noite, descemos até os grupos de apoio, conscientes de que tudo havia sido como devia ser, as vivências plenas em níveis espirituais, nos motivavam querer compartilhar esse momento, mas não haviam as palavras para explicar sequer o que se sentiu, então as palavras se deixaram de lado e nos abraçamos desejando-nos a paz. Foi aí quando por cima dos montes, confirmando o transcendental do momento, passou uma nave, muito baixa sem fazer ruído algum.

Havíamos retomado o caminho da Missão na última oportunidade possível e às portas da "décima chamada de Anrrom". Os dez anos mais críticos para a humanidade, que começam este ano.

Já havia mais de um exemplo concreto de vivência Rama, pelo qual não foi tão difícil estar consciente quando se teve de realizar as viagens e retomar a responsabilidade determinada. Sabemos agora que fizemos todo o possível de nossa parte para concluir o trabalho estabelecido. Tive apoio dos Guias mas o trabalho devíamos fazer nós.

Tinham nos reunido para um trabalho incompreensível, no que devíamos representar não só o Rama, senão também a humanidade. Agora a mesma força que nos uniu, nos desagrega e separa introduzindo-nos no mundo, para que compartilhem as vivências nas que nos vimos fortalecidos.

A viagem durou 21 dias, contando desde o dia 29 de Julho em que se partiu de Arequipa a Chivay, até 18 de Agosto, dia em que se regressou de Huarochirí. Durante todas essas viagens, os grupos de apoio assim como o grupo dos 22, tiveram plenas experiências com o respaldo constante dos Guías. Avistamentos programados, percepções estupendas, projeções e desdobramentos a todo nível foram o resumo de um mês de viagens.

Ao compartilhar experiências com os grupos de apoio, pudemos apreciar vivências impressionantes, que demonstravam a grande unidade que caracterizou o esforço conjunto. Um exemplo claro o demonstram os grupos de Lima e Bolívia que viram mentalmente com toda clareza, o momento da grande depressão moral e física que passamos depois de subir a montanha Inimón, rumo a Sillarhuasi, além disso visualizaram as flores amarelas de todo o caminho. Outro exemplo claro o indicam os raios de luz projetados por debaixo das nuvens de Marcahuasi, entre os grupos de apoio de Lima e El Salvador, e tantos outros exemplos que afirmavam o especial desse momento.

A pesar de todas as manifestações evidenciadas dos irmãos maiores, teve muita incredulidade e ceticismo de parte daqueles que em um primeiro momento das viagens não foram capazes de questioná-los, mas até aqui se dá a liberdade e amplitude de critério que deve existir, sempre. Os diferentes pontos de vista contribuíram para fundamentar em todos nossa fé no trabalho espiritual.

A quarta dimensão está tão próxima, porém depende de que nos elevemos em nossa frequência vibratória, e isso só poderá ser, quando compreendendo as leis universais que tudo regula, vejamos que tudo tem uma razão e um sentido, que a vida posta nas mãos de Deus cumpre uma maravilhosa e útil finalidade.

Durante estes meses não se fez outra coisa que cumprir comunicações passadas, atualizadas, corroboradas e apoiadas com claras manifestações dos Guias. Se neles se dizia que receberíamos algo ao se fazer segundo se disse, todo o pedido, o que se devia dar se supõe então que já começou a dar-se. Que todo o que leia isto tire então sua própria conclusão.

Não podemos dizer que se recebeu o Livro dos dAs Vestes Brancas, porque em um ambiente como o que oferecemos em Chivay, demonstramos uma vez mais que não estávamos preparados nem sequer para cumprir com o trabalho que nos havia determinado, portanto tornava-se muito arriscado entregar de imediato e de forma física, algo que ainda segue aguardando-nos. Os Guias conhecem nossas fraquezas, mas também nossa convicção que cresceu quando apesar de todas as dificuldades, realizamos humildemente as viagens, assim que, com base naquele mérito, os Livros tem começado a dar e com eles a selar o trabajo Rama. O que podemos afirmar os 22 que fomos voluntariamente representando a todos os

demais, é que o ocorrido superou as expectativas, assim como superou todo o cálculo de esforço, vivendo ao final um despertar de consciência.

EPÍLOGO

As viagens de Agosto terminaram, mas as conseqüências delas redundaram na atual consciência Rama que todos aqueles que tiveram o valor de seguir, mantêm.

As etapas inconclusas da Missão determinaram que esta continuasse independentemente de nossa apatia, dejadez, inconstância, medo de errar e falta de fé de cada um. E sempre seguiu com alguém que nesse momento sentiu que Rama era demasiado importante e incompreensível para deixar que tudo se perdesse. Por isso Rama dez anos depois é sólida, extensa como trabalho de difusão, permitindo-nos estreitar cada vez mais os laços de união entre os irmãos contatados de todo o mundo, e viver em diversos lugares, encontros próximos e experiências similares às ocorridas desde o início.

Os avistamentos, mensagens e contatos físicos têm continuado como sinal de apoio crescente de nossos irmãos Guias no trabalho desenvolvido, que apesar de haver estado propenso aos erros tem servido para nos comprometer e temos aprendido ao fim que Rama é comunicação, é contato e que este não depende de condições particulares nem de um lugar em especial, senão apenas de uma preparação para sabê-lo valorizar e disposição para compreender que os encontros não são um fim em si mesmos, senão um meio pelo qual temos a certeza de que há um respaldo moral, que garante o bom desenvolvimento do trabalho.

Hoje a Missão se tem adaptado às condições de nosso tempo, enquanto dure a utilidade de sua difusão. É assim que em um momento de grande tensão como é o presente, que submerge a nossos países na incerteza, desconfiança e o terror, temos nos visto obrigados a dar as condições de segurança e proteção a todos aqueles que participam da preparação através de saídas e dar também um aval para quem propaga a mensagem, para que esta sempre seja dada de forma gratuita e desinteressada apesar das múltiplas tentações para expandi-la descontroladamente ou através de formas que possam contaminá-la.

A Missão Rama não pode ser distorsida já que é claro que não planeja a salvação física como um fim senão como uma conseqüência da presença extraterrestre. A Missão Rama não pretende considerar-se diretamente como o veículo de salvação da raça humana, mas sim considera a necessidade de salvaguardar os valores perdidos, de ajudar a salvar a humanidade de si mesma, de seu egoísmo e soberba, mas, sobretudo de sua ignorância.

Rama é um despertar de consciência, é um chamado à reflexão mediante a mensagem de alerta de civilizações siderais. Rama é uma alternativa ao Mundo, um momento em que podemos chegar a compreender o porquê de nossa existência. Rama é forjar um homem novo, aquele e agora, que por si seja uma esperança, com uma atitude diferente e um exemplo conseqüente.

Agora sabemos que a Missão Rama dez anos depois, é o alerta mundial e que o tempo é chegado para uma mudança na Terra. Rama representa uma alternativa frente a esta mudança e aviação da humanidade, Baseia-se na esperança e consolo que nos dá o saber que somos irmãos e filhos em um lar de muitos que é o Universo, e que não somos os melhores nem tampouco os piores e que se outros conseguiram sobreviver e superar etapas como esta, descobrindo a Deus como razão e meta de sua existência, nós também poderemos e o mais importante, que temos sido adotados por seres bondosos que assumem a condição

de nossos irmãos mais velhos, porque acreditam em nós e sabem que há mais de bom que de mal na humanidade.

Aventuremo-nos todos os que captamos na mensagem o sentido transcendente e caráter, prático da vontade do Criador em continuar a instrução iniciada para servir em um tempo iminentemente próximo, como instrutores da nova humanidade, que hoje já está forjando-se nos filhos dos que já têm despertado a consciência.

AVANTE MISSIONÁRIOS NA LUZ!
AGORA É O TEMPO EM QUE O TEMPO É AGORA!
RAMA É AMAR!

RESUME CRONOLÓGICO DO CONTATO EXTRATERRESTRE E SEUS ANTECEDENTES

1951: Acidente de Carlos Paz García, permanece três meses em estado de coma. No hospital sofre intervenções com trepanações no crânio.

1953: Paz García toma parte na Associação Peruana de Astronomia. Nesse mesmo ano, se casa com Rose Marie Wells Vienrich.

1955: Em 31 de Janeiro, funda o Instituto Peruano de Relações Interplanetárias (I.P.R.I.), como resposta à crescente onda de observações em nível mundial.

Em 12 de Dezembro, às 3h30 da manhã, nasce o segundo filho do matrimônio: Sixto José Paz Wells.

1965: O I.P.R.I. é convidado a múltiplos congressos internacionais, no Brasil e na Argentina.

1966: A Força Aérea do Perú oferece seu total apoio às investigações sobre os Ovnis nos Andes Centrais e na área de Cusco, disponibilizando helicópteros.

Cursando o 4º ano Primário, Sixto é interceptado, a caminho do colégio, por uma grande sombra circular que sobrevoando umas árvores, produzia um estranho zumbido. Repentino aumento no rendimento escolar.

1967: É descoberto um "Astroporto", onde continuamente descem Ovnis na área de Sicuani-Cusco. Paz García viaja acompanhado de outros investigadores.

1968: A imprensa limenha e a televisão se interessam pelo cada vez mais popular tema dos Ovnis. O I.P.R.I. é entrevistado continuamente.

1969: Diplomata Dominicano narra sua insólita experiência em uma estrada de seu país, com seres extraterrestres procedentes de Ganimedes, o maior satélite do Planeta Júpiter, isto durante as tradicionais reuniões das quartas-feiras do I.P.R.I.

Os Astronautas da Apollo XI, que pisaram na Lua, visitam o Peru. São homenageados pelo I.P.R.I., que fazem importantes revelações de seus encontros com Ovnis na Lua. Neil Armstrong é nomeado sócio honorário.

1970: O I.P.R.I. é freqüentado pelo posterior autor de um livro de difusão sobre contatos com seres de Ganimedes. Esta pessoa procura a amizade de Carlos Paz García, para obter informação.

1972: Sixto Paz conclui seus estudos escolares, alcançando a primeira colocação e as mais altas qualificações.

1973: No mês de Janeiro, Paz García é convidado pelo S.I.R.D. (Sociedade Internacional de Realização Divina), associação orientalista yoga, para dar uma palestra sobre

os Ovnis. Auxiliam seus filhos acompanhando-o e é Sixto, que impressionado e motivado pelo novedoso ambiente volta na semana seguinte, integrando-se à tal sociedade.

Sixto ingressa na Universidade Católica de Lima, no mês de Agosto. Continuará assistindo ao S.I.R.D., onde aprenderá as técnicas básicas de Respiração, Relaxamento, Concentração e Meditação, incursionando também na prática de Hatha Yoga e Meditação Mantram Yoga.

1974: Na segunda semana do mês de Janeiro, sai a notícia nos jornais de que existe um projeto que está atrás dos sons captados do espaço exterior pelos radiotelescópios, já que se pensa, que estes poderiam ser mensagens irradiadas de outros planetas.

Organiza-se uma palestra no I.P.R.I. como comentário à notícias de supostas mensagens extraterrestres descobertas nos ruídos espaciais. Sobre o tema "A Telepatia, como Comunicação mais além dos Sons", disserta o Doutor Víctor Yáñez Aguirre, Presidente da Sociedade Teosófica e Médico Ginecologista do Hospital Militar. À dita conferência assistem Charlie e Sixto Paz Wells, convidados pelo próprio Doutor Yáñez.

Em 22 de Janeiro às 9h00 da noite, se recebe a primeira comunicação do Guia espacial Oxalc, desde Ganímedes, em uma reunião na que estão presentes a senhora Paz, Rose Marie Paz Wells e Sixto, que a recebe de maneira psicográfica (escrita automática).

Em 23 de Janeiro se dá a segunda reunião à que assistem 20 pessoas. Oxalc volta a se comunicar e indica o dia 7 de Fevereiro e o quilômetro 60 ao sul, como confirmação com um avistamiento. O encontro ocorre tal como é prometido na área de Chilca, às 9h00 da noite.

Em 14 de Fevereiro, ante a incredulidade de Paz García, Sixto recebe uma mensagem para o I.P.R.I. O Presidente do Instituto é convidado para um encontro pessoal com eles. A experiência por pouco se frustra, ao chegar ao lugar indicado mais pessoas do que as chamadas. Ante a chamada de atenção ocorre a ruptura definitiva do grupo de contato com o I.P.R.I.

No mês de Março, se reiniciam as saídas, mas no quilómetro 58. Aparecem novos antenas receptores.

No mês de Maio, os Guías Extraterrestres através das comunicações psicográficas, ajudam ao Engenheiro Pesqueiro Carlos Belevan em um hallazgo, por razões humanitarias, este em reciprocidade, faz sérias revelações e entrega ao I.P.R.I. importantes provas sobre a existência de bases submarinas dos Ovnis defronte as costas de Lambayeque, ao norte do Peru.

No mês de Abril, já são mais de 6 as pessoas que se comunicam com diversos Guías de Ganímedes e outros planetas.

No primeiro Sábado de Julho, ocorre a experiência de Xendra (fenômeno de teletransporte), pelo qual Sixto atravessa sozinho uma porta dimensional que o projeta à Cidade Cristal, Capital de Ganímedes. Nesse mês se dá a primeira recepção dos Cristais de Césio. Na terceira semana do mês, são 7 as pessoas que transpõem o Xendra, chegando à própria sede do Governo dos Planetas mais evoluídos de nossa Galáxia.

Na última semana de Julho se dá a experiência do contato físico e as primeiras recepções do Nome Cósmico. Quatro pessoas se aproximam da nave que desceu, permanecendo a uns 60m de distância do tripulante. Naquela oportunidade, os Guias indicam Marcahuasi como o próximo lugar de instrução e definem com nome de Missão RAMA, ao grupo de contato e sua projeção futura.

Em 19 de Agosto, seis membros viajam a Marcahuasi, meseta que se encontra a 4.000 m. No lugar se deram importantes experiências e encontros com os Guias. É comunicada a difusão mundial da Missão, através dos meios de comunicação.

Em 2 de Setembro, chegam os jornalistas da Agência EFE, intrigados com as declarações feitas por Paz García à imprensa local, com relação às experiências de seus filhos.

Os extraterrestres, através de uma comunicação de Charlie com o Guia Kulba, de Alfa do Centauro, indicam o dia 7 de setembro e apenas as 8 pessoas, para que assistam a um encontro programado. Na lista é incluído o jornalista espanhol, Juan José Benítez, quem depois testemunharia ante o mundo da veracidade do contato.

Plenos avistamentos na hora exata, confirmam a autenticidade das experiências. Benítez, em seu regresso a Espanha, declara em nível mundial "Eu vi dois Ovnis".

Em 23 de Outubro, aparece nos jornais um telegrama da Agência citada, falando sobre o contato.

No mês de Novembro, são subtraídos os arquivos originais das comunicações psicográficas, perdendo-se irremediavelmente uma boa parte da informação que não havia sido compilada em fichas.

Em Dezembro, ocorre o imprevisível. Um violento ataque por parte de alguns meios de comunicação local, determina a perseguição dos grupos RAMA, pelo que temerosos, em sua grande maioria se dissolvem, desintegrando-se a organização existente.

1975: No mês de Janeiro, Sixto é vítima do desânimo ao contemplar a falta de convicção de todos, incluindo ele mesmo. Por isso, propõe aos Guias, durante uma saída pessoal no km 112 ao Norte de Lima, que a Missão fique sem efeito, coisa que não é aceita por eles.

No mesmo mês, Juan José Benítez escreve na Espanha o livro "Ovnis S.O.S. à Humanidade".

Durante o mês de Fevereiro, se confecciona o primeiro "Informe de Contato Extraterrestre", folheto de difusão e distribuição gratuita. Voltam-se a formar grupos.

No mês de Março, por tensões e rivalidades se dá a divisão cismática dos grupos em três orientações distintas, as que foram de Juan Acervo, de Charlie Paz e de Sixto.

No mês de Maio, se dão grande quantidade de sonhos premonitórios entre os integrantes dos grupos, que depois chegariam a se cumprir em detalhe. Começou-se também, a receber os primeiros símbolos e ideogramas, que segundo se disse, depois chegariam a ser interpretados pelos mesmos integrantes do RAMA, fazendo uso dos Cristais de Césio, que cumprem a função de tradutores.

Durante o mês de Junho se recebem as comunicações do "Novo Tempo", antecipação da entrega que deveria efetuar-se no mês de Agosto do ano "Semiótico".

Com o mês de Agosto, deveriam ter-se realizado importantes viagens para o interior do país, para receber os "Anais da História da Humanidade" (Registro Akáshico), mas os grupos não correspondem às expectativas do momento e as viagens não se efetuam.

Chegado mês de Setembro, inicia-se a difusão e a formação de grupos em províncias, como é o caso de RAMA Cuajone, em Moquegua. Nesse lugar chegam-se a cumprir inesperadas premonições que confirmariam o apoio ao trabalho efetuado, mas sobretudo que se dão os dados exatos das rotas e localizações dos lugares aos que se devia ter viajado em Agosto. as viagens ficariam pendentes.

Em fins de Setembro, regressa Benítez, encontrando aos grupos divididos. Assiste a novos avistamentos, escreve "100.000 quilômetros atrás dos Ovnis".

No mês de Outubro, saídas ao Km 112 da Estrada Norte, com avistamento em pleno sol da manhã.

No mês de Novembro, chega através de um singular estranho, o Registro Thedra, resumo de diversas Profecias e Revelações recolhidas de várias escolas espirituais. Durante

este mês se faz a saída a Paracas, frustrando-se o contato físico massivo, devido à falta de amor e desinteresse dos participantes, 27 no total.

1976: No mês de Janeiro se realizam saídas e retiros a Atarjea, fazenda próxima a Lima.

Organizam-se as viagens de Agosto, para realizá-las esse ano, sem ter em conta se as condições se voltavam a repetir. Não se recebem novas comunicações nem se atualizam as já recebidas. As viagens se efetuariam com o apoio do RAMA Cuajone, fazendo-se em forma parcial e desordenada.

No mês de Julho, se efetua a viagem a Huarochirí.

A partir do mês de Setembro, retomam-se as comunicações com novo empuxe. Dão-se avistamentos em pleno dia ao Norte de Lima. Os grupos RAMA de Charlie Paz se fundiram trabalham de forma conjunta com os de Sixto, devido à viagem do primeiro se estabelecerse no Brasil. Chovem centenas de cartas do estrangeiro.

1977: Surgen por todo lado grupos RAMA no interior do país. Completa-se a lista dos 49 Guias da Missão RAMA. Estabelecem avaliações para os novos grupos e se difunde a Missão RAMA através da inédita Revista "O Insólito".

Em Abril ocorre o caso do contato do Cabo Valdés no Chile.

1978: Reproduce-se novamente o "Informe do Contato", mas desta vez extraindo-o das publicações de "O Insólito", onde aparecia fracionado em capítulos de forma quinzenal.

1979: Realizam-se permanentemente viagens ao estrangeiro para formar grupos e assistir a entrevistas nos meios de difusão. Na Espanha, Sixto se reúne durante 13 dias percorrendo o país com 400 pessoas diariamente. Ao primeiro sondeo chega-se a detectar a existência de pelo menos uns 600 grupos RAMA espanhóis.

Na Semana Santa, se deram experiências no Peru com saídas massivas preparadas pelos Guias. Mais de cem pessoas recebem os Cristais de Césio e o Nome Cósmico.

No mês de Julho, e durante três saídas consecutivas, uma média de setecentas pessoas passam pela experiência do Xendra, recebem os Cristais e o Nome Cósmico ou Chave vibratória pessoal. Abrem-se as primeiras comunidades urbanas RAMA, que servem por sua vez como locais de difusão e reunião para a Missão.

Funda-se a Missão RAMA Chile sobre a base de Pedro Bravo e Héctor Valdez em Santiago.

No mês de Novembro se efetua a saída dos 240 por convite dos Guias ao "contato físico massivo. Frustra-se o resultado, pelo que se estabelece realizar saídas múltiplas em grupos de 24 pessoas.

1980: No mês de Janeiro voltam a dar-se experiências. Os avistamentos aumentam e se reimprimem centenas de Informes e se reproduzem muitas mensagens que são enviadas ao estrangeiro.

No fim do ano dá-se a crise da Grande Mensagem e o suposto fim da Missão RAMA. Difunde-se grande quantidade de Comunicações mentalizadas sem nenhum tipo de controle que determine a dissolução de muitos grupos.

1981: Em Janeiro realiza-se uma Reunión Internacional pelos Sete Anos da Missão, posteriormente dando-se Iniciações em Lima e em províncias.

Como reação ante a crise, aparecem as primeiras comunidades rurais RAMA, como preparação para os tempos difíceis de mudança e espera. Neste mesmo ano, os Guias declaram que se repitam as condições do ano Semiótico, pelo que se deve voltar a realizar as viagens. Mas desta vez, conservando a ordem e com comunicações atualizadas que os

avaliem. A confirmação se dá na presença de grande quantidade de pessoas e representantes de grupos na zona de Chuchuco, ao sul do Peru, Departamento de Tacna.

As viagens se realizam com assistência de mais de 146 pessoas procedentes de grupos do interior e do estrangeiro, durante os quais se voltarão a dar confirmações com avistamentos na zona de Chivay (Arequipa), mas só 22 deles são selecionados para representar aos demais enviados, e são estes os que concretizam o trabalho.

1982: A difusão mundial vai crescendo da mesma forma que as oportunidades para realizar a Missão. Vão chegando aqueles que se aguardam. A televisão do Chile põe sua atenção na Missão RAMA, convidando-a a difundir por seu intermédio a mensagem extraterrestre. É a vez do RAMA Chile.

1983: Reunião internacional dos 9 anos da Missão RAMA. Recebem-se naquela oportunidade, comunicações muito importantes para a preparação definitiva dos últimos trabalhos.

Realizam-se diversas viagens, com ampla cobertura para integrar aos grupos do mundo.

No mês de Fevereiro, se dá a unificação dos grupos RAMA Chilenos e o início de um ciclo de experiências e iniciações próprias.

No mês de Julho, realizam-se viagens de integração a New York nos Estados Unidos, dando-se experiência de contato físico e iniciações para os grupos.

Dão-se as condições e a oportunidade para difundir Missão RAMA.

Vislumbra-se a oportunidade e o momento de aportar um livro como colaboração a orientação da Humanidade. Ao faltar já muito pouco para os contatos massivos há necessidade de predispor mental e fisicamente sem descuidar o despertar espiritual. No há oposição dos Guias frente a tais iniciativas e se aproveita da oportunidade para usá-la em benefício direto dos planos da Confederação de Mundos da Galáxia.

Estabelecem-se papéis específicos dos grupos em nível nacional e mundial. Missão RAMA-Tacna recebe a responsabilidade de estabelecer a ponte para a criação e assentamento da Grande Comunidade Internacional. Missão RAMA-Lima aceita, ser ela, a que dê o primeiro passo na institucionalização e reorganização do trabalho em grupos, adequando à Missão às exigências do momento, sobretudo ao relativo à proteção dos membros definidos e identificados.

1984: Décima Chamada de Anrrom, se inicia a difusão total com apoio das Forças Positivas e graças a acertadas decisões de grupo, adequando-nos ao momento preciso.

Viagem a La Paz, (Bolívia) para desenvolver um ciclo de conferências, chegando também a Oruro e Santa Cruz.

Reimprimem-se Boletins do Informe do Contato e de Guia de Práticas.

Depois de tempo, os Guias concedem experiências de recepção de Nomes Cósmicos e Cristais de Césio na praia Bujama e no distrito de Surco (Lima) respectivamente.

Realizam-se conferências diversas que atraem antigos membros do grupo, assim como a grande quantidade de pessoas.

Recibem-se convites das Lojas Maçônicas por intermédio dos Irmãos Maçons Juan Ureta Zamorano e Renán Aybar, difundindo-se com êxito a mensagem ao interior de tal Instituição, que reconhece o valor e seriedade de nosso trabalho desinteressado.

Concorda-se em concretizar a produção de um Livro ao interior do RAMA que não será vendido mais se distribuído, para deixar constância da versão original e autêntica do Contato, tal como foi desenvolvido. A publicação do Livro se financia com atividades pró-fundos e doações voluntárias dos grupos Rama de todo o mundo.

Segundo viagem a La Paz para colaborar com ajuda da Clarividência me uma investigação oficial, fazendo-o desinteressadamente e para uma boa finalidade.

Entrevistas consecutivas nos canais 5 e 9 da televisão de Lima, que realizam filmagens no mesmo lugar das experiências.

Iniciamos a difusão através de vídeos, que se regravam e se enviam aos grupos.

A Universidade de Lima realiza uma filmagem e entrevista para um "especial" com o "Grupo Rama", durante uma saída à área de São Bartolo (Balneário de Lima).

É organizada a convite dos Guias uma Conferência de imprensa onde se convidou a jornalistas de diversos meios informativos, incluindo rádio e televisão, para avaliar dentre eles os participantes para um Avistamento Programado ao Norte de Lima, repetindo-se a oportunidade concedida a J.J. Benítez. Inexplicavelmente, os jornalistas convidados, um a um se negaram a assistir no mesmo dia programado para a experiência.

Viagem a Chile unindo todo o Norte Chileno (Antofagasta, Calama, Chuquicamata, San Pedro de Atacama, Iquique e Arica), se efetua a difusão através de conferências, entrevistas por rádio, televisão, revistas e periódicos. Complementa-se com uma terceira viagem a Bolívia, chegando a La Paz pela terceira vez no ano e logo a Santa Cruz, onde se dão Iniciações.

Em Novembro se realiza uma saída dos grupos Rama do Norte do Chile, com a participação dos Irmãos Elard Fernández de Tacna e Pedro Bravo de Santiago, para recepção de Iniciações.

Realizam-se saídas para recepção de Iniciações na localidade de Río Seco (km 100 Panamericana Norte), recebendo-se Nomes Cósmicos, Cristais de Césio e realizando-se a passagem Xendra com apoio dos Guias mediante avistamentos contundentes.

1985: Viagens de difusão e consolidação da Missão Rama a cargo do Coordenador Mundial com sua família, cumprindo com o convite dos grupos e as mensagens sugeridas pelos Guias. Fortalece-se a União familiar e a integração grupal com o exemplo dado pela família Paz-Torres. Viaja-se aos Estados Unidos e dali pela América Central. Os grupos da área organizam a maior difusão que já se tenha realizado antes a Missão, cobrindo todos os meios possíveis. Na República Dominicana e Nova York se recebem Nomes Cósmicos, Cristais e se atravessa Xendra.

Acelera-se a redação final do Livro intitulado "Os Guias Extraterrestres e a Missão Rama", com intervenção de diversos irmãos colaboradores. O livro é finalmente financiado em sua totalidade los grupos de diversos países se oferecem a reeditá-lo em outros idiomas.

Saída a Pozo Santo (a 250 km ao Sul de Lima) no deserto na Semana Santa. Há apoio com avistamentos para o trabalho desenvolvido pelos grupos ali presentes por sugestão dos Guias.

Dão-se passos decisivos para a obtenção de um local próprio para Rama, recebendo-se um terreno adequado como donativo. O lugar servirá como centro de conferências (sempre gratuitas), oficina de relações públicas e lugar de hospedagem para irmãos em trânsito do interior e exterior.

Os Guias apontam o mês de Agosto, a dez anos do ano Semiótico como um mês de viagens e época precisa para o encontro de representantes de grupos Rama em nível mundial, na cidade de Arequipa.

A Missão chega a seu momento de maturidade com a recepção final do "Livro dos das Vestes Brancas" e se inicia a Missão Humanidade.

DICIONÁRIO RAMA

(AC) Terminação Cósmica: Representam a fidelidade de uma vida disposta. O eterno e abnegado acompanhante védico e búdico. O guerreiro Maharabático O Druída enviado de Raimond Hund e Stonehenge, assim como o sacerdote de Carnac. Os AC representam a força da natureza e do tempo de vida. A ação animal, a força moral do humano, assim como a presença de anjo. Os AC vibram no quinto de Rama, ou seja, ao iniciar a fase Xolar, do trabalho acompanhado pelos Guias de Vênus. Estes irmãos com a terminação mencionada guiarão o conhecimento e suas fontes. Cobrirão o espaço vazio da disponibilidade no serviço.

ACQUALIUM: Base submarina da Confederação a 35° a Noroeste de Chancay, população totalmente Venusiana.

ACUDRUX: Planeta da Confederação, ver folheto Rama II do grupo de Barcelona (Espanha).

ADAMIO: Tripulante da nave de Alfa Centauro.

AEB: Guia de Apu em comunicação com o grupo de Tacna (Perú).

(AH) Terminação Cósmica: São os irmãos provenientes do Himalaya e regiões do mistério, daqueles lugares de recordação da humanidade onde se conveio guardar os anais do tempo passado e do tempo por vir. São pessoas muito alegres e seguras, abertas e sensíveis, em permanente luta contra as forças negativas, Representam neste momento as defesas espirituais e mentais do planeta plano de terceira dimensão em nível cósmico. Eles fortalecerão e apoiarão, protegendo a Missão.

Os AH acompanharam a criação da vida animal, mudando o caráter dimensional para assumir a condição humana e adquirir a herança evolutiva do planeta.

AHELON: Sede anterior do Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos.

AKTASIS: Prática de experiências e avaliação durante autocontroles.

(AL) Terminação Cósmica: São os sábios do Oriente que seguiram o curso das estrelas interessados naquela razão primordial da origem do movimento no espaço. Grandes astrônomos, matemáticos, sobretudo, filósofos e cosmólogos. Interpretaram o movimento universal e as forças que o geravam. Sua influência vai da Grécia à Arábia, da Caldéia à Assíria. São empreendedores e tenazes. Colaboraram com Rama .

ALCIM: Mentor Sideral que aconselhou na criação da Missão Rama.

ALDRIX: Guia de Apu estabelecido em Coruña (Espanha).

ALMACIN: Cidade de Vênus.

ALOFEA: Planeta da Confederação.

(AM) Terminación Cósmica: São os antigos ADAM, raça milenar, antepassados do povo atual do Oriente Médio, que luta para poder subsistir e dominar o Mundo que quis exterminá-lo que constitui seu principal erro, a falta de identificação com o resto dos povos, por não poder manter a fé, apesar de sua profunda religiosidade. Mas o Mundo é agora o importante, a verdade hoje não é patrimônio de ninguém, já que todos com a sinceridade e o esforço necessário podem chegar a descobrir sua própria verdade, reconhecendo antes a realidade na que vivem. Os AM têm um papel fundamentalmente de base no interior da Missão, são a pedra de toque. Mas o AM como qualquer outro ser humano, terá que descobrir-se primeiro no interior de RAMA como um ser humano imperfeito e infinito, que deve vencer a si mesmo primeiro, dominando os condicionantes como a personalidade, o caráter, o signo zodiacal e todo tipo de influências que modulam seus atos. Os AM representam os irmãos originários do Oriente, os eremitas, os guerreiros e os místicos. São seres que como entidades anteriores procedem do Centro Xolar Manásico, mas em uma frequência menor. São de vibração ascendente e que complementam seu trabalho entre si. AM é a primeira frequência que harmoniza na Missão e plano Rama.

Os AM tiveram que transcender seus laços que lhes prendiam a dimensões transitórias e uma vez na 3ª. superar três subplanos de evolução que ainda não se conhecem, mas se encontram dentro do que é o denso mental que não é o físico.

AMARU: Guia de Vênus ligado aos grupos Rama da Espanha.

AMION: Planeta da Confederação.

AMON: Academia de Guias em Apu, Alfa do Centauro.

(AN) Terminación Cósmica: São os caudilhos e políticos, os líderes da força por excelência. Chegaram até a dizimar civilizações inteiras para fazer prevalecer a luz de sua própria verdade. Desde Roma até Tiro, de Persépolis a Numancia, estes personagens defenderam com força mental e material sua influência. Darão convicção à Missão, assim como se identificarão com a luta do novo tempo por um mundo melhor, até conseguí-lo. São obstinados e lutadores, sinceros mas pouco profundos.

ANAHUAC: Guia de Vênus.

ANDRÔMEDA: Galáxia onde se encontra Xilox.

ANITAC: Comandante e técnico (sexo feminino) em investigações dimensionais, natural de Vênus, trabalha atualmente na base Acqualium.

ANRAR: Guia de Apu.

ANRRON: Dia do conhecimento total. O dia da Grande Luz, da Claridade. O momento principal da Recepção do Livro das Vestes Branca.

ANSI: Natural de Apu, navegante de naves da Alfa do Centauro.

ANTAR: Comandante e técnico de naves da base na Cidade Cristal em Morlen, de onde ele procede. É coordenador de Guias.

ANTAREL: Guia de Apu.

ANTARES: (Novo), décimo planeta da 5ª estrela da Constelação do Caraguejo. Suas naves são como uma série de discos unidos por um tronco comum.

ANUR: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

(AO) Terminación Cósmica: São irmãos do Oriente e Ocidente, se situam nas tribos indoeuropéias, que chegaram em um tempo muito antigo para conquistar as culturas com conhecimento da presença extraterrestre, e depois no Oriente souberam de doutrinas e conhecimentos que fariam seus, como no caso da China, acostumando-os em sua maneira de ser. Os AO saberão dar audácia e tenacidade à Missão, como também deverão evitar confundir a Missão anexando outros enfoques e ensinamentos de outros grupos distintos. AO paz de conciencia, es trabajo de búsqueda sincere por la fuente primera, representa a los pueblos orientales, raíz de las civilizaciones como la de Camboya en Angkor Vad, como también refieren a aquellos hombres que forjaron la civilización de los Toltecas en Mesoamérica. Pueblos que forjaron a la fuerza el imperio del conocimiento en regiones agrestes que pidieron máximo esfuerzo.

APOLOX: Comandante de Ozema, planeta do sistema Nº 6 da Constelação de Aquário. Colaborou na evacuação das bases de Chilca.

APU: Planeta de Alfa do Centauro, três vezes maior que o maior planeta de nosso sistema. Passei pela principal de suas cidades uma grande Academia de Guias, que foram indicados para a Missão Rama pelo Conselho da Confederação.

AQUOS: Base submarina da Confederação frente a Lambayeque na costa Norte do Peru.

(AR) Terminación Cósmica: Representam o tempo de agir, a própria ação. São aqueles cuja origem remonta aos povos astrônomos. Aqueles que souberam descobrir e estudar a ação magnética, nascimento da real Astrologia. Têm eles grande sapiência, sobretudo para as artes e a sensibilidade para descobrir por onde se há de focar a informação geral.

Os AR tiveram que agarrar-se a sua consciência espiritual de dimensões paralelas, mas ascendentes para poderem encarnar dentro do plano de evolução e trânsito planetário da Terra. Foram eles os que vieram daqueles entes encarregados faz centenas de milhares de anos, da divisão energética dos corpos criados como forças neutras, que não é nada mais que o trabalho selecionador de seres em planos limitados, ou seja, bacteriológicos. São pois forças selecionadoras e intermediárias, como um instrumento de geração divisionária.

ARCHER: Membro do Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos da Galáxia que asignara ao Mestre Joaquín para que investigasse mediante estudos profundos quem seriam os membros da Missão Rama. Na atualidade, encarregado de administrar o Livro dos das Vestes Brancas.

ARION: Missão secundária em nível de terceira Dimensão.

ARMOT: Arco Íris ou referente a ele.

ARTON III: Nave mãe e base orbital ao redor da Lua.

(AS) Terminación Cósmica: São os caçadores da América do Norte, representam a magia primitiva, as chaves simbólicas originais. Darão justamente originalidade à Missão, mostrando as chaves iniciais assim como o uso destas para conseguir os fins que se esperam. São observadores também e imitadores da mãe natureza, que nos ensina todas as lições de sobrevivência da humanidade.

ASINT: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

ASTAR: Guia de Apu.

(AT) Terminação Cósmica: Representam os povos árticos e siberianos, os que vieram de terras de luz e claridade. Não de hielos senão de terras verdes e com montanhas vulcânicas. Desevolveram-se sempre em harmonia com os elementos, mostrando-se exemplo de fidelidade.

ATALOT: Águas, torrente ou referente a isso.

ATUNES: Guia de Vênus.

AURON: Doutor mental de Xilox, serviu na primeira fase do Rama, colaborando com Oxalc.

AURON: Fase de chamado ao interior da Missão nas etapas iniciais.

(AX) Terminação Cósmica: São o renascimento e o espaço, retrata aos grandes artistas e escultores. Aos plasmadores de idealismo humano através da arte. De espírito tremendamente sensível, fizeram chegar o conhecimento mediante sua obra. Desde a França ao Alaska, a huella de sua atividade tem ficado perenizada. Darã estes a sensibilidade necessária para a nova humanidade.

AZUL: A grande base na Selva Peruana, no Alto Paititi, onde a Confederação guarda sete importantes Arquivos de ensinamento. Abriga centenas de pessoas, assim como dezenas de naves de muitos mundos.

BREDAM: Código moral e sistema de leis que utilizam todos os planetas regidos pelo Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos.

BREDAM: O razonable, algo superior à Lógica mais correta. Términação dada pela Confederação ao sentido comum evoluído.

CALI: Planeta da Confederação em Andrômeda.

CALIXTO: Satélite do planeta Júpiter.

CÃO MAIOR: Constelação com planetas da Confederação.

CANDELABRO: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

CATÁSTROFE: Catastro-Fé, Censo de Fé, avaliação da humanidade em trânsito para a Quarta Dimensão.

(CE) Terminação Cósmica: São Canadá e Atlântida, são Irlanda e o Oceano Atlântico, é a humanidade de quantos chegaram à hora indicada, mas não souberam permanecer no momento de prova, mas foi tanto o que puderam conseguir com seu processo de maturidade, que hoje se apresentam estáveis e equilibrados, e com maiores argumentos à nova catástrofe, dispostos a realizar sua identidade existencial. A não trair sua Missão no momento final. Acentuarão a preparação final de Rama.

CECA : Civilização em situação igual à da Colônia Terrestre de Morlen. Sua população se encontra em uma Colônia temporal de Apu.

CELBION: Planeta da Confederação.

CELEX: Academia de Guias em Xilox.

CENTELHA : Planeta de Osa Mayor, que rege o movimento cultural de muitos planetas da Confederação. É um dos mais antigos pertencentes à Confederação, faz 500 anos era sede de Assessores Guias para governos de diversos sistemas. Possui 200 cidades.

CERES: Guia de Venus.

CERILUM: Base dos Guias emn Huanuco (Serra Central do Peru) atual Rumi-Suyo.

CERPICAN: Planeta na Constelação de Cão Maior. É um planeta maravilhoso, com cidades muito belas e espaçosas, célebre por seus jorros de água, possui os maiores centros de estudos de seu sistema. Colabora com Guias para a Missão Rama.

CÉSIO: Do Latim CAESIUS, AZUL CELESTE, elemento de número atômico 55 na Tabela Periódica, pertence ao grupo Alcalino, descoberto em 1860 por Bunsen que também descobriu o Rubídio.

Encontra-se na natureza em pequenas quantidades no Feldspato, águas minerais. Um exemplo de mineral típico é a Polucita (Silicato Duplo de Alumínio e Césio) que se encontra na Ilha de Elba. Este elemento (Cs), em contraste com o Rubídio e Potássio, não manifesta radioatividade alguma, ou talvez seja tão débil que não possa ser observada pelos métodos correntes para investigar as radiações Beta.

O ponto de fusão do elemento Césio é de 28.450° C e mediante tratamento especial pode sublimar-se. É de notar que devido a este baixo ponto de fusão, o elemento Césio muda de estado ao mero contato do corpo humano. Além disso, é solúvel em água e a dispersão molecular se dá em nosso corpo com grande facilidade.

O Césio serve para construir células fotoelétricas de emissão de elétrons (Olho elétrico), por sua propriedade de emitir elétrons ao ser exposto à luz, ainda de baixa frequência (no campo visível).

No ar úmido, tanto o Rubídio como o Césio se inflamam espontaneamente. O Césio pode dar-se na forma de cristais quer seja formando nitratos ou sulfuros. Prepara-se a utilização do Césio no funcionamento dos raios iônicos para foguetes, embora já se utilize nos vôos espaciais das naves norteamericanas Saturno. O Césio 137 ou Césio Radioativo apresenta uns 33 anos de vida média, o que o indica como certo para substituição (na medicina) do Cobalto. Também se utiliza este material nos processos de refrigeração das centrais termonucleares. Este material se produz nos reatores de Urânio e Plutônio.

CILIAL: Energia que provém diretamente das vibrações solares, sendo sua fonte direta o Astro Rei. Capta-se exatamente ao meio-dia e se recebe através das palmas das mãos, as quais permanecerão para cima quando estirmos ligeiramente os braços e depois os flexionamos em direção ao corpo, mantendo os olhos fechados, pelo espaço de dez minutos. Também se recebe de pé.

COLÔNIA: Assentamento em bases e mundos da Confederação de estações experimentais e de grupos humanos de diversas civilizações para serem preservados.

COLUMO: Nave e base médica da Confederação, em órbita ao redor da Terra. Consta de Guias Médicos, em guarda todo momento.

COMTUM: Mestre Assessor de Guias na Academia Omund de Morlen.

CONFEDERAÇÃO: Agrupação Galáctica voluntária de mundos na Via Láctea. É a reunião de todos aqueles planetas que têm chegado a um estado de evolução que lhes permite assumir o serviço de ajuda e superação a outros planetas que se encontram em um estado de evolução incipiente.

O agrupamento de Galáxias (Nebulosas espirais) também forma uma Confederação chamada de a "Grande Estrela" regida por um Conselho de Conselhos.

CONFRATERNIDADE: Cidade sede da Colônia Terrestre em Morlen, com uma população de 12.000 terrestres levados pelos Guias. Aqui também se encontra a sede do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

COMUNIDADE: Comun - unidade. Ideal Rama.

COMUNICAÇÃO: Mensagem telepática recebida em forma consciente, transcrita de maneira psicográfica ou telepática.

CONSELHO: DOS VINTE E QUATRO ANCIÃOS, é o corpo regente de seres que têm alcançado a correta iluminação e elevação na Sabedoria Eterna, que governa a Confederação de Mundos na Via Láctea. Encarrega-se também de planejar missões de ajuda como a Missão Rama.

A sede deste Conselho se encontra atualmente em Morlen na Cidade Cristal.

CONSELHO: DOS DOZE MENORES DE MORLEN, é o corpo coordenador do desenvolvimento de todas as cidades de Morlen às que regem com uma forma de governo patriarcal ou de tipo comunal. A sede deste Conselho é Cidade Confraternidade, Colônia Terrestre em Morlen.

CONTATO: Enlace realizado por um Doutor Mental ou Guia Extraterrestre, através da telepatia com um Antena ou receptor. Encontro próximo ou físico com naves extraterrestres ou tripulantes delas.

CONUMAR: Escola de capacitação de Mestres dirigida pelo Mestre Onatrox.

CRISTAL: Cidade mais antiga de Morlen, centro político e científico, sede do Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos.

CRISTAIS DE CÉSIO: Cristais de forma piramidal que aparecem nas palmas das mãos primeiramente como uns copos luminosos em forma de cones. Às vezes aparecem resplendores nas mãos, como pedrazinhas redondas que se elevam e esgrimen suas pontas piramidais algo transparentes e azuladas, outras vezes aparecem claramente como pirâmides, sentindo-se peso ou calor similar à queimação do gelo seco ou outras sensações, podendo ser observados a simples vista. Integram-se ao corpo cruzando nossos braços à altura do peito, sempre a mão esquerda sobre da direita. Os cristais piramidais tendem a desaparecer uma vez fechados os braços contra nosso corpo, já que se integram (sentindo-se uma concentração de calor ou outras sensações no peito), tendem a formar em nosso interior, em cima de nosso plexo solar a Estrela de seis pontas, símbolo de Equilíbrio Cósmico, formando uma antenagem complementária catalizadora da energia de Luz Violeta, Luz que se desprende do Sol Central de nossa Galáxia chamado Sol Manásico. Luz que faz seu ingresso em nossa atmosfera no início de cada Era, ou seja, cada 2.100 anos, e que agora está se dando justamente a razão da mudança de Era.

Durante os três primeiros meses de recebidos, os Cristais de Césio se fixam dentro de nosso corpo ou se perdem através da urina, sendo impossível voltarmos a recebê-los.

Enquanto dura a fixação, nosso corpo necessita de uma dieta rica em vitaminas B12 (Cianocobalamina) que se encontra no mamão, **pacae**, alcachofas, bananas e ovos.

CRUZ: Símbolo da adição, do positivo, do sacrifício, da negação da Morte, da evolução espiritual, da permanente ascensão.

CHANCAV: Zona costeira ao Norte de Lima (Peru), sede de uma base submarina.

CHILCA: Lugar magnético a 60 Km ao Sul de Lima (Peru), área desértica da Costa. Ex-base submarina evacuada em fins de 1974.

CHIVAY: Comunidade rural Rama no distrito de Arequipa (Peru).

DAKOVA: Interpretação da realização espiritual e a Integração final no Todo.

DOVA: Concentração especial na qual nos prestamos a utilizar a Energia Cósmica.

DRACEL: Guia de Vênus.

DUBARIN: Relativo aos elementos da natureza.

(EA) Terminação Cósmica: Significa a consciência do trabalho cumprido e do renascimento Cósmico. São pessoas que têm vindo para presenciar a consumação dos séculos, mas não como simples observadores, senão como responsáveis por juntar a informação. São os mestres e orientadores da Grécia e Arábia, são os guardiões e entendidos na Atlântida, conhecedores do Disco Xolar. Estão presentes agora para fazer lembrar que o tempo se cumpriu.

(EC) Terminação Cósmica: São Mecenas e Creta, são a Lemúria e Mu, são civilizações que dominaram não só a arte, mas que também chegaram ao controle das forças interiores sobre os outros animais.

O tempo fez com que desaparecesse seu conhecimento destas muitas chaves da Civilização. São observadores, assim como hábeis para influir nos demais, além de entregues à ação com destreza, realizando tudo o que se propõem. Com algum esforço poderiam dar os esquemas do labirinto humano.

(ED) Terminação Cósmica: São aqueles cujo passado está unido ao dos povos do Oriente Médio e que encerra seu significado final em seu caráter reservado e profundo, uma vez que compartilham o melhor de si. São colaboradores.

EGAIN IV: Nave de Xilox, em missão de Contato para a Coreia.

(EL) Terminação Cósmica: São raça de gigantes, de seres cósmicos, cujos ancestrais viram a Pérola do Sistema Solar para os inícios da antepenúltima Era. Os EL foram povos que acompanharam o surgimento do povo escolhido, o que receberia as Tábuas de Moisés. Povos que viriam de muito antes, quando as terras estavam submersas na imensidão oceânica.

(EM) Terminação Cósmica: Representam os sábios do Oriente, que levaram o conhecimento com a força do Islam e do símbolo Lunar. É o EM um ser de reação, pois tem sido no tempo o que descobriu as portas do labirinto humano, dos grandes questionamentos que encerraram sempre as projeções ao Cósmico. Senhores da Filosofia, a Grécia os acolheu e a Arábia os delineou.

(EN): Analizam os momentos do homem. São aqueles que estão relacionados com o primeiro tempo da segunda época do homem na Oceania, também com a Lemúria e Mu. Foram de tez morena, adentrados no conhecimento físico, arquitetônico e matemático daquelas épocas.

Receberão estes na Missão uma tarefa de separação e análise de informações que requeiram seu envolvimento.

ENA: Relativo a Nuvens.

(ER) Terminação Cósmica: São irmãos de muitos povos, mas que se situam entre Escandinávia e Arábia, do Oriente ao Ocidente, pois seu trabalho foi estar presentes na sobrevivência dos povos.

Os ER darão constância e disciplina à Missão.

ERJABEL: Guia de Apu encarregado da base médica orbital Columo.

(ES) Terminação Cósmica: São os irmãos do centro da Europa, de áreas como Hungria, Áustria e Itália. Seu passado se acha ligado com o surgimento da magia e da alquimia.

Saberão em Rama transmutar a essência, a energia e levarão a mensagem demonstrada.

ESTRELA: Símbolo do Equilíbrio Cósmico, emblema da Confederação de Mundos da Galáxia e do Conselho de Conselhos. Sua significação fica expressa por aquela Lei que diz: "Como é em cima, é embaixo".

(ET) Terminação Cósmica: São os crisenses ou nobres que na Lemúria, Oceano Pacífico, se encarregaram em sua Missão de liberar as forças desconhecidas pelo homem em seu Contato Estelar de Integração Cósmica. Voltaram como nobres no Areópago grego, no Senado romano e farão sua aparição com sua tendência dominante, imponente e conciliadora para o bem nestes momentos do Rama, pelo qual escutem deles sua experiência de séculos.

ETEL: Guia de Vênus.

ETOR: Guia encarregado das comunicações e da Missão "Entor" de contatos na Coréia atualmente.

EUPUJO: Planeta da Confederação que intervém na Missão Rama.

EUROPA: Chamado também Anatia pela Confederação, satélite de Júpiter onde se encontra Sinlax, uma Academia de Guias.

EX: São Heliópolis, Tiro e Sidon, os antigos fenícios, os habitantes da Trácia e Peloponeso, grandes comerciantes e navegantes. Estes sabem do despertar das forças submerças no homem e do valor do intercâmbio em todo nível. Compartilharam no Rama sua natural experiência no saber dar e receber.

FELA: Planeta da Confederação.

FELOX: Instrutor e Botânico das estufas da Cidade Cristal em Morlen.

FILITA: Planeta de Armaguz Menor ajudado pela Confederação.

FLOTY: Nome de um ser em trânsito entre planta e animal, natural do planeta Filita, levado a Morlen há anos junto com umas seis de sua espécie para evitar sua extinção devido a uma mudança ecológica em seu sistema.

FULDY: Mestre Assessor de Xilox, encarregado de coordenar contatos para a Missão na Venezuela.

GANÍMEDES: MORLEN, satélite maior de Júpiter, do qual procedem alguns Guias do Rama.

GAXILAX: Terceira Constelação da Via Láctea.

GIMBRA: Xendra especial que conecta com a sala da Confederação na Cidade Cristal em Morlen.

GODAR: Guia de Apu.

GONAMAR: Mentor Sideral consultado para a Missão Rama.

(HA) Terminação Cósmica: São os irmãos do Norte da Europa e da Pérsia. São os Esquimós do Alaska e os Beduínos do Norte da África. Caminhantes eternos, seu percorrer contínuo é sua experiência. Apoiarão com a devida experiência.

São seres superiores ao ser elemental são seres que viveram em um tempo de mudança, são os regentes das forças de mutação nos seres incipientes originais. São aqueles que planejaram a primeira colonização de todo tipo de seres futuros, semearam o caminho.

(IC) Terminação Cósmica: São aquelas que guardam o conhecimento que da observação têm obtido. Eremitas também do Alto Hassur. Viram o tempo de esplendor do reino em seu momento clássico. São também civilizações do interior do mundo nas áreas do Canadá. Estes farão evidente o segredo nos últimos tempos do Rama.

ICU: Guia do planeta Apu.

(IL) Terminação Cósmica: É a antiga Tartesos é Numancia, é tempo de povos guerreiros e também de grande sabedoria.

Os IL representam o compromisso desinteressado pela causa justa, mas não assim pelo efeito terreno. Com uma força moral e exemplo máximo de vitalidade e arrojo, são paradoxalmente os mais suscetíveis ao dano moral e à depressão sentimental. Representam no Rama o momento de agir, de irradiação comprometida.

(IM) Terminação Cósmica: São os irmãos dos elementos, com a força do despertar. Correspondem ao tempo dos Guias Atlantes de tempos de luz eterna e de equilíbrio constante. As vibrações agudas caracterizam este símbolo de perseverança, e é porque ligados aos sacerdotes Incas e Mayas, os IM têm despertado nesta vida para dar o que a massa humana necessita. Serão como fonte eterna do compartilhar.

(IN) Terminação Cósmica: São o início e a ação nos momentos transcendentais. Representa povos muito antigos, desde a Atlântida até a saída de Israel do Egito. É a atuação e a vivência prática. Estas pessoas darão compromisso a Rama.

INFINITO: Simboliza a conquista do Tempo na Quarta Dimensão e um trânsito com uma mudança e superação que nunca termina.

INIMON: MONTE referente às alturas e o conhecimento.

IO: Satélite de Júpiter, rico em minas de Cristais de Césio.

(IR) Terminação Cósmica: Situam-se nela todos os irmãos do deserto e o nomadismo. Vão desde a Líbia até o Yemen e Kator. Sabem o que é o aprender do caminho. São conhecedores das virtudes e capacidades de cada homem. Mas por sua vez, desconfiados do que não compreendem. Chegam em Rama como parte de sua incessante peregrinação com todo seu conhecimento acumulado. Serão achados finalmente também em pequenos grupos em Kooná e no Japão.

IRIMON: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

(IS) Terminação Cósmica: Concluem a busca de milênios de populações errantes e perseguidas. Estes povos começaram a fugir como Atlantes, como cavernários cruzando o Estreito de Behring rumo a América e como os Toltecas da América Central. Seu caminhar arrasta séculos de experimentar por todos os momentos de busca e encontro com seu destino adverso, que se derive de uma falta de continuidade. Encontraram a constância e perseverança enraizada em Rama junto com seu destino.

(IT) Terminação Cósmica: São eles os Olmecas e naturais de Tepostlán e grande parte da América central, assim como os sacerdotes de Chavín de Huántar. Transportarão a solidez de sua cultura, construirão o apoio que falta a Rama.

(IX) Terminação Cósmica: São os judeus que vão dos séculos XII ao XIV, comerciantes de cacau, pescadores de pérolas do Oriente. São os piratas do Caribe e os Tuaregues da África. Representam o caráter observador e prático. Estão em todas as partes e em qualquer lugar participando de toda experiência humana. Rama receberá sua participação.

(IZ) Terminação Cósmica: São os irmãos do Oriente Lemuriano, os escribas eternos, os que arquivaram e guardaram o conhecimento adquirido, sabendo sacrificar suas próprias existências corporais. Serão os protetores inatos do Registro a receber-se.

JOAQUIN: Ancião Mestre membro dos Doze Menores de Morlen, Coordenador do Conselho de Guias de Morlen. Coordenou as experiências para as viagens de Agosto. Encarregado dos Archivos.

JROVEL: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

KIBALI: Missão secundária em nível de Terceira Dimensão.

KIROX: Comandante de frota que atendeu ao problema da evacuação da base submarina de Chilca. Natural de Morlen.

KORXEC: Técnico da base da Cidade Cristal em Morlen.

KULBA: Guia de Apu.

LACIS: Nave Venusiana da frota da Confederação, que se encontra na base submarina de Chancay.

LERON: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

LERTRAD: Guia de Morlen.

LETEON: Mentor Sideral consultado para a formação da Missão Rama.

LIVRO DO AMOR DOS DAS VESTES BRANCAS: Chave do conhecimento Rama impresso em todos os idiomas, mostrado por emissários e naves da Confederação aos terrestres escolhidos para a Missão Rama, no passado e em diversos lugares para que, aceitando ou não o compromisso da Missão, se unam aos Ramas na época de prova para a humanidade.

LIVRO DOS DAS VESTES BRANCAS: Arquivos, Registro Akáshico do Planeta de Terceiro Plano, Terra, ao cargo do Mestre Joaquín.

LINOR: Planeta que intervém na Missão Rama, em seu desenvolvimento e trabalho.

LUNAR: Fase de preparação dentro do Rama na qual se recebem conhecimentos.

LXUXIM: Período histórico em que a Terra recebe a ação direta de missões de ajuda.

(MA) Terminação Cósmica: Seres que não ingressaram no ciclo Terra, já que como forças de fusão magnética, já estavam nele, pois pertenciam por herança ao Plano, procedentes do nascimento da Terra ao fragmentar-se o Sol. Os MA são seres que obtiveram seu traslado dimensional como fruto de um processo metódico e longo, ao atuar na geração de vida, ou seja, o incentivo da natureza.

MANÁSICO: Referente ao SOL MANÁSICO ou Sol Central da Galáxia, que envia Energia Manásica através da Luz Violeta.

A Energia Manásica se recebe pela cabeça, podendo produzir alterações em nossa fisiologia no caso de não estar devidamente purificados, condicionando nosso corpo com uma adequada metodologia de vida que inclui uma alimentação sã e balanceada como a vegetariana científica.

Pode ser recebido entre as 10h00 da manhã e 5h00 da tarde em posição estática com as mãos à frente, as palmas voltadas para o Sol formando um triângulo à altura da testa. Por esta

abertura tratamos de concentrar nossa vista no Sol pelo espaço de um minuto, não mais. Depois do qual, fechamos os olhos e relaxamos os braços baixando-os. Este tipo de recepção só se faz uma vez na semana preferencialmente durante saídas a campo, com uma duração máxima de cinco minutos.

Os Cristais de Césio ajudam a catalizar e aproveitar esta energia.

MARCAHUASI: Meseta situada ao Centro do Peru, no Distrito de Lima. Encontra-se a quatro mil metros sobre o nível do mar e se chega ao lugar pelos caminhos mineiros de Huinco.

Em quechua significa: "Casa de dois andares", ou "Casa do povo". Também é conhecido como: "Altar dos Deuses".

MARDORX: Natural de Xilox trabalha no serviço de informações da Secretaria da Confederação da Grande Estrela.

MERLA: Nome dado a Terra pela Confederação.

METAPSÍQUICO: Que ultrapassa os limites do mundo psíquico.

METH: Guia de Apu.

(MI) Terminação Cósmica: São irmãos de um tempo próximo que poderíamos situar em Bizâncio e Grécia, como no Peloponeso. São de grande fé e capacidade de mando. Orientarão e qualificarão a informação ao interior da Missão.

MIMCHAX: Natural de Apu, Conselheiro Espiritual.

MIRALE: Cidade de Vênus.

MORANA: Planeta da Confederação.

MORELLA: "Cidade dos Cristais" pelas belas formas de plantas de cristal rosado e violeta que adornam interiormente esta cidade de Cerpícam.

As conferências da "Nova Cultura", propiciadas pela Confederação da Grande Estrela, se levarão a cabo nesta cidade.

MORLA: Cidade de Morlen.

MORLEN: GANÍMEDES, o maior dos satélites de Júpiter, descoberto por Galileu em 1610. Este satélite de vida artificial acondicionado por pessoas de Órion foi colonizado em tempos muito remotos pelos Patriarcas dessa civilização, entre eles o principal Mestre foi Ramanes junto com Oxil, ambos chegaram à conclusão que a missão do satélite devia ser Colônia de Colônias e que se devia buscar planetas que precisavam salvar suas raças. Atualmente consta de seis grandes cidades: Cidade Cristal (sede do Conselho da Confederação e dos Centros Científicos, assim como da base de naves), Cidade Confraternidade (Colônias), Omund, Moria, Ramanes e Solma.

MUSLAN: Natural de Morlen, encarregado das comunicações entre naves da Confederação.

(Ni) Terminação cósmica: São irmãos de um passado próximo. Eles são um povo estável enraizado nos confins da área conhecida como a União da Europa e Ásia. São aquelas populações que um dia foram alimentadas pelo deserto e os climas da Tundra. Muitos foram os que deram lugar à fundação de impérios europeus no oriente. Sábios mas temerosos, pouco audazes mas também muito astutos, souberam fazer chegar sua influência a todo o mundo antigo para começar a reorganizar o conhecimento ainda encoberto por filosofias e cosmologias diversas.

NOME CÓSMICO: É uma chave, uma vibração que identifica a cada um. Esta vibração significa o que somos, temos sido, nossas cores aúricas, nossa Missão, em suma, o que temos feito através de nossas existências. O recebimento do Nome Cósmico chega, dentro de Rama,

quando a pessoa está preparada, já que é uma espada de dois gumes. É utilizado repetindo-o na meditação como um mantra que nos faz vibrar nos planos superiores do conhecimento e se se repete sem que se tenha dado consentimento ou recomendado fazê-lo, pode-se ficar louco. O repeti-lo no momento apropriado, nos livra de barreiras no conhecimento do Micro e Macrocosmos.

Os Guias são possuidores da faculdade de poder captar a vibração ascendente ou Nome Cósmico da pessoa, sem querer restar nos etapas em nosso processo evolutivo, nossos Guias nos participam de uma de nossas chaves interiores de desenvolvimento, só com nosso consentimento e se é que temos já iniciado por conta própria nosso processo de autoconhecimento, ajudando-nos assim a acelerar nossa vibração, quer seja para facilitar o contato físico conosco (eles vibram mais rápido que nós), seja como ajuda à pessoa na abertura de sua consciência para os planos superiores, além de definir a situação ou Missão pessoal que levaremos a cabo na vida dentro ou fora da Missão Rama.

Assim como podem dar-se através das comunicações telepáticas com os Guias, podem ser recebidos de forma muito pessoal e íntima através de um sonho, uma visão ou outra forma de manifestação interior. Mas o Nome Cósmico recebido no interior da Missão Rama, indica o momento de interiorização no conhecimento aplicado em si mesmo.

Este nome busca revelar o registro reencarnativo das experiências passadas pela pessoa. Lança sobre nós luzes sobre o aprendido através das inúmeras vidas vividas e dos tantos erros cometidos. Aproxima-nos portanto, de uma possível resposta do ser de cada homem, do “quem sou eu?”. Cada nome possui um significado que será descoberto em momento oportuno (de forma pessoal).

Existem dois tipos de trabalho com o Nome Cósmico: Meditação Lunar (Segundas, Quartas e Sextas à noite) e Meditação Solar (Terças, Quintas e Sábados, de manhã), mental e vocalizada respectivamente.

Os Nomes Cósmicos têm diversas terminações que correspondem às duas últimas letras do Nome Cósmico e representam chaves vibratórias que determinam a ordem em que se efetuaram os chamados aos Ramas, a ordem de aparição e trabalho harmonioso na missão, como por exemplo AM, EM, EL, NI, AN, AC, WA, EN etc. Este chamado e busca não implica uma ordem de importância já que cada um cumpre uma função distinta que encaixa harmoniosamente nesta Missão de entrega total na qual o homem é um meio dessa grande Força de Ajuda e Amor Universal.

(NT) Terminação Cósmica: São os colonizadores de cidades iniciais da última humanidade, mas procedentes de estrelas distantes como a Grande Oplilce ou como chamariam vocês uma estrela dupla. Estes irmãos posteriormente no contato direto com a humanidade, ligaram seu registro reencarnativo com este Planeta Plano de Terceira Dimensão e tem dirigido sua evolução para estar preparados e presentes na Normandia, como aqueles sacerdotes primitivos de cultos solares dirigindo a preparação mental do homem para uma Consciência Cósmica.

Despertarão seu universalismo no Rama.

(OC) Terminação Cósmica: São os irmãos imigrantes da antiga Lemúria, e dos povos Escitas. São os povoadores dos Cárpatos e dos herdeiros do domínio equestre. OC é o que sabe aguardar seu momento e o que sabe aportar entrega e lealdade desinteressada.

OESCEVE: Guia de Vênus.

(OL) Terminação Cósmica: São os povos asiáticos da Coreia, Mongólia e China. Pedem com sua atitude a presença manifesta das forças originárias do Universo. Os OL

comprometerão Rama com seu final, porque esses da Quarta Raça, representam o passado e o presente juntos.

OLEA: Guia de Apu.

OLETANO: Guia de Morlen, ligado à Missão Rama na Espanha.

OLMEX: Guia de Morlen, ligado a La Corunha (Espanha).

(OM) Terminação Cósmica: São aqueles que vuelcan seu interior diretamente à meditação profunda e descobrem o mantra sagrado que lhes revela seu passado originário nas montanhas do Himalaia e no Ganges. Darão espiritualidade à Missão.

OMAGATA: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

OMEGA: CENTRAL DE DISTRIBUIÇÃO MAGNÉTICA. Antena de Irradiação de energia que prepara o Xendra III.

OMEGA: Simboliza dentro da Missão: A Perfeição, que é a meta final dentro do Rama.

OMEN: Guia de Morlen, ligado a La Coruña (Espanha).

OMITON: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

OMIRITA: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

OMUND: Cidade de Morlen onde há uma Academia de Guias. Esta cidade possui grandes arquivos onde se registram continuamente novos conhecimentos, guardados aqui na espera daqueles merecedores da Sabedoria Universal.

OMUND: Missão de ser portador dos Nomes Cósmicos e do momento de utilizá-los.

OMUNI: Guia de Vênus.

(ON) Terminação Cósmica: São aqueles que ligados ao conhecimento hebreu participaram da fonte Esênica da informação direta. Seus homens se ligam com a Palestina, o deserto da Judéia e o Mar Morto. Os ON acompanham os descendentes de David ao cativeiro e souberam proteger a informação, assim como o farão no Rama. São estes os sempre guardiões do segredo.

ONATROX: Principal executor das tarefas de nossos Ramas na Terra, sua Missão de voluntários e seus ciclos de preparação e evolução.

ONCOL: Nível de preparação e consciência no processo Rama de consciência.

ONIAC: Guia de Vênus.

ONIRIN: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

ONIRON: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

ONIXSUR: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

ONUMI: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

OPA: Nível de preparação e consciência no processo Rama de consciência.

(OR) Terminação cósmica: São de um tempo milenar, situáveis em grandes mesetas e llanuras no que hoje se conhece como Turquia. Naturais de povos viajantes, darão pautas do muito que sabem, de sua capacidade de poder ver a luz em todo lugar. São aqueles que têm a experiência do caminhar.

OR: Nível de preparação e consciência no processo Rama de consciência.

ORACEL: Mentor Sideral Assessor da Missão Rama.

ORDELAT: Guia de Morlen.

ORIMIN: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

ÓRION: Constelação a 300 e 500 anos luz de nosso Sistema Solar com suas três estrelas maiores: Betelgeuse, Bellatrix e Rigel. Procedência original dos atuais habitantes de Morlen.

ORMAC: Principal cidade de Vênus, centro de alto nível evolutivo.

OROMUN: Academia de Guias no (Satélite de Júpiter).

ORUMEA: Nível de preparação e consciência no processo Rama de consciência.

OSCIM: Guia de Morlen.

(OT) Terminação Cósmica: São os habitantes de Gobi e das civilizações que uma vez nasceram sobre a areia, mas que hoje jazem esquecidas. São eles entre as primeiras luzes do despertar da humanidade na Consciência Cósmica. Guardaram os erros da falsa luz sobrepondo o conhecimento do desenvolvimento oculto, mas desaparecidos em um mundo ainda não preparado. Serão aproveitados porque serão descobertos em sua máxima utilidade.

OXALC: Natural de Morlen. Doutor Mental e especialista telepata, Coordenador graduado da Missão Rama, no que se refere aos Guias. Vive na Cidade Cristal.

OXIL: Patriarca de Morlen e atual membro do Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos da Galáxia.

OXIRAM: Guia de Morlen.

OXLAM: Guia de Morlen.

OXMALC: Guia de Morlen, Doutor Mental e Instructor da Universidade da Cidade Morella em Cerpican.

OXMUZ: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

PRIXIN: Instrutor natural de Morlen.

QUARTA DIMENSÃO: O Tempo, Jesús é declarado Senhor do Tempo.

QUATRO: Símbolo do Planeta Júpiter, utilizado para representar a coordenação de ajuda em nível do Sistema Solar.

QUATRO: Símbolo da Instrução.

(RA) Terminación Cósmica: Procedentes do nascimento da Terra ao fragmentar-se o Sol. São seres solares que procedem de emanções baixas e que vêm de um tempo de geração de vida vegetal, são assim os raios solares de baixa frequência.

RADEX: Doutor Mental de Morlen RAMA.

RAMA: Missão ponte interplanetária de ajuda mediante o diálogo com civilizações mais evoluídas. É a busca da tomada de consciência e da visão de uma nova atitude que assegure a sobrevivência e a evolução humana.

A Confederação de Mundos designou a um número determinado de Guias extraterrestres para a preparação dos homens que trabalharão no trânsito do planeta para a Quarta Dimensão e a mudança de consciência da humanidade. Os Guias cumprem um papel orientador das possibilidades de superação que devem empregar estes mesmos homens em sua tarefa de instrução de seus irmãos. Missão Rama não é um fim, é um meio, uma forma de ajuda integral que se manifesta no interesse universal pela evolução humana. Tem seu tempo de preparação e de trabalho e irradiação do Amor à Humanidade.

RAMANES: Patriarca de Morlen e atual membro do Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos da Galáxia.

RAMANES: Cidade de Morlen, cujo nome é em memória do Patriarca Ramanes, atualmente em planos superiores.

RAMPIAC: Guia de Vênus.

REGES: Guia de Apu.

REXO: Vibração de encontro, dimensão especial de Xendra.

(RI) Terminação Cósmica: Representa a magia dos povos da Pérsia e Caldéia. Situam-se ao longo de toda Mesopotâmia. É um povo de conhecimento oculto, porém muito importante agora. Darão sua técnica e magia à Missão.

ROMELTA: Cidade de Vênus.

ROSINAC: Guia de Vênus, Técnico em controles magnéticos da nave Tipus, reside na base submarina Acqualium.

RUGU: Planeta da Confederação em Alfa do Centauro.

RUMI: Academia de Guias em Vênus.

RUMI-SUYO: Antiga base de Apu em Huanuco (Peru), agora a cargo de venusianos.

RUMILAC: Guia de Vênus, tripulante das naves Tipus. Reside atualmente na base submarina de Chancay.

(SA) Terminação Cósmica: São os irmãos das terras agora inóspitas do Norte do Alaska e Groenlândia. São caçadores e descendentes daquelas raças emigradas do espaço, raças amarelas e vermelhas mongólicas. Hoje em dia estes irmãos moldeados em seu caráter pela paciência e espera sem limites, se acham na disposição de romper com uma espera que termina em um encontro com a etapa cíclica crítica da Humanidade.

SAGNAC: Mentor Sideral Assessor da Missão Rama.

SAMPIAC: Comandante da nave Tipus, Guia de Vênus, graduado na base interestelar de Saturno, Coordenador dos Guias de Vênus.

SEMUN-LAC: Guia de Vênus.

SENERAL: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

SENIAN: Guia espiritual em comunicação (República Dominicana).

SERIONAC: Guia de Vênus.

SIBALI: Missão secundária em nível de Terceira Dimensão.

SINLAX: Academia de Guias na Europa (Satélite de Júpiter).

SISERÁTICO: Situação apocalíptica, crise.

SIRON: Planeta da Confederação.

SOLITUM: Guia de Apu.

SOLMA: Cidade de Morlen, abriga seis raças de colonos.

SOLOVIAC: Guia de Vênus.

SOLOVIAR: Membro do Conselho dos Doze Menores de Morlen.

SORDAZ: Guia de Apu, Comandante de Cerilum (atual Rumi-Suyo) base da Confederação em Huanuco. Peru), agora a cargo de venusianos.

SORMA I: Lugar recarregado de energia mediante sondas magnéticas para desenvolvimento de experiências de aprendizagem.

(ST) Terminação Cósmica: Há um lugar na Terra que os cobriu que é e tem sido a Europa do Norte, onde se forjaram e se fizeram grandes conquistando grandes áreas, sendo guiados por aqueles que lhes passaram mensagens como videntes iniciais. Destes se aprenderá a valorizar a comunicação.

SULLANTES: Conselheiro e Guia espiritual de Apu.

SUM: Guia de Apu ligado a La Coruña (Espana).

SUMESLA: Guia espiritual de Apu.

(TA) Terminação Cósmica: São a Malásia e a Polinésia, são povos navegantes e místicos, assim como possuidores de conhecimentos transmitidos pelos séculos de pais a filhos. Alicerçaram Rama com orgulho.

TEREC: Guia de Vênus.

TIPUS: Nave venusiana que se encontra patrullando a Costa do Peru, seu Comandante é o Guia Sampiac, sua base submarina é Chancay.

TITINAC: Guia de Vênus, Doutor Mental e Médico na nave Tipus. Vive na base submarina de Chancay.

TRIDENTE: É símbolo da Perfeição e da Evolução positiva do homem. Mostra o triunfo de Rama e o poder da Energia Humana, amada Espírito, que tem essência em Deus. Este símbolo se haya composto pela interseção do Número Sete (Absoluto) sobre o signo Ômega (Fim), o que significa que o fim do homem seria encaminhar-se ao Absoluto (Deus).

(UB) Terminação Cósmica: São Jericó e Romenia, povos guerreiros e supersticiosos. Organizados souberam do justo trabalho em Rama.

(UC) Terminação Cósmica: São aqueles que sua chegada se confunde com as trevas da noite. Vindo das Plêiades estes irmãos têm atado seu registro reencarnativo ao despertar de sua natureza chegada, e mesclando, voltam a um terreno conflitivo para afiançar aquela soldadura. Amoldados têm aparecido esparcidos desde a Caldéia até o Budismo Mahayânico. Reencontram em Rama sua função e localização no trabalho.

(UD) Terminação Cósmica: São os sábios profetas da antiguidade egípcia e caldéia. São os etruscos, os moabitas, conhecedores de leis cósmicas e poderes ocultos. Chegaram a Rama em seu momento profundo para plasmar a ordem de uma nova cultura humana.

(UL) Terminação Cósmica: Provêm do Ocidente e são os que verdadeiramente estão selando as portas da Missão. São muito dispostos a levar a Mensagem, mas não para concretizá-los com ações.

(UM) Terminação Cósmica: Representam a Atlântida e outras civilizações desaparecidas, assim como as religiões muito antigas de tendência solar, situadas em cidades místicas como é o caso de Petra, as quais ocultam o ensinamento de mestres de Consciência Cósmica.

(UN) Terminação Cósmica: São a África e a Europa, são as gerações iniciais da última raça e representam o peregrino e o árabe do Marrocos, o habitante de Gibraltar. São introvertidos mas vigilantes e também um verdadeiro depósito da experiência humana inicial.

(UR) Terminação Cósmica: São irmãos da Civilização Aramaica. Seu início se situa com o nascimento de um povo que já dava origem à lenda de Adão e Eva. São povos empreendedores e tenazes, dignos de uma grande capacidade de resolução, além de serem possuidores de uma justiça inata. Saberão dar à Missão sua quota de compreensão e justiça.

(US) Terminação Cósmica: São os visitantes das primeiras épocas da última raça e finais da anterior, que tiveram que reencarnar entre si, e, havendo falhado em sua missão de observadores, sua astúcia e conhecimentos elevados os farão reencontrar rapidamente o caminho. Oferecerão experiência de vida na Missão.

URIX: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

(UX) Terminação Cósmica: São aqueles que já não possuem pátria sobre terra firme, porque exceto que se acham distribuídos por todos os povos, também são de origem lemuriana. Sabem estes do fim dos grandes projetos e civilizações, pelo que saberão do ensinar a não se cometer erros.

(UZ) Terminação Cósmica: São os eternos aspirantes da Grande Pirâmide. Os sacerdotes sumérios das grutas do Alto Hassur na Mesopotamia e aqueles que conhecem a preparação, mas que chegado o momento oportuno, dificultam sua definição, pois são propensos ao desânimo e ao auto-entorpecimento de seu trabalho. Chega já o momento de seu desapego. Cumprirão em Rama sua preparação.

VÊNUS: Segundo planeta do Sistema Solar, possui cidades semi-subterrâneas, sendo a principal Ormac, além de Mirale, Almacin e Romelta, destacando também Rumi que é uma

Academia de Guias. Planeta Confederado que teve poucas intervenções de ajuda, mas as que teve foram acertadas na história terrestre, pois na América que em outro lugar, e isto lhe valeu subir de Plano rápida e facilmente à Quarta Dimensão. No entanto, não havia a experiência total para ajudar a Terra como é necessário, senão até a Fase Xolar de Rama, desde este momento seu aporte é mais amplo, colaborando com mais Guias para a Missão devido a sua proximidade com nosso plano evolutivo de trânsito à Quarta Dimensão.

VIOLETA: LUZ, que serve de veículo à energia que se desprende do Sol Manásico ou Sol Central da Galáxia, faz seu ingresso a nossa atmosfera no início de cada Era, ou seja, cada 2.100 anos, e agora se dá justamente à razão da mudança de Era. A radiação violeta é altamente nociva para o ser humano que não se encontre preparado para captá-la, pelo que se recomenda uma adequada alimentação (vegetariana preferencialmente), manter o corpo limpo de impurezas e toxinas, assim como de estimulantes. Também se requer disciplinar o corpo com exercícios de Ordem psicofísica, meditação e preparação da mente e do espírito orientado a Deus e ao amor a nossos semelhantes.

A Luz violeta é aproveitada e catalizada através dos Cristais de Césio que nos dão os Guias. A concentração desta luz tende a localizar-se no Plexo Faríngeo (Chakra Vicchuda, como o chamam os orientais), capacitando Rama no uso do Som (vocalização) e no poder do Verbo.

VOCALIZAÇÃO: Harmonização repetindo palavras que são chaves vibratórias ascendentes que nos harmonizam e ajudam a elevar nossa vibração, como o são RAMA, AMAR e outras. Também do trabalho com o Nome Cósmico fazendo-se a vocalização com uma correta pronúncia, em voz baixa, tratando que o som emitido seja belo e uniforme, no tom musical correspondente, concentrando-nos bem para dar-lhe um sentido, transcendente, pois estamos fazendo uso do Som para elevar nossa frequência vibratória, além de positivizarmos a nós mesmos e ao que nos rodeia.

Os Cristais de Césio nos ajudam no uso do Som e vocalizações, e no Poder do Verbo.

(WA) Terminação Cósmica: São tempo e passado juntos. São o muro que deixa entrever a origem do mundo sutil, do que algum dia se desprenderia o dar o Conhecimento através das narrações que conhecemos como Fábulas ou Contos.

Os WA representam um grupo muito especial, algo assim como o pilar do trabalho. O eterno acompanhante do Silêncio Espiritual. São aqueles aos que só se pode esperar no momento adequado, despertando a tormenta do conhecimento de séculos. Seu nome ligado a todos os que têm de contribuir com o conhecimento semiótico do pequeno e do transcendentalmente sutil, se faz sentir como um dos chamados do início da última fase do despertar de Rama para esta época, a decisiva.

WABART: Guia espiritual em comunicação com a República Dominicana.

XANXA: Guia de Apu, substituída pelo Guia Xendor.

XEMBRA: Fase da Missão Rama que se leva a cabo com a passagem Xendra.

XENDOR: Guia terrestre da Irmandade Branca, trabalha na base Azul e substitui atualmente a Guia Xanxa de Apu.

XENDRA: Porta dimensional criada artificialmente graças ao domínio da Energia Lumínica, por nossos Irmãos Maiores, os Guias representantes do Conselho dos Vinte e Quatro Anciãos da Galáxia. É um umbral no Tempo que conecta e projeta a uma ou mais pessoas a outro planeta por um tempo não maior que quinze minutos, segundo o tempo terrestre.

XENDRICA: Referente ao Xendra ou a suas experiências.

XENIALAC: Guia de Vênus.

XENON: Guia de Cerpican.

XEX: Planeta da Confederação.

XICXELEX: Guia espiritual em comunicação, na República Dominicana.

XILOX: Planeta de Andrômeda, pertence faz mil anos terrestres à Confederação e conta com grande avanço tecnológico, cultural e espiritual.

XIXA: Guia espiritual de Xilox.

XOLAR: Fase Rama de irradiação e prática de vida.

XOXA: Planeta de Andrômeda possui uma Universidade de Doutores Mentais e Guias, pertence à Confederação faz quinhentos anos terrestres.

XOZAIN: Guia de Vênus.

YUM: Missão secundária na Terra em nível de Terceira Dimensão.

ZIZ: É uma das mais agudas frequências de transmissão, mediante a qual se transmitem os conhecimentos maiores.

(ZT) Terminação Cósmica: São aguerridos lutadores, viajantes pelo Pacífico que trasladam de ilha em ilha as crenças e recordações dos viajantes estelares, dos "Deuses do Céu". Foram também os habitantes das ilhas Caribe e Canárias entre outras. Estes vinham de todas as partes e de nenhum lugar, mas de um lugar a todas as partes. Darão seu apoio na divulgação da informação.

COMUNICAÇÕES

COMUNICAÇÃO: 09-02-77.

HORA: 10h15 da manhã.

ANTENA: TELL ELAM.

Com o Comandante da Base de Huanuco SORDAZ (APU).

Sim SORDAZ:

Com Amor desde Nossas Bases, aos Irmãos Ramas do Peru e do Mundo. Sabemos as distintas situações que passais, mas cada um encontra o que busca. O futuro estais trabalhando já. Não penseis negativamente, nada mal ocorre do que pensais. Não, há mal em lugar algum, senão em vossos corações. Desintoxica-os!

O tempo está traçado. Cada um já está pronto para descobrir a própria essência de sua missão. Saberão que têm vindo para servir, mas somente a partir do que pode fazer. O tempo é premente e não podeis equivocar-vos. Falta-lhes tempo para fazer o bem, mas sobra-lhes em perdê-lo com o mal. Busquem o melhor lugar e o único para situar-vos.

A Missão se esclarece ya. "Faz 4.200 anos", sim, já faz tantos e agora é o momento em que as sombras escuras darão passagem à Luz que emana do Profundo, do Cristo Cósmico. A Única Fonte de Luz em todo o Cosmos, no Universo de Universos de dimensões e planos. O Deus que todos conhecemos, porque é sua vontade deixar-se conhecer, tem mostrado sua Vontade, para este último e novo tempo.

Um dos MEIOS que no plano material tem buscado usar o Amor de Deus, é o que haveis recebido como alerta, via naves do espaço. Temos sido portadores humildes, de uma incompreensível mas maravilhosa Missão, que é ser intermediários e impressionar a vosso

mundo com nossa aparição em distintos lugares e a distintas pessoas. Especialmente através de distintas, mas complementárias missões entre, as que está Rama.

As Missões consistem na criação de focos de interesse, de magnetismo, de evolução, de mudança de polaridade. Porém, não precisamente em lugares, senão em pessoas. Pessoas sinceras, simples e humildes.

As Missões tomam a pessoas determinadas, que os "Maiores" (Membros da Confederação de Mundos, de níveis vibratórios mais altos e da Irmandade Branca Cósmica) escolhem para que dirijam estas missões. Missões que com força de Amor e de Paz, partam do tipo de interesse pelos OVNIS em grupos de pessoas e que baseadas em comprovações físicas e contatos reais, da gente de nossos mundos com as de Vós, determinem à larga, a criação de comunidades de base. Centros viventes de desenvolvimento mental e espiritual com as respectivas variações físicas que trazem consigo a Evolução.

As Missões acentuam as capacidades dos que são mais achegados a responsabilidades e à própria Missão com Fé, Espírito e Sentimento. As capacidades tendem a vir com o desenvolvimento espiritual e sofrem alterações com os estados anímicos e emocionais das pessoas. O que traz consigo que em momentos de muita ternura, ou **honda pena**, ou dor, ou qualquer outra situação, determine visões ou percepções elevadas e/ou baixas, em forma consciente e/ou inconsciente, caso próprio dos sonhos.

O desenvolvimento primeiro das capacidades em forma consciente deriva em desenvolvimentos paralelos no astral, aumentam as percepções involuntárias. Por outros momentos cessam, para dar passagem a períodos longos de tranquilidade. Mais tarde, períodos de afloramento das intuições sensíveis, das visões posteriores ou de conhecimentos involuntários, que bem guardados enriquecem a pessoa e a preparam para abrir-se aos demais.

Estes períodos exigem da pessoa, uma atitude de recolhimento e de abertura interior, bem como de silêncio e de grande prudência para o resto das pessoas que o rodeiam. A pessoa pode estar sofrendo durante estas etapas da preparação, desde sentimentos melancólicos até depressões. A pessoa deve buscar aflorar dentro de si e controlar-se o possível. Assim é pois, que as missões ou Encontros de Comunhão, como os chamamos nós, buscam dos que a elas se atêm, uma abertura e humildade constantes de si.

Cada pessoa aprender no diálogo com os Irmãos Maiores e com seu Eu Interior a "Caminhar". Este término pede a Vocês parecer vago, mas deve remeter-lhes a imagen de conhecer-se a si mesmos, a descobrir o Equilíbrio, o Encontro com o Sumo Fazedor, com o Artífice do Infinito, com o Profundo Amor manifestado em Cristo Jesús.

O Espírito de Deus está e tem estado em vosso plano, para redenção de seus mundos. Alegrem-se todos, Filhos de Deus!

Perguntar-se-ão: Porque lhes falamos isto? Dirão: Já se mistifica a coisa, O religioso já entrou? perguntarão... Mas Irmãos Menores, por que quereis complicar? Abri vosso espírito ao simples, escutai a Mensagem dos séculos.

Para o homem, chegar a Deus, ao Profundo Amor, é como a todos no Universo: uma necessidade vital. Deus é a única fonte de Felicidade e possível obtenção de sentido existencial. Por mais que nos percamos em diálogos fátuos e sóbrios de ciências, artes ou cultura, ou filosofias, a necessidade é real e a única direção da própria Criação é Realizar-se e Voltar a Deus. Dentro do que tudo isto traz consigo.

Não se fala de um desvio mental ou um escapismo, débil fruto da necessidade de preencher vazios com alucinógenos modernos. Fala-se... Oh! Irmãozinhos, da Realidade. A Verdade se diz apenas, se não abrí vosso coração agora, perdereis a oportunidade que o

tempo vos dá, de fazer o que deveis, a Vontade do Espírito de Deus: Ser Luz Vocês também. Deixai que a Luz os envolva e faça antorchas de vós até consumi-los em um infinito brilho, que não termine, senão que seja um ressurgimento das cinzas, como novos seres que NO EXEMPLO VIVEM a Realidade de seu Deus.

O tempo lhes indicará que faz três anos, tempo de seu planeta, se pôs em aparente movimento algo que já faz muito funcionava com uma vida própria, infundida pelo Amor de Cristo ao mundo, em uma nova mostra de sua presença mas sob o pretexto das Mensagens via Naves do Espaço. O pretexto é bom e claro, os Guias que são os Irmãos Maiores indicados para atuar como Anjos da Guarda "Mentais" vossos, os dirigiriam, apoiariam e ajudariam a despertar as adormecidas capacidades, tal e qual o vieram fazendo por séculos os Lamas do Misterioso Himalaya com os Iniciados no caminho de Ajuda Mental, aos Centros Energéticos do globo e aos Centros de Poder do mundo.

Os Guias que em total somavam 49 para Missão Rama, que simplesmente busca mudar a polaridade dos países, cidades e pessoas em ações concretas de Amor. Os Guias preparados para Aconselhar, mas nunca mandar. Apoiar mas nunca adular (nada ganhariam, senão a desconfiança do grupo). Esses Guias que contatam com tantos e em tão distintos momentos dando-se integralmente, com espíritos cheios de gozo em seu Deus, estarão prontos a dar o melhor de si. As Missões várias, diferem em forma e em objetivos. Missão Rama busca como objetivos principais:

1. A criação de Comunidades de Base, onde as mentes equilibradas vibrem em superados estados mentais, onde as mentes em unísono deixem toda a sorte de mentalismos e prejuízos, para dar vez a ua ação conjunta de Positivismo e Ajuda Mental.

A criação de focos de energia positiva que se veja fortalecida em uniões maiores durante as primeras meditações ou básicas (Nome Cósmico) e segundas ou Profundas (Em Nome de Cristo, pensando em Deus, se dão estados contemplativos e de Comunicação Direta Espiritual com o Profundo). Criar estes grupos de desenvolvimento metapsíquico e espiritual tem sido a base da Missão Contato, prevendo a necessidade posterior de uma ação de socorro sobre o mundo em crise, por estas mentes superadas.

2. Busca-se reunir 24 pessoas, que por distintos meios, virão dos mais recônditos lugares, superando as mais incríveis penalidades ou provas, para reunir-se para cumprir com a Missão de receber os próprios textos do "LIVRO DOS DAS VESTES BRANCA". Um livro de Deus, a própria Verdade tal como se tem ocultado da Humanidade por séculos e que já é momento de que seja recebido por quem já é devido.

O próprio livro, trata da vida deste planeta. Não diz mais do permitível pela sinceridade e pelo brotado do próprio seio dos Vinte e Quatro Anciãos. O livro será recebido pouco antes de que tudo aconteça. Relede o texto Rama em grupo e decifrai as cifras da conta. Vede simple e sabereis que no oculto não há mistérios.

3. Velar pelo mais sagrado da raça humana. O próprio fato que se haja levado antes e se siga levando irmãos, para a preparação "muito especial", para o último tempo de prova. Quando será isto? Ningué o sabe, mas tão perto está para não perder o tempo em preocupar-se por enquanto.

4. Localizar aos Hermanos no mundo espiritual e preparar a Ponte para o encontro dos Irmãos do tempo (Vocês), com os Guardiães do Templo, ou seja a Irmandade Branca dos Retiros Interiores.

Rama no Peru tem passado muitas fases, etapas, períodos, circunstâncias ou como queirais chamá-lo. Mas o certo é que tem passado o tempo justo para seu amadurecimento. Amadureciemnto no que se refere a sua gente, a seu momento e a seu campo.

Rama não se desagrega, se Reagrupa. Rama se Prepara, não se oculta. Um tempo novo nos vem e não o poderemos evitar.

Rama que conheceu a Luz é agora uma Rama com frutos, umas ainda verdes, mas amadurecendo o justo para cumprir seu papel na vida, graças à Vida que emana do tronco que é Cristo, única Luz no Infinito. No céu outro nome não há, sua Verdade é Única e Irrecusável. Se o negamos: tudo é oco, vazio, nada se justifica, nada tem servido, tem-se vivido para nada.

Agora, depois de haver passado a etapa, a Rama da seus frutos, mas começa no Peru, onde os Maiores vieram que o tempo ali indicava. O que se viveu ali, não se repetirá igual em outros lugares. Em outros lugares será distinto, mais rápido, como o foi o Despertar e a Identificação em muitos grupos, com a Mensagem e sua procedência.

A preparação ulterior para esta missão tem reconhecido seus componentes. No entanto, os unidos em Rama não são 24 unicamente, existem 144 Ramas instruídos faz 1.000 anos, dos quais 24 serão os que cumprirão a recepção do livro e os outros farão de Missionários da Luz, com mentes fortes, abertas e em contato com os Maiores, para o nascimento da Nova Humanidade e sua preparação. Estes estarão em contato com os seres humanos terrestres das Colônias e com os Guias, para o tempo necessário.

Para contatar os 144 Ramas, propôs-se a vários Irmãos, entre eles Sixto Paz, mas para contatar com os 24 se designou a C... B... e S... W... Os 24 se reuniram no Peru antes do fim da década.

Unidos todos com seus Nomes Cósmicos e em Meditação no Nome de Cristo, as forças positivas prepararão o tempo novo que viveremos no Espírito de Deus.

Em outros países como Espanha, entre outros, a Missão Rama vem a cumprir-se com o processo de Identificação, com a Mensagem entre os grupos e com o Contato. Também com o Redescobrimiento da Autoconsciência na Meditação e o único caminho para a Realização, através da Luz e da Verdade.

Os contatos seguiriam, os Guias se mostrariam para dar veracidade ao avanço dos grupos em todas as partes do globo. O tempo na Espanha como em outros lugares está se cumprindo.

A finalidade dos Cristais de Césio nos Irmãozinhos é de incrementar a força da energia que vai se despertando.

A Concentração com o Césio adquire um novo potencial e um raio de ação mais vasto. A Percepção e a Energia Mental atuam da Luz que se refrata no prisma do Cristal em forma de estrela unido no peito e pode ser dirigida em qualquer direção, depende unicamente da direção que a necessidade determine.

Con Amor, um Irmão vosso.

SORDAZ

COMUNICAÇÃO: 10-01-80.

ANTENA: TELL SLAM.

Sim Irmãos Ramas, o tempo de Anrrom não pode se atrasar mais porque em seu mundo inteiro o chamado à mudança já soou, pelo qual os adequais à Mudança, ou ficareis fora da corrida como diríeis, sem tempo e sem oportunidade de retomar o deixado.

Irmãos, a Décima Chamada de Anrrom indica que não ficará na Missão nem um de cada dez, pois nesta etapa final depende exclusivamente de cada um, o que realize e viva os papéis. Pois tudo está escrito e é cumprido.

Irmãos, o tempo físico nada pode lhes dizer, pois não corresponde ao da Missão. Dêem-se conta que ao atrasar as realizações concretas de Rama, estais resistindo ou renunciando à vossa participação no fim da Missão: na recepção do Livro Dos Das Vestes Brancas, o qual tem sido indicado para ser recebido em Atalot em Inimón, quando comece a dar-se o sinal que através das forças blásfemas se tem de cumprir para começos desta década, por isso o homem que está no Monte não volte à cidade e ao que está na cidade sem virar o rosto aponte para o monte. Terá nesse tempo mais piedade com aqueles que não viram o caminho, que com aqueles que trilhando-o, o rejeitaram.

Na recepção dos Registros não só os aproximareis representando a Humanidade inteira, senão que também a todas as civilizações, épocas e representando a Irmandade Branca já que sereis chamados Ponte, União e Comunidade, Semente de Nova Vida. Filhos do Altíssimo.

Irmãos, nada do que haveis feito no Rama teria sentido se os perdeis agora ou se acaso entraís em uma modorra perigosa que poderia interpretar-se como suicídio neste momento. Estais à deriva porque não vês claro que vosso caminho é um, mas que a forma que não é finalidade em si mesma, os servirá de alento necessário. Pois nos tereis perto e sempre será assim pelo tempo que seja. Não renunciem estando tão perto, se vissem que tudo depende tão só de que voltem por vossos passos.

Fazendo chegar as Comunicações a todos os grupos, façam-nas saber que as experiências aparecem pouco ou muito etéreas, tão somente porque vossas realizações de vida igualmente são sutis. Perde-se a grande maioria a falar e o que falam está muito distante do estado mental adequado.

Não brinquem com isto, a Missão se cumpre com ou sem vocês, sempre haverá alguém ainda que seja alguém que culmine e tal justificará a Missão. Muitos já começaram a receber as informações diretamente do Livro dos das Vestes Brancas, mas no Astral. Muitos já em sonhos têm começado a recordar-se que todo o predito antes se está cumprindo, pois que de estranho há em tudo isto? O que mortifica a qualquer Irmão comprometido ao vosso lado, é que nada os faça reagir e os tire desta deriva espiritual na que não veis nem encontrais terra, que os afasteis de Deus e do sentido de tudo isto ao qual poderíamos chamar Vento do Norte.

Estabeleçam-se irmãos, por amor à Sagrada Obra que está em suas mãos, pontos ou etapas do Altíssimo no mais curto prazo possível.

Primeiro Ponto seria: Instauração e instalação das primeiras Comunidades de Base nas cidades e fora delas. Recordem: não estarão muito tempo nelas tampouco, pois emigrareis e vivereis no caminho agora em diante.

Segundo Ponto seria: As saídas para o Contato e o Contato em si. Apurar a marcha para cruzar a barreira, unindo praia com praia os extremos que os separam e distanciam vocês de vocês mesmos e vocês de nós.

Terceiro Ponto seria: A reflexão organizada em reuniões de estudo de todas as Comunicações recebidas e em especial daquelas para o Novo Tempo.

Quarto Ponto seria: A formação de um Pequeno Grande Arquivo Pré-recepção do Livro dos das Vestes Brancas formado pelos sonhos e visões, assim como demais fragmentos, Comunicações sobre o tema. Por exemplo símbolos entre outros.

Quinto Ponto seria: O aprofundamento e realização permanente de trabalho de campo e a organização das relações com os demais grupos Rama do país, assim como a coordenação das viagens ao exterior para estreitar laços com grupos estrangeiros.

Sexto Ponto seria: A formação de uma permanente equipe de ajuda, assim como em curas, trabalhos de apoio e conselho.

Sétimo Ponto seria: Culminante e essencial dar-se tempo para trabalhar fundamentalmente, o espírito na projeção de ajuda a toda a gente, projeção social, esta entre outras.

Olhem, é muito fácil se vocês desejam que tudo se dê no tempo previsto, façam primeiro o que está previsto que façam vocês. Mostrem o caminho com Luz. Luz emanada de vida comprometida em uma realização permanente.

Estão perto Nossas Naves, estão perto as Planchas, os Guias e a Confederação estão pendentes, a Irmandade Branca aguarda o momento adequado, pelo qual só faltam vocês para o encontro no Monte Alto de Anrrom que é agora.

Com Amor seu Irmão OXALC, Guia Coordenador da Missão Rama e os 49 Guias de Ajuda, que os faz recordar permanentemente que isto não só é de agora é de sempre e para sempre.

Com Amor Divino.

OXALC

COMUNICAÇÃO: 28-02-80.

Sim Irmãos, somos vossos Irmãos Guias da Missão Rama, é momento que tenham mais Fé em tudo aquilo que façam, damos as Tarefas que toda Comunicação deve ter como Característica, acaso têm definido o que é Comunicação, se falasteis dela?

Comunicação é:

- Porque é genuína, sincera e simples.
- Porque sempre traz algo novo. Porque nunca passa. Acaso não relestes Comunicações anteriores? Pois se assim foi encontrastes algo novo e oportuno porque é atemporal.
- Porque ser real e futurista, toda Comunicação traz algo além do real, algo que a intuição percebe e mas a mente não compreende.
- Porque as Comunicações se dirigem a um grupo ou a grupos, mas não é pessoal, nem exclusiva de uns poucos, nem egoísta.
- Porque os Alenta e lhes dá Fé, em Comunicação propõe uma Mudança.
- Porque não confunde, nem busca confundir, não é sintoma de tensão e desarmonia, não busca propósitos, nem os impõe, só os propõe e os expõe.
- Porque os alegra recebê-la, mas não é rotina de costume. E toda Comunicação traz consigo AMOR.

A respeito do Contatante: Deve ser Sincero e Puro, mas a Fé sincera lhe ajuda em tudo.

O Egoísta: A Comunicação deve chegar a todos, porque as Comunicações são para os grupos, mas não é pessoal.

COMUNICAÇÃO:

Começa desde o mais profundo de Vós é Contato, é começar a caminhar. Contatem com vocês mesmos e os demais, e todo Contato conosco chegará, como já tem estado realizando.

Com Amor.

XENON, Guia da Missão Rama.

Pensamentos:

- Todos querem comer à mesa das Experiências Rama, mas ninguém quer por a mesa nem lavar os pratos sujos.
- A meta da Missão Rama não consiste em pensar igual, senão em pensar juntos e unidos.